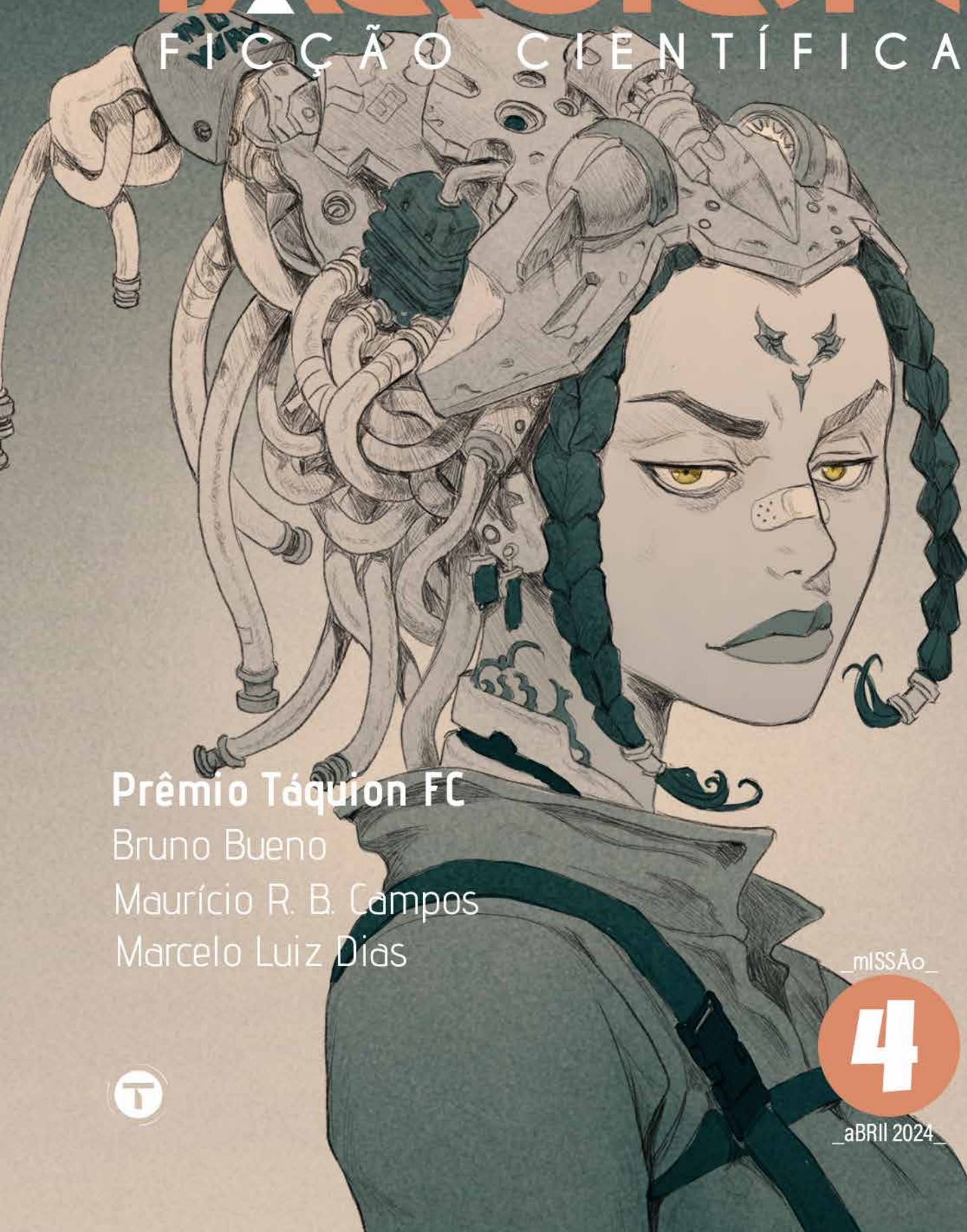


TÁQUION

FICÇÃO CIENTÍFICA



Prêmio Táquion FC

Bruno Bueno

Maurício R. B. Campos

Marcelo Luiz Dias



MISSÃO

4

ABRIL 2024





--- Iniciando Transmissão Criptografada ---
--- Canal Estelar 7.42.91 ---
Prioridade: Alpha-7
Comandante da Nave Estelar Táquion FC,
Missão 4 em andamento. Coordenadas Temporais: Abril de 2024. Aproximação do Setor Hiper-Crono 9.
Objetivo: Exploração e Mapeamento de Anomalias Quânticas. Extremo cuidado ao transitar por regiões de distorção temporal.
Status da Nave: Estável. Propulsão Hiper-Quântica operacional. Escudos Temporais ativados.
Relatório da Tripulação: Equipa em ótimo estado. Sujeitos a efeitos temporais mínimos.
Mantenha comunicação criptografada para evitar detecção por entidades desconhecidas.
Fique alerta, Comandante. O tecido do tempo aguarda sua exploração.
--- Fim da Transmissão ---

TÁQUION



v[04] MISSÃO aBr 2024

1110100 1100001 1110001 1110101 1101001 1101111 1101110 1100110 1101001 1100011 11000111
11000011 1100011 1101001 1101110 1101110 1100011 1101001 1101110 1100011 1101001 1101110
1101110 1100011 1100110 1100001

```
#include <iostream>
int main() {
    std::cout << "frequências abertas" << std::endl;
    return 0;
}
```

fREQUÊNCIAS aBERTAS

Não é possível iniciar o editorial de nossa quarta missão sem lembrar do grande amigo que partiu para a fronteira final tão precocemente. Daniel Gomes era um valoroso e importante membro de nossa equipe, e acima de tudo um cara muito legal e um grande amigo. Leitor voraz com quem cada um de nós trocávamos informações e dicas sobre livros, quadrinhos, séries e filmes, e com grandes conhecimentos que nunca hesitou por um instante em dividir conosco.

Mais importante que tudo, sua simpatia e generosidade eram de um tipo infelizmente cada vez mais raro em nossos dias. Em 2023, durante um período difícil para mim pessoalmente, ele me incentivou e animou de várias formas, e nossas conversas eram sempre animadas e divertidas. Querido Daniel, onde quer que esteja, você será sempre uma grande inspiração para todos nós!

Com esta quarta edição estreamos um novo formato de submissão, com o envio de sinopses na primeira fase, e somente depois da escolha das melhores recebemos então os contos. Nesta grande viagem de nossa nave esse foi um passo necessário e bem sucedido na profissionalização que buscamos, e conversando entre nós ficamos convictos do acerto desse novo formato.

E os autores mostraram que entenderam a proposta. Eu mesmo fiquei ansioso por ler vários dos contos após conferir suas sinopses. Parabéns aos selecionados!

É claro, como sempre frisamos, é absolutamente fundamental ler as regras de submissão. Essa já é uma etapa eliminatória, pois se muitos autores mandam tudo

conforme determinado, como ser tolerante com quem não cumpre as normas?

Isso me lembra uma anedota, que circulou no meio nerd de São Paulo, cidade onde este editor reside. Organizávamos muitos eventos e anunciávamos nas redes sociais com todas as informações, data, endereço, custo (quando havia), facilidades de transporte, etc.

Pois era muito frequente que pessoas perguntassem: quando é? Onde fica? É perto do metrô? Quanto é a entrada?

Por favor, não sejam essas pessoas. De novo e de novo: leiam as bloody fucking rules!!! Leiam as regras!

Os comentários a respeito do Táquion 3 foram os melhores possíveis, o que nos enche de orgulho, mas muito mais de determinação de seguir neste caminho. Boas notícias já foram anunciadas, as premiações e remunerações, e como já comentamos em nossas lives, a possibilidade de adaptação audiovisual.

E temos mais boas notícias: firmamos uma parceria com ninguém menos que o bestseller Orson Scott Card! Grande admirador de nosso país e um exemplo de generosidade e bom humor nas lives de que já participamos, ele nos abriu uma porta para o mercado norte-americano. O grande vencedor anual do Prêmio Táquion terá seu conto traduzido para o inglês e, juntamente com a versão original em português, será publicado no site de Mr. Card, o Hatrack River. É mais um incentivo para que os autores continuem caprichando!

Havia muito que a ficção científica brasileira, e também os demais gêneros de nossa literatura fantástica, mereciam

tal oportunidade. E ficamos muito felizes por saber que nós somos responsáveis por esse nascente movimento, o resgate de nossa ficção científica não somente como entretenimento, mas também como arte. O que, naturalmente, somente aumenta nossa responsabilidade em não só manter o nível de nossa revista, mas melhorar sempre.

Vem muito mais por aí!

E chegou, claro, o grande momento de parabenizar os autores vencedores do PRÊMIO TÁQUION FC: Bruno Bueno, com o conto “Com o que sonham os cavalos?”; Maurício R. B. Campos, que escreveu “Olhos que não veem, passado que não existe”; e Marcelo Luiz Dias, autor da história “Doutor Meteoro”. Os demais autores da edição também merecem parabéns, e ficamos muito satisfeitos com a diversidade fantástica de ideias que nos têm sido enviadas. É um grande incentivo para melhorarmos, sempre.

Encerro reprisando o convite: leiam, observem, pesquisem, imaginem, escrevam e nos mandem suas histórias. Queremos boas histórias, e estamos ansiosos para conhecer os próximos vencedores do PRÊMIO TÁQUION FC. Venham voar conosco!

renato a. azevedo
editor chefe

```
int main() {
    std::cout << "finalizando transmissão" << std::endl;
    return 0;
}
```



TÁQUION
FICÇÃO CIENTÍFICA



DANIEL VASCONCELOS GOMES

1972 - 2024

QWRldXMgRGFuaWVsLiBOb3MgdmVtb3MgZW0gYnJldmUgYmFzIGV0ZXJuYXRpZGVzIGRvIHBvcnZpcg==

CONSELHO TAQUIONIANO tripulação

marcelo bighetti

COORDENADOR

renato a. azevedo

EDITOR CHEFE

ricardo herdy

EDITOR

gilson luis da cunha

EDITOR

flávio medeiros jr

EDITOR

daniel gomes

EDITOR

TAQUIONAUTAS a bordo

**andrew zandona / bruno bueno / carlos eduardo kania
fabio farias / gerson lodi-ribeiro / gianpaolo celli
jana bianchi / joão henrique de jesus gomes / joão maselli gouvêa
marcelo bighetti / marcelo luiz dias / maurício r b campos
renato a azevedo / ricardo azsi / ricardo guedes
rubem cabral / samanta geraldini / sotrati / thiago cabello**



TAQUION
FICÇÃO CIENTÍFICA



TAQUION

FICÇÃO CIENTÍFICA

TÁQUION 5

Hora de participar do
TÁQUION 5.
Clique no botão abaixo para
saber mais.

QUERO
PARTICIPAR DO
TÁQUION 5



VOLUNTÁRIOS

TÁQUION

A revista TÁQUION FC é fruto do trabalho voluntário de uma galera que quer levar boa literatura a todos. Por enquanto somos poucos, mas estamos aqui fazendo uma chamada para que você possa ajudar com seus talentos e habilidades.




Clique no botão abaixo e seja um
VOLUNTÁRIO TÁQUION.

QUERO SER
UM
VOLUNTÁRIO TÁQUION



início
registro de conteúdo

CONTOS

- p. 60- rubem cabral
DO LADO DE FORA
- p. 66-  bruno bueno
COM O QUE SONHAM OS CAVALOS?
- p. 72- samanta geraldini
EU COMPREI UMA BRUXA
- p. 80-  maurício r b campos
**OLHOS QUE NÃO VEEM,
PASSADO QUE NÃO EXISTE**
- p. 86- carlos eduardo kania
SINGULARIDADE
- p. 90-  marcelo luiz dias
DOUTOR METEORO
- p. 96- jana bianchi
... QUERO VER VOCÊ BRILHAR
- p. 106- gianpaolo celli
REVENANT
- p. 118- gerson lodi-ribeiro
PASSADO DIÁFANO

eNTREVISTA

- p. 18- joão henrique de jesus gomes
ILUSTRADOR

início
registro de conteúdo

RESENHAS

- p. 40- marcelo bighetti
livro WAKERS
- p. 42- ricardo guedes
livro DRÁCULA
- p. 46- sotrati
livro FRANKENSTEIN
- p.52- joão maselli gouvêa
livro O MÉDICO E O MONSTRO
- p. 54- andrew zandona
livro GUERRA SEM FIM

fabio farias & thiago cabelo -p. 26
ILÍADA - A redenção nas mãos...

renato aazevedo -p. 30
PERRY RHODAN - 63 anos e outros...

ARTIGOS



TAQUION
FICÇÃO CIENTÍFICA

w7FxdWlvbiBmaWNp7GNpbyBjaWVudGnDp2F

FUNDADORES

daniel gomes

flávio medeiros jr

gilson luis da cunha

marcelo bighetti

rafael lima

renato a zevedo

ricardo herdy

ZGFuaWVsIGdvbWVz
Zmxhw7F2aSBtZWRLaXJvcyBqcg==
Z2lsc29uIGx1aXMgZGEgY3VuaGE=
bWFyY2Vsbw==IGJpZ2hldHRp
cmFmYWVsIGxpbWE=
cmVuYXRvIGEgYXpldmVkbw==
cm1jYXJkbyBoZXJkeQ==

CRÉDITOS DA MISSÃO

Táquion FC — Missão 4, abril de 2024

Coordenador: Marcelo Bighetti

Editor responsável: Renato A. Azevedo

Equipe editorial: Daniel Gomes, Flávio Medeiros Jr., Gilson Luis da Cunha, Marcelo Bighetti, Ricardo Herdy.

Ilustração da capa: João Henirque de Jesus Gomes

Layout da capa e diagramação: Marcelo Bighetti

As imagens desta edição, exceto as das resenhas (que pertencem aos respectivos produtores) e do conto "Passado Diáfano), foram tiradas do site freepik.com na versão gratuita.

Autores

Andrew zandona

Bruno Bueno

Carlos Eduardo Kania

Fabio Farias

Gerson Lodi-Ribeiro

Gianpaolo Celli

Jana Bianchi

João Maselli Gouvêa

Marcelo Bighetti

Marcelo Luiz Dias

Maurício R. B. Campos

Renato A. Azevedo

Ricardo Guedes

Rubem Cabral

Samanta Geraldini

Sotрати

Thiago Cabello



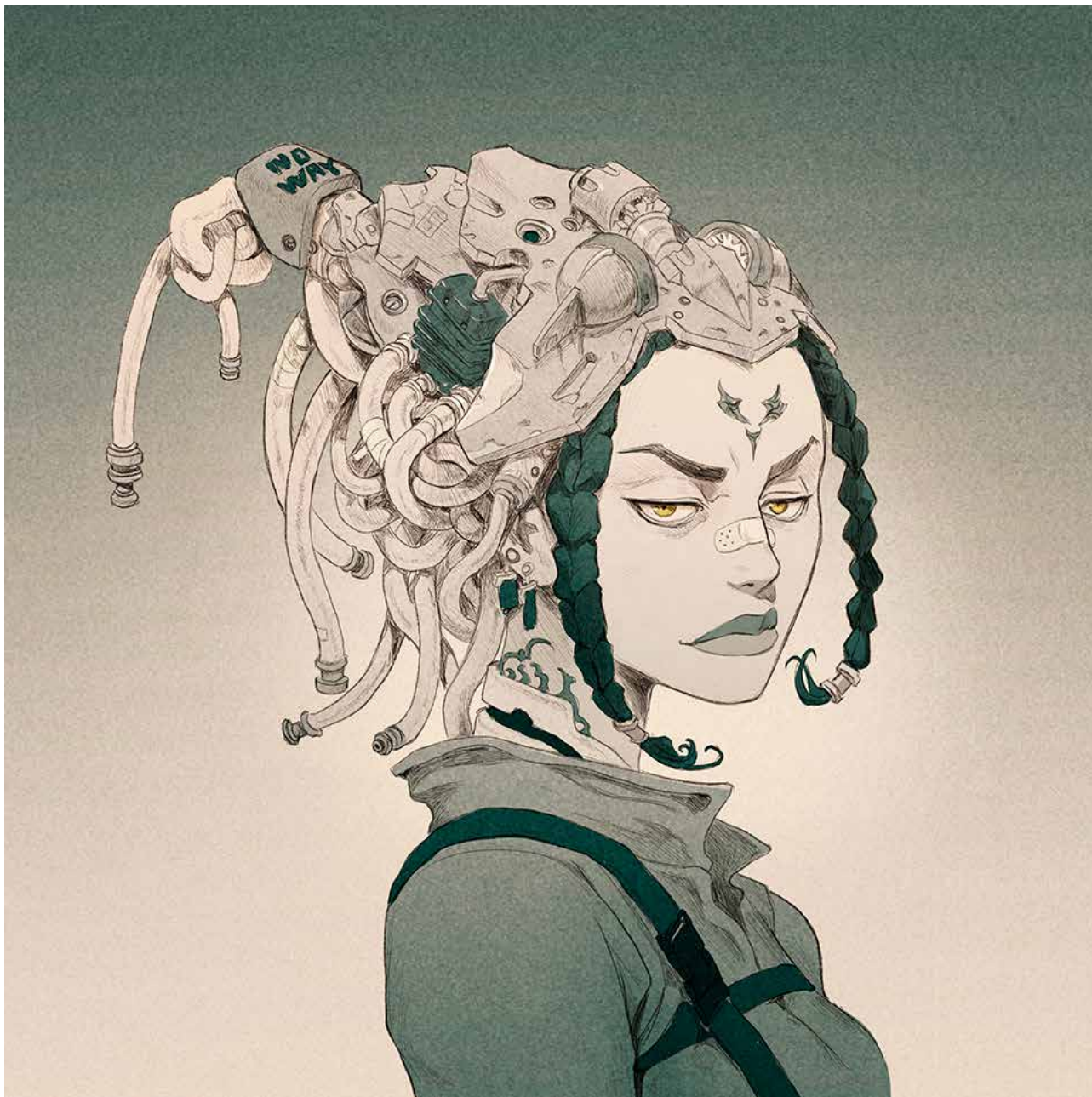
taquionfc.com.br





__E,n,T,r,E,v,l,s,T,a__





JOÃO
HENRIQUE
DE JESUS
GOMES

```
#include <iostream>
int main() {
    std::cout << "bate-papo" << std::endl;
    return 0;
}
```

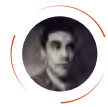
ilustrador
táquion fc

bate-papo táquion fc

O ilustrador **João Henrique de Jesus Gomes**, gentilmente cedeu uma de suas ilustrações para ser usada como capa na terceira edição do TÁQUION FC. Agradecemos a ele e convidamos todos a darem uma olhada em seu portfólio no Instagram [@henriqueld](#). Abaixo nosso bate-papo com ele.



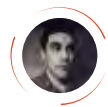
Antes de começarmos com as perguntas, há algum comentário inicial?



Gostaria de agradecer o convite para participar e poder contribuir com mais uma capa para a revista, ficção científica é um nicho fascinante, aprecio qualquer iniciativa que trabalhe em prol do gênero.



Como você começou sua jornada na pintura digital? Quais foram suas principais influências e motivações iniciais?

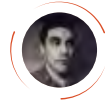


Eu desenho desde que me entendo por gente. Sempre foi meu porto seguro e algo que sempre me disseram que eu fazia bem. Em 2014 comprei a minha primeira mesa digitalizadora, e a partir dali comecei a estudar de verdade e projetar meu futuro profissional através da arte digital. O grande marco em minha vida artística foram os artistas Kim Jung Gi e Ruan Jia, que são artistas de nível extremamente alto, gênios em seus respectivos estilos. Minha motivação inicial foi, em minha ingenuidade, sonhar em produzir imagens tão impressionantes quanto às deles, causar a emoção que sinto vendo estas artes em outras pessoas com as minhas próprias peças sempre será meu objetivo final.





Quais são as vantagens e desafios de trabalhar com pintura digital em comparação com a pintura tradicional?



A maior vantagem do digital são as infinitas possibilidades de interação, correção e modificação, especialmente sobre cores. Você pode alterar cores quase que instantaneamente, enquanto no tradicional geraria retrabalho. Porém, estas infinitas possibilidades também são um ponto fraco do digital, onde você pode ficar perdido e nunca desenvolver um processo artístico direto e efetivo. No tradicional, por ser algo mais "definitivo", te leva a se preparar mais e estar mais presente durante todo o processo, o que induz a mente a entrar em um modo verdadeiramente criativo.



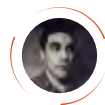
Quais são as ferramentas e softwares que você utiliza para criar suas obras digitais? Existe algum programa específico que você considera essencial para o seu trabalho?



Hoje em dia utilizo Photoshop e Clip Studio para pintura e desenho, Blender e Zbrush para 3D. Eu diria que dessas ferramentas a principal seria o Clip Studio, que é o melhor software para desenho, e com as recentes atualizações ele oferece quase tudo que o Photoshop oferece, e possui compatibilidade para os pincéis do Photoshop.



Como você aborda a seleção de cores e a criação de paletas na pintura digital? Existe algum processo específico que você segue?

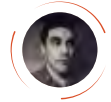


Esta pergunta estaria relacionada com a resposta anterior sobre possibilidades infinitas do digital. A minha escolha de cores tem como fator determinante a emoção que a arte precisa comunicar, a partir daí tento me limitar ao máximo, para não me perder no caminho. Você pode fazer muito com pouco, existe um universo de possibilidades na combinação de três cores e os tons de cinzas entre elas.





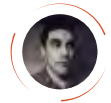
Quais são os temas e conceitos que mais inspiram suas obras digitais? Existe alguma mensagem ou história específica que você tenta transmitir através de seu trabalho?



No trabalho profissional eu me desdubro em muitos estilos, temas e mensagens. Já no meu trabalho pessoal sempre me interesso pelo tom mais sombrio e misterioso. O que mais me atrai é explorar diferenças de escala entre personagens e grandes mundos, criaturas, ou a fragilidade que surge diante do desconhecido.



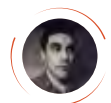
Como é o seu processo criativo ao criar uma nova pintura digital? Você planeja cada detalhe com antecedência ou prefere uma abordagem mais espontânea e intuitiva?



O digital permite a exploração diretamente na peça final, porém com o decorrer dos anos e a experiência, eu tenho aprendido a respeitar o que os grandes mestres sempre fizeram, com alguns "ensaios" prévios a arte final sempre flui melhor. Rascunhos, miniaturas e testes de cores antes de partir para a peça final são sempre o melhor caminho.



Poderia comentar sobre a ilustração da capa? Qual o contexto dela? Possui algum título?



Na realidade a ilustração não possui nenhum título. Foi uma tentativa minha de tentar visualizar uma personagem que habitaria em uma de minhas muitas ideias guardadas. No mundo desta personagem existem seres biomecânicos que podem ser conectados a humanos geneticamente compatíveis e assim se tornam armas poderosas, uma ideia bem semelhante a Neon Genesis Evangelion, porém com um twist de HR Giger, Alien. É uma das ideias que eu quero poder transformar em uma HQ futuramente.





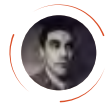
Como você lida com o aspecto técnico da pintura digital, como a manipulação de camadas, texturas e efeitos especiais? Quais são algumas técnicas que você utiliza com frequência?



Essa é uma pergunta impossível de se ter uma resposta geral. Por ser digital, muitas vezes cada arte possui um processo único, que só funcionaria naquela peça específica, porém para acelerar meu processo, muitas vezes utilizo pincéis customizados, que produzo a partir de texturas retiradas de fotografias, para simular o mesmo efeito gerado entre o pincel tradicional e diferentes texturas de tecido utilizado em telas, na vida real.



Você já experimentou combinar a pintura digital com outras formas de arte, como escultura ou fotografia? Se sim, como essas combinações influenciaram seu trabalho?



Já experimentei de tudo um pouco, especialmente no início. Porém hoje em dia tenho tido um foco maior em aproveitar meu ponto forte que é o desenho, mas dependendo da natureza do projeto, e do tempo disponível antes da entrega, preciso utilizar escultura 3D e fotografias, às vezes para atingir o estilo esperado, às vezes para acelerar o processo.



Como você vê o futuro da pintura digital? Quais são as tendências e avanços tecnológicos que você acredita que terão um impacto significativo nesse campo?



Com toda certeza irá mudar, como sempre mudou. Basta comparar pinturas que saíam no início dos anos 2000 (como muitas artes conceituais de Halo e Star Wars dessa época) e com os trabalhos encontrados hoje em dia no Artstation por exemplo.

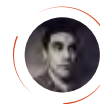
Hoje em dia o 3D tem sido cada vez mais usado, e provavelmente Unreal Engine vai se tornar cada vez mais acessível e comum no processo de arte digital.

Sem citar os algoritmos complexos de *machine learning* que vulgarmente chamamos de inteligência artificial, são ferramentas que oferecem ainda mais possibilidades, adicionando ainda mais às já "virtualmente" infinitas possibilidades da arte digital.





Quais conselhos você daria para artistas iniciantes que desejam explorar a pintura digital? Existem recursos, cursos ou comunidades online que você recomendaria?

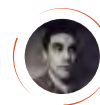


Acredito que hoje em dia é ainda mais difícil começar, do que há dez anos. Existem muitas informações disponíveis, mas a maioria é de qualidade duvidosa. Aos artistas iniciantes eu digo: tente se aproximar de outros artistas já experientes, busque mentores, pessoas que tenham um trabalho realmente de qualidade e tente filtrar as informações a partir daí.

A arte é um campo no qual acredito que ser autodidata é essencial, porém, com o auxílio de alguém experiente, as perguntas certas podem surgir mais rápido. Já as respostas para essas perguntas sempre estarão entre sua mão e a mídia de sua escolha. Prática sempre será a resposta.



João Henrique, muitíssimo obrigado por ter autorizado o uso de sua magnífica arte nessa edição do Táquion FC. Também agradecemos por sua disponibilidade nesse bate-papo tão agradável. Algum último comentário?



A máxima que deve permanecer quando o assunto é arte, acredito que seja: Divirta-se!

Arte é expressão, é algo pessoal e que deve servir em primeiro lugar ao artista. Busque o caminho que mais permita a sua concentração e o seu divertimento. Se você sente emoção enquanto produz, está no caminho certo para se tornar um grande artista!

```
int main() {  
    std::cout << "finalizando transmissão" << std::endl;  
    return 0;  
}
```

Se você é ilustrador e gostaria de ter sua arte publicada no Táquion FC, entre em contato conosco através do email editor@taquionfc.com.br





__A,r,T,i,G,o,S__



ILÍADA

Pintura em ânfora de cerâmica da guerra de Troia com Aquiles lutando contra Heitor. De Matias del Carmine



A redenção nas mãos de Aquiles: jornada do herói ou paideia?

Fabio Farias é diplomata, formado em Administração de Empresas (FGV-SP) e em História (UnB) e mestre em Diplomacia (IRBr) e em História (UnB).

Thiago Cabello é pós-graduado e professor de Escrita Criativa. Fala sobre escrita e leitura no Minipod Literário e na Oficina Literária.

ILÍADA

A redenção nas mãos de Aquiles: jornada do herói ou paideia?

Fabio Farias
Thiago Cabelo

Antes de Tucídides golpear de morte o amálgama de histórias humanas que construíram a *psyché* helênica, mito e fato, ficção e realidade caminhavam de mãos juntas. Apenas a investigação por meio de processo rigoroso de colheita e análise de fontes permitiria conhecer a verdade. O próprio Tucídides alertou que seu método “carente de fábulas, faria seu relato desinteressante”, mas prometeu a seus leitores e aos historiadores que lhe seguiram “contemplar com clareza os eventos passados e os que estão por acontecer novamente”.¹

Mas o novo paradigma de construção e transmissão de conhecimento proposto por Tucídides demoraria ainda alguns séculos para se firmar e coexistiria por muito tempo com o padrão anterior, de que resulta a riquíssima obra modernamente classificada como **mitológica**, em contraposição à historiografia tucidiana. É nessa perspectiva – que sequer considerava necessário apartar mito e fato – que se insere a Ilíada. E, a exemplo da literatura médio-oriental de que é indissociável, a produção mitológica exercia papel central para a transmissão de valores culturais e para a formação moral e intelectual, peça fundamental da educação – ou *paideia* – grega. Todo jovem minimamente letrado aprendia desde cedo a recitar – de cabeça – os poemas homéricos e podia descrever sem dificuldades as aristas de seus heróis. Sabe-se que Alexandre, o maior conquistador da Antiguidade, levava sempre consigo um rolo anotado da Ilíada que recebera de seu tutor, Aristóteles, e em tudo procurava emular seu herói: Aquiles.²

É sob esse paradigma, da relevância da obra homérica para a educação grega, que se propõe esta leitura do Canto XXIV da Ilíada e que seja considerada sua apoteose, o momento em que o velho rei Príamo abraça os olhos de Aquiles e beija as mãos do assassino de vários

de seus filhos, incluindo Heitor, o predileto. A poderosa cena – da súplica do ancião monarca ao choro compartilhado entre ele e Aquiles – liberta o guerreiro de sua ira, cantada já no primeiro verso do poema, e oferece, à personagem, redenção bem-vinda à composição de sua trajetória.

Mas será a salvação moral advinda do perdão e do livramento da ira a lição a se tirar do clímax da Ilíada?

Para responder a essa pergunta, algumas considerações fazem-se necessárias. Em seu ilustre ensaio “A Ilíada ou o poema da força”³, Simone Weil assevera que o verdadeiro herói, o autêntico tema da Ilíada e seu epicentro é a força. A autora não apenas postula essa premissa, mas aprofunda a tese ao proclamar que a verdadeira proeminência na epopeia homérica recai sobre a força. Este enfoque incita reflexão acerca da figura do herói, indagando sobre sua identidade, tanto na Ilíada quanto nas narrativas de modo mais abrangente.

Em abono a essa discussão, alguns expoentes da literatura sobre escrita criativa, como Christopher Vogler, empregam o termo “herói” para definir o protagonista.⁴ Vogler, fundamentando-se nos estudos de Joseph Campbell, notadamente na “Jornada do Herói”, delinea em seu manual de escrita criativa a perspectiva de que o herói representa modelo a ser seguido, personagem com que o leitor pode se identificar. Inevitavelmente, esse conceito evoca a figura de Aquiles, o guerreiro que serviu de arquétipo para toda a cultura grega na Antiguidade.

A indagação sobre o que torna Aquiles herói emerge naturalmente. Este proeminente personagem do poema é reverenciado como o mais formidável guerreiro entre os Aqueus, detentor do poder de inclinar a balança da guerra. Aquiles, admirado pelos aliados e temido

pelos adversários, personifica os atributos tradicionalmente associados a um herói.

No entanto, cumpre salientar que o conceito de herói está intrinsecamente vinculado à cultura na qual se insere. Na Grécia Antiga, o herói era caracterizado por grandiosas proezas, destacando-se pela excelência (*aristeia*) com que desempenhava atividades específicas, que o faziam, nesse momento, elevar-se à condição divina. Aquiles ia além. Era filho do rei Peleu e da deusa Tétis e, portanto, levava nas veias o *ícor* dos deuses. Apesar disso, não era ele próprio imortal. Em certo momento, foi-lhe apresentada a escolha entre a morte prematura em Troia, perpetuada eternamente nas canções dos *aedoi*, e uma vida longa, feliz e anônima na Tessália, resguardado da contenda. A posteridade é testemunha da decisão por ele tomada.

Contudo, nossa concepção contemporânea de herói alinha-se mais à definição de Campbell, para quem o herói é aquele que se sacrifica pelo coletivo.⁵ Aquiles, no entanto, emerge como antítese a essa ideia. Em nenhum momento, demonstra inclinação para o bem comum ou remorso pelos males que causa; todas as suas decisões são permeadas pela busca de satisfação pes-

soal. No primeiro canto da Ilíada, desavém-se com Agamemnon e se retira da guerra, motivado pela imposição de abrir mão de seu espólio, Briseida. Posteriormente, retorna ao conflito apenas quando Heitor ceifa a vida de Pátroclo, seu amado companheiro.

As atitudes de Aquiles revelam egocentrismo marcante, contrastando com a concepção contemporânea de heroísmo pautado pelo sacrifício em prol da coletividade. E é talvez isso que aumenta a tentação de ver, no episódio final com Príamo, a redenção moral de Aquiles, como se a humildade do opulento soberano fosse por si só capaz de remir os excessos do herói, deixando-lhe apenas os feitos extraordinários como herança.

No entanto, a intenção do episódio parece ser outra. Além de anunciar a ira de Aquiles como tema central do poema, a primeira estrofe também estipula, de maneira inequívoca, que “se cumpriu de Zeus o desígnio”.⁶ Apesar de já ter-se decidido sobre a sorte dos combatentes, o Crônida buscou, por diversas vezes, impedir os demais olímpicos a interferirem na guerra e mesmo estimular equilíbrio entre os rivais.⁷

Mas com isso não se quer dizer que o deus do trovão tenha motivado a carnificina de Troia e arquitetado



Filippo Albacini (1777–1858), *The Wounded Achilles*. Mármore, 1825. The British Museum. © The Devonshire Collections, Chatsworth.



o encontro fatídico entre Príamo e Aquiles por “razões que a razão desconhece”. O deus pai tinha um objetivo claro: demonstrar que até mesmo Aquiles – o herói invencível – estava subordinado a suas regras mais básicas de convívio: a hospitalidade, a importância dos rituais e o controle dos excessos causados pela *hubris*, verdadeira afronta aos imortais. E Aquiles havia infringido todas essas leis.

O ultraje ao corpo de Heitor constitui infração inaceitável aos costumes gregos.⁸ Zeus, o deus pai e garantidor principal das leis superiores (*nomoi*), irrita-se, ele mais que todos os deuses, com o sacrilégio cometido pelo herói.⁹ Sua indignação é ainda maior por conta dos frequentes e ricos sacrifícios que Heitor lhe fizera em vida. Zeus, cumpre lembra, é o protetor dos suplicantes (*iketai*).

Ordena então Zeus a Tetis que instrua o filho para que aceite a súplica de quem vier pelo corpo do defensor de Troia e, ao mesmo tempo, manda Príamo ir ao acampamento dos aqueus buscá-lo, sem escolta, sem armas, vestido apenas da ordem divina.¹⁰ A piedade troiana é confirmada pela libação que o rei dedica ao deus antes de deixar sua cidade.¹¹

Fica ainda mais clara a intenção do Crônida quando desmerece a proposta de mandar Hermes simplesmente roubar o corpo de Heitor:¹² é indispensável que Aquiles se curve aos designios do deus maior. E ele assim o faz. Ao receber Príamo, Aquiles afirma já estar decidido a entregar-lhe o corpo do filho por ser essa “a vontade de Zeus”.¹³ O herói então passa a refletir sobre sua trajetória e, confrontado com a irreversibilidade da morte do rival, dá-se conta da finitude – e com ela da frivolidade – da existência humana: “nada consegue chorando teu filho com tantos encômios; não ressuscita”.¹⁴ Outra lição para pôr fim à *hubris* do herói.

Conclusão

Os designios de Zeus são a principal causa para todos os eventos descritos no poema. O deus olímpico anteviu a guerra e escolheu, desde cedo, seu vencedor, aguardando apenas para assistir ao desempenho dos heróis mobilizados. Mas não se pode menosprezar o uso da divindade como alegoria para a limitação da ação dos mortais imposta pelo inapelável cumprimento das leis maiores.

Nem mesmo Aquiles, o maior semideus desde Hércules, estaria isento de cumprir tais leis. Sua submissão a Zeus é talvez a maior lição que se pode extrair de sua epopeia.



Aquiles vence Heitor por Peter Paul Rubens, 1630, via Wikimedia Commons

¹ Tucídides. 1.22.4.2.

² Plutarco. Vida de Alexandre. 8.2.

³ Ilíada – editora 34. 1011.

⁴ A Jornada do Escritor.

⁵ O Herói de Mil Faces.

⁶ Ilíada. Canto I. Linha 5.

⁷ Ilíada. Canto VIII.

⁸ Tema magistralmente tratado por Sófocles na Antígona.

⁹ Ilíada. Canto XXIV. Linhas 134-135.

¹⁰ Ilíada. Canto XXIV. Linhas 112-115.

¹¹ Ilíada. Canto XXIV. Linhas 301-308.

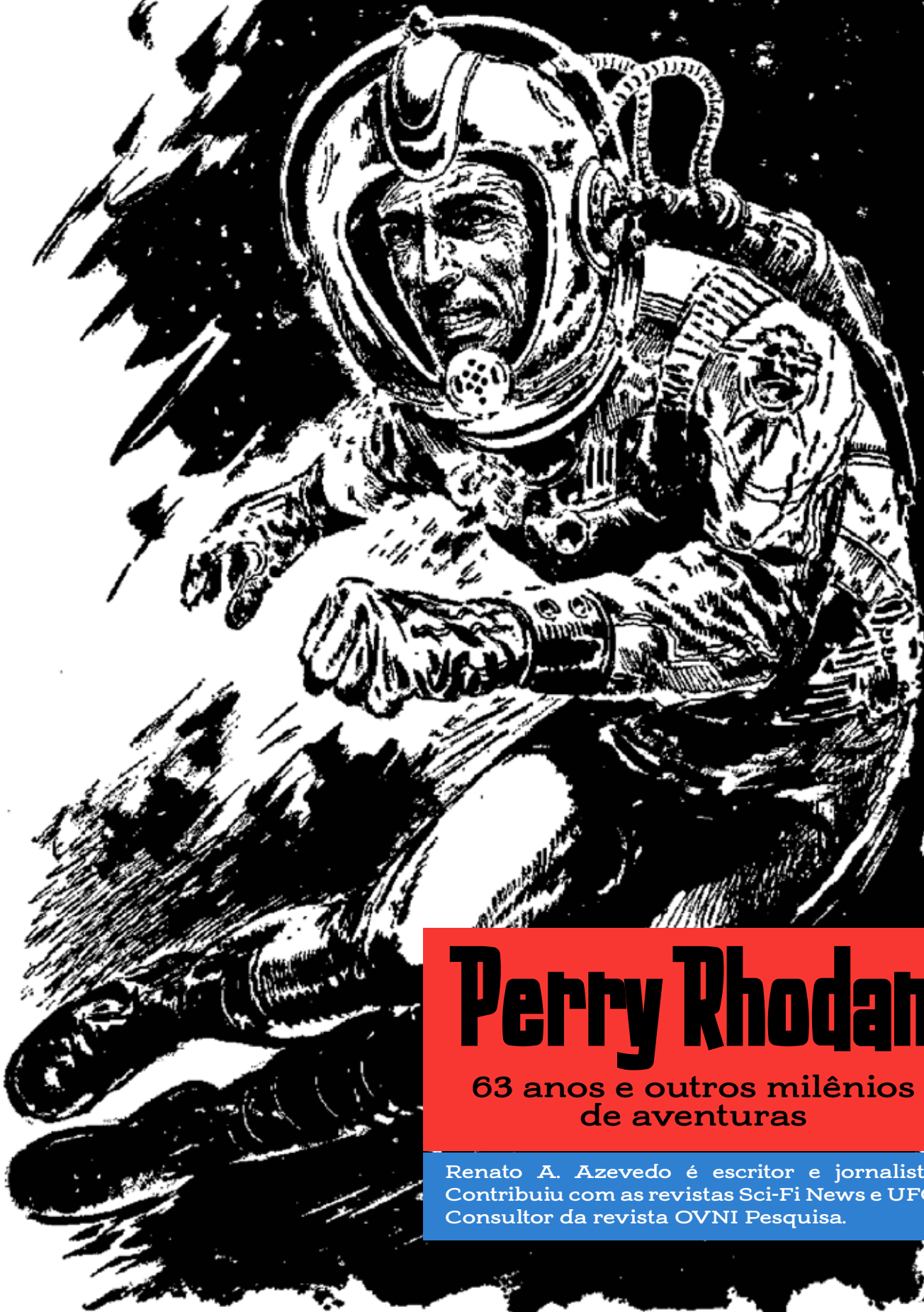
¹² Ilíada. Canto XXIV. Linhas 109-110.

¹³ Ilíada. Canto XXIV. Linhas 560.

¹⁴ Ilíada. Canto XXIV. Linhas 549-550



Ilustração de Johannes Herbert Bruck



Perry Rhodan

63 anos e outros milênios
de aventuras

Renato A. Azevedo é escritor e jornalista.
Contribuiu com as revistas Sci-Fi News e UFO.
Consultor da revista OVNI Pesquisa.

Perry Rhodan

Perry Rhodan

63 anos e outros milênios de aventuras

Renato A. Azevedo

Em meados de 2400 a nave-correio Ruhr da frota terrana, um veículo esférico de somente cem metros de diâmetro, voa até a Estação Einstein, situada a trezentos mil anos-luz da borda da Via Láctea. Sua missão é alertar a tripulação da estação a respeito de uma extraordinária experiência, destinada a enviar notícias sobre a desaparecida cúpula do Império Solar da humanidade, cuja sede é a Terra.

No caminho, a Ruhr detecta um objeto desconhecido seguindo uma trajetória que cruza o vazio entre a Via Láctea e a galáxia vizinha de Andrômeda. O comandante e o engenheiro vão a bordo do veículo desconhecido, descobrindo que ele não possui tripulação e carrega uma série de contêineres com paredes transparentes. Através do material desconhecido eles observam uma substância marrom que parece terra.

Após muito esforço utilizando suas armas energéticas, eles conseguem abrir uma das caixas, coletam amostras e retornam para a Ruhr, que segue seu caminho até a Estação Einstein. Antes de chegar eles discutem o achado. A nave desconhecida procede de uma galáxia a alguns milhões de anos-luz dali, e o ponto final de sua longa viagem é outra galáxia mais distante, onde chegará dali a mais alguns milhões de anos. Feito isso, o veículo explodirá e cada um dos contêineres, dotado de sistema de propulsão próprio, irá procurar um planeta favorável à existência de vida.

Ali chegando, o conteúdo, que de fato é terra transportando microorganismos desconhecidos para os terranos, será disperso no mundo escolhido. O comandante comenta que, talvez dentro de bilhões de anos, algum ser inteligente que evolua daqueles micróbios irá humildemente baixar sua cabeça para o céu, diante daquele que o criou da terra e do pó. E nem desconfiará que chegou muito próximo da verdade.

Este trecho é protagonizado por personagens secun-

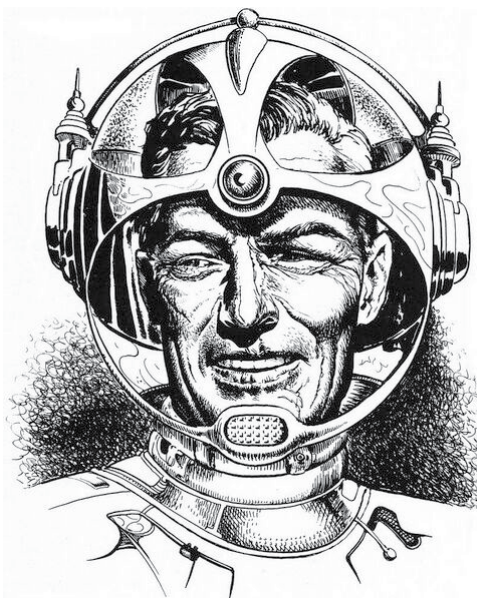


Ilustração de Johannes Herbert Bruck

dários da série, e que apareceram unicamente neste volume. Para mim foi o primeiro contato com os extraordinários abismos de tempo e espaço para os quais somente a ficção científica consegue nos levar. A sequência aparece no volume número 202 da série Perry Rhodan, publicado pela Ediouro com o título Os Salvadores da Crest.

Meu primeiro contato com Perry Rhodan foi no volume anterior, 201, Estação Sideral no Nada, que veio como brinde em 1983 em uma edição da saudosa revista Ciência Ilustrada. Depois de lê-lo descobri que havia um cupom onde poderia pedir, via correio, outros exemplares da série de livros.

Acreditem, conseguíamos viver e ler ficção científica antes da internet!

Logo descobri que a série Perry Rhodan é produzida em ciclos, sendo os quatro primeiros compostos por cinquenta livros cada um. O Quinto Ciclo que começa no volume 200, o espetacular A Rota para Andrômeda, foi o primeiro com cem livros ao todo. Cada volume pode ser lido como uma história independente, mas juntos compõem uma saga completa.

Anos depois, por influência de um amigo, passei a procurar os livros do Primeiro Ciclo, que vai dos volumes 1 ao 49. Este, basicamente, narra como o então major Perry Rhodan tornou-se, ao lado de Reginald Bell e o restante da tripulação da nave norte-americana Stardust, os primeiros habitantes da Terra a visitar a Lua. Porém, após perderem contato com a Terra, descobrem uma imensa nave alienígena, uma esfera de quinhentos



O Primeiro Ciclo basicamente narra as aventuras de Perry Rhodan e seus amigos no esforço para unificar a Terra diante das ameaças alienígenas, além de evidentemente combater estas últimas. A sequência, A Terceira Potência, tem um dos finais mais eletrizantes da série, quando os estados da OTAN, o Bloco Oriental e a Federação Asiática (é evidente quais países estão aqui representados) lançam seus mísseis nucleares uns contra os outros e a Terceira Potência.

A humilhação a que são submetidos por Perry Rhodan, graças à tecnologia arcônida, é espetacular.

É importante ainda mencionar os volumes 4, O Crepúsculo dos Deuses, e 6, O Exército de Mutantes. Entre as pessoas que chegam a arriscar a vida para auxiliar Perry Rhodan e seus amigos encontram-se alguns dotados de extraordinárias capacidades. Conhecemos o telepata John Marshall e o teleportador Tako Kakuta, os primeiros mutantes a vir em auxílio da Terceira Potência.

Outro conhecido grupo de mutantes somente chegou aos quadrinhos em setembro de 1963. E somente em 2006 veríamos outro japonês teleportador, Hiro Nakamura, na série Heroes.



metros de diâmetro, pousada no satélite e evidentemente avariada.

A nave é proveniente do Império Arcônida, e comandada pela deslumbrante Thora, acompanhada por seu cientista-chefe, o genial Crest. Após muita conversa, este retorna à Terra com Rhodan e sua tripulação, mas o americano pousa a nave no Deserto de Gobi e afirma para a humanidade que encontrou na Lua amostras da tecnologia de uma civilização alienígena extinta. Para evitar seu mau uso, Rhodan diz que fundará outro poder na Terra, a Terceira Potência.

Vale a pena ressaltar que a viagem da Stardust se deu em 1971, a nave era bem semelhante aos ônibus espaciais da NASA e constituía-se no terceiro estágio do foguete. O primeiro era semelhante ao Saturno V e o segundo, assim como a própria Stardust, tinha propulsão nuclear. Trocando em miúdos, chegamos à Lua dois anos antes e com meios bem mais modestos.

Esse primeiro volume, Missão Stardust, foi publicado na Alemanha em 8 de setembro de 1961. A ideia original era uma série modesta, mas o sucesso foi tamanho que terminou por gerar milhares de volumes, em uma saga monumental que continua até os dias de hoje.



Perry Rhodan foi pioneiro em vários outros campos, e não somente na cultura pop. Um tribunal internacional, por exemplo, é instituído no também espetacular volume 21, A Guerra Atômica que Não Houve. No Bloco Oriental um novo governo formado por radicais pretende pôr em cheque a Terceira Potência, mas Rhodan e seus agentes não permitem. Ao mesmo tempo, em Terrânia, a avançadíssima capital da Terceira Potência no Deserto de Gobi, seguem as negociações para a criação de instituições panterrenas. A Corte Internacional de Justiça, finalmente, adotando como lei a Carta de Direitos Humanos da ONU, ordena a prisão e julgamento do corpo dirigente do Bloco Oriental.

Uma das capas disponíveis para esse volume mostra a nave de Perry Rhodan, então a arcônida Stardust III de oitocentos metros de diâmetro, pousada em Moscou e um batalhão de robôs de guerra acompanhando a prisão dos governantes do Bloco Oriental.

Pioneirismo que não ainda encontra paralelo em nossa realidade atual.

A série ganhou inúmeros personagens marcantes

ao longo dos episódios. Outro mutante, o rato-castor alienígena Gucky, por exemplo, é o mais poderoso de todos, sendo telepata, telecineta e teleportador. No Quinto Ciclo, volume 200, A Rota para Andrômeda, surgiu o imenso halutense Icho Tolot, com três metros e meio de altura e dois metros e meio de largura, duas toneladas de peso, quatro braços sendo os de baixo mais curtos (ficando de quatro usando estes e as pernas traseiras o alienígena pode correr a 100 km/h e manter a velocidade por horas). Tolot tem três olhos vermelhos, cabeça esférica contendo dois cérebros, um comum e outro que se revela um autêntico computador orgânico capaz de rivalizar com as melhores máquinas terranas. Ele também é hermafrodita, e seu metabolismo permite que se alimente de pedras em situações de emergência.

O personagem secundário mais amado da série, com certeza, é o arcônida Atlan. Tornado imortal pela posse de um ativador celular, ele foi o motivo de certa ilha no passado da Terra se chamar Atlântida. Quando esta afundou ele ficou preso na Terra, e abrigou-se em uma cúpula submarina secreta, onde hibernava por séculos a cada vez, despertando periodicamente a fim de verificar se a Terra já estava desenvolvida o suficiente para lhe dar os meios de voltar para Árcon. Dessa forma ele chegou a participar de vários eventos históricos. O arcônida estreou no volume 50, Atlan: O Solitário do Tempo.

Um grupo de fãs alemães realizou, com base no volume 50, o fan film *Der Einsame der Zeit* sem contar com muitos recursos. Pode ser facilmente encontrado no Youtube e é fantástico. Por sinal, em 1967 foi apresentado o filme *Mission Stardust*, livremente inspirado no primeiro volume da série, também disponível no Youtube. Os fãs o consideram trash, portanto assista por sua conta e risco.

A respeito de ciclos, a editora Ediouro publicou as edições até o oitavo ciclo, e suas sinopses são as seguintes:

1º Ciclo: A Terceira Potência

Volumes: P-1 a P-49

Na Lua, Perry Rhodan se encontra com Crest e Thora. Funda a Terceira Potência. Verificam-se os primeiros contatos com seres de outros sistemas solares. Surgem os mutantes.

2º Ciclo: Atlan e Árcon

Volumes: P-50 a P-99

Atlan, o solitário do tempo, emerge do oceano. Funda-se o Império Solar, administrado por Rhodan. Começa a luta contra os druufs e os conflitos com o computador

regente de Árcon.

3º Ciclo: Os Pos-bis

Volumes: P-100 a P-149

Perry Rhodan penetra no Sistema Azul dos Aconidas. Surgem os mortais POS-BIS. Funda-se a aliança galáctica, dirigida por Rhodan, que recebe de "Aquilo" um ativador celular e se torna quase imortal.

4º Ciclo: O 2º Império

Volumes: P-150 a P-199

Surge a terrível ameaça dos Vermes do Pavor. Descubra-se o Império dos Blues. Os colonos terrestres se rebelam contra o Império Solar, comandados por Hondro, chefe dos Plofos.

5º Ciclo: Os Senhores da Galáxia

Volumes: P-200 a P-299

Perry Rhodan encontra o caminho para Andrômeda, através dos Maakks, e vê solucionado o mistério dos Senhores da Galáxia (Sd 1).

6º Ciclo: M-87

Volumes: P-300 a P-399

De repente surge Old Man. A caça dos agentes de tráfico de cristais. Perry Rhodan avança até as Nuvens de Magalhães e topa com a Policia do Tempo. A pista leva à Galáxia M-87, onde se encontram os Ulebs. A primeira potência dos cristais oscilantes é posta fora de combate e os halutenses são salvos.

7º Ciclo: Os Cappins

Volumes: P-400 a P-499

Perry Rhodan utiliza o deformador de tempo-zero para viajar ao passado da Terra e encontra os Takerer e Ganjasen, povos da família Cappin. Acaba conhecendo Ganjo Ovaron, usa a Marco Polo para viajar à Galáxia de Gruelfin e ajuda Ovaron contra a Mãe Original.

8º Ciclo: O Enxame

Volumes: P-500 a P-569

O "Enxame", um conglomerado gigantesco de sóis e planetas, de repente surge na Via Láctea. Os seus dominadores idiotizam os povos da Galáxia. Perry Rhodan aceita a luta contra os falsos deuses e conduz o "Enxame" novamente até os seus donos originais, os Cynos.

Deixo os maiores agradecimentos ao amigo Dioberto Souza, fã de longa data da série e arquivo vivo a respeito de tudo ligado a Perry Rhodan, por haver providenciado as sinopses dos ciclos.

Perry Rhodan estreou no Brasil em 1966 com o livro Operação Astral, que trazia as duas primeiras histórias, Missão Stardust e a Terceira Potência, pela Editora Cruzeiro. Somente em 1975 com o selo Ediouro, da editora Tecnoprint, a série se tornou regular no país. Eram dois volumes por mês, em tiragens de três a seis mil exemplares por mês no início dos anos 80. O aumento nas vendas estimulou a editora a aumentar a tiragem, e o volume 200 teve um recorde de oitenta mil exemplares. A partir de 1984 a tiragem passou a quinze mil exemplares por mês.

Infelizmente, a crise econômica no final dos anos 80, prolongando-se até meados da década seguinte, reduziu a tiragem dos livros, reduzida a cinco mil e duzentos exemplares em média até o último volume, 536, em outubro de 1991.

Tempos depois o fã Alexandre Pereira dos Santos, a partir da seção de cartas dos volumes, fez uma lista com 256 nomes de leitores e entrou em contato com eles via carta. Isso levou à fundação, em maio de 1995, do PR-FCB, primeiro fã-clube brasileiro de Perry Rhodan. Até mesmo uma Rhodancon foi realizada no país, em São Paulo em 1994, organizada, entre outros, pelo escritor Roberto de Souza Causo.

No início do século XXI a editora SSPG retomou a publicação de Perry Rhodan no Brasil. Eles têm explorado vários ciclos mais recentes, e para prosseguir com o artigo nada melhor que ouvir deles mesmos o que existe de disponível e o que vem por aí.

De antemão agradeço pela participação do editor César Maciel, com quem agora conversamos.

1- Como foi o início da publicação de Perry Rhodan pela SSPG?

Alguns anos após o cancelamento da edição da Tecnoprint/Ediouro, que publicou 536 episódios da série "Perry Rhodan" entre 1975 e 1991, o Perry Rhodan Fã-Clube do Brasil começou a elaborar uma lista de possíveis interessados no retorno da série, que no final dos anos 90 já havia alcançado a marca das 500 pessoas. Várias editoras foram contatadas nesse período pelo fã-clube, mas apenas uma delas, a Star Sistemas e Projetos Gráficos (SSPG), de Belo Horizonte, manifestou interesse na publicação da série, já que seu dono, Rodrigo de Lélis, era um grande fã da mesma. Em 2000, após estudos de viabilidade do projeto, ele e seu sócio, César



Maciel, entraram em contato com a editora alemã VPM, que se mostrou bastante receptiva à possibilidade do retorno de "Perry Rhodan" ao Brasil. No final de 2000 o contrato entre as duas editoras foi assinado, criando condições para que a série voltasse a ser publicada em língua portuguesa, o que começou a ocorrer em junho de 2001 a partir do episódio 650, "A Liga dos Sete". A princípio apenas dois episódios eram lançados por mês, porém a partir do episódio 700 a periodicidade passou a ser semanal, como na série alemã. Devido à baixa tiragem (apenas 1.000 exemplares por episódio) a distribuição da nova edição foi feita de forma limitada, apenas através do site oficial da editora e de algumas livrarias selecionadas em Belo Horizonte e São Paulo. Porém infelizmente a série teve que ser interrompida novamente em janeiro de 2007, quando ela já estava no episódio 847, devido às baixas vendas. A SSPG só voltaria a publicá-la novamente a partir de julho de 2014, desta vez primariamente no formato digital, mais adequado para publicações de nicho. Atualmente (março de 2024) a série já está nos episódios 26, 1184, 1862, 2736 e 3033, sendo publicadas mensalmente seis histórias da série "Perry Rhodan" (dos ciclos "A Terceira Potência", "A Armada Infinita", "Os Tolkandenses", "O Tribunal Atópico" e "Mito") e trimestralmente uma da série "Atlan" (do ciclo "As Aventuras Temporais").

Dessa forma a edição brasileira de "Perry Rhodan" teve as seguintes fases:

- 1975 a 1991: Episódios 1 a 536, publicados pela Tecnoprint/Ediouro.
- 2001 a 2007: Episódios 650 a 847, publicados pela SSPG.
- 2014 em diante: Episódios 1 a 26, 537 a 649, 848 a 1184, 1800 a 1862, 2700 a 2736 e 3000 a 3033 (e 1 a 26 do ciclo "As Aventuras Temporais", da série "Atlan") publicados pela SSPG, porém agora primariamente no formato digital (situação da edição até março de 2024).

2- Quais os ciclos já lançados?

Os seguintes ciclos já foram publicados integralmente pela SSPG: "Os Antigos Mutantes" (episódios 570 a 599), "Xadrez Cósmico" (episódios 600 a 649), "O Concílio" (episódios 650 a 699), "Afilia" (episódios 700 a 799), "Bardioc" (episódios 800 a 867), "Pan-Thau-Ra" (episódios 868 a 899), "Os Castelos Cósmicos" (episódios 900 a 999) e "A Hansa Cósmica" (episódios 1000 a 1099). O ciclo "O Enxame" (episódios 500 a 569) também foi publicado, porém apenas a partir do episódio 537, já que a Tecnoprint/Ediouro havia lançado até o episódio 536. E atualmente estão sendo publicados simultaneamente os ciclos "A Terceira Potência" (epi-

sódios 1 a 49), "A Armada Infinita" (episódios 1100 a 1199), "Os Tolkandenses" (episódios 1800 a 1875), "O Tribunal Atópico" (episódios 2700 a 2799) e "Mito" (episódios 3000 a 3099).

3- Atlan é um personagem extraordinário, que na Alemanha tem sua própria série. E aqui no Brasil?

Atlan ganhou sua própria série em 1969, que teve 850 episódios publicados na Alemanha entre 1969 e 1988. Também há outras minisséries e coleções que aprofundam detalhes da vida deste fascinante arcônida imortal, e desde 2019 a SSPG tem publicado a coleção das "aventuras temporais", que narra o período de 10.000 anos em que Atlan ficou exilado na Terra, ajudando secretamente a Humanidade em pontos cruciais de sua história. Esta coleção, composta por 52 livros, é publicada trimestralmente, e a edição mais recente, lançada em março de 2024, é o episódio 26.

4- Em sua terra natal, além da série normal que vem desde 1961, foi lançado em paralelo recentemente o reboot Perry Rhodan Neo. Pode falar a respeito? Existem planos para seu lançamento no Brasil?

Perry Rhodan Neo teve início em 2011 e é uma recriação da série clássica, porém adaptando seu contexto inicial à realidade do mundo atual. Embora seus primeiros episódios tenham sido bastante fiéis à série clássica, gradualmente suas histórias começaram a divergir de formas inesperadas e surpreendentes da mesma, tendo adquirido uma personalidade própria ao longo dos anos. Enquanto a série tradicional de "Perry Rhodan" é publicada semanalmente e já passou do episódio 3260, "Neo", que é publicada quinzenalmente, já está se aproximando do episódio 330. Concebida para ser uma "porta de entrada" para novos leitores, ela acabou se tornando uma parte fundamental do universo rhodaniano, tendo a curiosidade de ser um reboot que é lançado paralelamente à obra original, o que provavelmente é algo único no mundo. Isso dá aos leitores, tanto os novos quanto os antigos, a liberdade de escolher entre as duas séries, ou até mesmo de acompanhar ambas se assim desejarem.

Em relação à publicação de Perry Rhodan Neo no Brasil, infelizmente não há planos nesse sentido no momento, já que temos concentrado nossos esforços no lançamento simultâneo de vários ciclos da série tradicional de Perry Rhodan, pois isso é algo que sempre foi muito pedido pelos leitores. Dessa forma, simplesmente não há espaço para a publicação de Neo atualmente no cronograma da editora, mas nada impede que isso possa mudar no futuro se houver interesse suficiente

por parte dos leitores.

5- Quais os formatos de publicação adotados pela SSPG?

Todo o catálogo da SSPG, composto atualmente por mais de 800 títulos, está disponível para aquisição no formato eletrônico, ou seja, como e-books (nos formatos PDF, EPUB e MOBI). E os episódios 650 a 847, bem como todos os episódios já publicados dos ciclos “A Terceira Potência”, “A Armada Infinita”, “Os Tolkandenses”, “O Tribunal Atópico” e “Mito” também estão disponíveis como livros tradicionais, embora alguns títulos específicos estejam esgotados (é necessário verificar a disponibilidade dos títulos desejados no site da editora no momento da aquisição: www.perry-rhodan.net.br). Os livros publicados entre 2001 e 2007 (episódios 650 a 847) estão disponíveis como volumes duplos, enquanto os publicados a partir de 2014 estão disponíveis num formato mais tradicional, com apenas uma história por livro.

6- Quais novidades vêm por aí?

Infelizmente não temos novidades específicas para anunciar, já que no momento pretendemos apenas manter o ritmo atual de publicação da série, que nunca foi tão variado e abrangente quanto agora, com seis frentes simultâneas de publicação (cinco da série Perry Rhodan e uma da série Atlan).

Novamente, quero deixar os maiores agradecimentos a César Maciel e a Dioberto Souza pelo inestimável auxílio para completar este artigo. Aos leitores, claro, fica a dica para conferir a maior série literária de ficção científica de todos os tempos.

César também forneceu sites para quem quiser saber mais sobre a série:

www.perry-rhodan.net.br - Site oficial da edição da SSPG

www.cesarmaciel.wordpress.com - Blog de César Maciel, editor-assistente da edição da SSPG

www.missaostardust.blogspot.com - Blog do fã Manuel Luques, com informações (inclusive vídeos de divulgação exclusivos) sobre eventos brasileiros de ficção científica e as atividades do “Grupo Perry Rhodan - Missão Stardust”

www.stardust.net.br - Enciclopédia da série, mantida por alguns fãs e apoiada oficialmente pela editora SSPG

Perry Rhodan, a mais longeva série de ficção científica de todos os tempos, atravessou gerações de leitores fiéis e tem sido para muitos a porta de entrada para estes fantásticos universos. Estendendo-se por inimagináveis extensões de tempo e espaço, continua a encantar os fãs 63 anos após sua estreia. Que continue por muitos anos fascinando e inspirando mentes por todo o mundo, e nos dando esperanças de um brilhante futuro para a humanidade.





Perry Rhodan e Gucky, ilustração de Horst Gotta



R,e,S,e,N,h,A,s



The bestselling author of ENDER'S GAME

ORSON
SCOTT
CARD



WAKERS

__R,e,S,e,N,h,A;w,A,k,E,r,S__

[marceloBighetti]

há dois grandes e famosos temas nas histórias de ficção científica: viagem no tempo e múltiplos universos. Pode parecer que ambos já foram explorados à exaustão, mas eles continuam por aí, seja nas telas ou nas páginas. Arrisco-me a afirmar que um escritor que escolhe se embrenhar em uma destas linhas criativas, corre o grande risco de atolar sua história na resolução fácil e preguiçosa que tais temas podem oferecer.

Gostaria de comentar sobre o livro *Wakers*, que na minha opinião, contém a história mais bem escrita e criativa referente a multiversos.

Wakers é o primeiro livro da trilogia "The Side Step" escrita por Orson Scott Card, renomado autor conhecido por obras como "Ender's Game". Publicado em 2022, a história nos leva a um cenário fascinante e distópico. O protagonista, Laz, acorda em uma Terra abandonada e desolada, desprovida de qualquer forma de vida humana. Eu sei, até aqui nada de novo, mas continuemos.

A trama se desenrola com Laz explorando as ruínas de uma civilização anterior. A atmosfera é sombria, com Card habilmente descrevendo um cenário que evoca uma mistura de curiosidade e melancolia. A Terra abandonada torna-se quase um personagem por si só, envolvendo o leitor em sua desolação.

A história desvenda gradualmente os mistérios por trás do estado atual do mundo. A narrativa é rica em

reviravoltas, mantendo o leitor ansioso por descobrir mais sobre o passado de Laz e os eventos que levaram à desolação da Terra. O autor tece uma trama intrincada que combina elementos de ficção científica, aventura e um toque de filosofia.

Os personagens são bem desenvolvidos, com Laz sendo um protagonista cativante. Sua jornada de auto-descoberta e as interações com outros sobreviventes, alguns amigáveis e outros hostis, adicionam camadas complexas à narrativa. Assim, Card explora temas como isolamento, confiança e a busca por sentido em um mundo caído.

A prosa de Orson Scott Card é fluida e envolvente, característica marcante do autor. Sua habilidade em criar diálogos naturais e cenários vívidos contribui para a imersão do leitor. O estilo de escrita é acessível, tornando o livro adequado para uma ampla audiência, desde entusiastas de ficção científica até leitores casuais.

Em síntese, *Wakers* é uma obra que entrega não apenas uma história envolvente, mas também exploratória. A combinação de um enredo intrigante, personagens bem desenvolvidos e reflexões filosóficas torna a leitura uma experiência enriquecedora. Os fãs do autor encontrarão neste livro uma adição digna à sua biblioteca, enquanto aqueles que buscam uma introdução ao trabalho de Card certamente ficarão cativados pela originalidade e profundidade de *Wakers*.

</div>



DRÁCULA

de
Bram Stoker

DARKSIDE

__R,e,S,e,N,h,A;d,R,á,C,u,L,a__

[ricardoGuedes]

"Vocês, habitantes das cidades, não conseguem entrar nos sentimentos do caçador" — Conde Drácula.

NO ano de 1995, em uma bela tarde de sol, eu estava em uma arquibancada do estádio de futebol de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. O famoso bêbado local, toda cidade pequena tem o seu, sentou-se ao meu lado e sem titubear lançou a seguinte pergunta:

— Você acredita em vampiro?

O homem tinha uma ferida incurável em uma perna e era seguido por uma comitiva de meia dúzia de vira-latas. Todos eles tinham passe livre para entrar no estádio.

— Não fosse esse sol, eu diria que encontrei um — respondi.

Acho que ele não entendeu a minha piada, mas ficou satisfeito com a resposta.

A obra de Bram Stoker não inventou o mito do vampiro, nem foi pioneira em trazê-lo para a literatura moderna, no entanto seu sucesso consolidou o monstro na mente do grande público e inspirou incontáveis narrativas em todo tipo de mídia, no teatro e na contação de histórias. Pessoas contam causos de vampiros em seus encontros sociais, das metrópoles aos mais recônditos povoados e há quem jure que sua história é verdadeira.

E essas histórias, todas elas, têm algum elemento immortalizado pelo livro Drácula.

"Fui tomado por um desejo premente de livrar o mundo deste monstro" — Jonathan Harker.

O autor, nascido em Dublin em 1847, escreveu diversos romances e histórias curtas, mas foi com a publicação de Drácula, em 1897, que seu trabalho alcançou o mundo e tornou o personagem universalmente conhecido. Mesmo aqueles que não leram Drácula, reconhecem esse nome e o associam ao monstro sugador de sangue, além de conhecerem aspectos ligados ao personagem como a falta de reflexo dos vampiros em espelhos, sua aversão ao sol, ao alho e símbolos religiosos.

Drácula é uma obra epistolar, em que o leitor acompanha a narrativa em primeira pessoa por meio dos registros pessoais dos personagens que têm suas vidas impactadas pelo vampiro. Cada trecho é narrado em ordem cronológica a partir de cartas, diários pessoais, telegramas ou mesmo recortes de jornal, que vão aos poucos revelando os objetivos do vampiro, seus poderes e a consequência de suas ações para aqueles personagens.

Antes de continuar esta resenha acho válido mencio-

nar que se trata de uma obra ambientada na Inglaterra vitoriana, época em que a sociedade de classe média-alta vivia sob certa imposição de regras moralistas, em que as mulheres sonhavam em casar-se e ser boas esposas e os homens valorizavam a honra e o cavalheirismo. Os personagens de Bram Stoker são o reflexo desta sociedade, por isso podem causar algum estranhamento ao leitor contemporâneo, acostumado talvez a personagens femininas empoderadas ou a narrativas onde a moralidade dos atos se encontra em uma zona mais cinzenta. Em Drácula, os personagens masculinos são bastante similares em seu modo de agir, atuando como protetores da fragilidade feminina. Ainda assim, o autor reserva uma surpresa ao leitor, mostrando aos poucos uma força feminina incomum à literatura da época.

O enredo começa com o procurador Jonathan Harker viajando de Londres para a Transilvânia, atual Romênia, a fim de atender a demanda do recluso Conde Drácula, que deseja adquirir propriedades na Inglaterra. Chegando ao seu destino o procurador se torna ao mesmo tempo hóspede e refém no castelo de Drácula e vai aos poucos percebendo a natureza sobrenatural de seu anfitrião. Drácula deseja se estabelecer na joia do império Britânico, o centro de poder e cultura que Londres representava em sua época. O local onde poderia experimentar a modernidade e usufruir de uma ampla disponibilidade de vítimas.

Enquanto isso, na Inglaterra, sua apaixonada noiva Mina troca mensagens com a amiga Lucy, que está exultante pelo fato de ter recebido três propostas de casamento em um mesmo dia. Os pretendentes, dispostos a enfrentar o sobrenatural pela sua amada, são: Arthur, um nobre aristocrata, Dr. Seward, médico de um sanatório e Quincey Morris, um cowboy americano do Texas.

Mina é o elo de ligação entre os demais personagens e é a personagem com o maior desenvolvimento na narrativa. Ainda que seja apresentada como alguém a ser protegida, ela é obrigada a enfrentar desafios que permitem que fuja do clichê da donzela em perigo ou da moça cujo único sonho é ser a esposa de alguém. Algo que surpreende para uma obra do século XIX.

Van Helsing completa o grupo de personagens. O célebre médico foi professor do Dr. Seward e é chamado pelo ex-aluno quando Lucy é vitimada por uma obscura doença, que não apenas a enfraquece, mas faz com que perca grandes quantidades de sangue. O professor começa a investigar tal enfermidade e a desconfiar que o mal que aflige a moça pode estar relacionado a algo além da ciência e das superstições.

Neste contexto a história evolui, com a figura do Conde sempre retratada pelos relatos de outrem. Nun-





ca estamos na mente de Drácula. Cada personagem contribui à sua maneira para o desenvolvimento da trama, mas é Van Helsing quem aos poucos apresenta ao leitor algumas das fraquezas do vampiro, enquanto outras cabem ao leitor entender, a partir das peças que são apresentadas pelo autor.

“Acham que os pequenos furos na garganta da criança têm a mesma origem que aqueles no pescoço da srta. Lucy? Então vocês estão errados... é pior, muito, muito pior.” — Van Helsing

Bram Stoker conseguiu reunir uma quantidade de temas instigantes e tratá-los de maneira singular, sem cansar o leitor com exposições excessivas. Ele utiliza a ciência como o recurso inicial para combater o oculto, desdobrando então elementos do cristianismo no enfrentamento do monstro. As invocações do poder divino contra a criatura das trevas referem-se ao folclore antigo, em que o vampiro tinha origens demoníacas.

O amor romântico é frequente, em especial nos capítulos iniciais em que Mina e Lucy revelam seus sonhos de uma vida conjugal com o amor idealizado. Posteriormente, é o amor que move os personagens masculinos em sua cruzada contra o vampiro. A castidade é outro tema tratado. Apenas o casamento garante a pureza da relação e o beijo do vampiro, quando bebe do sangue de sua vítima, é figurativamente um ato carnal que resulta na perda da pureza. O vampiro é o agente de sedução que desvia o virtuoso. Em certo ponto da obra, a profanação causada pelo vampiro é representada pelo autor de forma física, gerando uma marca inequívoca da mácula causada pelo toque do demônio.

Mesmo a saúde mental, um tema tão presente na atualidade, tem espaço para desenvolvimento nesta obra, tanto de forma explícita, ao retratar o sanatório do Dr. Seward e um paciente com uma ligação especial com o vampiro, quanto de modo subjetivo, no colapso nervoso de um personagem frente ao perigo sobrenatural. Mais uma vez, esta degradação da mente é retratada de forma física, na descoloração dos cabelos e no aparente envelhecimento.

Mais que uma obra de horror, Drácula ainda discute questões sempre presentes como a vida e a morte ou o amor e a perda. De certo modo, são estes temas que contrapõe uma das poucas críticas que podem ser feitas a esta obra, que é a falta de um maior desenvolvimento dos personagens.

“Vocês e outros serão meus, minhas criaturas, para atenderem aos meus desejos e serem meus lacaios quando eu quiser me alimentar.” — Conde Drácula

Uma obra de impacto tão significativo na cultura ocidental tem o direito de ser considerada um clássico da literatura. Drácula emprestou seu nome a expressões culturais que transcendem a mídia escrita e mesmo gêneros distintos, como a comédia, tomaram emprestado o personagem.

Releituras são lançadas em intervalos frequentes, abordando um ou outro aspecto da obra, ou mesmo usando seus personagens em roupagens diferentes.

Só posso imaginar o assombro e o deleite dos leitores ao se depararem com a escrita de Stoker pela primeira vez, especialmente em uma época em que não era lugar-comum saber que vampiros temiam crucifixos e que se transmutavam em morcegos. A quem nada sabia sobre o morto-vivo que se alimentava do sangue de suas vítimas, descobrir suas características sobrenaturais conforme as ações de Drácula eram apresentadas deve ter dado arrepios.

Hoje em dia, ninguém está a salvo do vampiro. Graças a Bram Stoker e sua obra prima, todos foram ou ainda serão alcançados pelo Conde Drácula. Seja em uma sala de cinema, em uma biblioteca ou em uma arquibancada de um estádio de futebol.

</div>



@taquionfc



Fique conectado com o Táquion FC
NO INSTAGRAM



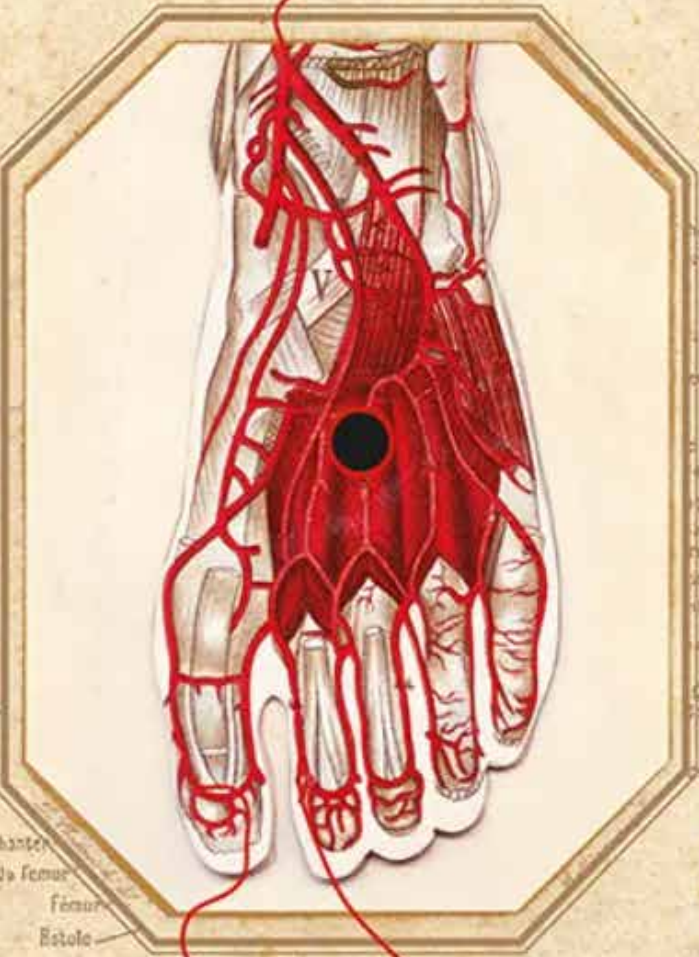
TÁQUION
FICÇÃO CIENTÍFICA



MEDO CLÁSSICO

MARY SHELLEY

DELUXE EDITION



Frontal
 Arcade sourc
 Os nasal
 Os malaire
 Yomer
 Maillaire sup
 Maillaire inf
 Acromion
 Apophyse corac
 Tête de l'humér
 Omoplate
 Côtes
 Sternum
 Appendice xyph
 Humerus
 Côtes flottantes
 Os iliaque
 Sacrum
 Epine iliaque
 Cubitus
 Radius
 Coccyx
 Carpe
 Metacarpe
 Phalanges
 Grand trochanter
 Tête et col de femur
 Femur
 Estole
 Tibia
 Péroné

HOMME

— 400 —

Frankenstein

DARKSIDE

R,e,S,e,N,h,A:f,R,a,N,k,E,n,S,t,E,i,N

[sotрати]

Frankenstein: O homem olhando para si

frankenstein é um clássico da Literatura Mundial e isso se dá por vários motivos. Ele é precursor de vários gêneros literários como o Terror e a Ficção Científica, mesmo não sendo o primeiro livro a ser lançado nessas temáticas. Ele é referenciado em inúmeras obras posteriores e seus personagens principais foram absorvidos pela cultura ao redor do mundo: inúmeras pessoas conhecem o cientista louco e o monstro que ele criou em uma infinidade de releituras e reinterpretações, tenham elas lido o original ou não. Mas tem duas características que o tornam tão importante na Literatura: a atualidade do tema abordado e a multiplicidade de interpretação (ou chaves de leitura) que o texto proporciona.

Chaves de Leitura é um conceito bastante interessante para abordar a interpretação de uma obra artística em geral e uma obra literária, em particular. Isso porque toda obra artística indica várias possibilidades de absorção de seu conteúdo, a depender de vários aspectos como a cultural individual e coletiva do leitor, o momento histórico em que ele tem acesso a obra, sua idade, profissão (ou a falta dela), condição social, financeira, crenças religiosas e políticas, arcabouço literário e artístico e o momento emocional e racional em que ele tem contato com a obra.

Por esse prisma é possível afirmar que cada livro é único porque cada leitor é único. E como ensinam os grandes mestres, a obra literária é composta por três vertentes fundamentais, indissociáveis e complementares: o autor, a obra e o leitor. Isso explica como um mesmo livro pode ser idolatrado e odiado em igual medida por defensores empedernidos e detratores ferozes. Nessa dinâmica, o leitor é coautor do texto, porque a história que se iniciou na mente do autor encontra eco na mente do leitor.

E nesse ponto Frankenstein se destaca, porque o leitor tem uma ampla gama de possibilidades de leitura e entendimento da história, muito além de seu enredo. Dependendo da abordagem ao texto, é possível encontrar desde crítica social e antropológica até posicionamentos feministas e densidade filosófica. É uma obra, como são todos os clássicos, que falam do humano em um dos seus aspectos essenciais e, por isso, se torna tão atual e autêntica, vencendo a barreira do tempo e do espaço. Lembremos que é um texto de uma escritora inglesa, lançado em 1818 e que fazia sentido para aqueles leitores naquela época. E hoje pode ser lido e compreendido por pessoas de qualquer gênero e loca-

lização geográfica, não só na simples decodificação de palavras, mas na profundidade dos temas que aborda.

Dito isso, dentre as múltiplas possibilidades de leitura dessa obra, a que iremos abordar aqui é a da dicotomia humana. Nada nos faz mais humanos e humanizados que a potencialidade quase infinita para o bem e para o mal, para a crença e para o ceticismo, para a dissolução e para o empenho, para o engenho e para adaptação, para a coragem e para a covardia. Em uma pessoa real, essas oposições são de tal maneira arraigadas e difusas que na maioria das situações nos é impossível identificar honestamente qual aspecto se distingue em cada situação específica.

É é nesse ponto específico que a literatura expõe sua maior qualidade: poder analisar precisamente uma situação específica por todos os ângulos possíveis e imagináveis e, o principal deles, a partir de dentro da consciência do personagem. Nenhuma outra obra artística possibilita a quem a usufrui entrar dentro da mente, dos pensamentos e sentimentos mais profundos de um ser, que a literatura.

E em Frankenstein, Mary Shelley faz mais que isso. Ela separa em dois personagens a essência de uma só pessoa. Essa analogia é extremamente bem explorada em O Médico e o Monstro, O Estranho Caso de Dr. Jekyll e o Sr. Hyde, de Robert Louis Stevenson, e certamente, a obra que mais facilmente nos vem à memória quando abordamos o tema. Contudo, mais de setenta anos antes a Sra. Shelley produziu uma bem-acabada análise do paradoxo humano com seu Prometeu Moderno.

Em síntese, o romance de Mary Shelley trata da história de um cientista, Victor Frankenstein, avesso às convenções sociais e dotado de espírito investigador e inventivo, que passeando pelo conhecimento da época, do metafísico às mais novas descobertas científicas, descobre uma forma de devolver à vida uma pessoa falecida. Não contente com essa possibilidade, Victor decide então juntar as melhores partes dos corpos a que ele tem acesso para criar um ser humano superior. Ao contrário das adaptações à cultura popular que indicam a utilização da energia de raios para a ressuscitação, o livro se atém a questões químicas, embora os raios componham o cenário do momento da criação do ser. Após alcançar seu intento, Victor se aterroriza com o que conseguiu realizar e deixa sua criação à própria sorte.

A escolha da autora pela maneira de contar essa saga também é interessante. Próprio do estilo da época, ela faz essa narrativa chegar aos leitores como se fossem cartas de um aventureiro comandante inglês, Robert Walton, que se lançou a desbravar os mares gelados do



Norte e escreve à irmã, relatando ter encontrado Victor Frankenstein e transcreve para ela os relatos orais desse singular personagem. Todos os acontecimentos teriam acontecido em algum momento dos anos 1700 e o fato de serem cartas narrando um relato e da data não especificada, almeja trazer um quê de veracidade ao relato. A escolha de um local de natureza extrema e afastada da civilização, traz um toque de exotismo tão afeto aos autores do período, além das descrições de terras geladas ou congeladas, além de isoladas, o que por si só pode render uma série de interpretações.

É revelador que, a partir do lançamento do filme Frankenstein em 1931 e o acesso popular à obra de Mary Shelley, o público em geral passou a associar o nome Frankenstein à criatura, movimento que a cultura popular adotou e reproduziu à exaustão. Embora, tanto livro quanto filme deixam claro tratar-se do nome do cientista, já que à criatura nem um nome lhe concederam. Aparentemente a sabedoria popular, ainda que por meios tortuosos, revela uma faceta interessante: a do verdadeiro monstro inumano do livro, o próprio cientista. Um bom exercício criativo seria recontar essa história sob a perspectiva do monstro.

Aliás, como a visão sobre a criatura nos é passada pelo Capitão, a partir dos relatos de Victor Frankenstein, é assim que ela é nomeada: Monstro. Um ser humanoide, mas extremamente alto, dotado de consciência é intelecto, mas sem a experiência da vida humana, que é abandonado por seu criador, desprezado pela população do povoado onde se dá a conhecer e que tem como educação social a observação de uma família que mora em local tão isolada quanto ele mesmo.

Aqui temos um primeiro contraponto interessante entre Victor e sua criação. Ambos preferem fugir ante o desafio do desconhecido, mas enquanto Frankenstein se isola nos livros para buscar conhecimento, a criatura só consegue se desenvolver intelectualmente ao observar outras pessoas. O afastamento que o ser tem de se auto infligir como proteção e sobrevivência, o cientista busca por iniciativa própria. Essa formação diversa de construção intelectual vai afetar toda a história e o destino de ambos, pois, em dado momento, o monstro opta por tirar de Frankenstein aquilo que ele se furtava a desfrutar: a companhia das pessoas próximas e queridas.

Victor vai perdendo um a um seus entes mais próximos e aqui cabe uma ressalva importante. Quem nos conta a história, o Capitão Walton ouviu a versão do cientista. Mesmo na versão enviesada de Frankenstein, dá para notar pelo relato que ele negligenciava bastante seus entes queridos, focado, a princípio, em seus estudos e descobertas e, depois, em se livrar do ser maldito que havia soltado no mundo. O que o ser fez foi apenas impedir uma improvável reaproximação.

Essa dicotomia entre Victor e sua criatura é pincela-

da em todo romance como o embate entre ciência e natureza, a criação ou intervenção do homem no ciclo natural das coisas versus a força brutal e implacável da ação do mundo. Enquanto as pessoas ao seu redor se deleitam com a beleza do natural, Victor conjectura sobre os mecanismos que fazem as coisas acontecerem, buscando, inclusive no metafísico, as respostas para os questionamentos mais profundos sobre a forma de conhecer a Natureza para subjugar-la e moldá-la ao seu bel prazer em seu aspecto mais forte e misterioso: a própria vida.

E a escolha do cientista é bastante peculiar: "Para examinar as causas da vida, precisamos primeiro recorrer à morte." Modernamente diríamos que ele estaria fazendo uma "engenharia reversa", termo obviamente utilizado de forma alegórica, para em vasculhando a morte e suas causas descobrir como trazer à vida um novo ser. Ao contrário da concepção da qual somente a mulher é capaz de gerar e que tem como propriedade a celebração da vida e de sua busca por perpetuação, o homem procura gerar a vida através do confronto com o natural e tendo por base a morte. Não por acaso, a gestação comum se dá entre dois corpos vivos, enquanto a criação de Victor origina-se da composição de vários corpos já sem vida.

As divagações a respeito do que o impele à reanimação do entrelaçamento de corpos também mostra a crueza do pensamento de Frankenstein. Ele exalta o homem simples e a benção da ignorância, como se o saber o impelisse a realizar, uma distorção da lógica "sei, logo devo". Na egoística busca pelo objetivo não há um momento para as implicações que a realização de tal feito poderia desencadear. Aliás, esse é um traço marcante no protagonista de Shelley, a imaturidade. Em geral, sua principal atitude frente aos problemas que surgem de seus próprios atos é a fuga.

Ainda um traço a mais a ressaltar nesse protagonista é sua obsessão por ser o centro dos acontecimentos. Pela ação direta da criatura, uma mulher da casa de seu pai é acusada e condenada pela morte de um de seus irmãos. Mas Victor tinha certeza de que o monstro é quem havia cometido tal ataque. Lembremos que a punição ao crime de assassinato era a forca, destino quase certo da pobre Justine, a mulher em questão. Observemos os pensamentos dele sobre a situação: "O sofrimento da acusada não se igualava ao meu; ela possuía o apoio de sua inocência, mas as garras do remorso dilaceravam sem cessar meu peito." E após isso a moça é sentenciada e executada, ante a inação do protagonista.

A única atitude que soa como alguma tentativa de reparação do mal que causou vem do fato de perder todos os seus entes queridos e ser instigado pelo monstro a persegui-lo. É nesse momento que o sentimento se sobrepõe ao intelecto e uma ideia distorcida de honra se apodera do personagem. É o segundo momento que

tal ocorre. A primeira vez foi ao notar que o monstro ganhara vida. Naquele momento a emoção que faz o corpo do cientista desligar-se da consciência, agora, lhe concede forças sobre humanas para perseguir o ser que lhe atormenta.

O livro não se atém apenas ao embate entre ciência e natureza. A religião também é sutilmente abordada na obra, em geral com um tom de crítica mordaz. Nenhum personagem religioso ou nenhuma demonstração de fé pessoal contribui para melhorar quaisquer situações ou orientar corretamente as pessoas assoladas pelos seus males. Os religiosos afirmam convicções absurdas, protegem a elite financeira e condenam sem pestanejar os subalternos e criados. A fé traz autocomiseração às vítimas e familiares, não lhes possibilitando nem justiça e nem reparação.

Mas é na relação entre criador e criatura que a questão religiosa mais aflora. Sempre lembrando que estamos vendo os acontecimentos sob a perspectiva de Victor, o monstro em geral se dirige ao seu criador com uma linguagem quase devocional. Está mais para um fiel se dirigindo ao seu Deus que um filho ao pai. O ser faz então uma comparação sobre duas criaturas do Deus judaico-cristão, Adão e Lúcifer e diz sentir-se mais como o anjo caído do que como o primogênito de uma nova raça.

E essa relação de endeusamento que Victor supõe ser alvo chega ao ápice quando, parafraseando o diálogo de Adão e Deus no Gênesis, a criatura pede que Frankenstein crie para ele uma companheira, visto que se sente demasiadamente só, já que não tem lugar entre os humanos.

Victor é então instado a criar mais um ser, dessa vez uma mulher, que seria a parceira da monstrosidade original. Por caminhos que só a mente tortuosa de alguém incapaz de empatia poderia trilhar, Frankenstein inicia a criação de uma companheira para o ser primevo, mas abandona a obra e, pior ainda, dilacera o corpo que estava formando aos olhos do monstro que o ameaça: "... eu estarei contigo na tua noite de núpcias".

O intelecto superior do cientista leu nessa afirmação uma ameaça a si próprio, mesmo tendo por acabar de destroçar aquela que seria a companheira do monstro, evidenciando mais uma vez o quão autocentrado é o protagonista. E não importa o quanto as pessoas ao seu redor sofram ao ponto de perder a vida por reflexo de suas ações e omissões, ainda assim Victor se vê como a grande vítima de toda história.

Segundo Freud, o terror primordial é a castração, não apenas no sentido físico ou sexual, mas, de forma mais ampla, em relação a toda frustração da descarga da libido que a pessoa enfrenta. Tudo que é relacionado ao prazer e a satisfação, quando é suprimida, interrompida ou impedida de se alcançar é uma forma de castração.

O monstro se sente tolhido de qualquer forma de explosão de libido pela forma que foi criado e, principalmente, pelo abandono sofrido por parte de seu criador. Não resta a ele nem o conforto do conhecimento, do amparo da companhia humana, do compartilhar a solidão. Tanto que em sua busca pelo cientista, seu pedido é inusitado, mas extremamente compreensível: ele quer uma companheira. Quer uma mulher da mesma feitura dele para dividir o fardo da solidão, mas, também, para terem possibilidade de extravasar sua libido. E o que faz Frankenstein? Se propõe a criá-la para, em seguida, destruir o corpo ainda sem vida. E aqui a frustração é maior do que não ter. É a possibilidade próxima de alcançar o que almeja sendo violentamente arrancado de si: uma castração.

Quando busca sua vingança contra o criador, ele escolhe o momento da noite de núpcias e temos a castração mais uma vez. Mas como dito, isso transcende a questão sexual e, por isso, Victor vai sendo emocional e psicologicamente castrado por toda a segunda parte da obra. Seja dos estudos, do contato com o amigo, do carinho dos familiares, da presunção de homem justo e sem problemas com a lei e, por fim, de uma existência feliz, digna e depois da própria vida. Intencionalmente ou não, é castrado até da possibilidade de contar a própria história, moldando-a de forma a preservar-lhe mais a memória. Embora tenha em seu narrador um homem devotado à memória e ao espírito do cientista, estar frente a frente com o fruto da criação do protagonista faz com que deixe transparecer em algumas passagens o quanto de monstruoso tem nas escolhas, ações e, principalmente, omissões de Frankenstein.

Os embates finais colocam frente a frente criador e criatura. E por fim aquele mal que surgiu de Victor, seja na concepção por tê-lo criado, seja pela visão do monstro que se sente excluído da possibilidade de uma vida plena, confronta quem o trouxe à luz: "És meu criador, porém eu sou o teu senhor. Obedece!" Metaforicamente, o que o cientista deu ao mundo está se voltando contra ele e o escravizando. Na batalha intelecto versus natureza, a ciência perdeu e quem ousou confrontar a ordem foi subjugado pelo que criou.

Poderíamos extrapolar esse embate entre criador e criatura para o aspecto do criacionismo religioso? Certamente! Shelley aborda diversas vezes a questão religiosa e como a interferência de seus líderes é pernicioso no desenrolar da história. Por temor da dano eterna alguns personagens, instigados por seus orientadores espirituais acabam por ser levados à ruína. E quando o Criador, metafisicamente falando, deixa a criatura à própria sorte, obrigando-a a se defrontar com o próprio abandono e incapacidade de ascensão, acaba por ter dois caminhos: a submissão fiel ou a sublevação, que é o caminho tomado pelo ser gerado por Frankenstein. E ao dar esse passo de encarar seu criador e algoz, tanto

o monstro frente ao cientista, quanto ao humano frente ao Criador, pode escravizá-los em uma perseguição com fim nefasto para ambos.

E esse é o verdadeiro terror apresentado pela obra. A possibilidade de confrontar quem lhe deu à vida e prescrutar suas intenções e objetivos, o mal causado pelo abandono e a busca por sentido para a própria existência. Por outro lado, existe a tentação de colocar-se como ser gerador e supremo junto a outro ser sentiente, a idealização humana pela aspiração à centelha divina, à onipotência da ausência de consequências e a emulação de seu próprio eu em outrem. Victor não se propõe a reanimar a obra de Deus, ele quer melhorá-la. Gerar uma vida, cinicamente, qualquer mulher pode fazer. Do alto de sua prepotência ele quer o aprimoramento do humano que a natureza, ou um Ser Supremo, não foi capaz de realizar. E ao alcançar seu intento, nota que é pequeno diante do feito realizado e incapaz de lidar com suas consequências, quebrando a ilusão de onipotência e clarividência que a ciência parecia lhe oferecer.

E o horror do cientista após sua obra terminada, passada a euforia de descobrir que podia fazer o inimaginável, é que ele é confrontado com a realidade tão insólita quanto aterradora: ele infringiu as leis naturais. É próprio da nossa condição humana o devaneio com o impossível, o desejo de realizar o inacreditável, a possibilidade de dar vida ao inanimado, de dobrar as leis naturais. Seja a criança ao desejar que seu boneco interaja com ele como um amigo, quanto alguém que queira reviver um ente querido que já faleceu.

Esses desejos latentes permeiam nossas vidas e são fugas ocasionais frente à dureza da vida e só podem existir no imaginativo, no devaneio, na ilusão. A mesma situação se deu com Frankenstein. Sua busca por descobrir os mecanismos que dão vida aos corpos perpassou da mais academia científica ao mais bufão dos teóricos cabalísticos. Embora houvesse a busca por essa conquista, a mente racional do cientista ancorava sua sanidade na certeza da impossibilidade de fazê-lo.

Quando, por fim, teve o vislumbre da chave para resolver a equação, o primeiro pensamento foi pueril: como ninguém ainda reconheceu essa possibilidade aqui? A química há muito estudada abre toda a possibilidade para reanimar os corpos dos cadáveres. Era tão improvável a resposta, que sua aplicação prática trouxe a Victor o maior dos horrores que é o confronto de uma imaginação tornada real. Racionalmente seu ser gritava a impossibilidade do feito que, quando realizado, colapsou sua consciência e, por isso, ele desfalece. E sua fuga em enfrentar a realidade criada é mais um

sintoma dessa busca por proteção racional. Se ele não ver, não conviver e não encontrar é como se não tivesse acontecido.

E isso porque ele teve a possibilidade de se deparar com os anseios e desejos que por várias razões, como imposição da sociedade, da família e da religião, por exemplo, ele empurrou para seu subconsciente. Em uma visão simplista da situação, sua mente consciente se deparou com os horrores escondidos em seu subconsciente. Ele olhou para o mais profundo de si mesmo e achou horrível aquilo que ele via.

E o monstro é a parte não racional, subconsciente até, do cientista vagando pelo mundo, fazendo com que ele encare seus temores e desejos mais arraigados e assustando sobremaneira pois, em última análise, o monstro era só uma representação dele mesmo. Tanto assim que, fosse uma história realista, não haveria monstro algum e tão somente Victor seria algoz e vítima da própria história. Se não é o Capitão olhar nos olhos da criatura antes dela declarar que encerraria sua existência onde nem seus restos pudessem ser encontrados, não haveria ninguém além do próprio Frankenstein que o tivesse visto.

Embora o monstro relata que foi expulso de uma cidade e por uma família que vivia numa região afastada é um acontecimento que a obra não faz menção às consequências desses contatos. Não foi uma história que se espalhou, não houve repercussão e preparativos para lidar com um monstro a solta. Narrativamente, no contexto desse livro, é como se fosse apenas imaginação do protagonista e do narrador, por este influenciado, tivesse criado tal ser fantástico.

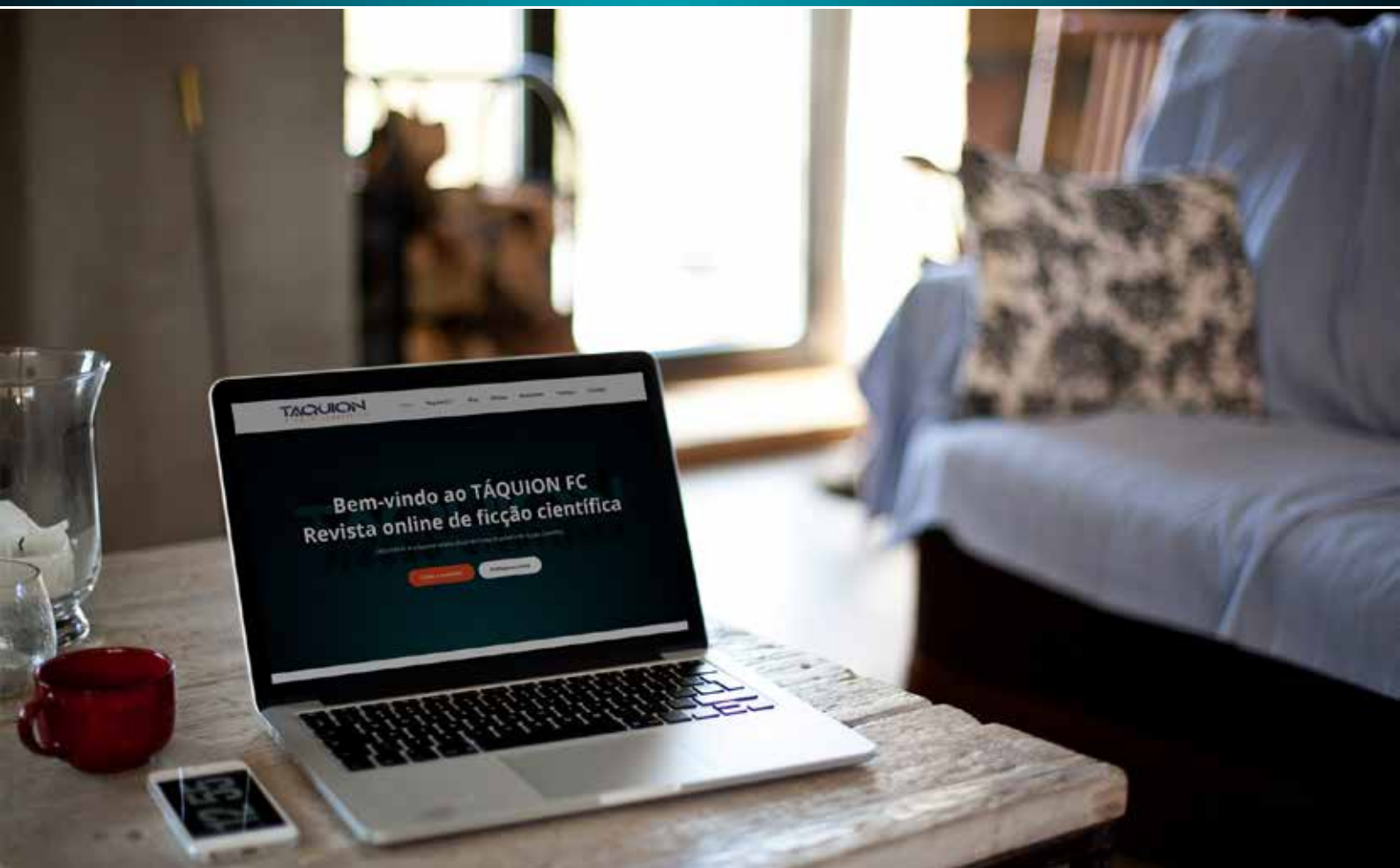
Ler Frankenstein é olhar para nosso próprio interior, com o que tem de mais sublime e mais pérfido, de mais grandioso e de mais mesquinho, capaz de gerar e tirar a vida, de aprender e se desenvolver e de se isolar e recrudescer. Frente às inúmeras sugestões de terror ou horror que temos em suas mais diversas formas, o relato de Mary Shelley pode não nos parecer tão assustador quanto a intenção dela ao escrevê-lo. Mas se conseguirmos nos reconhecer em sua obra, visualizar em Victor e em sua criatura tanto a engenhosidade quanto a animabilidade, encarar o mal em nós, veremos que sua possibilidade de causar terror ainda pulsa em suas palavras, pois além do susto ou incômodo com as passagens mais cruas e violentas, temos um escrito que ressoa em nós, alertando para o monstro que cultivamos e trazemos à vida com nossas ações e que pode ser nossa ruína, pois não horror maior que encarar o que escondemos em nosso subconsciente.

</div>



TÁQUION

FICÇÃO CIENTÍFICA





O
MÉDICO
E O
MONSTRO

E OUTROS EXPERIMENTOS

ROBERT LOUIS
STEVENSON

COLLECTION

MEDO
CLASSICO

DARKSIDE

__r,E,s,E,n,H,a;0;m,É,d,l,c,0;e;0;m,0,n,S,t,R,o__

[joãoMaselliGouvêa]

a primeira vez que tive contato com a obra de Robert Louis Stevenson foi, provavelmente, através do desenho do Perna Longa. Nele o nosso querido orelhudo se via em apuros ao ser perseguido pelo monstro, lado bizarro de um doutor bonzinho. Mas este conceito teve ampla proliferação pela cultura pop como um todo e a famosa história do Médico e do Monstro se assentou em minha mente, mesmo sem que eu tivesse lido a obra de terror gótico e, por que não, de ficção científica.

Décadas se passaram desde que eu vi aquele desenho animado e o livro caiu em minhas mãos. Perceba então que ao iniciar a leitura eu já tinha total noção de seu desfecho surpreendente. Porém isso de nenhuma forma prejudicou a minha apreciação da obra. A descrição daquela Londres soturna e de suas ruas tenebrosas me envolveu e me carregou para o lado do advogado Gabriel Utterson, me fazendo parte de sua investigação sinistra. O romance de 1886 é de fácil leitura, embora carregue a solenidade da época. Páginas e páginas foram devoradas pela minha curiosidade, não de saber a identidade de Mr. Hyde, mas sim de entender como a simbiose horrível seria revelada e porquê o bondoso Dr. Jekyll havia de se transformar em um ser tão asqueroso.

Invejo um pouco quem leu a história sem saber de seu final surpreendente, mas posso assegurar que mesmo com o spoiler, a leitura vale a pena. A descrição da cena onde a revelação final é feita é marcante e incrivelmente gráfica. Produto do detalhamento imersivo de Stevenson e da onda de suspense que ele vai construindo ao longo dos capítulos.

No final do livro, entendemos que o monstro era uma pessoa inteligente e admirada pela sociedade. O preparado químico sintetizado e consumido por Dr. Jekyll não o transformava em outro ser, apenas potencializava o lado mau que existe em todos nós. E que excelente reflexão nos trás Stevenson, não é mesmo? Do que valem nossos diplomas, nossos atos de bondade e nossa civilidade se por vezes deixamos o "puro mal" se manifestar em momentos de destempero e surto. Somos nós muito diferentes do pobre doutor descrito no livro? Não temos todos nós um gatilho que pode nos fazer esquecer da humanidade e trazer à tona nosso lado perverso e monstruoso? Ao ler O Médico e o Monstro, devemos levar em consideração estas questões e interpretar essa dualidade, inerente a todos.

</div>



GUERRA SEM FIM

JOE HALDEMAN

10.
W. MANDELLA



R,e,S,e,N,h,A;g,U,e,R,r,A;s,E,m;F,i,M

[andrewZandona]

lançado, originalmente em 1974, "Guerra Sem Fim" é uma obra enraizada em sua época, mas que acabou tornando-se atemporal, infelizmente. Como bom mestre da ficção científica, Joe Haldeman pode prever, até o momento, muitos dos debates sociais vigentes, embora sua tecnologia descrita ainda seja apenas um vislumbre distante.

No livro, acompanhamos William Mandella, um jovem físico convocado (guarde esta palavra fundamental para o debate) para uma guerra interplanetária. Quando a sociedade domina as viagens intergalácticas, uma nave colonizadora é destruída perto de Aldebaran, na constelação de Taurus e logo, o ataque é atribuído aos *taurianos* (nomenclatura designada aos alienígenas devido a possível origem – Taurus). É formada, então, a FENU – Força Exploradora das Nações Unidas – com intuito exploratório, mas também militar frente a esta possível ameaça. A trama desenrola-se através da carreira militar do jovem William, que pauta os capítulos da obra narrada em primeira pessoa, desde soldado até tenente.

Logo de início a obra mostra sua realidade ao apresentar os horrores de uma guerra, banalizando a vida através das inúmeras formas de execução e desmistificando a visão heroica. Posso afirmar que foram poucos livros, que nas páginas iniciais, trouxeram tantas reflexões.

Os primeiros capítulos, datados no "longínquo futuro de 1997", apresentam o treinamento militar das tropas. Veja bem, estamos falando de um futuro trinta anos à frente do lançamento da obra e levando em consideração a corrida espacial, que ditava os avanços tecnológicos da época. Não é difícil compreender as expectativas, por assim dizer, do autor. Claro que ele foi além, mas seus avanços são justificados, com perfeição, pelos temas que ele deseja debater.

Para compreensão da obra é essencial saber que Mandella é um reflexo escarrado do autor. É de conhecimento que a criação de personagens, em qualquer mídia, expõem algum aspecto de seu genitor, porém, aqui é o próprio escritor mostrando quem ele é. Assim como seu personagem, Haldeman é formado em física e foi convocado para o exército americano durante o conflito no Vietnã. Vejam bem, convocado (como salientei anteriormente). Não foi um alistamento, não foi para defender uma causa da qual ele acreditava. Ele, simplesmente, não teve opção.

Voltemos a década de 70, ao menos em imaginação (nasci muito depois disto) e insiram-nos dentro da sociedade americana. Jovens são enviados ao Vietnã para travar uma guerra da qual eles não compreendem, em um terreno do qual eles desconhecem e, principalmen-

te, para matar pessoas que nunca cruzaram seus caminhos. Imagine também, para as famílias destes jovens, que tiveram de acompanhar a bravura de seus filhos condenados através do noticiário. Lembrando que esta, talvez, seja a primeira guerra amplamente documentada com a popularização crescente das televisões.

É justamente neste cenário que diversos movimentos nasceram, como os *hippies* (que estão no imaginário popular e marcam presença na obra de Haldeman). Um conflito interno, oriundo de uma guerra exterior, eclode entre sociedade e governo. Sem o apoio de muitos cidadãos e com incontáveis perdas, o povo americano viu-se desorientado diante do desafio popular, principalmente, quando seu poderio bélico fora subjugado por um povo, em tese, militarmente inferior.

Para entender as camadas da obra de Haldeman, precisamos dividir alguns pontos do conflito e da sociedade, embora o resumo exposto seja: *em tempos de guerra tudo torna-se banal*. Este ponto ele salienta através da vida e também das relações sexuais. Em estado de guerra absolutamente tudo é secundário e as relações são necessidades, não mais do que isto.

A parte exploratória e de ação da trama apresenta uma imersão curiosa. Embora as descrições sejam satisfatórias, estamos diante de localidades muito distintas de nossa realidade e aqui é visível a situação que o próprio autor encontrou-se ao desembarcar no Vietnã. Destaco, principalmente, a passagem em Caronte – um dos planetas explorados na obra – onde as adversidades ecológicas são salientadas e o desafio se mostra muito além do conflito direto.

Arrisco-me a entrar levemente no território obscuro dos *spoilers* para deflagrar algumas das discussões latentes da sociedade e seus temores a época, como por exemplo a sexualidade. Em determinada passagem do livro, William retorna para a Terra, mais precisamente em 2023, e encontra uma sociedade que precisou atuar de forma drástica no controle de natalidade, freando a reprodução através do incentivo a homossexualidade, distanciando o conceito de gêneros. O autor precisou posicionar-se sobre sua visão frente a comunidade LGBT para a edição da Aleph, que hoje encontramos disponível. Sobre isto, me alegra dizer que aparentemente nada da obra foi alterado ou retirado. É óbvio que o tema sensível gera polêmicas, embora, durante a escrita, eu entenda que o autor desejou expor tal ponto como mais um desafio que William, heterossexual, encontra ao retornar para a sociedade após anos de serviço militar. Crítica esta que talvez seja a mais impactante da obra: o retorno para "casa".

Como reinserir os soldados dentro de uma normalidade civil? Como trabalhar aspectos psicológicos, visto que a realidade por anos fora totalmente deturpada do



que entende-se por conviver em sociedade? São pessoas que mataram e viram pessoas morrerem e isto fere os princípios sociais naturais.

Abrangendo todos os desafios de se retornar para uma sociedade distante, Joe Haldeman deixa claro que, para muitos, a vida militar passa a ser a única alternativa, pois, após cruzados os limites morais, não existe espaço para uma retomada social completa. O autor é eficiente em nos fazer questionar como seria cruzar essa linha. Existe espaço, também, para aqueles que escolheram a guerra para justificar seus atos atrozes através de “ordens superiores”.

Para os leitores mais íntimos de física, os aspectos tecnológicos e técnicos da obra terão um ganho subs-

tancial para a absorção dos conceitos de viagem entre os chamados colapsares e também sobre os desafios de cada viagem e combate. Porém, é importante salientar que para leigos no assunto, como eu, isto em nada atrapalhou ou dificultou a leitura.

Reconhecida como uma obra de suma importância dentro do gênero ficção científica, “Guerra Sem Fim” foi condecorada com os prêmios Nebula e Hugo, honrarias de distinção para um corajoso sobrevivente. Permeada por conceitos críticos acerca do estado de guerra, Haldeman apresenta um manifesto pacifista – ao mostrar as consequências dos conflitos para além do óbvio – que vale a pena ser lido.

</div>





@TaquionFC

SIGA-NOS NO

YouTube

TÁQUION
FICÇÃO CIENTÍFICA



__C,o,N,t,O,s__

The background features a dark, starry sky with several prominent, glowing pink and blue light trails that curve across the frame. The lower portion of the image shows a landscape of glowing, layered, and somewhat rectangular terrain in shades of pink, purple, and blue, with small, bright light points scattered throughout. The overall aesthetic is futuristic and digital.

__R,u,B,e,M;c,A,b,R,a,L__

do lado de fora.

DO LADO DE FORA

RUBEM CABRAL

v[04]

O relógio na parede marcava cinco para as seis da tarde e o Sol, mau imitador de certo famoso pintor holandês, se esforçava em tingir de laranja-ocre o quarto 401 da Clínica de Oncologia Dr. Meyer. *Mesmo a morte não ousaria vestir-se de cores soturnas para receber a danada da Marisa*, refletiu de forma agridoce o meu eu-idoso que dormira por dez dias seguidos na cama “de acompanhante”.

Lá estava o pobre agora; de pé, à cabeceira da senhora e, pela derradeira vez, eu, ele, Pedro Lopes, segurou trêmulo a mão da esposa, notando o brilho do seu olhar de esmeralda finalmente evanescer.

O ancião não pôde resistir e deixou as lágrimas até então economizadas rolaem livres e pingarem de seu rosto para o dela – água correndo pela cútis muito sulcada, feito chuva, abrindo caminho no solo ressequido depois de uma longa estiagem. Ele ajeitou os cabelos esparsos da falecida, de forma carinhosa. Chorou mais, mansamente, sem emitir ruído, talvez por vergonha. Meus olhos coçaram, embora sem verter lágrimas então. Não fôra a primeira vez que eu a via morrer naquele mesmo cômodo cor-de-poente, não seria tampouco a última.

Nada seria novamente feito pela última vez...

— Vá com Deus, a gente se encontra logo. Droga! Ah, Marisa; sempre tão apressada, não? Tinha que me pregar essa peça; não foi o que combinamos! Ao menos, ao menos me apareça em sonho e me conte como está, tá bom? Não me deixe preocu-

pado e sem notícias, você sabe como eu sou... Ou venha puxar meu pé com uma mão gelada de alma penada, feito eu ameaçava fazer se por acaso fosse eu o primeiro – ele esboçou um sorriso cúmplice e beijou-a na testa. — Hora de chamar os meninos...

Dezessete minutos e treze segundos de acordo com meu relógio de pulso, a janela temporal fechava-se.

✱

O casal me atravessou como se eu não estivesse ali.

Marisa movimentava-se com graça, meio conduzida por mim, no salão de baile do Clube Passarada. Ela tinha quinze, eu catorze. A banda tocava Roupas Nova, *Whisky a Go Go*. Eu observava os dois, invisível às criaturas bariônicas. Deus, como eu era desengonçado! Ela, leve feito bailarina, e meu eu-adolescente mais adequado àquelas coreografias de *break* que imitavam robôs, ainda populares à época.

No dia seguinte o tonto contaria vantagens aos seus colegas, diria que teria segurado seu seio, alisado sua coxa por sob a saia, muito embora tudo fosse mentira. Eu não tinha coragem, vangloriava-me de ter transado com todas as meninas do colégio, de ter perdido a virgindade aos doze com duas mulheres de vinte e repetido o ato sete vezes, sem descanso. Contudo, era tão inédito ao sexo quanto minha tia-avó freira que lecionava datilografia e piano num colégio para moças em Petrópolis.

Após quinze minutos, meio escondidos por detrás de um biombo decorado com flores de plástico,

nos beijamos. Algum sucesso do Kid Abelha tocava então. Ele, sem saber direito o que fazer com a língua na boca da garota, tentava também esconder uma ereção quase explosiva, colocando as mãos nos bolsos da calça U.S. Top para disfarçar. Ela certamente achando graça; das minhas espinhas, do meu cabelo louro espigado, da minha pouca altura.

(Mulheres não deveriam ter mais de um metro e setenta, e nunca, jamais, um e setenta e oito. E, se o tivessem, teriam que ser proibidas por lei de usarem sapatos de salto alto).

Marisa ria de tudo, mas de um modo gentil, sem fazer troça. Mais tarde não comentaria maldosamente com as amigas sobre meu desempenho pífilo como beijador. Ah, mulheres são tão maduras aos quinze! Ela, tão menina e já sabia o que estudaria (veterinária), para que países viajaria (todos, menos os imperialistas E.U.A.), quantos filhos teria (um casal, gêmeos). Mas isso já bem velha; certamente com mais de trinta.

Percebi que um vórtice temporal se formava e mentalmente me despedi do casal de inocentes com um “até logo”. Por alguns momentos retornei ao nada, ao vazio eterno e cinza do *exoverso*, para aleatoriamente ser inserido outra vez naquela linha de tempo.

✱

Aquele Pedro Lopes crescera alguns centímetros mais, cultivava uma barba castanha rala e subia as escadarias íngremes da República dos Insones, em Ouro Preto. Resolvera cursar Física na UFOP porque a relação candidato-vaga era uma das mais

⇒

MISSÃO aBr 2024

conto
do lado de fora
rUbEm CaBrAl

favoráveis, não porque gostasse tanto dos teoremas de Newton ou Einstein. Ao menos ele, eu, era bom com matemática...

O relógio da praça marcava duas e quinze da madrugada. O rapaz estava bêbado de cachaça com guaraná, de batida e de cerveja, e a cidade ainda fervia lá fora. Era carnaval e, dentro de uma semana, após muita hesitação e inúteis conselhos, simpatias e remédios caseiros, o azarado teria que ir ao urologista para tratar sua primeira DST. A primeira de três na vida, todas adquiridas naquele período nebuloso e lisérgico passado na cidade que uma vez se chamou Vila Rica.

O rapaz tropeçou no décimo-quinto degrau. Um que sempre rangia feito um bicho ferido quando pisado. Perdeu o equilíbrio, rolou tal qual mala pesada jogada de qualquer jeito na esteira do aeroporto, até o capacho junto da entrada do prédio centenário. Fraturou o mindinho direito, chorou, vomitou sobre a camisa de malha com estampa dos Ramones e acabou por dormir ali mesmo, sentindo imensa pena de si.

Involuntariamente eu cocei a cicatriz por onde o osso saltara, o dedo havia ficado um pouco torto. Três colegas passaram e pularam aquele meu corpo; uma marionete triste, solta dos fios, largada sobre o piso de tábuas corridas. Apenas o Guilherme Martins, o grande Gaguinho, fora amigo suficiente pra me carregar até o pronto-socorro.

(O socorro prestado pelo Guilherme seria com certeza um dos motores de nossa amizade vitalícia, refleti depois de re-testemunhar a cena).

Fora o mesmo Gaguinho que me falou a primeira vez sobre aquela lenda maluca; que em sua cidade, São Tomé das Letras, haveria uma passagem dimensional para Machu Picchu em certa Gruta do Carimbado. Alguma coisa a ver com os cristais energizados da região, com os intraterrenos, com o alinhamento correto dos planetas ou com eclipse necessariamente coincidente. Certa ocasião o gago experimentara uma viagem do tipo; fumara tanta maconha, bebera tanto chá de cogumelo de esterco numa festinha em São Tomé, que fora

teleportado magicamente para Três Corações... sem memórias, sem carteira, sem escalas e sem calças.

✱

Não revisitava todos os momentos de minha vida, aliás, nem mesmo a minha vida exatamente, pois nunca tive a sorte de envelhecer ao lado de Marisa. O incidente aconteceu muito antes. Era como se minha experiência temporal se resumisse a um infinito passeio pelo meu Jardim de Caminhos Bifurcados particular. Muito embora eu só visitasse suas esquinas, os pontos decisivos. Nunca me visitara dormindo, por exemplo. Ao menos até agora.

O que é, afinal, o agora?

✱

Chegara Janeiro e ele, eu, retornara formado à minha cidade natal, para ainda morar com meus pais. Conseguira passar no concurso do magistério público e enfrentaria em breve adolescentes que me odiariam simplesmente porque Física seria odiável de qualquer forma. Antes do meio do ano, no entanto, descobririam em mim alguém com quem poderiam sempre contar.

Numa tarde calorenta, errando por uma galeria comercial atrás de um sorvete ou algo para me refrescar, reencontrei Marisa namorando uma blusa numa vitrine da loja homônima. Eu a reconheci de imediato; não sei se foi por seu cacoete de enrolar um cachinho com a mão esquerda, pelo jeito engraçado de se equilibrar sobre um dos calcanhares ou ainda pela altura – muito embora, graças a Deus, ela calçasse sapatos baixos desta vez. Seu corpo movimentava-se inequívoco, *marisamente*, e por tudo isso, não resisti e brinquei como tão-só os grandes amigos podem brincar.

— Gata, seu pai é padeiro? Porque você é um *sonho*.

O mulherão girou o corpo rapidamente, franziu o rosto numa careta que quase a fez feia. Seus grandes olhos verdes faiscaram, com certo quê predador, de cobra pronta a dar o bote. Ele sorriu amarelo, com receio do bofetão que poderia vir em seguida, porém eu sabia que não havia tapa alguma a caminho.

— Pedraça?! É você? Ha-ha-ha!

Ah, só mesmo um filho da mãe feito você pra me passar esta cantada de pedreiro de obra em plena Galeria Miller!

— Ah, Marisa... Que saudade! Que bom que você se lembrou de mim!

— Me esquecer do meu melhor ex-namorado? Como? Me dá aqui um abraço, seu tratante! Voltou de vez ou vai bundear outra vez pelo mundo?

Eu a abracei com força, seu perfume de cabelo recém-lavado invadiu meus sentidos e então minha visita foi interrompida por mais um fim de ciclo.

✱

Reconheci o Campus do Morro do Cruzeiro da UFOP. Na sala de aula, Doutora Luíza Helena, um dos meus professores preferidos, gesticulava exagerada, como se pudesse envolver toda a criação com seus curtos bracinhos cor de chocolate.

— A maior parte da massa do universo observável não é resultante da matéria como nós a entendemos, bariônica, feita de elétrons, prótons, nêutrons; essa turma que todos nós conhecemos desde o primeiro grau. Só quatro por cento da massa consistem destes átomos *de verdade*. Segundo estimativas, vinte e três por cento provêm da matéria escura e os outros setenta e três são energia escura. E o que são matéria e energia escuras? Um Nobel pra quem propor uma teoria consistente sobre a natureza de ambas! Só sabemos que muito fracamente interagem com a matéria normal, e que são invisíveis aos nossos instrumentos atuais, embora os efeitos gravitacionais possam ser medidos.

— Professora, e os táquions? Li em algum lugar que eles teriam massa imaginária.

— Sei, Pedro; leu em algum livro de FC ou em algum gibi. Digo, gibi não! Vocês hoje dizem *graphic novel*, né? — ela riu, fazendo-me rir e a turma toda também. — Táquions são só teoria, meu filho; brincadeiras matemáticas com a física einsteiniana. $E = m.c^2$. Coloque um múltiplo de i na massa e você inverterá as propriedades da matéria propriamente dita. De forma paradoxal, quanto menos energia um táquion possui, mais rápido ele é. A

⇒



mais lenta destas partículas é pelo menos sempre mais rápida que a luz. Se existissem, táquions formariam algo além, outra realidade; não respeitariam tempo e espaço. Mas isso tudo é bobagem especulativa, tão interessante como tema de papo de bar quanto a Teoria das Cordas ou um *antitelefone taquidônico*. Alguma outra pergunta? Digo, alguma que não saiu dum livro do Asimov ou Arthur C. Clarke?

✱

Abril chegara refrescante naquele ano, eu bem me recordo. Desde o nascimento dos meninos decidimos alugar uma casa grande com quintal, perto da Praça Tamandaré. Marisa mantinha um consultório veterinário no centro, na mesma galeria onde havíamos nos reencontrado. À exceção de ter uma menina ou viajar para outro país além do Paraguai com uma tia muambeira, seus planos de juventude teriam em boa parte se realizado.

Gaguinho resolvera ligar-me naquela noite para enfim darmos cabo de nosso projeto de juventude. Materializei-me no meio da conversa dos dois.

— Um pe-pessoal da Globo percorreu quase quinze qui-quilômetros sem encontrar o fim da gruta e desistiu. A gente filma tudo e pode até ganhar uma gra-grana legal. O teto é sempre al-alto e o caminho não é in-in-íngreme. Pra alguém baixinho feito tu dá pra andar o tem-tempo todo sem abaixar a ca-cabeça.

— Um e setenta e três não é baixo!

— Sei, de-dentre os pigmeus lá da Á-áfrica tu se-seria gi-gigante, Pe-pe-droca! No fe-feriado de Ti-tiradentes, tô organizando com um grupo, vamos caminhar até encontrar o portal e viajar até o Pe-peru. Já, já i-imaginou?. Vocês bem que po-poderiam ir com a gente...

— Seria bem legal, nem mesmo temos programa pro feriado, mas não sei se a Marisa toparia a aventura. E teríamos que deixar os meninos com minha sogra. E desde que o Lipe quase botou fogo nas cortinas dela, sei não...

— Traz eles tam-também, podem ficar na fa-fazenda com meu pe-pes-

soal até a gente voltar. A pro-propósito, co-como tão os garotos?

— Tão ótimos. Fizeram seis anos mês retrasado. Uma peste e um santinho; foram feitos na mesma fôrma, mas só de olhar pro ar de arteiro do Lipe eu já sei que ele não é o Carlinhos, isso desde que eram bebês.

— Me pa-passa aí o trem pra Marisa. Ti-tive uma ideia. Tem uma égua na fa-fazenda do meu pai que tá pra pa-parir. Quem sa-sabe eu não consigo con-convencer ela assim? De-deve tá cansada de ca-cachorro e gato de madame... Depois vamos todos juntos; tem guia, é su-superseguro.

✱

Eu nunca fôra muito bom em subir árvores, até os dez anos. Roberto e Luiz, meus primos adolescentes, escalavam a mangueira do meu quintal feito macacos. Já eu, progredia pensativamente, sempre me certificando que o pé estava bem apoiado, que não havia risco de cair. Evitava olhar para baixo, pois tudo começaria a girar.

Lá estava ela, a mãe de todas as mangas-espadas, que avistamos pela primeira vez naquela manhã; alta, alta, bem no topo da árvore, corada por folhas quase negras de tão escuras. Meus primos me deram passagem e eu segui, com meus olhos vidrados na fruta verde-esmeralda.

(Verde já era minha cor favorita. Algum eco do futuro, vazando pelo espaço-tempo, uma justificativa para meu fascínio pelos olhos de Marisa?).

Pela quinta vez eu me vi me esticando, o corpo ágil e magrinho, agarrando o prêmio por minha coragem. Roberto e Luiz comemorando com "urras" e gritos de incentivo.

A fruta era tão grande que nós três a comemos até quase enjoar.

✱

Com o passar do tempo, passei a observar-me cada vez com menos interesse, ao repetir e repetir.

Ele, eu, dávamos os primeiros passos com nove meses e aos nove anos quebramos o braço direito ao cair de bicicleta. O velho viúvo foi morar com Carlinhos até que faleceu, dois anos depois, de alguma complicação cardíaca. O filho segurava sua mão e lágrimas correram de seus olhos por

sobre o rosto do velho, repetindo sem querer o que o falecido fizera quando da morte da esposa. Marisa viajara a contragosto com os meninos e Pedro à Disneylândia quando eles tinham dez; preferiria que eles conhecessem Cuba. Houve três cachorros de raça Pastor Alemão, todos chamados Tupã. Houve um gato preto e branco chamado "Gato" depois que os garotos saíram de casa. "Gato" não gostava de mim e chiava feito chaleira quando eu tentava pegá-lo. Felipe engravidara a namorada quando tinha dezenove, Carlos saíra do armário dois anos antes. Com trinta e sete, Marisa engravidou, mas perdeu a menina com quatro meses de gestação e não tentou engravidar outra vez. Dezesesseis anos, Pedro saltava da plataforma da piscina do Clube Passarada, finalmente superando o medo de altura. Aos trinta e dois, uma aluna inteligente perguntava durante sua aula sobre partículas primordiais e ele pôde se sentir "mestre", replicando as palavras sábias da professora da UFOP.

Tanto por ver, tanto por rever. Outra, outra vez.

✱

Desde o incidente original eu não tivera a oportunidade de visitar o berço de meu infortúnio.

Durante a excursão à gruta ele havia se afastado do grupo, ao parar para amarrar os cadarços das botas, que teimavam soltar.

(Minha mente viajava; bastava-me ter usado outros sapatos e tudo poderia ser evitado).

Em alguma outra parte do mundo o eclipse total do Sol seria observado por populares exatamente naquele instante, através de pedaços de chapas de raios-X e de cacos de vidro esfumados.

Pedro parou ao reparar que um corredor lateral muito estreito e que dava num paredão, fulgurava verde, de forma muito intensa.

(Minha mente viajava; luz de qualquer outra cor teria me atraído da mesma forma?).

Gritou por Marisa, Gaguinho e pelos outros. Apertou-se por entre as paredes de pedra úmida e pôde observar melhor a fonte de toda

⇒

conto
do lado de fora
rUbEm CaBrAl

aquela luz, um objeto ovóide com talvez dois metros de altura por um de largura que ondulava, flutuando no ar. Tinha aspecto orgânico, como se fosse uma água-viva fosforescente. "Gelatina elétrica de limão e LSD", fora um pensamento que surgira em nossas mentes. Havia coisas piscando lá dentro, pareciam estrelas, galáxias ou aglomerados destas.

Pedro aproximou-se com cuidado, já percebendo os passos dos companheiros lá fora. Seus olhos podiam agora notar mais detalhes; a coisa pulsava e dentro dela objetos explodiam e implodiam sem parar. Como incontáveis *Big Bangs* e *Big Crunches*...

Foi então que tudo aconteceu, ele aproximou-se demais e foi absorvido para dentro do que confirmaria depois se tratar do famoso portal.

Dentro da coisa, ícones brilhantes

flutuaram diante de seus olhos. Tentou sair, mas não conseguiu. A esmolecou nas figuras que pareciam com símbolos maias que ele vira uma vez numa revista da National Geographic.

(Instruções erradas! Você instruiu a máquina erroneamente!)

O objeto desapareceu no ar, desabou sob si mesmo - matéria normal não pode viajar acima da velocidade da luz, lembrei-me - mas táquions podem. De alguma forma o artefato me *traduziu* e me inseriu, dimensões acima de nossa realidade, no *exverso*. Talvez depois me reencarnando como matéria ou energia escura nos ciclos subsequentes de dezessete minutos e treze segundos. Neste universo.

Mas nada, nada poderia me preparar para o que vi então. Somente neste momento notei que o Pedro continuava lá, caído de joelhos no solo molhado da caverna, pálido de

susto, quando finalmente foi alcançado pelos amigos e pela esposa.

— Minha nossa! Vo-vocês não vão acreditar no que eu vi!

Isso, isso não fazia sentido! Eu, eu transitara em velocidade superlumínica, num fluxo que me pareceu durar eras, revolvendo meu âmago, destruindo-me, reconstruindo-me. Eu observara incontáveis universos piscando, distantes, nascendo e morrendo, bolhas efêmeras da espuma primordial, *do lado de fora*. Então estou na linha de tempo correta?! Em minha linha do tempo! Se não fui eu, quem foi? Quem sou eu?

Ou melhor: o que sou eu?

E então, talvez para me fazer calar, mais uma vez minha janela temporal se cerrou.



Rubem Cabral, nascido na cidade do Rio de Janeiro, atua como Engenheiro de Software. Por volta de 2008, iniciou-se no mundo literário, participando de várias antologias já publicadas. Em 2010 foi premiado em 1º lugar na categoria "conto" no Concurso Literário Raízes, em Genebra, com o texto "Noites Brancas". Em 2011 foi um dos selecionados para a prestigiosa antologia anual "FC do B" (Tarja Editorial), com o conto "Nanovidas". Em 2012, foi selecionado para a antologia "Erótica Fantástica" (Editora Draco), com o conto "A Dança de Shiva". Foi organizador da Antologia "!", da Caligo Editora, que incluiu seus contos "Véspera de Natal em Páscoa" e "A morte e a re-morte de Natasha Moskovskaya". Os contos "As dores de cada um" e "Lições" foram respectivamente publicados na revista digital "A Taverna" (1 e 3). É autor da compilação de contos fantásticos "A Linha Tênu". Organizou a antologia de contos inspirados na Bíblia "Os Livros Apócrifos".

Contato: rudam@msn.com



com O que SoNham Os CaVaLoS?

__B,r,U,n,O;b,U,e,N,O__



COM O QUE SONHAM OS CAVALOS?

BRUNO BUENO



PRÊMIO TÁQUION FC
Primeiro colocado
edição abril de 2024

Eles eram infinitos. Campos verdes, sob um céu estranho, azul mas estranho, que parecia engolir todos os sonhos e desejos. Seu coração estava disparado. Não em pânico, não com medo ou ansiedade, mas cheio de vida, como um tambor que tocava a exata música para a qual ele foi feito.

O despertador tocou. Nem todo dia ele sonhava com os campos verdes, apenas nos melhores. Nos outros dias, mais cinzas e menos vivos, ele nem lembrava dos sonhos.

Ele se levantou, se arrumou para o trabalho e perdeu qualquer resquício de paz que o sonho havia trazido no exato momento em que saiu do prédio, adentrando a rua movimentada. Era um prédio bonito, seu apartamento nem tão apertado ficava no vigésimo quinto, mais alto do que parecia natural.

A cidade o engoliu sem cerimônias. Um ano morando ali e ele não tinha se acostumado. Era possível se acostumar? A psicóloga dizia que sim, que era uma fase de adaptação, mas ele desconfiava que, no máximo, ele ganharia complacência.

A rua longa era enclausurada entre duas paredes de concreto e vidro. Os prédios se estendiam até o céu, fazendo do azul, quase cinza, uma vista rara. No nível do chão havia um mar de gente. Todos os dias tinha um mar de gente. Felipe se esquivou dos pedestres apressados, respirando mais

forte. Será que aquilo um dia parecia normal?

Dois blocos depois, um grupo distribuía panfletos, e Felipe pegou um por reflexo. Metros rua abaixo, outro grupo gritava com os transeuntes. Uma grande placa, pintada de forma tosca, trazia os dizeres “vão para casa aberrações!” em vermelho vivo. O homem que empunhava a placa vestia uma blusa com um homem vitruviano desenhado. Felipe se encolheu dentro do casaco e seguiu.

Ele passou ao lado de uma imensa tela que projetava cores luminosas. Elas incomodavam seus olhos. A tela disparava uma propaganda sem sentido, vendendo algum produto para o qual ele não tinha uso. Alguém tinha uso para aquilo? Azul, verde, amarelo, vermelho, cores juntas ou em sucessão, que faziam com que ele sentisse náusea.

Debaixo do pedestal que suportava a tela, um rapazinho magro, talvez com doze ou treze anos, vendia frutas. Não eram feias demais, nem bonitas demais. Só frutas.

Felipe agachou e pegou uma laranja. Ele cheirou a casca. Era um cheiro limpo, intenso e isso o distraiu das sensações ruins que ele tinha na rua lotada, daquele odor de gasolina, gente e restos.

— Quanto é?

— Eu só vendo a dúzia, moço.

Ele pagou pela dúzia, mas não quis levá-la. Colocou no bolso a fru-

ta, de forma desajeitada, não sem antes cheira-la novamente. Ela tinha um efeito calmante nele, justo antes de enfrentar as partes mais difíceis do seu dia.

O metrô era um inferno. Não parecia natural entrar embaixo da terra, algo no seu íntimo disparava um sinal de alerta. As pessoas iam se amontando para entrar naquele espaço fechado, para depois serem disparados como uma bala que voava nos trilhos.

Desconhecidos iam se encostando, sem cerimônia, se espremendo, se tocando. Os pêlos do seu pescoço se eriçavam, e ele repetiu mentalmente uma frase que sua terapeuta sempre dizia: “o ser humano é gregário por natureza”.

Com os olhos fechados, ele voltou aos campos verdes, ignorando o vai e vem do metrô. Ele se distraiu e não viu quando seu destino chegou, empacando a saída.

— Anda, otário, se você não está com pressa eu estou!

Ele nem viu o homem que falou com ele. Era mais um, indistinto, na massa. Ele apenas seguiu e desembarcou, como parte da manada.

O prédio em que ele trabalhava era ainda maior do que onde morava. Ele respirou fundo e subiu em mais um elevador cheio.

O trabalho nem era tão ruim. Por alguma sorte do destino ele tinha uma habilidade instintiva que havia rendido a ele um cargo como consul-

⇒

tor em uma empresa. Dia após dia, ele era apresentado a propagandas extremamente coloridas e barulhentas, cheias de formas desagradáveis, ângulos e linhas. Ele apenas respondia que eram horríveis e trabalhava para que usassem cores mais brandas, mais curvas, menos barulho. O público parecia gostar.

Ele chegou na hora, atravessou várias fileiras de baias.

— Que nome idiota, “baias”.

— O que você disse, Felipe? — perguntou uma colega.

— Não é nada não, Rebeca, só estava pensando alto.

Sempre davam a ele um desconto por qualquer esquisitice. Isso era algo bom, pois ele tinha várias.

Ele logou no sistema e as imagens começaram a fluir pelo seu computador pessoal. Felipe tomou um gole de água. Era estranho, mesmo sendo a coisa mais comum no mundo à sua volta, como tudo dependia de logar em sistemas. Você não podia simplesmente andar e fazer algo, você tinha que logar e logar...

Seus pensamentos foram interrompidos quando um funcionário, um senhor de cabelos grisalhos, passou pela sua baia. Ele não lembrou o nome do homem.

— Aqui, garoto. Seu pacote. Por favor, eu preciso da sua assinatura.

Felipe pegou o envelope amarelo mostarda e passou a mão sobre a prancheta eletrônica do homem, que pegou o sinal do chip implantado no seu dedo e assinou o documento eletronicamente. Ele se lembrou de sorrir. Não era um ato consciente, mas pensado, mostrar os dentes para deixar as pessoas mais confortáveis.

— Qual é a sua idade, garoto? Você parece um pouco novo, em comparação com o resto da equipe.

— Vinte e três.

Ele estava acostumado a mentir sobre o assunto. A torrente de perguntas que vinha quando ele falava sua idade real tinha se tornado uma constante insuportável. Hoje ele falava apenas vinte e três, vinte a mais do que a realidade.

O fato de ele ter três anos de idade

normalmente assustava as pessoas.

O termo técnico, usado nas clínicas, para a sua “condição” era *Redesignamento de Espécie*. Como todo termo técnico, esse era estéril e sem intencionalidade. Os militantes pelo *redesignamento* o chamavam de Cirurgia da Liberdade. Os contrários, falavam em “Circo de Aberrações”.

Felipe tinha, de fato, morado até os três anos de idade em uma fazenda, mas não como um humano, e sim como um cavalo.

Ele nunca tinha se interessado muito pelos debates acerca do tema, talvez pela sua inclinação equina, talvez por ser um assunto que lhe causava ansiedade, mas as opiniões se dividiam.

O assunto era novo, e a primeira cirurgia tinha sido feita há pouco mais de cinco anos. Os humanos chegaram a uma ideia de que a existência humana era inerentemente superior a de todos os outros animais, e privá-los disso era discriminatório. Dessa forma, inventaram testes para descobrir que animais tinham o desejo e a capacidade de serem totalmente reconfigurados, recebendo corpos e cérebros compatíveis com homo sapiens.

Essa posição não era, nem de longe, a única. Grupos de ambientalistas anti-reconfiguração diziam que a cirurgia não trazia benefícios aos animais e outros ainda queimavam clínicas e atacavam os reconfigurados porque diziam que eles eram privilegiados e roubavam os empregos dos humanos de verdade.

Depois de cumprir parte das tarefas da manhã, responder e-mails protocolares e uma ou outra demanda da chefia, ele se levantou para pegar café. O bule, sempre se auto-enchendo, ficava no outro canto do escritório. Ele deu oi para alguns colegas, que responderam o gesto. A cada dia isso ficava mais natural.

No canto do café, ele pegou o bule, encheu sua xícara, e o devolveu. Instantaneamente ele começou a repor a bebida. Ele tomou um gole fundo. O café ajudava a lidar com aquele ambiente. A sua terapeuta tinha alertado para o excesso de estimulantes, mas a vontade era mais

forte do que ele.

Felipe aproveitou alguns momentos antes de voltar para baia, mas perto da xícara ele viu um adesivo com o homem vitruviano, o mesmo desenho que tinha visto mais cedo na camisa do manifestante. Ele arrancou o adesivo, amassou e jogou no lixo.

Bem na hora, uma de suas colegas, Rebeca, chegou para pegar café. Ela viu ele jogando o adesivo fora e suspirou.

— Nossa, Felipe, tem muitos babacas aqui. Eu sinto muito.

— Você não fez nada, Rebeca. Não é sua culpa. Tem gente babaca em todos os lugares.

— Você tem razão. Escuta, nós vamos tomar umas cervejas depois do expediente em um bar novo que abriu aqui perto, quer ir?

Ela tocou no braço dele, provocando um arrepio. O contato físico, dessa forma, ainda despertava sensações esquisitas. Era um dos efeitos da cirurgia, sua terapeuta reafirmou. Humanos se expressam muito pelo tato. Uma memória distante, de músculos fortes e pele grossa, não tão sensível, ficou no fundo de sua mente.

Ele se esforçou para responder de uma forma que não fosse constrangedora. Rebeca sempre tinha sido legal com ele, assim como a maioria dos outros colegas. Eles tinham recebido algum “treino de sensibilidade” da empresa, mas ele sentia algo de genuíno nela. Ele decidiu aceitar o convite.

Rebeca pareceu satisfeita e voltou para sua baia. Felipe suspirou. As pessoas que tinham nascido humanas tinham uma intensidade no contato social que era muito poderosa. Ele teria de se acostumar.

Antes de voltar para a baia, por reflexo, ele acabou olhando para a lixeira. O adesivo do homem vitruviano dava arrepios. Era o símbolo do grupo que havia se formado para repudiar os *reconfigurados*. Na maioria das vezes eles só faziam passeatas e xingavam, mas havia notícias de um ou outro ataque físico.

Felipe passou o resto do dia entre peças publicitárias, sempre exageradas, sempre brilhantes, sempre de-

sagradáveis. Quando o temporizador no canto da tela indicou que o expediente iria se encerrar, ele pegou suas coisas e encontrou os colegas de trabalho se reunindo para sair.

O bar era realmente perto, e a maioria deles foi a pé. Uma colega que alegou ter uma contusão esportiva pediu um carro por aplicativo e outros dois aproveitaram a carona.

O grupo se distribuiu pelas mesas de madeira, imitando um estilo de pub. A maioria ficou em uma mesa grande e outros pegaram mesas menores nas laterais. Eles chamaram Felipe para pegar um assento na mesa grande.

Eles pediram rodadas de bebida e conversaram coisas sem importância. Felipe observava, ainda sem compreender totalmente como aquela dinâmica funcionava. Ele tinha lido sobre o efeito do álcool na internet e não parecia nada bom, mas de algum modo aquilo funcionava. Era como se as pessoas precisassem de algum estímulo para serem mais interessantes. Ou, quem sabe, o estímulo fosse para julgar os outros mais interessantes.

Ele bebeu duas cervejas, brindando a conquista de uma meta de equipe, e já ficou levemente inebriado.

Rebeca sentou do seu lado, falando alguma coisa sobre filmes, séries ou algo que o valha. Felipe não via muita TV. Já tinha luz artificial demais no ambiente para ele gastar o seu tempo vendo pixels iluminados dançando em uma tela fora do expediente. Pedro, que ficava na baía de frente para a de Felipe, estava cantando fora do tom uma música que ele não conhecia. Ao ver que uma grande bandeja com petiscos variados tinha sido servida, ele correu e se sentou do outro lado de Felipe.

A bandeja tinha vários tipos de comida, mas Felipe se fixou em um prato com fatias finas de carne, escorrendo o sumo vermelho que chamavam erradamente de sangue. Ele se conteve o máximo que pode, mas o seu estômago se revoltou e ele colocou a mão na frente do rosto de forma abrupta para impedir que servissem para ele.

Toda a mesa parou por um instante. Rebeca pareceu envergonhada de

ter oferecido a comida.

— Felipe, me desculpe! Fui eu que pedi. Eu não imaginei que isso tivesse a ver com a sua “condição”.

Ele começou a organizar os pensamentos para responder, mas Pedro entrou no meio dos dois. Ele exalava cheiro de bebida.

— Que condição que nada, Rebeca. Ele só não come carne. É tão estranho assim? Não tem humanos veganos? Então! É a mesma coisa! Alguns *redesignados* reagem assim, alguns ficam com traços de sua vida antiga, outros se comportam inteiramente como humanos...

Pedro percebeu ter cometido uma gafe. Ele parecia querer engolir as palavras de volta.

— Felipe, desculpa, irmão. Eu não quis dizer que você não é humano, era só para tentar esclarecer... que droga! Desculpa, viu? Essa coisa toda é muito nova, não foi por querer.

Felipe colocou a mão no ombro do colega. Ele tinha aprendido que o contato físico relaxava as pessoas nesse tipo de situação. Ele realmente não tinha ficado ofendido, apenas queria que aquilo parasse.

— Não tem problema nenhum. Está tudo bem, eu juro. Isso é novo para todo mundo. Pense que quando você entrou na empresa eu estava correndo em um pasto e tinha quatro patas.

Brincar com o assunto normalmente ajudava a aliviar a tensão. Ou ao menos era o que ele esperava. Todos na mesa riram

— Eu vou pedir um prato sem carne para mim. Podem comer esse e não se preocupem comigo.

Na mesa do lado, um dos outros colegas, chamado Augusto, estava sentado com uma moça, que tinha sido recentemente contratada e da qual Felipe não lembrava o nome. Ele balançava a cabeça, de um lado para o outro. Algumas garrafas de cerveja estavam vazias na mesa. Ele bateu com a mão na mesa e todos olharam para ele.

— Pede uma droga de prato de grama para ele. Ou de alfafa. É isso que você come, garoto cavalo?

Pedro se levantou e apontou o

dedo para Augusto.

— Para de merda, cara! Você só está putinho porque o Felipe reprova suas peças. Quer saber, elas são feias pra caramba!

— Não se meta nisso, Pedro!

A garota que estava com Augusto na mesa se levantou, e em sequência todos se levantaram e começaram a vociferar uns com os outros. Alto, muito alto. Ela deu um empurrão nele, falando de forma séria.

— Isso não é legal, cara! Você tem de ser muito babaca para ter preconceito com *redesignados*. Isso cabe denúncia na ouvidoria.

Augusto, olhou para todos os outros, que falavam uma ou outra coisa censurando o que ele tinha feito.

— Desculpe, garoto cavalo — disse Augusto, de forma irônica — É só que eu não estou acostumado a receber ordens de alguém com quatro patas.

Algo subiu à cabeça de Felipe. Era algo quente, que ruborizava sua face. Não era uma coisa que vinha de sua vida passada, ele sabia. Era uma coisa nova, humana. Ele sentiu vontade de socar Augusto, mas se conteve. Ele bateu sua cerveja na mesa, e todos os olhares se voltaram para ele.

— Não se preocupa, Augusto, eu sei que é difícil para você saber que até um cavalo consegue ver que você é ruim no seu serviço. Mas fique tranquilo que não é a primeira vez que isso acontece. Sabia que vocês “humanos” — Felipe fez o sinal de aspas com os dedos — já tiveram um cavalo como senador? Então eu não sou o primeiro quadrúpede a conquistar mais do que você vai conseguir na sua vida toda. Em duas patas.

Todos ficaram em silêncio por alguns segundos, e depois caíram na gargalhada. Todos menos Augusto, que levantou, esbravejando.

— Vocês fiquem rindo. Um dia essas aberrações vão roubar os empregos dos seus filhos!

Ele saiu do bar para a rua, falando alto coisas para si mesmo, xingando e cambaleando.

A colega que estava sentada com Augusto chegou perto de Felipe.

⇒

— Ei, desculpa por isso. Se quiser prestar queixa eu posso ser testemunha.

Felipe fez um sinal com a mão indicando que não era preciso, e saiu do bar por outra porta, para uma área externa para onde as pessoas iam para fumar. Não havia ninguém. Ele se encostou na bancada, vendo as luzes da cidade mais abaixo. Rebeca foi até lá, momentos depois. Ela tirou um cigarro da bolsa e ofereceu para ele.

Ele negou. Tabaco era algo que ele ainda não entendia bem. Alguma coisa em sua memória o lembrava de como era ter pulmões fortes, que conseguiam absorver todo o ar do mundo. Ela fez uma cara de desgosto, como se o que ela tinha para falar tivesse gosto ruim.

— O Augusto é um babaca.

— Ele é.

— Escuta...

— Não precisa se sentir mal, Rebeca. Você não fez nada de errado. Você sempre me tratou bem, assim como a maioria do pessoal. Vocês me

receberam bem e fizeram tudo isso ficar mais fácil.

Ela deu um sorriso tímido.

— Você é muito bom nisso, sabia Felipe?

— Muito bom em que?

— Em ser humano. Tem tão pouco tempo que você está aqui e já subiu bastante no trabalho, fez amigos, se tornou... um cara legal, sabe? Tem tanta gente ruim no mundo, você está bem acima da média.

Ela fez um sinal com a mão, indicando onde ele estaria em uma escada humana. Ele sorriu, com cumplicidade.

— Rebeca, por que você faz o que você faz? Eu digo... como humana. Por que você é o que você é?

— Eu sei lá, Felipe. Eu gosto do meu trabalho, me permite ser criativa e pagar meus boletos. Eu fui promovida ano passado, as coisas vão indo bem.

— Não estou perguntando de trabalho. Todo mundo acha que eu es-

tu falando de trabalho quando eu pergunto algo assim.

— Eu não sei. Eu não penso muito nisso. Eu gosto dos fins de semana, eu tenho uma gata linda, sabia? Ela me espera todo dia quando eu chego em casa e vem se roçar em mim. Eu acho que eu quero que o meu pai tenha orgulho de mim, mesmo ele já tendo morrido. E minha mãe, ela tem esse poder de me fazer sentir menos mal quando eu faço alguma cagada.

— Eu acho que agora vou querer aquele cigarro.

Eles fumaram juntos e em silêncio, observando as luzes da cidade. Felipe deixou a leve tontura da falta de oxigênio induzida pelo tabaco chegar de mansinho enquanto a noite ia embora.

No sábado seguinte, ele acordou com o despertador despedaçando os campos verdes, infinitos, inacabáveis.

Ele checkou sua conta bancária na tela do assistente pessoal. Era uma boa soma, pois não gastava com quase nada. Suas refeições eram

⇒



Bluelela no freepik.com

basicamente vegetais, que ele comprava nos fins de semana nas feiras e os produtos de luxo que as pessoas adoravam não tinham muito atrativo para ele.

Pela janela, ele viu um pequeno traço de verde no parque do outro lado da rua. De resto, era tudo cinza.

Ele desceu para correr na pista do parque, que tinha sido recentemente revitalizada pela prefeitura. Ele correu e correu, sentindo sua pulsação subir, seus membros se enchendo daquela sensação gostosa, ao menos para ele, de exaustão. O verde das plantas, nenhuma delas nativa, contrastava com o metálico das grades e o vermelho da ciclovia. Ele tentou não pensar em nada e correu.

Seu coração era um tambor. Ele tocava, ritmado e forte. Suas pernas começaram a doer e ele correu mais rápido. Sua respiração começou a falhar e ele correu mais rápido. Ele passou um grupo de rapazes que treinava para uma competição, se sentindo como o vento. Ele correu e correu.

Por um instante ele esqueceu da pista, da corrida, da exaustão. A grama transplantada o fez lembrar dos campos verdes de sonho. Imensos, infinitos. Ele não iria parar nunca.

Seu corpo o forçou. Ele encostou em um canto, sem ar, com ânsia de vômito. Era como se ele habitasse um

estranho, uma estrutura alienígena que o odiava por ter corrido tanto. Os campos verdes desapareceram e ele só conseguia respirar a fumaça dos carros ao redor do parque. Um dos rapazes parou para ver se ele estava bem.

— Pega leve cara! Desse jeito você vai acabar se matando.

Naquela tarde ele chorou, deitado na cama, apenas consciente de parte do que sentia.

Ele assistiu televisão, coisa que raramente fazia, vendo os andamentos da política local e nacional e depois assistiu um filme que há muito queria ver. Depois, ele pegou lápis e papel, papel real, físico, analógico, e escreveu para os seus colegas de trabalho, os que ele gostava. Eles iriam entender.

No domingo ele amanheceu na porta da clínica.

— Senhor Felipe! Eu espero que esteja bem! Em que posso ajudá-lo hoje?

Ele colocou o cartão preto do banco em cima da mesa.

— Eu quero voltar.

— Me desculpe? Eu não entendi.

Ele olhou nos olhos da atendente.

— Eu quero voltar.

Ela entendeu.

Eles o fizeram passar por sessões

de aconselhamento e testes psicológicos. Alguns colegas tentaram fazê-lo mudar de ideia quando receberam cópias de sua carta. Menos Rebeca. Ela só chorou e o abraçou, um abraço no qual caberia o mundo.

No dia da cirurgia, o médico perguntou algo a ele.

— Depois do procedimento você não vai conseguir comunicar seus desejos de forma... humana. Tem alguma coisa que você queria deixar registrada?

— Eu posso ir para um lugar em que eu não veja humanos? Um lugar verde, com... outros cavalos?

— Sim. Nós temos uma reserva. É imensa. Você não vai ver nenhum humano.

Ele sorriu. E foi a última coisa genuinamente humana que fez.

O tempo perdeu o sentido. Ele despertou com o calor da manhã chegando e correu. Os campos verdes, sob um céu azul e familiar, eram tão grandes que dispersavam seus medos e angústias. Seu coração estava disparado. Não em pânico, não com medo ou ansiedade, mas cheio de vida, como um tambor que errou sua batida, mas finalmente achou a música exata para a qual ele foi feito.



Bruno Bueno é um criador de mundos compulsivo. Filho, marido e pai de contadoras de histórias.

Tem vários contos publicados em coletâneas e revistas nos gêneros de fantasia, ficção-científica e terror.

__S,a,M,a,N,t,A;g,E,r,A,l,D,i,Ni__

eU comPrEi UmA bRuXa



storyset no freepik.com

EU COMPREI UMA BRUXA

SAMANTA GERALDINI

v[04]

Ainda consigo me lembrar de cada detalhe dessa história.

Tudo começou em um dia que parecia como todos os outros. Eu acordei cedo e cavaleguei meu cavalo marrom pela única estrada que liga Penuria e Divicia. Chegando na cidade, amarrei Torrado a uma árvore e abri a porta da frente de meu pequeno bar, o Berilo Negro.

A loja estava longe de ser um dos estabelecimentos mais famosos de Divicia, mas eu recebia clientes o suficiente para pagar as contas nos últimos cinco anos, o que me deixava tranquilo e distante de pensamentos sobre um trabalho diferente, ou uma vida diferente.

Divicia era uma cidade que nunca dormia, movimentada durante o dia e barulhenta durante a noite. Sempre fora conhecida por seus habitantes boêmios, em geral jovens artistas que decidiam tentar a vida acadêmica com a ajuda monetária dos pais, mas longe das suas amarras e dos bons costumes. E desde a grande praga, que devastou todas as plantações de muitas famílias em Penuria, o povo precisou deixar o trabalho de camponês para buscar seu ganha pão na cidade, oferecendo serviços voltados a saciar os desejos e vontades dos homens de farra. Eu era um desses trabalhadores.

Naquela manhã, um rapaz delgado, trajando um casaco cor de ferrugem e botinas lustrosas, entrou na Berilo Negro. Ele caminhou até o balcão e se dirigiu a mim:

— Bom dia, meu senhor. Vou querer uma xícara de chá especial, por favor.

Sentou-se em um banco de madeira à minha frente e sorriu um sorriso jocoso, animado.

— Pra já, garoto!

Preenchi uma xícara com o famoso chá preto que acabara de preparar. Servi o garoto e me mantive parado em sua frente, observando-o.

Notando o chá fumegante, ele começou a conversar comigo. Me contou sobre absolutamente tudo em sua vida. Sobre seu nascimento, seus pais, sua criação em berço de ouro. Sobre seus sonhos, ambições e desilusões. Ele falava sem parar, umedecendo o bigode com a fumaça adocicada do chá que subia até sua face, sem ter a coragem de provar a bebida quente.

As aulas de Literatura se iniciariam daqui uma semana e o rapaz tentava aproveitar ao máximo esses dias antes de se debruçar sobre leituras e escritas obrigatórias. Ele queria aproveitar a vida noturna. Ele queria aproveitar toda a excentricidade que Divicia tinha para oferecer a um garoto na flor da idade. E ele estava admirado com uma atração em específico:

— A Rua Aurora é um mundo mágico! Acredite, senhor. Eu comprei um orc que canta Heavy Metal. E um amigo meu comprou um unicórnio que adora comer peras e cavalga na velocidade da luz. A gente tá pensando em comprar aquela diabinha... que satisfaz desejos sexuais... — os braços finos do rapaz se mexiam en-

faticamente em gestos obscenos. No rosto o mesmo sorriso de quando chegara.

— Muito interessante — exclamei, sem de fato me impressionar.

Ele encarou a xícara de chá e sorveu o líquido todo em uma só goleada. Então olhou fixamente na minha retina:

— Se você está realmente interessado, venha comigo essa noite e verá com seus próprios olhos. É mágico! Mágico! — E virou-se, deixando o bar sem pagar pela bebida.

✱

Passsei a tarde atendendo clientes dos mais variados gostos e rostos. O tempo passou lentamente e o sono já ousava me acometer. Ao pôr do sol, o rapaz retornou:

— E então? — Colocou um saco de moedas sobre o balcão, bem mais do que a quantia necessária para pagar o chá de mais cedo.

Eu estava retirando meu avental. Meus joelhos doíam e eu estava exausto, sentindo os sintomas da meia idade agirem sobre meu corpo. Mas algo me dizia para acompanhar aquele garoto em sua aventura.

— Certo, você venceu. Vamos.

Tranquei as portas da loja e montei em meu cavalo que aguardava paciente observando as frutas caídas no chão. Estendi a mão para que o garoto fizesse o mesmo:

— Oh, perdão. Eu sou o Josh. E você?

— Seth — falou, subindo desajeitadamente nas costas de Torrado.

⇒

MISSÃO aBr 2024

conto
eu comprei uma bruxa
sAmAnTa GeRaLdInI

Minha loja ficava bem ao centro da cidade. Já a Rua Aurora ficava em uma viela afastada, com ares de ilegalidade. Portanto, para chegar até lá, era preciso atravessar trilhas pelo bosque durante um bom tempo.

Meu cavalo cansou mais rapidamente que eu. Quando chegamos, ofereci um pouco de água ao animal e o amarrei em uma cerquinha para que pudesse descansar. Foi só então que olhei ao redor: havia criaturas místicas das mais diversas, enfileiradas lado a lado sobre pedestais, como ficam os produtos organizados em prateleiras. Vampiros, fadas, feiticeiros, gênios,

coisas que eu não sabia identificar. De fato, aquele era um lugar mágico, entre o bizarro e o maravilhoso.

Um homem barbudo que cheirava a bebida veio até nós, apontando as criaturas uma por uma enquanto dizia com toda a empolgação:

— Esse velho gnomo é muito inteligente e leal, e a melhor parte é que ele ocupa pouquíssimo espaço. Já aquela gostosa ali é uma súcubo, um tipo de demônio. Ah, claro, também temos esse doppelganger que pode te ajudar em diversas circunstâncias...

Isolada, alguns metros distante

dos demais “produtos” da fila, uma pálida mulher chamou minha atenção. Sua pele alva contrastava com o cabelo negro luminoso e seu olhar era tão profundo, melancólico, amargurado.

— Perdão — interrompi o vendedor, tocando em seu ombro para que me notasse. — O que você tem a me dizer sobre aquela mulher?

— Ah, está procurando por uma bruxa, é?

Eu não estava procurando por uma bruxa. Não estava procurando por nada, por ninguém. Mas aquela mulher... Era como se ela falasse comigo através de seus olhos misteriosos.

Um medo tomou meu corpo e senti que, se continuasse ali, algo de muito ruim aconteceria comigo. Virei as costas e voltei para meu cavalo, deixando Seth e o vendedor sem entender o que acontecera.

Em casa, jantei, tomei banho e rezei um rosário inteiro, mas a mulher ainda falava em minha cabeça. Dormi, e ela apareceu em meus sonhos. Acordei, e ela ainda estava em meus pensamentos.

Não sei como, mas ela havia me hipnotizado.

✱

Seth continuou frequentando a Berilo Negro diariamente, mas nunca mais conversou comigo. Ele sentava, pedia o chá preto e ficava em silêncio esperando a temperatura diminuir, para então beber tudo em uma única e longa golada. Então deixava um saco de dinheiro no balcão e saía.

Eu continuava me sentindo estranho. Desde aquele estranho dia, com aquela estranha mulher, algo havia mudado dentro de mim. Me pegava pensando nela com frequência e os sete dias seguintes passaram lentos, chatos, solitários.

Então eu decidi que chamaria Seth para irmos mais uma vez à Rua Aurora. Quando o rapaz chegou em minha loja, o chá já estava sobre o balcão e eu o olhava com uma certeza fingida que há tempos eu não tinha mais.

— Garoto!

— Ahn? — Ele me olhou assustado, mas logo colocou aquele sorriso jocoso no rosto. — Deixa eu adivi-

⇒



soepratman no freepik.com

nhar: aquela bruxa dominou seus pensamentos?

Engoli em seco, chocado.

— Bem... eu... ela... sim — ele me ofereceu um gole de seu chá, que eu tomei para não engasgar com minhas próprias palavras perdidas. — Eu penso nela todo santo dia. Não sei como, mas é como se ela estivesse dentro da minha cabeça.

— Eu sabia! Eu te falei, velho, aquele lugar é mágico!

— O que você acha de irmos lá essa noite?

— Infelizmente, minhas aulas já começaram e eu estou evitando certas... tentações. Se é que me entende — Seth se levantou, inclinando o tronco em minha direção. — Mas eu te aconselho a ir lá o mais rápido que conseguir, e reze para que a mulher não tenha sido vendida para outro alguém.

— Oh Deus. Você tem razão, garoto.

— Boa sorte, meu velho — disse ele com firmeza, para depois beber todo o chá e sair tranquilamente pela portinhola do bar.

Senti um frio na barriga que não lembrava mais como era. Aquele borbulhar no estômago dos jovens apaixonados. Estava ao mesmo tempo empolgado e com medo.

Ao final do dia, após fechar a loja, sentei-me em frente ao balcão e comecei a contar o dinheiro que tinha, considerando a ideia de comprar uma pessoa. Era uma ideia absurda. Mas e daí? Os sacos fartos de moedas que Seth deixara como pagamento todos os dias somavam mil dourados. Juntei tudo em uma única bolsa, torcendo para que fosse o suficiente para meu ato clandestino.

✱

Suspirei aliviado quando cheguei na Rua Aurora. Ela ainda estava ali. No mesmo canto de antes, com o mesmo olhar enigmático de antes. Me encarando, também como antes.

Me aproximei do vendedor barbudo, que me recebeu como quem já me esperava:

— Veio pela bruxa, né? Vem cá, amigo.

O segui, fitando de perto todas as criaturas fantásticas de seu comércio, até ficar frente a frente com a mulher. O olhar dela não tinha expressão alguma, era como uma parede cinzenta de uma casa inabitada. Ela olhou bem dentro dos meus olhos, alcançando minha alma, e eu não sabia se aquilo era um pedido de ajuda ou um aviso de morte.

Senti mariposas voando dentro do meu peito e meus pelos arrepiaram.

— Esta é a Bruxa na Lua Prateada. Eu a encontrei em uma floresta muito distante daqui, fugindo das garras de alguns seres das trevas. Ela sabe cozinhar, fazer feitiços de amor, dinheiro e morte, e também a ensinei a cantar, embora ela seja muito quieta. Não é, querida? — O homem passou as mãos peludas em seu rosto delicado, apertando o queixo fino, mas ela não esboçou nenhuma reação. — Como você pode ver, ela é uma linda e misteriosa mulher...

Acho que vergonha era a palavra que melhor me definia naquele momento. Eu não estava comprando-a para satisfazer meus desejos da carne, mas me sentia um pervertido. Eu não estava comprando-a para me servir, mas me sentia um capataz. Pra ser sincero, eu nem sequer sabia porque estava comprando-a. Eu apenas... estava fazendo. Era mais forte que eu.

— Calma aí, amigo. Você pode continuar babando nela quando fecharmos negócio, beleza? Quanto você tem pra oferecer?

— Tenho 1000 dourados — chacoalhei a bolsa de dinheiro para provar que estava cheia.

— Uau! Isso é mais que suficiente!

O homem que eu não sabia o nome tomou a bolsa da minha mão. Um sorriso de orelha a orelha delineava seu rosto, metade coberto pela barba, a outra metade pelas rugas e cicatrizes. Então ele caminhou até alguns caixotes, fazendo sinal para que o seguisse de novo.

Estendeu um papel e uma caneta de pena em minha direção:

— Você só precisa assinar esse contrato.

Talvez tenha sido irresponsável da minha parte, mas eu assinei o con-

trato sem ler todas as cláusulas. Ora, quem nunca fez isso que atire uma pedra.

Eu dei uma olhada rápida no documento, falava algo sobre a guarda permanente da criatura comprada e que tudo que acontecesse a partir de então seria por minha conta e risco. Me pareceu justo, numa medida de justiça certamente criada pelos homens e não por Deus, mas que fazia muito sentido para mim naquele momento.

O homem desamarrou a bruxa do pedestal e entregou a corda que prendia seus pulsos para mim, como quem passa as rédeas de um cavalo a um amigo.

— É toda sua.

— Obrigado — eu disse meio sem jeito.

No mesmo instante, minha visão ficou turva e, em questão de segundos, já não havia mais vendedor nem uma vitrine de criaturas à venda. Havia apenas eu, a bruxa e uma multidão alheia, indiferente.

Caminhamos lado a lado até a árvore onde eu deixara meu cavalo Torrado.

Silêncio completo.

Ela acariciou o cavalo e montou sem precisar de ajuda, como se já tivessem alguma amizade. Fiz o mesmo, tomando as rédeas, e assim seguimos o caminho para casa.

Não sabia o que pensar e muito menos o que dizer, então permaneci em silêncio, sofrendo por dentro com minha ansiedade.

Minha casa era um humilde casebre de tijolos vermelhos nas montanhas de Penuria. Havia uma saleta que servia de cozinha e área de descanso, um banheiro mal cheiroso aos fundos e um cômodo com uma cama pequena e algumas roupas espalhadas que eu chamava de quarto. Eu não tinha muito, mas o suficiente para um homem sem família e sem sonhos.

— Você pode ficar com meu quarto. É pequeno, mas te dará privacidade. Posso trazer os crucifixos da parede para cá...

A bruxa estendeu os braços pra mim, ainda amarrados por uma corda

⇒

grossa que caía sobre seus pés. Por que eu não havia feito isso antes?

Soltei as amarras, pedindo perdão, mas ela pouco me deu ouvidos. Lavou as mãos com um pouco de água e sabão e então sentou-se numa cadeira no canto da sala, fitando o completo nada à sua frente, num eterno silêncio.

Me aproximei, conseguindo ver as feridas em sua pele. Havia sangue seco e vergões arroxeados. Doía só de olhar.

Nos mantivemos em silêncio por alguns minutos, até que ela deixou escapar:

— Esse lugar é melhor que a rua, pelo menos...

Foi a primeira vez que a ouvi. Era uma voz etérea, suave, mas penetrante. Como se ela falasse direto para meu coração, não para meus ouvidos.

— Eu não sei o que você quer comigo, mas espero que...

— Não, não — interrompi, tentando explicar a situação. — Eu não quero nada. Você é livre para viver sua vida como quiser. Talvez possamos ser amigos e ajudar um ao outro, ou apenas viver juntos para evitar o vazio de viver como uma pessoa pobre e solitária. Nós podemos... ser confiantes. Ou então... Ah, esqueça. Me desculpa, eu não deveria ter...

A cada palavra que eu dizia, era um choque de realidade. O que eu havia feito? Eu me sentia um monstro que Deus jamais perdoaria.

Parei de falar e sentei ao seu lado, acompanhando-a no ato de admirar o vazio à nossa frente.

— Eu não sei o que você quer comigo, mas espero que tome cuidado.

— Ahn?! — Olhei para ela e pela primeira vez seus olhos pareciam calmos, embora ainda perdidos.

— Meu nome é Helena. E o seu?

— Sou Josh. E eu tô realmente envergonhado disso tudo. Helena, eu não quero nada de você. Você pode ir se quiser.

— Acho que podemos tentar ser amigos.

✱

Depois daquele dia, minha vida nunca mais foi a mesma.

Comecei a dormir na sala e ela no quarto. Todos os crucifixos, imagens e artigos da minha religião foram retirados de lá, pois ela se sentia incomodada com os “olhos vigilantes daqueles que me querem na fogueira”.

Por outro lado, ela começou a preparar as refeições em casa. E era muito boa nisso! Percebendo esse gosto pela culinária, a ensinei minha receita do chá preto e ela tentou me ensinar a fazer tortas de cereja, mas eu era péssimo nisso. Sem demora, ela assumiu o cargo de cozinheira na Berilo Negro, que passou a receber mais e mais clientes vindos de todos os cantos.

Ela era uma contratada da loja, por isso, eu pagava semanalmente por seu caprichoso trabalho. Parte desse dinheiro nem chegava em suas mãos, sendo usado para ajudar nas contas da casa. Ainda assim, sempre sobravam algumas moedas, que ela guardava eu algum lugar que eu nunca soube onde era.

Pouco a pouco, nos tornamos amigos. Suas feridas se curaram e ela passou a sorrir mais. Um sorriso leve, gentil.

Helena era muito bonita. Muito bonita mesmo. Em outras circunstâncias, eu tomaria a iniciativa de cortá-la, de fazê-la minha mulher, mas eu lutava para me afastar desses pensamentos. Apesar de amigos, ela tinha sua intimidade reservada e eu tinha a minha também. Nós vivíamos juntos, trabalhávamos juntos e, às vezes, conversávamos sobre algum assunto trivial, como novas possibilidades de receitas ou sobre as plantações do nosso jardim. E nada mais.

Por vezes, íamos ao centro da cidade comprar vestidos. Ela tinha diversas opções de preto, e nenhuma cor mais. Também comprávamos botas, presilhas e cremes de cabelo, ou joias, quando o dinheiro dava.

Todos que nos viam julgavam-nos um lindo casal. Me parabenizavam por ser um homem de muita sorte e sempre elogiavam a beleza de Helena. Ela apenas sorria e eu agradecia. Ao povo, à Helena, a Deus, a todos os santos. Agradecia por ter ela bem e feliz, e por ainda estar vivo.

“Eu não sei o que você quer comi-

go, mas espero que tome cuidado.” A frase ressoava em meu íntimo e sempre fazia as mariposas se avivarem no coração. Em um pedacinho de mim, existia um medo profundo do que isso pudesse significar.

E por isso eu tomava todo o cuidado do mundo e a tratava gentilmente, assim como ela fazia comigo e com todos os outros, com alguma exceção.

Os jovens acadêmicos, em sua maioria, eram muito mal educados e depravados, especialmente quando o assunto era uma mulher denominada “bruxa”. Por vezes, a chamavam de filha do diabo e faziam piadas de péssimo gosto. Por outras, fetichizavam seu corpo e seus dons, tratando-a como um objeto de desejo. Ah, nesses momentos toda a gentileza ruía de sua face e seus olhos enegreciam como vórtices prontos para te sugar e te levar ao eterno sofrimento.

Me recordo de um episódio marcante. Enquanto Helena servia café a um grupo de jovens na mesa da Berilo Negro, um dos rapazes tocou em sua mão com malícia. Ela o encarou profundamente com esses olhos negros. E só isso bastou. Quando o rapaz bebeu o primeiro gole de sua bebida, começou a gritar loucamente, balançando os braços e pedindo socorro. Ele nunca mais apareceu na cidade.

Naquele dia, mais tarde, ela me confidenciou com empolgação na voz:

— Eu estava na dúvida entre queimar sua língua e transformá-lo em um sapo.

Para minha segurança, eu não perguntei mais nada.

Seth frequentava a loja diariamente, como um ritual. Depois da adição das tortas de cereja em nosso cardápio, ele logo encontrou uma solução perfeita para esperar o chá esfriar.

Numa manhã, enquanto comia uma fatia do doce, ele provocou:

— Meu velho, você é frouxo assim mesmo?

— É o quê? — O encarei com os olhos cerrados.

— Ela é tão gatinha, duvido que você nunca tentou nada com ela.

⇒

conto
eu comprei uma bruxa
sAmAnTa GeRaLdInI

Helena estava próxima de nós, tenho certeza que pôde ouvir a conversa.

— Cala a boca, seu adolescente pervertido. Nós somos amigos. Você não tem amigas, não?

— Ah, eu tenho muitas amigas... íntimas — e, mais uma vez, aquele sorriso de quem aproveita a vida sem limites nem preocupações.

Algumas encaradas depois, ele continuou a conversa:

— Mas falando sério: ela é uma bruxa! Você deveria usar seus poderes para melhorar de vida. O que ela sabe fazer? Parar o tempo? Fazer uma poção de juventude eterna? Trazer os mortos à vida?

— Ela sabe ser uma boa pessoa e uma boa amiga. E também sabe cozinhar essa deliciosa torta que você deveria estar comendo em vez de falar besteira.

Ele calou a boca e comeu. Helena o encarava com aqueles olhos negros de ódio.

No dia seguinte, Seth não apareceu na loja.

— Ele deve ter ficado resfriado ou algo assim, fique tranquilo, Josh — Helena me acalmou. Eu estava temeroso por meu amigo.

Para meu alívio, no outro dia após aquele, lá estava o garoto, tão vivo quanto nunca, lamentando por ter sido acometido por um resfriado sú-

bito que o manteve o dia todo acamado.

A vida seguia bem. Com mais clientes na loja, ficou mais fácil pagar as contas depois de alguns meses. Nosso jardim também floresceu. Graças aos seus dons de feitiçaria, não havia praga que pudesse nos importunar.

Helena também tinha uma conexão forte com Torrado. Ela passava horas ao lado dele, cantando e escovando seus pelos. Quase todas as noites ela montava no cavalo e saía em direção à floresta, com a desculpa de que iria apreciar a lua.

Nós dois éramos apenas amigos e eu seguia evitando qualquer envolvi-

⇒



perfil do freepik.com

mento romântico com ela, mas por algum motivo esses passeios à noite começaram a me encher de ciúme.

Certa noite, decidi segui-la. Andei, acompanhando os rastros de ferradura deixados pelo caminho, até me aproximar de uma clareira. Era uma noite não muito escura e havia muitas estrelas no céu, então tenho plena certeza do que vi: Helena estava completamente despida, os longos cabelos caídos nos seios e a luz da lua a iluminar suas curvas.

Com um graveto, ela demarcava um símbolo no chão e proferia palavras em um idioma que eu não conhecia. Uma voz grave a acompanhava, repetindo as mesmas palavras. Não havia mais ninguém ali, além dela e do cavalo. Essa voz era dele?

Como um cavalo pode falar? Seria aquilo alguma espécie de magia? Então este era o significado de “apreciar a lua” na linguagem das bruxas?

Voltei para casa imediatamente, a mente inquieta e o coração palpitando de medo.

Horas depois, ela retornou para casa e entrou no quarto. Eu observava quieto, fingindo dormir para não piorar o desconforto dentro de mim.

Pela manhã, fomos juntos para a cidade e cuidamos dos afazeres na Berilo Negro.

E os outros dias seguiram da mesma maneira.

Nunca falamos sobre o assunto e com o tempo comecei a aceitar a ideia com mais tranquilidade.

“Uma bruxa impura”, alguns diariam. No entanto, pelo que eu poderia acusá-la? Não havia nada de errado, nojento ou demoníaco em Helena. Talvez um jeito diferente de se conectar com a natureza, mas que mal aquilo poderia fazer a alguém?

Helena seguia sendo gentil com quase todos, exceto aqueles que a destrataavam. Esses sempre acabavam sendo surpreendidos por alguma feitiçaria e nunca mais apareciam. Alguns boatos começaram a se espalhar pela cidade, e ela exalava um misto de admiração e temor.

Eu sempre a respeitei. A via como uma mulher incrível, de personalidade forte. Acreditava que enfim ela se

sentia ela mesma, livre dos traumas de outrora.

O fato de eu tê-la comprado sempre foi um fantasma que não tivemos coragem de espantar do meio da sala. Eu não sabia se ela me odiava por isso, ou se era grata.

O que eu sabia era que Helena trouxera alegria e sentido para minha vida ordinária. Eu a amava como amiga, como alguém da minha família. Ela cuidava de mim e me tratava com carinho. Ela era a melhor pessoa que eu havia conhecido em minha vida. E apesar de nunca falarmos muito sobre nós mesmos, eu sempre dei meu melhor pra continuarmos vivendo bem.

Aos poucos, porém, senti que ela se afastava de mim. Até que chegou o dia.

Era uma madrugada fria e a lua redonda preenchia um bom pedaço do céu. Helena havia saído em direção à floresta há cerca de 5 horas e eu já me preocupava com sua demora. Foi quando Torrado apareceu em trotos largos, sem ninguém nas costas. Em sua sela havia uma carta, uma bolsa com moedas e um frasco com um líquido vermelho.

Desesperado, cavaleguei até a floresta à procura de minha amiga. Ela não estava na clareira, nem em nenhum lugar ao redor. Tive medo de encarar a mata no meio da noite, então decidi procurá-la na Berilo Negro. Também não havia ninguém lá.

As ruas da cidade estavam silenciosas, desertas.

Ao longe, comecei a ouvir sapos coachando. O som se alastrou mais e mais e os animais começaram a aparecer daqui e dali, até preencherem toda a minha visão. Pulavam sobre os bancos da praça, escapavam das janelas das casas e vinham até mim. Parecia uma cena bizarra de um filme de terror.

Torrado e eu trotamos de volta para casa antes que os sapos pudessem nos perseguir. Fechei a porta e sentei-me no chão, as costas segurando a tábua de madeira para que nada passasse por ali.

Lembrei-me da carta de Helena e criei coragem para ler.

“Querido Josh,

Durante minha vida, eu vi de tudo. Pessoas cruéis que mentem, abusam e matam por absolutamente nada. Mas, é claro, eu que sou a bruxa, então eu que mereço ser colocada em um pedestal com as mãos atadas. Eu que mereço ser queimada em praça pública.

Você tenta ser diferente, mas o mundo não deixa. Não é?

Eu vejo como você me olha e como se contém. Eu vejo como você me observa e não sabe o que pensar sobre mim. Eu vejo como você me ama e como você me teme.

E eu agradeço por sua amizade, mas meu lugar não é ao seu lado.

Tentei me adequar numa tentativa vã. Todas as noites a lua me chama, sempre foi assim, há tantos anos que perdi as contas. Eu decidi segui-la dessa vez.

Junto dessa carta, pedi para que Torrado lhe entregasse outras duas coisas.

A primeira delas é uma bolsa com 1000 dourados. Estou pagando pela minha liberdade e este é o preço que você definiu para mim quando me comprou naquela maldita praça. Gos-taria de dizer que não te odeio por isso, mas seria mentira.

Também há um frasco com um líquido vermelho. Este é o segredo para a torta de cereja ser tão viciante. Bebendo a poção em excesso, você se transforma em sapo. Foi o que fiz com seus amigos, espero que ainda não tenha visto o resultado.

Me desculpa por isso. Eles não me olhavam com os mesmos olhos que você.

Espero que entenda.

E mais uma vez, obrigada por ser meu amigo.

Que a lua sempre o guie e proteja, seja qual for sua decisão.

Adeus,
Helena”

Lágrimas escaparam dos meus
=>



conto
eu comprei uma bruxa
sAmAnTa GeRaLdInI

olhos.

Eu deveria esperar por isso? Será que lhe faltei com cuidado?

Eram tantas perguntas. E uma só resposta.

Sozinho, sem clientes, amigos ou alguma outra razão para continuar vivo, eu abri a porta de casa uma última vez, caminhando para o belo

jardim que reconstruímos.

Dei um beijo em meu querido cavalo e chorei de saudade dele. Talvez ele soubesse voltar para Helena para seguir ao lado dela, então fiz uma prece para que isso acontecesse.

Chorei ainda mais de saudade de Helena. Ela fez o que tinha que fazer e eu não a culpava, então pedi para

que Deus não a punisse mais.

Abri o frasco de veneno e bebi tudo em uma única golada, me lembrando de como Seth fazia com o re- vigorante chá preto todos os dias.

Rezei, enfim, para que isso fosse o suficiente para pegar pelo meu pecado.



Samanta Geraldini tem 27 anos, é paulista, empreendedora e inquieta. É designer de jogos, mas sempre teve inclinação pela escrita, escrevendo fantasia, ficção e terror desde muito nova. Algumas de suas publicações são os contos “Cheyenna”, na antologia gótica Sabbath Bloody Sabbath, e “Browntown ou Sobre as Histórias de Ouro da Cidade Banco”, na antologia faroeste A História Por Trás do Oeste.



__m,A,u,R,í,C,i,O;r;B;c,A,m,P,o,S__

**oLhOs QuE nãO VeEm,
PaSsAdo QuE nãO EXISTE**

OLHOS QUE NÃO VEEM, PASSADO QUE NÃO EXISTE

MAURÍCIO R. B. CAMPOS



PRÊMIO TÁQUION FC
Segundo colocado
edição abril de 2024

Lídia Oliver socava a porta e apertava a campainha do apartamento de Eric Ochoa às cinco da manhã. Ele colocou a cara sonolenta pela fresta da porta após um momento e ela entrou, empurrando-o:

— Preciso de sua ajuda, gato.

— É de madrugada, você acordou o prédio inteiro! — reclamou, abrindo os braços — o que é tão urgente que não podia esperar eu tomar meu café da manhã?

Ela se aproximou e baixou o tom de voz:

— Preciso que me ajude a ter acesso a um corpo no IML de Guaratinguetá.

— Espere, senta aí e me conta essa história direito, enquanto preparo um café para nós.

Ao invés de se sentar ela o seguiu, como uma sombra, para a cozinha americana:

— Meu amigo Vic Cube foi encontrado morto pela polícia. Dizem que houve uma denúncia anônima, a acusação dele ser um chefe de uma organização de pedofilia internacional. Acabo de voltar de lá, estive na casa dele: reviraram tudo, desmontaram lustres, espelhos de tomadas, quebraram paredes em busca de cofres secretos, mexeram na caixa d'água, bacia da privada, levaram todos os equipamentos eletrônicos e fizeram um pente fino em tudo, da forma que

eu faria se estivesse procurando alguma coisa.

Eric fitou-a, desconfiado:

— E de onde você conhece esse Vic?

— Não interessa — Ela se esquivou, passando o olhar sobre os livros de mistério na estante que tomava uma parede.

— Lógico que interessa.

— Ele é da mesma comunidade hacker que eu.

— Outro anarquista?

— É! E por isso é automaticamente culpado de qualquer merda que colocarem em sua conta?

Eles se olharam em silêncio. Havia uma leve névoa de desconfiança no olhar dele, que foi gradualmente sendo tomada pelo ardor do desejo, o mesmo desde a primeira vez que ele pousou os olhos sobre ela, com uma energia ígnea que um dia seria captada por algum equipamento de sintonia fina extradimensional. Aquele tesão que ele dirigia a ela era magnético. Talvez tivesse sido esse magnetismo que a trouxera até ali. O suspiro gorgolejante da cafeteira interrompeu aqueles momentos idílicos, o último gole caindo na jarra de vidro com um naco de vapor.

De que adiantaria todo aquele magnetismo se ela não pudesse ter o que necessitava dele quando precisasse?

— Armaram para o seu amigo? — ele perguntou, tentando encontrar um caminho por onde pudesse iniciar.

— Eu acredito que sim, ele deve ter descoberto alguma coisa cabeluda e deram um jeito de suicidá-lo, utilizando a pedofilia como um pretexto para revirar a casa toda em busca de qualquer bit de informação que ele possa ter armazenado.

— Ele era só seu amigo, ou era um amigo assim como eu?

— Nós éramos só amigos. Eu nunca dei pra ele, se é isso que você quer saber.

Eric encheu duas xícaras de café e entregou uma para ela.

— E por que você precisa do corpo dele no necrotério? Ele engoliu alguma coisa?

Ela tomou um gole e mexeu no celular sem responder. Eric esperou pacientemente, já estava se acostumando com aquele jeito dela, cheio de teatralidades. Quando ela o fitou novamente ergueu a mão esquerda, e ele viu no dorso de sua delicada mão um ponto de luz roxa piscando. Não havia nenhuma cicatriz:

— Eu tenho um chip NFC do tamanho de um grão de arroz implantado aqui. NFC é a sigla para *Near Field Communication*, Comunicação por Campo de Proximidade. Eu acredito que o Vic Cube também tinha um desses e preciso estar próximo dele para acessar os arquivos que ele sal-

⇒

olhos que não veem, passado que não existe

mAuRíCiO r B cAmPoS

vou ali.

Eric passou as mãos carinhosamente pelos cabelos dela:

— E não vai estar tudo criptografado, vocês não são paranoicos por segurança da informação?

Ela depositou a xícara de café vazia no balcão e passou as mãos pelo corpo dele:

— Talvez ele quisesse que eu tivesse acesso a essa informação, se tudo o mais desse errado.

— Então por que simplesmente não te mandou isso por e-mail, ou alguma parada criptografada?

— Se ele estivesse desconfiado de que estava sendo rastreado não enviaria os arquivos para lugar nenhum, nem mesmo para a nuvem, mas guardaria isso em um lugar seguro offline. Longe da nuvem e dos sinais de *wi-fi*.

— Ok, só que eu não tenho as chaves do IML de Guaratinguetá. Aliás, do IML de lugar nenhum, não sou um detetive da polícia, meu trampo é *freelance*.

— Até parece que, em suas investigações, você não conhece meios de conseguir esse tipo de coisa — ela desafiou.

— Quando surge algo que precisa de um acesso de mais alto nível eu aciono a empresa para quem presto serviço. Eles têm todos os contatos,

eu não passo de um peão.

— Peça a eles, então.

— Pedir para eles se meterem em um caso de um hacker envolvido em uma rede internacional de pedofilia, e ainda *pró-bono*? — ele balançou os braços.

Ela recuou dois passos e ares de tempestade cruzaram sua face, renunciando raios e trovões.

— Tá, valeu pelo café! — ela se virou e ia sair pisando duro quando ele correu e a segurou pelo braço, dizendo que ia ajudar como pudesse. Avisou que ia custar caro pagar cafezinho para todo mundo que estivesse entre ela e o homem no IML.

✱

As nuvens dançavam no céu azul do interior de São Paulo. Era agosto e o vento castigava a vegetação que crescia às margens do Rio Paraíba do Sul. As árvores finas e retorcidas, típicas da mata atlântica, eram de um verde claro quase branco, as folhas formavam um degradê do verde escuro quase musgo perto do chão até um verde bem claro no alto das copas. O rio que dava nome a toda a região seguia lentamente naquele ponto, suas águas verde oliva quase tão opacas que mal refletiam a luz solar. Enquanto Eric dirigia o carro na avenida marginal, Lídia Oliver, codinome hacker Nix, fitava aquela paisagem

tão diferente dos cenários de seu dia a dia.

— Que tipo de dados você acha que vai encontrar nesse chip? — o investigador particular quebrou um longo silêncio.

Ela tirou os pés do painel. Suspirou.

— Pode ser qualquer coisa. Nós metemos nosso nariz em tudo que farejamos ter alguma oportunidade ou irregularidade. Mas, com certeza, algo pelo qual alguém mataria para manter o segredo seguro.

— Você tem certeza de que quer descobrir o que tem nessa caixa de Pandora?

Ela o fitou por um momento, perguntando-se como alguém poderia não querer saber o que seria tão sério a ponto de levar a uma queima de arquivo claramente efetuada sob a tutela da polícia:

— Tá com medo?

— Não, só preocupado com você. Estamos chegando, vou preparar o terreno antes dele deixar você entrar. Guarde no carro.

O sedã preto encostou junto ao meio-fio. Ela o observou sair e seguir para o IML do outro lado da rua. A construção era simples, cheia de grades amarelas, como uma mercearia em Tijuana ou Ciudad Juárez; no

⇒

alto apenas três letras indicavam que aquele não era um bom destino. Não havia ninguém nos arredores, era um lugar bem silencioso. Ela desceu o vidro da janela e pôde ouvir o marulhar das águas do rio. Um som relaxante e suave penetrou o ambiente. Observando as águas ela se lembrava de seu amigo da *dark web*, de suas aventuras juntos e do que aprenderam em diversas ações que promoviam contra o governo e quebrando a segurança de empresas. O nome real dele era Marvin Rodrigues. Sua mãe lhe dera esse nome por causa da versão da música gravada pelos Titãs. Mas ele gostava mais do Marvin dos Looney Tunes, o alienígena de Marte sem rosto. Era o seu avatar em diversos fóruns, embora seu codinome hacker fosse Vic Cube.

Um movimento chamou-lhe a atenção de volta ao IML e ela viu Eric correndo em sua direção. Ele abriu a porta e, entrando no carro, deu a partida e arrancou:

— Já levaram o corpo, está na funerária Pax Unidas para cremação. Me dê as coordenadas de como chegar lá — pediu.

Ela pegou o celular e digitou freneticamente na tela, até conseguir as coordenadas em um programa de instruções de direção:

— Siga em frente, passe o Sesc e continue. Será que conseguimos chegar lá antes de cremarem ele?

— Não sei.

— Se ele for cremado, ferrou!

Ele pisou no acelerador. Seguiram pela avenida, passaram pelo Sesc, seguiram em direção à rotatória, onde uma estátua de garça gigante fazia uma homenagem ao rio, que ela achou de gosto um tanto quanto duvidoso.

— É entrando ali à direita, mas é tudo contramão, faça o retorno no final dessa rotatória esquisita.

Ele contornou e entrou na Rua José Bonifácio. Andaram alguns quarteirões adentrando o bairro, a rua era estreita e praticamente comercial.

— Ali, em frente àquela barbearia Mr. Jones, encoste — ela indicou.

Pararam o carro e desceram apressados. Seguiram para a entrada da

funerária e atravessaram as portas de vidro, adentrando o *lobby*. Na parede, um painel de madeira tomava todo o espaço, com o desenho de uma pomba estilizada, chanfrada, em uma malha de metal. Numa mesa lateral uma recepcionista conferia os últimos eventos em sua rede social, totalmente alheia ao ambiente ao seu redor.

Eric tirou um cartão de sua maleta e o colocou sobre a mesa, arrastando-o até embaixo do celular. Em letras garrafais estava escrito: AUGUSTO DUPIN – POLÍCIA JUDICIÁRIA. Abaixo, um número de telefone e o endereço do Fórum da Barra Funda.

Com a voz impostada, ele se apresentou:

— Polícia Judiciária; esta é a minha colega, Dra. Virgínia Eliza, médica legista. Recebemos uma nova informação sobre o corpo que veio para cremação, do Sr. Vic Cube...

— Marvin Rodrigues — corrigiu.

— Isso, Marvin Rodrigues, codinome *terrorista* Vic Cube — colocou ênfase em “terrorista” para amedrontar mais ainda a garota, que já estava lívida. — Recebemos informações de que poderíamos encontrar pistas do paradeiro de uma garotinha desaparecida em uma tatuagem na mão do suspeito. Esse detalhe passou despercebido pelo meu colega investigador, mas viemos para consertar esse erro.

Uma voz sem qualquer timbre de intimidação surgiu atrás deles. Quando se viraram, um sujeito grandalhão, vestindo um jaleco branco, os olhava ameaçadoramente:

— O rapaz não tem nenhuma tatuagem na mão.

Lídia gelou. Sua mente trabalhou em uma desculpa numa fração de segundos, e desapareceu:

— É uma tatuagem invisível especial, que só se revela com o software e a iluminação adequadas.

— Nos leve até o corpo dele, não temos tempo a perder — Eric seguiu em direção à porta que dava acesso ao interior da funerária. — Dessa tatuagem depende a vida de uma garotinha, filha de um policial.

Com essa última informação, de

que a garotinha era filha de um policial, o halterofilista de jaleco mudou de expressão, sensibilizado. Então os conduziu por alguns corredores, até uma sala onde um forno crematório rugia com as potentes descargas de gás sendo incendiadas, as labaredas brilhando através de uma janelinha. No salão, corpos repousavam em macas de inox, cobertos por lençóis. A hacker procurou o nome de seu amigo nas etiquetas nos pés dos mortos, sentindo um arrepio percorrer-lhe a espinha a cada polegar que ela observava, com um barbante amarrado segurando a etiqueta identificadora.

— O rapaz que vocês procuram seria o próximo — o grandalhão asseverou.

Ao encontrar o corpo de Vic ela foi até a parte superior do corpo e puxou o lençol, abaixando-o até a barriga. Ele estava muito diferente dos cadáveres que ela já vira em velórios. Seu corpo estava todo arroxeadado e repleto de estranhos hematomas pretos em formato de estrelas. A face estava com o aspecto de um zumbi do seriado *The Walking Dead*. Sentindo que alguma coisa subia do seu estômago, ela virou o rosto e pegou o celular, acionou o programa de gerenciamento do chip NFC e o aproximou da mão de seu falecido amigo, olhando para a tela como se enxergasse alguma tatuagem invisível que só poderia ser identificada com um software de última geração.

O sujeito da funerária olhava tudo aquilo com muita desconfiança:

— Vocês fiquem aqui, vou fazer uma ligação para o patrão.

Lídia ficou aliviada quando o funcionário da funerária deu as costas e os deixou a sós. Ela tentava quebrar a senha com dados de suas últimas missões juntos. Havia nomes de empresas que só ela sabia que ele havia invadido. Se ele realmente quisesse que ela soubesse o que estava naquele chip, a senha não seria um conjunto de caracteres de alta segurança, mas algo mais simples, que provavelmente só ela saberia que ele gostava. Lembrou-se de seu músico preferido e digitou o nome do DJ francês Worakls. Teria sido uma boa resposta para um oráculo, pensou.

⇒

olhos que não veem, passado que não existe

mAuRiCiO r B cAmPoS

Ganhou acesso. Olhou o interior do dispositivo NFC.

— E aí, dra. Virgínia, encontrou a pista que viemos buscar? — Eric provocou, tentando segurar o riso.

Ela guardou o celular no bolso e cobriu o cadáver com o lençol novamente:

— Vamos embora.

Saíram daquela funerária com as passadas mais rápidas que já deram em suas vidas. Quando estavam entrando no carro, o grandalhão de jaleco apareceu na porta e gritou para que esperassem.

Funcionou como uma senha para que dessem no pé o mais rápido possível. O sedã partiu cantando pneu, com Lídia com a cabeça para fora lançando um jato de vômito que respingou nos pés do grandalhão. Quando ela colocou a cabeça novamente dentro do carro, sorriu e quis saber de onde ele tirava aqueles nomes estranhos.

— Do século XIX. De qualquer modo, nossa cara está em várias câmeras da funerária e talvez de algumas lojas em volta, você acha que consegue apagar essas imagens?

— A água é molhada?

— E aí, consegui o que queria? — ele perguntou enquanto apertava uns botões na tela do GPS do carro, informando que queria as direções para voltar para casa.

— Consegui. No chip só havia um arquivo de áudio e uma imagem JPG de um robô gigante encostado nas ruínas de um prédio, cercado por árvores e vegetação densa. Vou colocar o áudio — Ela conectou seu aparelho celular ao sistema de som do carro e apertou play no software de reprodução:

“Tudo começou quando fiquei sabendo do Oumuamua, um objeto estranho que passou pelo Sistema Solar em uma trajetória altamente hiperbólica, diferente de tudo o que havia sido observado antes. Os astrofísicos afirmaram que o objeto viera de muito longe, sendo o primeiro visitante interestelar; e que mudou de trajetória e velocidade abruptamente, como nenhum corpo celeste conhecido jamais fizera. Resolvi investigar.

Comecei invadindo o banco de dados do Projeto Pan-STARRS, que descobriu o Oumuamua. Arquivos científicos e equações matemáticas aos montes não revelaram nada para mim. Investiguei então o descobridor do objeto: Robert Weyland. Quem sabe o que eu conseguiria em seu computador pessoal ou nas mensagens privadas de suas redes sociais? Parecia tudo normal nos primeiros meses após a descoberta, mas então ele foi contatado. Não havia registro disso em seus e-mails, mas encontrei o contato na sua conta do Telegram. O usuário que lhe enviou a mensagem assinava Le Chevalier de Cydonia, talvez apenas um fã de Muse, aquela banda de rock. Só que o teor das mensagens entre eles me soou estranha. Marcavam um encontro. Robert parecia nervoso. Isso acendeu uma luz vermelha. Peguei os rastros desse nome e descobri uma trilha de nomes ligados à astrofísica e ao alto escalão governamental das principais potências mundiais. Tudo conectado à famigerada Ordem dos Cavaleiros de Cydonia.

O nome é meio besta, parece saído de um romance do Dan Brown. Mas a ideia é essa mesmo, ridicularizar para desacreditar. Não foi à toa que colocaram esse nome havaiano Oumuamua no negócio. Como para dizer que quem acredita em Oumuamua acredita em qualquer coisa, até em Baba Yaga. É o modus operandi deles, lembra do que fizeram aqui mesmo, com o ET de Varginha. Virou piada nacional e afugentou qualquer discussão séria sobre o assunto.

Gostaria de poder guardar os documentos aqui, mas os terabytes de dados não cabem neste NFC. Se você está ouvindo isso é porque estou morto e terá que confiar na minha palavra. Fui deletado em uma vã tentativa de apagar o passado, o passado que tanto tentam esconder. A missão da Ordem dos Cavaleiros de Cydonia é acobertar a maior descoberta científica de todos os tempos: não estamos sós no Universo. Mas a verdade prevalecerá, de onde não se espera nada sincero virá a luz, afinal é nas trevas que as supernovas resplandecem.

Não foi fácil invadir o sistema dos

Cavaleiros, eram fortalezas digitais fortemente protegidas. Pedi ajuda. Pedi ajuda, Nix — repetiu — pedi ajuda da Red Corporation. Como um Orfeu Cibernético fui buscar um exército nas mais densas trevas. Aqueles caras da Coreia do Norte sabem arrombar uma fortaleza! O aríete deles é pica grossa! O ocidente havia excluído os vermelhos de toda sua sujeira. Eu fiquei com medo de como a família Kim iria reagir com a posse dessa informação, se eles divulgarem essa merda toda no wikileaks e mesmo assim eu tiver morrido por isso, vai ser uma ironia do caralho, que loser fate!

Bem, assumindo que essas são as memórias póstumas de Vic Cube, tudo o que havia nos discos rígidos desses Cavaleiros foi surrupiado. Está na Red Fortress, a fortaleza vermelha enterrada na montanha sagrada offline dos zipperheads. Demorou pra caralho para eu conseguir extrair informações dessa biblioteca. E o que descobri é de deixar qualquer um maluco: Jesus Crime!

Sabe aquela cabeça de Marte encontrada na região das mesas de Cydonia? Esqueça essa história de pareidolia, ela foi deixada lá como um atestado de que uma civilização havia chegado na superfície marciana. Provavelmente fizeram outros monumentos que não sobreviveram às intempéries.

Nos documentos estão comprovações da hipótese de Siluriano, que era tomada como mera especulação sobre a possibilidade de uma antiga civilização avançada ter vivido na Terra há milhões de anos atrás. Essa hipótese argumenta que, devido ao fato de que muito pouco da superfície pré-aternária da Terra está exposta, praticamente não há como encontrar nenhum vestígio da existência de civilizações mais antigas, ou, como eu já li em um livro do Conan, antediluvianas. As construções, tanto as nossas quanto as de uma civilização antiga, desaparecem em alguns poucos milhares de anos, mas não são capazes de sobreviver mais do que algo entre cinquenta e cem mil anos. Os alicerces das construções e os túneis do metrô sobreviveriam mais tempo, mas ainda assim tudo tem um prazo

⇒



de validade. A crosta terrestre é tremendamente ativa, embora nós só percebamos isso de vez em quando ao nos depararmos com a notícia de um terremoto devastador ou de uma erupção vulcânica. Mas, se pensarmos em uma escala de tempo geológica, nos damos conta que tudo o que vemos à nossa volta um dia vai afundar em direção ao manto. Nossa crosta terrestre é reciclada a cada quinhentos milhões de anos, aproximadamente. Hoje em dia, por exemplo, os únicos lugares com uma idade superior a essa são a Groenlândia e partes da Austrália. Do Louvre à Pirâmide de Gizé, tudo vai pro saco.

Bem, nem tudo desaparece, cientistas da União Soviética encontraram evidências de aproveitamento de fontes de energia geotérmicas; anomalias na composição química do sedimento, indicando que há três milhões de anos eles descobriram evidências de fertilizantes artificiais e razões isotópicas, inclusive com incidência de plutônio-244, elemento que não ocorre naturalmente fora de uma supernova.

Essa informação foi ricamente estudada pelos soviéticos, e catalogada em dossiês com informação suficiente para que qualquer geólogo

se sinta na Disneylândia. Para nós é uma maluquice total, tão técnica que se torna hermética como magia. Mas se era difícil para um leigo, imagine para os asseclas do Secretário Geral do Partido Comunista de Moscou. Esses foram os relatórios que eu utilizei, lá estava o *sweet juice of information* que eu procurava. Os cientistas tiveram que desenhar para aqueles tipos do partido comunista.

Uma civilização viveu aqui na Terra há quatro milhões de anos, venceu a barreira de nossa atmosfera e estabeleceu base em Marte, de lá partindo para fora do nosso sistema. Nix, o nível de acobertamento desses caras é obscuro, você não vai acreditar o que eles encontraram na Lua, um mapa estelar! Esculpido nas antigas rochas chamadas de anortositos, no fundo da Cratera Copérnico, uma série de esboços semelhantes àqueles que a Nasa mandou na Voyager, além de uma escrita que, por falta de melhor termo de comparação, digo para você que é cuneiforme.

Eu vi esses esquemas esculpidos na rocha, mostra que eles se estabeleceram em Marte e de lá partiram para um planeta desconhecido para nós, situado a oitenta e dois anos luz da Terra, provavelmente orbitando

em Menkalinan. Não há explicação de como eles conseguiram se dirigir para um local tão distante, nem informações sobre os meios pelos quais venceram essa distância colossal. E em um dos diagramas há um desenho que descreve a trajetória orbital de uma sonda que eles criaram, que vagueia pelo espaço coletando informações sobre os lugares pelos quais essa civilização já passou. A trajetória dessa sonda é a mesma trajetória que os cientistas do Projeto Pan-STARRS mapearam para aquele desconhecido visitante, que chamaram Oumuamua.

Nós procuramos sinais de presença alienígena na vastidão do espaço, mas a verdade não estava lá fora, nós estávamos sentados sobre ela o tempo todo. Nos sedimentos...

Nos sedimentos...

Porra! Se eu me integrar com esses "sedimentos", cuide para que, quando a verdade for revelada, ergam um monumento em minha homenagem. Mas não aqui, onde tudo é tragado para o manto, e sim no fundo da Cratera Copérnico, nas Terras Altas da Lua, pois lá repousará a minha alma, eternamente."



Maurício R B Campos é paulistano, escritor e roteirista. Seus trabalhos incluem os romances "Morte em Boulogne" e "Incompatível", o primeiro um romance policial e o segundo uma obra sobre magia do caos.

Publicou em diversas antologias de horror e literatura policial, com destaque para "Guerras Cthulhu", "King Edgar Hotel" e "Detetives S.A."

Contribuiu para a HQ "O Rei Amarelo em Quadrinhos", da Draco, onde o personagem principal de sua história é "Edgar Allan Poe"

À partir de 2024 decidiu se dedicar à ficção-científica, gênero que trabalhou marginalmente em sua produção literária.

c,A,r,L,o,S;e,D,u,A,r,D,o;K,a,N,i,A

sInGuLaRiDaDe

SINGULARIDADE

CARLOS EDUARDO KANIA

Eu sempre fui uma pessoa comum. Uma criança tímida, com poucas habilidades sociais, que gostava de ler e observar as formigas no quintal de casa.

À medida que fui crescendo, a situação não mudou muito. Não gostava de esportes, e passei a maior parte da minha adolescência na biblioteca da cidade, lendo de tudo: romances, gibis, livros técnicos... o que chamasse minha atenção de alguma forma.

Mas um dia, de uma forma ou de outra, você tem que crescer. Assumir responsabilidades. Cursei a faculdade de Biologia (os insetos de meu quintal sempre me intrigaram), então, após me formar, consegui um emprego de meio período no museu da minha cidade, como guia.

A vida era boa, eu tinha um emprego que pagava pouco, mas que supria minhas necessidades básicas: comida, livros, gibis e algum *action figure* de vez em quando.

Então, em um dia aparentemente comum, minha vida mudou completamente. Estava em todos os noticiários e portais de internet: alguém havia inventado a viagem interestelar. Com uma tecnologia relativamente simples (mas que ninguém entendia como podia funcionar), e utilizando pouca energia, em um laboratório comum de um centro de pesquisas localizado na Califórnia, EUA, cientistas haviam conseguido criar um buraco de minhoca que ligava o pequeno laboratório ao centro da Via Láctea, distante 25.640 anos-luz da Terra.

Só havia um pequeno detalhe téc-

nico: no centro da nossa galáxia existe um buraco negro supermassivo, com 4 milhões de massas solares, chamado Sagittarius A*. E a outra ponta do buraco de minhoca terminava exatamente no horizonte de eventos desse colossal ralo cósmico.

O horizonte de eventos é a fronteira existente ao redor do buraco negro da qual nada escapa. Nem a luz pode ultrapassar esse limite ao ser aprisionada. Assim, qualquer coisa que atravessasse essa fronteira jamais será vista novamente.

Os cientistas enviaram tudo que se pudesse imaginar pelo portal estelar (foi assim que o buraco de minhoca passou a ser conhecido): primeiro enviaram sondas e equipamentos eletrônicos de todo tipo, mas nenhum bit de dado jamais retornou. Depois começaram a enviar todos os elementos da tabela periódica na forma de minerais, líquidos e gases, obtendo o mesmo resultado negativo.

Então passaram a enviar matéria orgânica. De início foram placas de petri com fungos e bactérias. Depois, plantas briófitas, pteridófitas, plantas com flores, plantas com frutos. Também nada aconteceu.

O próximo passo lógico foi enviar representantes do reino animal. Primeiro insetos, depois aracnídeos, moluscos, peixes, aves, e enfim mamíferos. Só não despacharam algo maior que um tigre por uma simples limitação de tamanho do portal.

Assim, depois de tudo fracassar, você já pode imaginar qual animal foi o candidato da vez. Sim, o bom e

velho *Homo sapiens*. Mas aí a história se complica, por causa da ética e tudo mais. Não se pode simplesmente enviar um ser humano para o outro lado da galáxia para ter todos os seus átomos esmagados. Mesmo que seja por uma boa causa.

Bom, é aí que eu entro na história. Para se contornar qualquer entrave ético e jurídico, decidiram fazer um concurso mundial para escolher o primeiro ser humano a alcançar as estrelas. Ou pelo menos tentar.

Não havia muitos pré-requisitos para concorrer à vaga... basicamente, o indivíduo deveria ter a saúde em dia e não ter esposa ou filhos.

Assim, após fazer a inscrição, recebi um extenso questionário, além de uma prova de conhecimentos básicos e raciocínio lógico para responder. Fiz tudo sem pretensão alguma. Ser um dos 100 escolhidos para a próxima fase era quase tão difícil quanto ganhar na loteria.

Acontece que esse era o meu dia de sorte (ou não). Fui selecionado e recebi uma passagem (somente de ida) para o centro de treinamento da NASA em Houston, Texas, Estados Unidos.

Essa nova fase do "concurso", que já correspondia ao treinamento em si, era muito mais difícil. Você não precisaria ser nenhum super homem, mas não deveria ter nenhuma doença, nenhuma limitação física, além de ser criativo, saber resolver problemas... esse tipo de coisa.

Esse período de treinamento durou 18 meses e, dos 100 escolhidos,

⇒

restaram apenas 10. Inacreditavelmente eu estava incluído nesse pequeno grupo.

Havia 4 homens e 6 mulheres. Curiosamente, as mulheres eram todas japonesas. Dos homens, eu era o único representante das Américas. Os outros eram do Quênia, China e Suécia.

Não posso falar mais nada sobre meus colegas de treinamento simplesmente porque não sabia mais nada sobre eles. Contato íntimo ou conversas sem relação com os testes eram proibidas, sob pena de desclassificação. Parece que testar o quanto suportaríamos a solidão fazia parte do programa. Foi um bom *insight*, mas que no fim não fez muita diferença...ninguém poderia estar preparado para o que estava por vir.

Bem, como já podem imaginar, fiquei em primeiro lugar. Sinceramente não sei como, nem porquê. Estou longe de ser um gênio, ou de ser atlético, ou popular... sempre me considereei uma pessoa mediana, em todos os aspectos possíveis.

Agora, pensando bem, talvez fosse exatamente isso que estavam procurando: alguém na média, que representasse a raça humana como um todo... ou seja, o mais medíocre dos seres humanos. Uma salva de palmas para mim.

Então chegou o grande dia. Deram-me um traje espacial bem bacana da NASA, e uma mochila com um kit de sobrevivência para alguns dias (que piada). Só isso. Sequer tentaram construir algum tipo de veículo. A viagem era somente de ida para um maldito buraco negro, lembra? Que máquina poderia suportar tamanha gravidade?

Acho que no fundo eles estavam esperando que alguma coisa inusitada acontecesse. Algo inimaginável que de alguma forma me protegesse e me fizesse retornar em segurança.

Bem, algo inusitado aconteceu, mas não do jeito que eles esperavam.

O portal estelar parecia uma porta comum, cuja superfície lembrava a superfície de um espelho. Era prateada e ondulava levemente. Não dava

para enxergar nada do outro lado.

A coisa toda durou menos de 1 minuto. Minha tentativa estava sendo transmitida para todo o planeta, pela televisão e internet. Queriam que eu falasse algumas palavras, mas, como eu já estava impaciente, simplesmente atravessei o portal estelar.

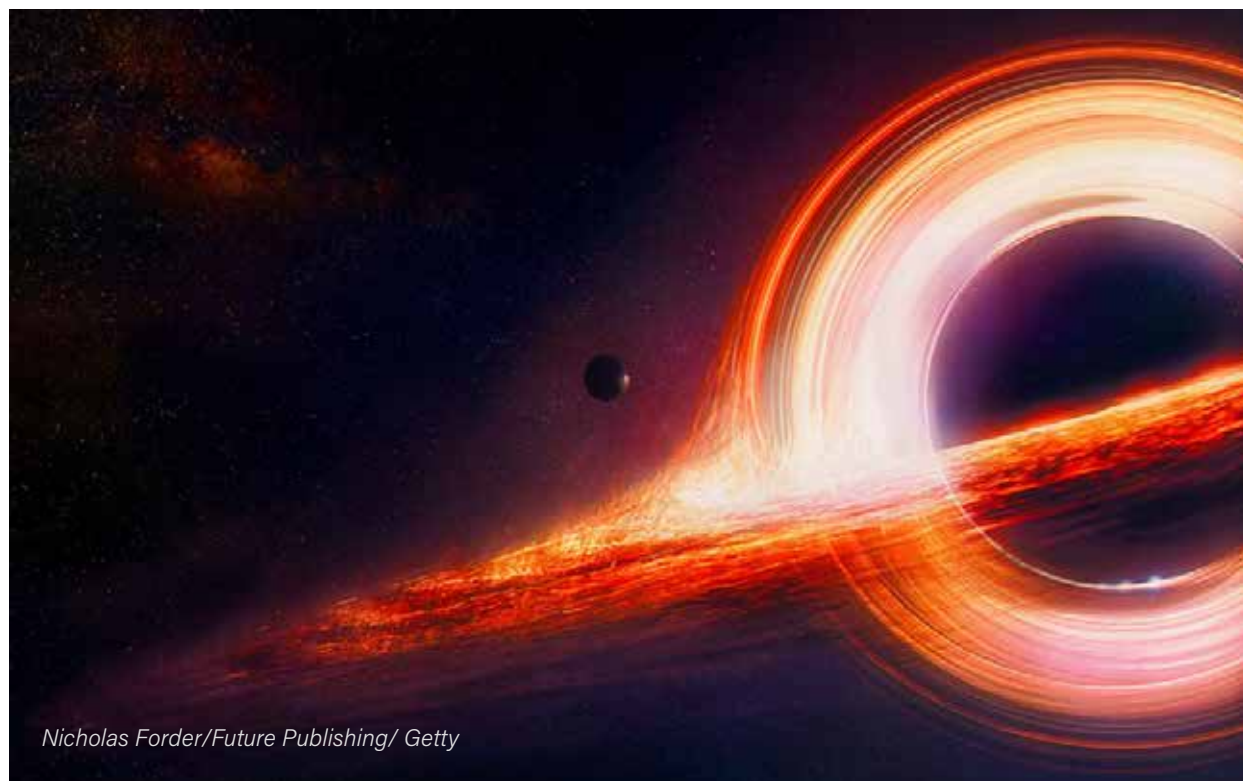
Senti um leve formigamento em todo corpo. Mas foi somente por uma fração de segundo. Depois disso, nada. Nadinha.

Não tenho uma forma melhor de explicar, sério. Após passar pelo portal estelar não senti mais nada. Nunca mais.

Aparentemente eu realmente atravessei a galáxia num piscar de olhos e estou atualmente no horizonte de eventos de Sagittarius A*. Como não tive todos os átomos do meu corpo esmagados e obliterados pelo buraco negro? Acho que isso ainda vai acontecer, é só questão de tempo (ainda bem que o tempo é relativo).

Mas sério, vou tentar explicar uma coisa sobre a minha percepção do tempo: um buraco negro representa

⇒



Nicholas Forder/Future Publishing/ Getty

o que há de mais bizarro em se tratando de distorção temporal. É o que se pode chamar de singularidade. Na superfície do buraco negro o tempo parece estar parado com relação a um observador externo. Se alguém do lado de fora do buraco conseguisse me observar, veria alguém com uniforme da NASA, provavelmente com cara de bobo, eternamente parado, congelado no tempo.

Agora, do meu ponto de vista, as coisas ficam um pouco mais interessantes. Toda a eternidade passará diante dos meus olhos no curto espaço de tempo que vou levar para chegar à superfície de Sagittarius A*.

Quantos anos se passaram até agora? Realmente não sei. Parei de contar no ano 5 bilhões. Difícil acreditar, eu sei. Mas não me importo... já vi impérios galácticos surgirem e desaparecerem umas 6 vezes. Certa vez eu juro que vi algo semelhante ao *Cthulhu* passando nas redondezas.

Agora está tudo bem quieto. A entropia finalmente está vencendo.

A maioria das estrelas já se apagou e eu realmente não sei o que acontecerá quando meu querido Sagit-

tarius A* também se evaporar. Será que chegarei à sua superfície e serei esmagado antes disso acontecer? Quem sabe...

Mas, sinceramente, creio que, quando esse dia fatídico finalmente chegar, irei simplesmente deixar de existir, como todo o resto do universo.

Se alguém (ou alguma coisa) ainda existisse, poderia me perguntar como não fiquei insano após passar éons sozinho somente com minha consciência.

Veja, não sei exatamente como exprimir em palavras, mas de alguma forma eu estou isolado do fluxo da existência. Tudo o que me resta fazer é contemplar a natureza efêmera da vida humana. Eu já viajei através de todas as minhas memórias congeladas, revisitando momentos preciosos que agora se estendem indefinidamente.

No silêncio atemporal, a solidão tornou-se minha companheira constante, uma testemunha silenciosa de minha condição peculiar.

Enquanto o universo ao meu redor evoluiu e aos poucos começou a mor-

rer, fui mergulhando cada vez mais fundo em reflexões sobre a essência da humanidade e a fragilidade das conexões humanas.

Se ainda existisse alguém para me ver e ouvir, eu lhe diria essas palavras:

— Esse é um universo quase infinito e, em sua maior parte, vazio. Vencendo todas as probabilidades possíveis, aqui está você, um ser vivo e pensante. Os átomos do seu corpo foram forjados no interior de estrelas moribundas, há bilhões de anos. Em outras palavras, você foi a forma que o universo encontrou de contemplar a si mesmo, mesmo que por um breve momento. Então... simplesmente faça valer a pena. Não se importe com o que os outros vão pensar. Faça o que você quiser, e seja o que você quiser.

Profundo, não? Gosto de pensar que esse tempinho comigo mesmo me fez amadurecer.

Bem, vou ficando por aqui, não tenho muito mais a dizer. Espero que me ouvir não tenha sido um desperdício de tempo. Tenha uma boa vida, e aproveite bem.



Carlos Eduardo Kania tem 43 anos e mora em Foz do Iguaçu/PR. É servidor público, formado em Ciência Biológicas pela UFPR e Direito pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas. Desde muito cedo se apaixonou pela leitura, principalmente pela fantasia e ficção científica.

M,a,R,c,E,l,O;l,U,i,Z;d,l,a,S

dOuToR mEtEoRo



DOUTOR METEORO

MARCELO LUIZ DIAS



PRÊMIO TÁQUION FC
Terceiro colocado
edição abril de 2024

Nas sextas-feiras, as aulas de física do professor Marcelo são as últimas da parte da manhã. Depois que o sinal toca, é comum alguns alunos ainda ficarem de papo na sala antes de irem para casa.

Marcelo está prestes a sair, quando João e Pedro, dois dos seus alunos do último ano do ensino médio, o interrompem.

— Professor, tem um vidente maluco na internet dizendo que tem um meteoro gigante vindo na direção da Terra neste instante, e que vai chegar aqui em três semanas, isso pode ser verdade?

— Bem, mesmo que fosse, não seria nenhum problema — Responde o professor — quando o meteoro chegasse aqui, a Terra não estaria mais aqui.

Os alunos parecem confusos.

Deixem-me explicar.

Marcelo vai ao quadro-negro e desenha uma bola do tamanho de sua mão em seu centro.

— Imaginem que isso é o Sol.

Depois faz um pequeno ponto no quadro, afastado mais de um metro do "sol".

— Isso é a terra.

Então ele faz a maior elipse que pode, partindo da "terra" e com o "sol" mais ou menos no meio.

— Essa seria a órbita da terra girando ao redor do sol. Até aí tudo bem?

— Sim.

— A terra não está parada no es-

paço. Ela está se movendo a cento e sete mil quilômetros por hora. Isso é cerca de quinze vezes mais rápido que o avião mais veloz do mundo.

— Uau!

— Então se o meteoro estiver vindo para cá nesse instante, em 3 semanas a terra já terá se afastado do ponto por onde vai passar, deixa eu calcular... mais de 57 milhões de quilômetros.

— Isso tudo?

— É, em astronomia, os tamanhos e distâncias são absurdos. Por exemplo, sabem aquelas bolas enormes usadas em fisioterapia? Se a Terra fosse do tamanho de uma bola de gude, o Sol seria do tamanho de uma dessas bolas.

— Não parece tanto...

— Ah, mais a distância entre a Terra e o Sol é! Imaginem que a bola de fisioterapia está no centro do estádio do Maracanã. A Terra seria uma bola de gude girando ao redor do estádio inteiro!

Os alunos ficam impressionados.

— Agora me digam, qual a chance de você jogar outra bola de gude na direção do Maracanã de olhos fechados, sem saber onde está a primeira bola, e acertar justamente a bola de gude da Terra?

— Quase nenhuma! — Afirma João.

— Mas professor, se a chance é tão mínima assim, como é que vários meteoros já acertaram a Terra?

— Porque existem trilhões de me-

teoros pequeninos no sistema solar. Existem hipóteses que o campo gravitacional da Terra pode capturar pequenos meteoros há dez milhões de quilômetros do nosso planeta. Nossa pequena bolinha de gude poderia atrair partículas de poeira a sete metros dela.

— Então ele pode capturar os meteoros grandes também? — Pedro pergunta meio apreensivo.

— Não, primeiro porque os grandes são extremamente raros. Depois eles teriam uma massa muito grande, e o campo gravitacional vai enfraquecendo conforme se afasta do planeta, não teria força para puxá-los.

— Então não tem chance de um meteoro grande atingir a terra?

— Ter, sempre tem. Mas é infinitesimal. Os dinossauros deram um azar do caramba. Lembram das aulas de Trigonometria? Imaginem o meteoro aí do maluco da internet. Um meteoro pode se mover até setenta quilômetros por segundo. Para chegar aqui em três semanas, ele estaria a mais ou menos... — Ele faz as contas — 127 milhões de quilômetros da Terra.

— Coisa pacas.

— Mesmo que a terra ficasse parada, para acertar a Terra ele teria que estar em um ângulo incrivelmente exato. Um desvio de um único milésimo de grau em qualquer direção e ele erraria a terra por mais de cem mil quilômetros.

Os alunos ficam impressionados.

— Mas a Terra não está parada,

⇒

então o meteoro teria que ter a distância e a velocidade exatas para a Terra estar na mesma posição que ele quando passasse por sua órbita. Um quilômetro por segundo a menos e ele passaria pela órbita da Terra quinhentas horas depois que ela já saiu daquela posição.

— Então tudo aquilo que falam de meteoros nos filmes... — Pedro fala

— É tudo mentira, fantasia, ficção... Outro dia eu fui começar a ver um desses filmes. Um astrônomo em um pequeno laboratório via um meteoro através de um telescópio simples, fazia os cálculos sem explicar como ele sabia a posição, velocidade, trajetória, e demais dados do meteoro e concluía que ele iria se chocar com a Terra dali a seis meses. Caramba, em seis meses, a Terra vai estar do outro lado do sol!

Os garotos riem.

— Até dá para imaginar um cenário em que daria para ver um meteoro que se chocasse com a terra em seis meses, mas seriam precisas tantas coincidências tão absurdamente exatas que, perto delas, ganhar na Megasena um milhão de vezes seguidas seria fácil.

— Quem dera ganhar uma vez só — diz João.

— Vocês assistem *Rick & Morty*? Tem um episódio em que os meteoros são criaturas vivas, malvadas e batem nos planetas de propósito. Para atingir a terra nessas condições, só sendo assim.

— Ah, eu vi esse — Pedro afirma sorrindo.

— Outra coisa que me irrita muito nesses filmes. Os meteoros sempre vêm de cima.

— Ué, de onde mais eles viriam?

— Dali, por exemplo — Marcelo aponta para o chão. — São meio-dia agora. Isso quer dizer que o nosso lado do planeta está virado para o Sol, a parte central do sistema solar. Poderia ter um meteoro do tamanho da Lua prestes a bater na Terra pelo lado do Japão e nós sequer o veríamos.

— É mesmo — Diz João.

— Nunca tinha pensado nisso — acrescenta Pedro.

— Valeu, prof! — João bate no braço de Pedro — Vamos nessa.

Ao saírem, os alunos passam por Renato, professor de português e amigo de Marcelo, que espera na porta.

— Uau, bela explicação, se eu já não tivesse a ouvido umas CEM VEZES, ficaria impressionado — ironiza Renato.

— Ah, você sabe que eu me empolgo com esse assunto.

— Vamos, o pessoal está te esperando para almoçar.

O resto do dia é normal. Marcelo passa um fim de semana bem tranquilo, vendo séries, lendo e descansando bastante...

Bem cedo na segunda, ele vai para a sua padaria favorita tomar seu café da manhã antes de ir para o trabalho, como ele sempre faz.

— É ele...

— Não, acho que é só parecido...

— Não, é ele sim...

Marcelo ouve as vozes de um casal de adolescentes, vindo da mesa ao lado, mas continua tomando seu café tranquilamente.

— Com licença, senhor... — A voz da garota parece se dirigir a ele. Marcelo olha sem entender para o casal que agora está de pé ao seu lado — O senhor é o Dr. Meteoro?

— Quem? Nem conheço essa pessoa.

— Viu — diz o rapaz — eu falei que não era ele.

— Calma — responde a garota para o rapaz. Ela pega o celular — Não é o senhor nesse vídeo?

A moça mostra o celular para Marcelo. Um vídeo no YouTube chamado "Dr. Meteoro". Uma gravação da explicação que ele deu na sexta-feira para Pedro e João.

Um dos outros alunos que ficou na sala de papo furado deve ter filmado a conversa sem ele perceber.

— Você tem razão, sou eu, mas eu nem sabia que estava sendo gravado!

Marcelo olha o nome de quem postou o vídeo. Daniel! Um dos seus alunos mais irresponsáveis! Ele devia saber.

— Isso é uma falta de respeito! Eu não autorizei ninguém a me gravar! Vou entrar em contato com o YouTube e exigir que retirem esse vídeo.

O casal se entreolha

— Aí, Tio, acho que é tarde demais... — a garota aponta para uma parte da tela.

— OITO MILHÕES DE VISUALIZAÇÕES? — Marcelo fala bastante espantado.

— É porque você falou umas paradas sinistras, Tio.

— Tudo o que eu falei é pura ciência, absolutamente correto.

Os adolescentes se seguram um pouco, mas começam a rir.

— Dá uma sacada nos comentários...

Marcelo faz o que a garota sugere. Alguns comentários falam bem, mas outros...

"O cara tá dizendo que os meteoros vêm do chão, que idiota kkk"

"Ele disse que é impossível meteoros atingirem a terra, como alguém assim pode ser professor? Isso me revolta"

"Ele disse que acertar na Megasena é fácil!"

Marcelo está pasmo

— Meu Deus, distorceram tudo o que eu falei! Como eu denuncie este vídeo?

O rapaz mostra o procedimento para Marcelo, mas acrescenta:

— Vai ter que fazer repetir isso muitas vezes!

— Como assim? — Marcelo pergunta desorientado.

— Coloca aí "Mad Meteor Man" na pesquisa.

Marcelo obedece. Aparece o mesmo vídeo, só que com legendas em inglês.

— Não acredito, mais 6 milhões de visualizações! O Daniel legendou em inglês?

— Pode não ter sido ele, o pessoal tem macete para baixar vídeo do Youtube, alterar, cortar, botar legenda e postar de novo — Diz a garota. — Pelo que sei, também legendaram em francês e espanhol.

Mas só faz dois dias...

— Ih, o pessoal na hora da zoeira é rápido, Tio.

— Ah, coloca aí “meteoros são seres vivos” — diz o rapaz, rindo.

Marcelo digita. É uma pequena parte cortada do vídeo onde ele diz “os meteoros são criaturas vivas, malvadas e batem nos planetas de propósito.”, acompanhada de centenas de piadas o ridicularizando, ofensas e questionamentos de sua sanidade.

— Tiraram do contexto de propósito... o pessoal não tem limite nenhum...

— Tem as montagens também — o rapaz mostra para Marcelo um vídeo com ele falando que é quase impossível um meteoro grande atingir a terra, quando um meteoro de computação gráfica destrói o local.

— Vou ter que denunciar isso tudo... — ele diz apavorado.

— Já era, tio. Os vídeos já tão rolando nas redes sociais, mandados por zap, Telegram, tem mais volta não.

— Obrigado por me avisarem — Marcelo devolve o celular para a menina, tão desnordeado que esquece até de pagar a conta ao sair da padaria.

Ele pega um Uber para o trabalho, como sempre faz. Em um sinal fechado, o motorista se vira para ele.

— Ei, você não é o Dr. Meteoro, o cara que diz que meteoros não existem?

— Eu nunca disse isso! — Marcelo responde espantado.

O motorista mostra outro vídeo para ele, “Professor diz que meteoros não existem”. O vídeo está editado. Ele mostra Pedro falando “Então tudo aquilo que falam de meteoros”, corta a parte que o rapaz diz “nos filmes...” e pula direto para Marcelo falando “É tudo mentira, fantasia, ficção...”

— Esse vídeo foi editado! — Ele diz para o motorista.

— Ah, bom — O motorista parece acreditar. — Logo vi que ninguém seria tão burro assim.

Marcelo está desolado. Parece até um complô contra ele.

Ele tenta dar sua primeira aula do

dia, mas começa a ouvir cochichos, piadinhas e risos sempre que ele vira de costas.

A primeira vez que ele pergunta se alguém tem alguma dúvida, vários alunos levantam a mão. Todas as perguntas são sobre os vídeos do Dr. Meteoro.

Na próxima aula, ele já entra na sala dizendo que qualquer um que falasse qualquer coisa sobre meteoros seria mandado para a sala do Diretor.

No intervalo, alguns colegas tentam levantar seu ânimo, mas ele está bem perturbado com essa exposição.

Duas alunas que Marcelo não conhece pedem permissão para entrar na sala dos professores e falar com ele.

— Professor, somos do jornal da escola, queremos ouvir a sua versão sobre esses vídeos.

“Um raio de esperança!” — ele pensa.

— Meu nome é Maria — uma delas diz — como o senhor começou a desenvolver a conspiração dos meteoros?

— O que? — Ele diz, sem acreditar.

— Sua teoria de que os meteoros são invenções dos governos mundiais para disfarçar o pouso de naves extraterrestres!

Marcelo nem consegue responder, completamente pasmo.

— O senhor acha que existe o perigo de uma invasão? — Joana, a outra “repórter”, pergunta.

— O senhor já sofreu algum atentado contra sua vida? — Maria questiona.

Renato acaba com a entrevista e pede que as garotas se retirem da sala. Maria ainda insinua que Renato faz parte da conspiração antes de sair.

— Renato, que loucura! Em poucas horas minha vida inteira virou de cabeça para baixo. Agora até “Teórico da conspiração” eu sou!

— Calma, Marcelo. Essas coisas de internet são de momento. Daqui a uns dois dias aparece outro assunto e todos esquecem de você.



Duas semanas depois, Marcelo

está em casa, à noite, de cueca e camiseta, repetindo as palavras de Renato com sarcasmo, enquanto termina a quarta garrafa de cerveja.

A vida dele desmoronou por completo.

“Sinto muito, Marcelo, mas os pais estão reclamando. Não podemos ter um teórico da conspiração em nosso corpo docente.” — Ele diz, repetindo com raiva as palavras do diretor do colégio antes de demiti-lo semana passada. Não quiseram nem que ele cumprisse aviso prévio.

Programas de entrevistas, Blogs digitais, Canais do Youtube, ele recebe convites todos os dias para falar da “conspiração dos meteoros”, geralmente endereçados ao Dr. Meteoro. Marcelo nem os responde.

Mas o que mais o irrita são os seus “apoiadores”! Pessoas postando textos e vídeos na internet defendendo as ideias que ele nunca proferiu! Internautas argumentando das formas mais imbecis possíveis que os meteoros não existem, ou que os meteoros são seres vivos, ou da teoria dos meteoros serem disfarces para naves espaciais.

Centenas de teóricos da conspiração de todo o mundo começaram a entrar em contato com ele nas redes, para lhe dar apoio e trocar opiniões, cada um com uma ideia mais louca que o outro.

E é claro que os Haters não deixaram de marcar presença. Marcelo apagou sua conta de e-mail e todos os seus perfis das redes sociais.

Ele nem está procurando mais emprego como professor. Ninguém vai querer contratar o Dr. Meteoro. Quando as verbas rescisórias, suas economias e o auxílio desemprego acabarem, ele nem sabe o que vai fazer.

Ele vira a quinta garrafa de cerveja e adormece no sofá, com a televisão ligada.

Quando abre os olhos, ele se depara com um teto de metal com um par de lâmpadas fluorescentes, e um leve zumbido de um ar-condicionado.

Marcelo se levanta assustado. Ele está com roupas diferentes, de estilo militar, em um pequeno quarto de

doutor meteoro
mArCeLo LuZ DiAs

paredes metálicas, com uma cama de campanha, e uma câmara o vigiando do teto. Ele está limpo e de barba feita.

— Onde estou? Exijo saber onde estou!

Por mais que Marcelo grite para a câmara ou bata na porta, ninguém o responde. Vários minutos se passam, até que finalmente ele ouve o barulho da porta destrancando.

Para surpresa de Marcelo, é seu amigo Renato que entra na sala.

— Calma Marcelo. Você está seguro.

— Renato? Onde estamos?

— Fernando de Noronha. É onde fica a principal base da brasileira da *Höllentore*.

— Hole o que?

— *Höllentore*. Significa “portões do inferno” em alemão. É uma organização fundada pela Igreja Católica em 1046. Na época o papa era alemão, daí o nome.

— Não me interessa... — Marcelo tenta levantar-se e quase cai. Renato o segura.

— Calma aí, amigo, te demos um sedativo forte para te trazer aqui.

— Estou bem agora. Começa a falar.

— Temos agentes da *Höllentore* infiltrados nas principais instituições de ensino médio do mundo, com a

intenção de recrutar os jovens mais brilhantes para nossa organização, tão logo se formam, mas antes de entrar para a faculdade. Preferimos instruí-los aqui.

— Você é um desses recrutadores.

— Certo. Venha, vamos andando — Renato fala com calma — Marcelo, você é adepto da teoria do Big-Bang. O universo existe há treze bilhões de anos, certo?

— Sim.

— Você disse que existem trilhões de meteoros no sistema solar, mas eles são gradativamente atraídos para o Sol. Só na terra caem cerca de dezessete mil meteoros por ano, sem contar os que atingem outros planetas ou evaporam no Sol.

— Certo, e daí?

— Durante bilhões de anos, com essa taxa de queda, por que os meteoros nunca acabam?

Marcelo até cessa de andar.

— Nunca tinha pensado nisso!

— Marcelo, os verdadeiros meteoros acabaram há bilhões de anos. O que cai na terra agora não são meteoros. Não sabemos exatamente o que são, de onde vêm, quem os cria, ou por quê! Mas os meteoros são artificiais. Você precisa ver para entender.

Renato passa um cartão de acesso no scanner de uma porta. Ambos entram.

É um galpão enorme com milhares de receptáculos de vidro da mais variadas formas e tamanhos. Dentro estão criaturas estranhas, bizarras, algumas até belas, outras parecendo criaturas saídas de filmes de horror, outras parecendo até humanas, com poucas diferenças visíveis.

— Meteoros são uma espécie de semeadores artificiais de formas de vida, Marcelo. Destas formas.

— Impossível.

— É a mais pura verdade. Nossa sorte é que essa “semeadura” não é ordenada. Muitos meteoros queimam na atmosfera. Grande parte dos embriões não sobrevive ao impacto da queda. Meteoros que semeariam criaturas aquáticas caem em terra, e vice-versa. Biomas errados causam sua morte. Nossa estatística é que de cada vinte e oito mil quedas, uma vingue. E é aí que a *Höllentore* entra.

— Isso é enlouquecedor.

— O que vai te enlouquecer mesmo, Marcelo, é que nós, humanos, somos uma espécie semeada. Nossos embriões vieram no “meteoro” que matou os dinossauros.

— Meu Deus!

— Centenas de outras espécies que todos achamos normais são semeadas, ornitorrincos, escorpiões e pinguins, por exemplo. Outras são terrestres originais, como vacas, cavalos e jacarés. E existiram muitas

⇒



espécies originais terrenas que foram extintas pelas sementeas, seja por ataque direto, destruição de sua fonte de alimento ou ocupação do seu bioma.

Eles caminham enquanto Renato explica.

— A *Höllentore* foi criada para caçar e destruir essas criaturas, que na época, acreditavam serem sobrenaturais, enviadas pelo demônio. Por isso nosso nome. Para eles, a organização eram os portões que mantinham as criaturas dentro do inferno.

Marcelo apenas observa.

— Durante os séculos, a organização extinguiu várias criaturas, disfarçando sua existência em lendas e mitos. Lobisomens eram uma espécie semeada, só que pareciam mais uma mistura de lobos com ursos do que com homens.

— Lobisomens?

— Com o avanço da ciência, fomos entendendo os fatos por trás da ameaça, e ficamos mais aptos a detê-la. Mas algumas vezes falhamos, principalmente no caso de organismos microbiológicos. Aids, ebola, até o coronavírus foram falhas nossas.

— Como os outros cientistas não descobrem isso?

— Ah, eles descobrem. Dezenas de cientistas descobrem todos os anos. Nós os trazemos para a Höllen-

tore, ou pagamos pelo seu silêncio. Só que às vezes temos que recorrer a ameaças, sequestros, mas não gostamos disso. E é aí que você entra, Marcelo, representando o personagem que criamos para você: O Dr. Meteoro.

— Foram vocês!

— O início sim. Paguei a João e Pedro para te instigarem, e Daniel para te filmar e postar o vídeo. Depois a própria internet cuidou do resto.

— Por que eu?

— Meu Deus, homem, você praticamente plantou a ideia na minha cabeça de tanto que você fala dos meteoros — Renato chega a erguer as mão para o céu.

— Por que você simplesmente não foi sincero desde o início? — Marcelo parece bastante ressentido.

— Eu queria, amigo, mas meus superiores acharam que assim sua reação seria mais realista.

— Vocês destruíram minha vida só para eu parecer sincero? Vocês são...

— Ouça nossa proposta — Renato o interrompe — Vamos lhe dar uma equipe completa de cientistas, profissionais de marketing, cinegrafistas, roteiristas, hackers, tudo o que você precisar. Queremos que você negue veementemente todas as ideias absurdas que lhe atribuíram.

— Negar?

— Sim, quanto mais veementemente você negar os absurdos atribuídos ao Dr. Meteoro, mais vão acreditar que você está escondendo coisas. Explique detalhadamente a ciência de tudo o que envolve o que você pensava serem meteoros. Insista constantemente que você é uma vítima de uma conspiração. Um complô de negacionistas da ciência verdadeira.

Renato sorri

— Você será um Teórico da Conspiração negando ser um Teórico da Conspiração para esconder a nossa Teoria da Conspiração.

Marcelo precisa de um instante para processar a frase.

— Você vai tornar meteoros um assunto tão chato, absurdo e controverso que se alguém esbarrar na verdade, vamos dizer que é outra teoria maluca do Dr. Meteoro, que vai negar, é claro — Renato completa.

— E por que eu ajudaria vocês?

— O salário inicial é de quarenta mil dólares por mês.

Marcelo arregala os olhos.

— Dr. Meteoro se apresentando para o serviço, senhor! — Marcelo junta os pés ao estilo militar e bate continência.



Marcelo Luiz Dias é carioca, 57 anos, Funcionário Público, batalhando para compartilhar suas criações com o mundo! Possui 17 contos publicados por diversas editoras e mais 4 em fase de publicação. Possui uma coluna de contos na Revista Digital Histórias ao Vento (<https://bit.ly/revistahav>). Gostou deste autor? Veja onde encontrar suas histórias em [@onde.conto.encontro](https://www.instagram.com/onde.conto.encontro) no Instagram.

... qUeRo VeR vOcÊ bRilHar

__j,A,n,A;b,l,a,N,c,H,i__



... QUERO VER VOCÊ BRILHAR

Tradução: Ricardo Azevedo

Revisão: Jana Bianchi

JANA BIANCHI

AUTORA CONVIDADA

O conto ... **YOUR LITTLE LIGHT**, de Jana Bianchi, foi publicado originalmente na edição 201, junho de 2023, da revista *Clarkesworld*.



Piscando em vermelho no meu painel óptico, a primeira linha do relatório de diagnóstico automático da nave espacial me atinge como um soco no estômago: POPULAÇÃO MATATLÂNTICA 2: 000001 habitante.

Não tenho muito tempo para pensar nisso, porém — quando finalmente reúno energia para me levantar, percebo duas coisas de cara: o bebê está bem, ainda chutando, e não estamos sós.

A criatura alienígena do outro lado da divisória de *smartglass* está só va-

gando pelo espaço, aparentemente sem interesse de escapar das instalações exoveterinárias — uma estranha mistura de estábulo com laboratório de ponta. Ele não se aproxima da parede translúcida, mas se detém imóvel assim que eu solto uma bufada de surpresa. Pode ser coincidência, ou talvez a criatura esteja reagindo à minha presença, como vou saber? Sou uma mera mecânica júnior cuja única função é cumprir minha cota diária de tarefas de manutenção.

Tentei me lembrar do que havia lido nos boletins informativos da equipe acadêmica, publicados quando as expedições de reconhecimento voltavam reportando notícias do universo à nossa volta. Sabia que os cientistas chamavam aquelas bestas de seisbiontes pois tinham seis pernas robustas, pouco visíveis sob o pelo nodoso e avermelhado. Também tinha ouvido dizer que não possuíam nada parecido com olhos, pois são nativos de um planeta com um lado em noite perpétua em Tau Ceti, Gliese 832 ou sei lá o quê, e desta forma se movem tamborilando o solo com as patas do meio, ouvindo e farejando o ar. Seu focinho lembra o de pequenos mamíferos voadores encontrados na Terra pré-Êxodo chamados morcegos. Contudo, o seisbionte é imenso, com pelo menos o dobro do tamanho dos bisões trazidos da Terra e criados nos estábulos dos anéis exteriores.

A criatura bufa e retoma seu passeio despreocupado. Só então, com as mãos cruzadas sobre minha barriga protuberante de trinta e oito semanas, me dou conta do quanto estou assustada. O bebê chuta, inundado

pela descarga hormonal desencadeada por um de nossos instintos mais ancestrais: o medo de predadores.

Abro meu painel mais uma vez. O mapa mostra que as medidas de contenção foram ativadas com sucesso, e tanto a criatura quanto eu acabamos presas na única parte de toda a nave onde é possível sobreviver. Um oásis improvável onde há pressurização, escudo antirradiação intacto, isolamento térmico, filtros de CO₂ funcionais e, assim espero, provisões e um exotraje. E há também gravidade, o que significa que o anel de rotação ainda está girando. De acordo com o relatório, o casco se encontra inteiro, então suspeito que os outros tenham morrido devido à repentina desaceleração e à série de falhas resultantes.

No fim, devo minha vida a um monte de coincidências: estar indo para a sala de emergência no meio da noite por causa de uma infecção urinária; me encontrar no corredor acolchoado da ala científica quando a espaçonave brecou; e ter dado a sorte de colidir com o precioso gel protetor das paredes no ângulo exato e com uma área de contato ampla o suficiente para absorver parte do impacto brutal. Caso nada disso tivesse ocorrido, eu também seria uma pilha de membros quebrados e carne moída.

O que, para ser sincera, seria um destino melhor do que o poço de merda em que me encontro no momento, principalmente depois de descobrir que a Matatlântica 1 ou 3 levariam pelo menos três meses para me alcançar, e isso se os algoritmos

⇒

dissessem que vale a pena. Não preciso simular o processo de tomada de decisão das naves para concluir que uma pessoa — ou duas, no caso — não justifica um desvio de seis meses.

Minha cabeça começa a girar com as caraminholas que vêm me assombrando já bem antes do acidente: a vida não é bela. Carregar uma criança dentro de si não traz esperança.

Cheguei à primeira conclusão quando vi minha avó sucumbir lentamente a um câncer terminal, mantida viva na enfermaria só enquanto os algoritmos da espaçonave informavam aos encarregados de saúde que seus serviços como programadora ainda valiam mais do que os recursos e medicamentos de que precisava para continuar sendo produtiva. A segunda me ocorreu assim que me vi grávida. A ideia ridícula de hospedar um organismo — cujo maior propósito na vida seria aumentar em um a contagem de algumas dezenas de milhares de humanos no universo —, no entanto, não me fez sentir nada além de pura solidão. Saber que agora carrego uma vida definitivamente não me fez mudar de ideia sobre o quão insignificante a raça humana é se comparada ao universo, como as pessoas esperavam que fosse.

Jamais ousei verbalizar essas ideias. Não aqui, em uma das três Matatlânticas, embarcações que deixaram a Terra há séculos para explorar o universo, transportando a humanidade na direção de um destino do qual ainda estamos a pelo menos cinco gerações de distância.

Mas agora posso gritar a plenos pulmões: a vida não tem sentido. Não há razão em continuar fazendo o que os nossos antepassados planejaram em uma época distante e miserável, quando não tinham ideia de como seria flutuar no vazio carregando o fardo de garantir a continuidade eterna de uma raça fadada à destruição. Agora, posso finalmente reclamar da gravidez, de terem me negado todos os métodos de esterilização e anti-concepção porque o perfil genético dos meus óvulos prometia embriões fortes, algo que os gestores de saúde me explicaram antes mesmo de eu compreender o que era fazer sexo.

Arfando, depois de desabafar, me aproximei da divisória de *smarglass* para olhar o laboratório atrás dele. O espaço se divide em duas áreas. A menor, perto da porta, contém a maior parte das bancadas de trabalho e armários. Quase todos os bens físicos estão intactos, mantidos em seus lugares por travas, suportes e outros dispositivos projetados para evitar danos a equipamentos insubstituíveis. Já os tripulantes... Meu estômago embrulha quando vejo dois corpos esmagados contra um balcão, com a coluna quebrada logo acima dos quadris de forma que as pernas estão penduradas e o torso achatado sobre a superfície. Provavelmente, exoveterinários do turno da noite.

A outra área, com três vezes o tamanho da primeira, é um espaço aberto que curiosamente não parece isolado do resto do laboratório. Fico intrigada; quando examino o chão, porém, vejo uma vala estreita que separa a zona maior em duas — uma cerca retrátil que pode ser levantada ou abaixada de acordo com a necessidade, tipo aquelas que eu costumava consertar no estábulo dos bisões.

Não vejo nenhum outro seisbionte. Correias, que parecem bem resistentes, pendem das extremidades quebradas de engrenagens metálicas presas ao teto. Presumo que esse espécime só está vivo porque se encontrava pendurado quando a nave estacou.

Espicho o pescoço, e uma onda lamentável de alívio me invade quando vejo o armário sinalizado com um coração, símbolo padrão para provisões essenciais: comida, água, cobertores, medicamentos, ferramentas, extrajes. Tudo para garantir uma sobrevivida a cidadãos aguardando resgate caso uma parte específica da espaçonave fique avariada. Preciso chegar àquele armário.

Levo horas para decidir que estou pronta para entrar no recinto. No começo, me atenho à ideia de que o seisbionte ainda não se aproximou dos cientistas mortos, o que indica desinteresse por se alimentar de cadáveres. Também considero o fato de ele não possuir presas ou qualquer outro tipo de apêndice com as quais criaturas selvagens costumam estra-

çalhar suas presas. Depois, me dou conta de como estou sendo boba: posso simplesmente acessar a holobiblioteca pública e ver se ele é inofensivo. De fato, encontro registros de interações totalmente pacíficas entre seisbiontes e exoveterinários.

Convencida de que a criatura não irá me devorar, pelo menos não de imediato, espero ela estar bem longe da porta e finalmente ponho a mão na fechadura de tela sensível ao toque cujo alarme vermelho ainda pisca desde que acordei. Por um segundo, nada acontece. Fico imaginando se as rotinas de emergência que deveriam ser automaticamente acionadas após o acidente — incluindo o cancelamento dos comandos hierárquicos para permitir acesso livre a todas as áreas seguras — entraram em pane. Em um instante, porém, uma parte do *smartglass* se desloca com um chiado inofensivo e consigo entrar no laboratório.

O seisbionte se vira para a porta, fungando. Pisa forte com as patas do meio, e estremeço quando o chão chacoalha sob meus pés. Estaria morrendo de medo em outra ocasião, mas um fedor medonho me alcança. Sangue, esterco, estábulo e ozônio. Engulo em seco e dou um passo para trás, mas o odor já invadiu a antecâmara onde eu estava. Não tenho para onde fugir.

A besta se aproxima, se balançando toda em uma marcha estranha com suas seis patonas esquisitas. Recuo até o canto estreito entre duas bancadas, mas o ser alienígena simplesmente desaba a uns quatro metros de distância de mim com um estrondo. Caio de joelhos e uma risadinha me escapa dos lábios quando percebo que ela só se deitou.

O cheiro é nauseante. Preciso fazer alguma coisa, qualquer coisa. Dou às costas ao seisbionte, o medo eclipsado pela necessidade mais imediata, e levo a mão à tela *touch* do armário. Soltando um bipe, ela se abre para mim. Com uma clareza urgente, vejo um respirador de meio rosto. Tudo em volta parece fora de foco. Agarro o EPI. O leve miasma artificial de seu interior, seguido do bloqueio imediato da maioria dos fedores, me faz voltar a mim.

⇒



Jamais pensei que, uma vez dentro do laboratório, minha prioridade seria limpar restos mortais em vez de beber ou comer — ou mesmo não ser comida. Encontro luvas de trabalho pesado e um avental de plástico, e a máscara me poupa da fedentina — junto com a condição deplorável dos corpos, ela me ajuda a fingir que estou só recolhendo montes de lixo orgânico comum. Encontro também um enorme sistema de descarga no canto da área aberta, e presumo ter sido projetado para descartar excrementos dos espécimes alienígenas mantidos aqui. Com ferramentas de aparência refinada que achei numa gaveta, corto pedaços, descarto tudo e raspo as superfícies, limpando a bancada e o chão com os desinfetantes guardados num armário estante. Durante todo o processo, tento não focar no que estou fazendo. O seisbionte parece imperturbável. Ele não tem olhos, nem movimentos aparentes do torso que indiquem sua respiração; mesmo assim, concluo que está dormindo para enganar minha mente e remover da minha lista de preocupações o risco de ser comida por um alienígena.

Horas depois, quando termino, descarto as luvas e o avental e removo a máscara. Um forte cheiro metálico e rançoso ainda paira no ar. O fedor de ozônio e estábulo não mudaram nem um pouco — e provavelmente não vão, já que com certeza vêm do seisbionte. Agora, porém, o cheiro é tolerável. Pego uma manta térmica e alguns colchões finos para gado e os arrumo entre duas bancadas de trabalho, logo abaixo do armário de suprimentos essenciais. Só então me sento e relaxo. Embora a rotação aqui não seja suficiente para fazer a gravidade atingir 1g completo, minhas pernas estão inchadas e doloridas, e me sinto exausta. Por mim, eu poderia muito bem morrer de exaustão, e não me importaria nem um pouco.

O bebê discorda veementemente, porém. Chuta como se estivesse furioso com a minha ideia de desistir de nós dois. Suspiro, gemendo ao me levantar para pegar comida no armário. Preciso checar o inventário, racionar suprimentos e pensar no que fazer em seguida. Po hora, no entanto,

como uma simples barra de proteína, depois bebo do recipiente de água potável do laboratório e me acomodo no colchão na única posição em que a barriga me permite descansar.

Minhas pálpebras pesam, mostrando que meu corpo anseia por sono. Minha mente, porém, sonha em acordar deste pesadelo.

✱

Acordo, sim, mas para um pesadelo ainda pior. Contrações dolorosas.

Fico ofegante quando todos os detalhes exasperantes da minha situação retornam de súbito: estou grávida, sozinha em uma espaçonave desolada, confinada com um alienígena, e começando meu trabalho de parto, possivelmente fatal e sem esperanças.

A doula, assim como o repetitivo material informativo (supostamente customizado) enviado todos os dias para minha caixa de entrada, diz que tenho bastante tempo entre as primeiras contrações e o parto. Minha bolsa ainda não estourou. Me sinto bem após uma noite de sono, renovada até.

Cada nova contração vem acompanhada de um gemido e um palavrão, mas não quero ficar deitada, inútil, enquanto espero pelos próximos passos. Como que conhecendo sua deixa, o seisbionte, que andava cambaleante do outro lado do laboratório, emite um ruído estranho. Não se parece com um bocejo, nem com um latido, nem com um choramingo. Decido que talvez esteja pedindo alguma coisa. Fome, talvez? Não tenho mesmo como saber. Felizmente, o banco de dados do laboratório veterinário existe para me ajudar.

Os cientistas — que o Vazio os abençoe — são obcecados em registrar tudo. Os nossos são eximamente organizados, concluo ao navegar pelos arquivos e holos. Parece que criaram um manual de proprietário caso alguém resolvesse adotar um seisbionte como bichinho de estimação.

Fico surpresa ao descobrir que eles têm uma boca sob toda aquela pelagem ruiva — mas não a usam para comer. Em vez disso, sua nutrição vem de um processo bioquímico intrigante que acontece em um pe-

queno rúmen, onde micro-organismos simbióticos metabolizam massas minerais formadas pelos resíduos de um complexo sistema de filtragem espalhado por toda a pele. Em seu habitat, a substância é gerada por outro grupo de bactérias análogas que impregnam as nuvens, despejada sobre a superfície através de chuvas constantes na zona sempre escura do planeta nativo das criaturas.

Ao menos é isso o que meu parco conhecimento em biologia me permite entender. Ainda bem que o holo resume de forma bem prática o que eu preciso realmente saber: uma vez ao dia, os exoveterinários borrifam os seisbiontes com uma solução sintética preparada de antemão. Acabo encontrando um galão enorme dela onde o holo me mostrou que estaria. De novo, que o Vazio abençoe os pesquisadores da Matatlântica 2.

Despejo um pouco do líquido dentro de um borrifador — específico para aquele uso, de acordo com um dos vários holos que vou assistindo para manter minha cabeça longe das contrações. Em seguida, ajoelho em cima de uma das bancadas para não precisar chegar muito perto do animal. Para minha decepção, ele simplesmente ignora o fato de que recebeu o nutriente. Já assisti material o suficiente para saber que seria assim mesmo — lá no fundo, porém, eu esperava que o seisbionte ronronasse ou reagisse de outra forma.

Estou limpando o borrifador quando as contrações finalmente começam a me assustar. Não só porque chegam cada vez mais dolorosas, mas também porque sinalizam que estou prestes a viver uma situação que não quero encarar.

Nunca senti tanta saudade da minha avó desde seu falecimento. Ela saberia como me acalmar, como me fazer acreditar que tudo ficaria bem mesmo sabendo que não era o caso. Também queria que Sagan estivesse aqui. Nosso relacionamento era casual, mas cheio de carinho, e minha parceria estava entusiasmada com o bebê. Me acompanhava em todas as consultas médicas, estava costurando umas roupinhas lindas e, embora eu odiasse a ideia de estar grávida desde o primeiro dia, saber que Sagan



estaria ao meu lado quando chegasse a hora do parto me deixava confiante. Nab, minha melhor amiga, também prometeu me acompanhar durante o trabalho de parto. Quando olho para o relógio, descubro que as primeiras contrações teriam acontecido durante nosso almoço semanal — caso ela não tivesse morrido súbita e horrivelmente junto com Sagan, com a cozinheira fofa da Ala 7, com a gracinha do filho de cinco anos do meu vizinho, e com todos os outros habitantes da Matatlântica 2. Meu cérebro começa um joguinho desagradável, colocando seus rostos nas imagens que tenho dos cadáveres que limpei, e balanço a cabeça a fim de espantar o devaneio antes que seja tarde demais.

Definitivamente, preciso ocupar minha mente, ou estes torturantes pensamentos sem sentido irão me puxar para baixo justo na hora em que mais preciso de todas as minhas forças. Enxugo as lágrimas e retorno ao armário.

Planejar uma rotina de raciocínio para otimizar as provisões — até porque terei que amamentar em breve — com certeza vai exigir concentração. Além disso, consumiria muito da minha energia emocional: coisa que não tenho de sobra neste momento. O jeito é encontrar algo para ocupar as mãos, então pego o capacete do fundo do armário e confiro todos os ajustes, seguindo os protocolos que encontro no folheto virtual anexo. Depois, abro a porta transparente que contém o exotraje de emergência, devidamente comprimido a vácuo e lacrado, e pressiono o botão para abrir a embalagem.

O pesado fardo de tecido inteligente se desdobra diante de mim, e na hora fica claro que, embora o traje tenha sido criado para se redimensionar e se adaptar com funcionalidade mínima aos diferentes tipos de corpos (ao menos conforme o guia digital), as proporções de uma gestante simplesmente não foram levadas em consideração. Seria ainda menos adequado para um adulto não gestante segurando um bebê, é claro, e começo a rir. Achava que as ironias já tivessem acabado, mas ainda preciso engolir mais esta: se o futuro da hu-

manidade dependesse de mim e do bebê, estaria condenado de qualquer maneira, porque nunca passou pela cabeça de ninguém que uma grávida pudesse precisar sobreviver a um desastre usando um exotraje.

A menos que soubessem que as chances de sobrevivência de alguém como eu seriam mínimas, insuficientes para se desperdiçar recursos — e é nisso que estou pensando quando minha bolsa estoura.

Procuo manter a calma e apanho tudo o que imagino que vá precisar durante e após o parto — isso se eu chegar tão longe. Muita água para ingerir e para limpeza, comida para uns dois dias, toalhas e mantas térmicas, rolos de bioplástico impermeável, um fogão portátil, o balde com tampa que tenho usado para as necessidades — cujo conteúdo planejo despejar no vaso sanitário do seisbionte mais tarde — e uma sacola com objetos cortantes que não faço ideia de como usar, mas que parecem o bastante com instrumentos médicos para me convencer que serão úteis mesmo com minha falta de destreza técnica.

Pronto. Eu não poderia estar mais preparada.



O bebê está a caminho, e é sério agora. Quando toco lá embaixo, sinto a cabeça surgindo. Droga, como queima... Tento me convencer de que devo continuar fazendo força, que já percorri um longo caminho, mas me vem um branco quando tento lembrar do que aconteceu nas últimas horas. Lembro que as coisas não mudaram tanto depois de ouvir o estalo e sentir a incrível quantidade de líquido se derramando no piso do laboratório. Foi um processo lento, mas o desenrolar já se foi da minha memória. Lembro também que o seisbionte pareceu notar que algo não estava certo, pois ergueu a cabeça sem olhos por entre a pelagem. Logo, porém, voltou a dormir — ou o que quer que fizesse quando estava deitado.

Tento pensar com clareza, mas estou prestes a desmaiar — ou melhor, prestes a morrer. Acho que é mais ou menos assim que vai tudo acabar; nem sei o que sentir direito.

Uma música começa a tocar ao fundo à medida que a escuridão toma conta da minha visão. Que cérebro engraçadinho esse, me apresentando um derradeiro concerto antes de apagar de vez. É belo e misterioso — é uma surpresa saber que minha mente, dada minha inépcia musical, seja capaz de criar algo tão lindo ao morrer. É tipo um zumbido, tão profundo que parece fazer meus ossos vibrarem, acompanhado de batidas rítmicas. Também ouço cliques e estalidos, e mais alguma coisa que não consigo definir. De alguma forma, a vibração me alivia as dores nas costas e nos quadris.

Sinto vontade de empurrar de novo, e tudo acontece ao mesmo tempo.

O bebê sai, caindo na trouxa de toalhas que arrumei sob meu corpo, chorando toda a dor de ter sido trazido com tanta brutalidade à realidade ofuscante, ruidosa e inclemente.

Minha mente se enche de clareza renovada, como se eu estivesse dentro d'água até o momento.

E enfim, noto que a música não é um presente do meu cérebro moribundo, mas sim uma música de verdade: o seisbionte está cantando para mim.

Ainda está deitado no chão, mais próximo agora, tão perto das bancadas de trabalho quanto é possível sem derrubar tudo com seu corpo imenso. Enquanto observo a criatura, um gargarejo se une à harmonia.

Fecho os olhos e desfruto da música por quase uma eternidade. Não me recordo de ter pegado o bebê, que agora se encontra acomodado contra meu peito. Finalmente, olho para ele e vejo seus dedinhos dos pés com as unhas minúsculas, a penugem escura cobrindo o cocuruto, o narizinho, os lábios rosados e perfeitos. É inacreditável pensar que ele foi todo feito dentro de mim, das batidas do coração e cada uma das finas veias até as sobrancelhas e os cílios lanosos. Eu fiz tudo isso. Meu bebê.

Sei que tenho que lhe dar um nome. Qual? Ele não vai ter a chance de ouvir um bando de crianças o chamando para brincar, nem de ouvir um parceiro sussurrar seu nome en-



quanto fazem amor na rara privacidade de uma câmara vazia esperando para ser atribuída a novos moradores. O nome escolhido, qualquer que seja ele, não vai ser gravado no Painel dos Cidadãos da Matatlântica 2, e seus netos jamais terão o prazer de descobrir que Vovô ou Vovó não é seu nome de verdade.

Quando enfim decido que não vou dar nome a este pequeno humano fadado ao total olvido, meu olhar recai sobre sua barriguinha. Me lembro de que ainda não terminamos, e sinto mais uma contração forte. Sem nem mesmo precisar empurrar, a placenta sai. Embora eu saiba o que está acontecendo, meu olhar se fixa nela, vidrado por uns bons minutos de tão impressionada — antes de lembrar que ninguém virá para cortar o cordão umbilical. Usando um fio cirúrgico que encontro no kit médico, amarro a extremidade e corto o cordão com um par de tesouras, de tamanho tão enormemente ridículo que me faz querer rir.

O bebê chora, e o trago para o peito. O guia informativo é bem útil agora: ajeito sua cabecinha até ele começar a sugar meu seio de uma maneira que parece ser a correta, seguindo sem questionar os comandos escritos em seus genes há bilhões de anos, em um planeta a dezenas de milhares de anos-luz daqui.

Quando penso na dimensão insondável das coisas que cercam o pequeno mundo feito por mim, bebê e seisbionte, o cansaço me abate de vez.

Fecho os olhos, embalada pelo tom baixo do gorjeio que a criatura ainda emite.

✱

Sinto que dormi um dia inteiro — de acordo com o relógio, porém, só quarenta minutos se passaram. O seisbionte, de volta a sua ronda preguiçosa do outro lado do laboratório, ainda ronrona baixinho. Mas quando percebe que despertei, interrompe o murmúrio e se aproxima de mim com toda a determinação do mundo.

Embora minha cabeça diga que ele não quer nos fazer mal, abraço o bebê e o aperto contra meu peito, esperando o pior. O alienígena prati-

camente nos encobre, e deixo escapar um grito de surpresa quando ele vomita um líquido espesso sobre nós.

Não reajo de primeira, de tão atônita que estou. Meu cérebro registra de pronto que isso pode ser tóxico, ou que não é microbiologicamente seguro para um bebê ser ensopado em gosma alienígena. Esperava que a substância fosse fedida, mas não é. É morna, e cheira a terra molhada e massa de pão.

O seisbionte simplesmente se afasta. Tremendo, me levanto e uso uma toalha limpa para remover tudo o que consigo da gosma que ficou no bebê e em meu rosto. Ao terminar, verifico os registros do laboratório. Descubro que a substância é na verdade um suco gástrico nutricional, um líquido que pais seisbiontes vomitam sobre suas filhotes até que tenham um rúmen maduro o bastante. Meus olhos se alternam entre a criatura e o bebê, e me pergunto se o seisbionte sabe que acabei de dar cria.

Ainda zozna, descarto a placenta no balde, que logo vou ter que esvaziar, e fervo um pouco de água para lavar meu corpo, o bebê e meu ninho de todo o sangue e da substância pegajosa que ficou. É difícil fazer isso com apenas um braço, mas o bebê está dormindo no outro, e não tenho vontade de deixá-lo sozinho. Ainda estou sangrando lá embaixo também, então pego o antisséptico e os panos superabsorventes que encontro no kit de recursos essenciais. Também acho um pacote de sete fraldas de tecido e fico feliz de não ter que improvisar nada — são tamanho G, mas vai dar para o gasto. Não estou exatamente com fome; o que sinto está mais para uma sede que jamais senti na vida. Bebo muita água e como uma barra de proteína, só por desencargo de consciência.

Termino e dou de mamar ao bebê mais uma vez, até ele parar de chorar. Dói, mas acho que é assim mesmo. Quando me sento, aliviada ao pensar que a próxima tarefa é borrifar o seisbionte daqui a algumas horas, um pensamento triste me ocorre: esta é a vida que tenho pela frente agora, por tanto tempo quanto eu for durar.

Após checar o inventário de recur-

sos disponíveis, estimo que posso fazer as barras e géis proteicos durarem uns vinte dias; o suprimento de água potável do laboratório, porém, só dá para duas semanas.

Quinze dias comendo e bebendo, evacuando em um balde e dormindo, amamentando e trocando fraldas, além de ficar olhando para as paredes estéreis deste laboratório de última geração no qual estou presa com um animal de outro mundo que também preciso alimentar uma vez ao dia.

Fico de péssimo humor com a perspectiva. O que é que estou fazendo, afinal? Sobrevivendo, talvez — mas a troca de quê? Já sei que a ajuda não virá. O que realmente importa, então?

Pisco, e quando dou por mim, estou segurando uma toalha sobre o rostinho do bebê. Ele dorme, os olhinhos tremendo sob as pálpebras. Lembro da informação de que recém-nascidos, mesmo pequeninos assim, já conseguem sonhar. Também já li que podem sufocar facilmente, e por isso é perigoso deixá-los dormindo cercados de cobertores e almofadas. Seria tão... fácil.

A ideia, de alguma forma, me conforta. Vai ser rápido e sem dor. Depois que eu lidar com o bebê, vou dar um fim na minha própria existência, e tudo vai ficar bem.

Coloco a toalha sobre seu rosto, ainda pensando em como fazer isso. Não quero apertar muito forte para não machucar o narizinho delicado, mas também não quero que demore mais que o necessário. Enrugo a testa quando algumas gotas mancham a toalha verde-claro, e percebo que estou chorando. Não é um choro contido: estou aos prantos, tão intenso que o bebê começa a piscar, quase acordando. Começo a niná-lo, mas um estrondo alto faz o recinto estremecer.

O seisbionte está batendo as seis patas no chão em um ritmo frenético, acuado no canto do laboratório, aos berros. É como se estivesse morrendo. Sei que tem algo muito errado com ele. O som ensurdecedor desperta algo dentro de mim, e desta vez não é medo — está mais para uma necessidade premente de entrar em

⇒

ação.

Agarro o bebê, que chora a plenos pulmões, e me levanto. Podemos acabar com nossas vidas mais tarde, e de forma mais pacífica — agora, no entanto, a criatura precisa de mim.

✱

O choro desamparado do bebê é engolido pelos bramidos graves do alienígena. Sacudo a criança com um vigor que não sabia que ainda tinha, reassistindo o holo que acabei de encontrar. Na imagem projetada diante de mim, uma das exoveterinárias termina de içar o animal para afastar a pelagem grossa enquanto outra mostra o abdômen do seisbionte para a câmera. Não é só uma barriga protuberante, como a dos humanos. É como se o filhote estivesse crescendo encravado nos músculos entre as patas do meio e de trás do adulto, o corpo coberto por uma membrana opaca — a visão nojenta, para ser sincera, mas é como se o feto estivesse preso sob a pele do adulto. Eu costumava morrer de rir dos filmes pré-Êxodo que mostraram formas de vida alienígenas, achando graça quando eram retratadas das maneiras mais desagradáveis possíveis, mas isso é ainda mais nojento do que os antigos fizeram parecer. Quando a exoveterinária começa a mostrar a bolsa que a criatura tem entre as patas dianteiras — onde o filhote recém-nascido deve viver por um tempo, assim como os marsupiais faziam na Terra, conforme mencionado por um dos profissionais —, desligo o holo e miro a parturiente alienígena à minha frente.

Embora não tenha como saber se ela está ou não sofrendo de dores, não consigo não imaginar que é o caso. Acabei de passar por isso, afinal. Todos os pelos do meu corpo se arrepiam. A criatura parou de bater as patas do meio e agora se balança de frente para trás com a barriga virada para cima. Devido à pelagem farta, eu jamais teria adivinhado que estava prenha — mas agora, isso é indiscutível. Tem um filhote ali, e ele parece prestes a sair.

Procuro holos de seisbiontes em trabalho de parto, mas não acho nenhum. Até onde sei, esta pode ser a primeira experiência de criação de seisbiontes em cativeiro — malditos

sejam nossos cientistas. De qualquer modo, parece óbvio que só há um jeito disso acontecer, e me encolho só de pensar. O filhote precisa rasgar a membrana, que já começa a se despregar nas extremidades, exsudando um líquido translúcido.

Aos berros, pergunto ao seisbionte como posso ajudar. Sei que soa ridículo, mas não sei mesmo o que fazer. Dou o peito para o bebê, tentando fazê-lo parar de chorar um pouco para que eu possa pensar com mais clareza.

A primeira ideia que me vem é pegar um instrumento cirúrgico, abrir um corte na membrana e ajudar o filhotinho a sair. Contudo, além de estar morrendo de medo, lembro de uma história dos tempos pré-Êxodo, que minha avozinha costumava me contar quando lhe pedia algo que ela achava que eu tinha que aprender por mim mesma, para meu próprio bem. Quando eu chorava, implorando para que ela me escrevesse um código para facilitar a otimização do lixo reciclável disponível para eu imprimir um brinquedo, ela me colocava no colo. De novo, contava a história do terrano e a borboleta, na tentativa de me convencer a escrever eu mesma o código.

Achava que era balela de adulto, mas depois descobri que as borboletas da Terra de fato não sobreviviam se seus casulos fossem abertos por uma força externa, uma vez que se aproveitavam do ato de sair dele para fortalecer e preparar as asas. Assim, uma cesariana não me parece uma boa opção agora...

O que me deixa sem mais nenhuma.

As coisas se complicam quando a cabeça sem olhos do filhote emerge da membrana. Sua pelagem não é ruiva, como a do adulto, e sim negro e incrivelmente lustroso. Dá vontade de ficar aqui admirando sua estranha beleza, mas o grito agudo da cria se junta ao da mãe, e meu peito aperta. Quero fazer alguma coisa pela mãe seisbionte, assim como ela fez por mim.

Relembro como cantava e batia as patas do meio durante meu trabalho de parto.

Começo a cantar, imitando o seisbionte do jeito que dá, mas minha voz é abafada pelos lamentos das duas criaturas. Então me lembro de como meus ossos vibravam, e de como o canto foi algo que eu senti mais do que ouvi. Uma ideia me ocorre — e, por mais estúpida que seja, é a única que tenho no momento.

Preciso soltar meu bebê por um tempo. Como por milagre, ele está dormindo, apesar de toda a barulheira. Acomodo seu corpinho na trouxa de cobertores. Sair de perto dele provoca uma dor quase física, e volto para checar meu ninho mais duas vezes só para ter certeza de que está bem. Finalmente, procuro no laboratório os objetos mais pesados à disposição, e acabo por escolher barris de plástico cheios da suco nutricional para seisbiontes.

Me aproximo da criatura com todo o cuidado. Erguendo um barril por vez, os deixo cair ritmicamente no piso. Não são tão pesados quanto eu gostaria, mas fazem o chão tremer mesmo assim.

Aos poucos, as queixas da criatura diminuem. Ela ainda geme, e os gritos do rebento são de apavorar, mas algo claramente já mudou. Encorajada, começo a cantar palavras aleatórias com a voz mais profunda e alta que dá. O seisbionte pode estar morrendo, até onde sei, mas prefiro acreditar que já está se sentindo melhor. Lágrimas apontam nos cantos dos meus olhos, e crescento palavras à ladainha. De maneira tímida no começo, aumentando o volume aos poucos.

Fico repetindo que eles não estão sós. Ela e o filhote não estão sós. Eu estou aqui. Eu e meu bebê também estamos aqui. Não estamos sós.

Com um jato de líquido claro, o filhote se liberta, escorrega pela barriga do adulto e cai com um baque no chão. Com o susto, corro de volta para o meu ninho, onde o bebê ainda dorme sobre os cobertores. Gostaria de poder ver melhor o filhote, mas no mesmo instante ele usa as seis patas vigorosas e pula para dentro do marsúpio da mãe. É menor do que eu esperava; deve bater na altura dos meus joelhos. Pego meu bebê, o

⇒



abraço, o nino e o beijo na testa pequenina. O seisbionte começa a gorgolejar. E, como seria de se esperar, vomita uma enorme quantidade da substância pegajosa com a qual havia presenteado a mim e ao bebê — o primeiro e único presente do meu bebê — dentro do marsúpio.

Acomodo o bebê nos cobertores mais uma vez na hora de borrifar o seisbionte. A mãe está deitada do outro lado do laboratório, longe das bancadas de trabalho, por isso preciso chegar bem perto. Me sinto menos receosa desta vez — pelo contrário, sorrio ao pensar em como seria bom acariciar seu pelo, passar minha mão naquele emaranhado nodoso e ruivo.

Amanhã, quem sabe.

Ao retornar ao ninho, penso em dar nome aos seisbiontes, agora que há dois deles. Escolho Sol para a mãe e Lua para a cria. Nomes antigos, mas que combinam com eles.

Depois, me viro para o bebê. Ele vai morrer em breve, e eu serei a única pessoa em todo o universo a dizer seu nome — ainda assim, ele merece um, não é? Sagan e eu chegamos a listar opções durante a gravidez, mas nenhum me soa bem agora. É quando me lembro de ter lido um artigo sobre um nome bonito, que foi moda entre os primeiros bebês nascidos na trinca de espaçonaves geracionais até que alguém apontar que o significado não era tão auspicioso. De repente, sua escolha se tornou um tabu que nunca mais foi quebrado.

— Nova — falo.

Bem alto, para que todos — bebê, Sol e Lua — possam ouvir.

O bebê boceja, franze a testa, e estamos de acordo.

Nova. Meu insanamente intenso — embora pouquíssimo longo — fenômeno.

✱

Durante a semana seguinte, converso muito com Sol. Pode me chamar de louca, mas acho que ela às vezes me entende. Não as palavras em si, mas pelo menos minha intenção e estado de espírito. Quando pergunto como está Lua, ela orgulhosamente empurra a cria para fora da bolsa para que eu veja seu pelo brilhante e sau-

dável, e que ainda não tive a oportunidade de acariciar pois não quero atrapalhar o vínculo crescente da mãe com seu bebê. Quando compartilho que Nova não está dormindo bem, ela começa a cantar baixinho. Quando comento que adoraria comer algo diferente que não seja barra proteica e gel nutritivo, Sol resmunga. Acho que também sente falta de grama fresca, insetos exóticos nativos de seu planeta, ou qualquer outra coisa com que complementavam a alimentação antes de serem abduzidos para dentro dessa nave condenada.

No oitavo dia após o nascimento de Nova, meu novo marco zero, peço perdão. Mesmo não estando no planeta quando Sol foi capturada e trazida para cá, onde os humanos a cutucariam para aprender coisas que possam tornar nossa vida mais fácil, me sinto culpada. Gostaria que a seisbionte não tivesse sido abduzida de seu planeta natal, onde agora estaria vivendo uma vida feliz em sua aconchegante e perene escuridão, junto com sua cria. Queria que meus ancestrais também não tivessem saído de seu planeta natal, por mais destruído que estivesse. Sempre me incomodou o fato de optarem por ir embora em vez de repararem o malfeito. Minha geração poderia estar agora vivendo uma vida feliz em um ambiente aberto com nossos filhos, não poderia?

Quando termino de falar, juro que ouço Sol suspirar. Ali ficamos, quietas e tristonhas, por um longo tempo, o silêncio quebrado apenas pelos arrulhos de Nova e os ganidos de Lua.

No décimo dia, todas as luzes se apagam, exceto por uma lâmpada de emergência sobre a porta. É o começo do fim.

✱

O sistema de suporte de vida da Matatlântica 2 foi projetado para funcionar sem o controle humano em qualquer área não danificada. Não se pode dizer o mesmo sobre sua manutenção. Como mecânica, sei muito bem que até mesmo o menor rolamento, parafuso, ou rebite fora do lugar pode levar a uma reação em cadeia fatal. Estamos exatamente neste ponto. Esperando o próximo sistema falhar.

Nova mama, e rezo em silêncio ao Vazio para que o próximo não seja o escudo antirradiação. Teríamos uma morte rápida, mas extremamente dolorosa. Também não me entusiasmo com a perspectiva de sufocar lentamente se os filtros de ar falharem. Mas o que vem a seguir é a pane do sistema de aquecimento, pois acordo no meio da noite com Nova chorando e a ponta do nariz fria como metal.

O isolamento da espaçonave é robusto, mas o frio absoluto do espaço é ainda maior. Impiedoso. Estimo que temos um dia, talvez um e meio, antes de sucumbir à baixa temperatura.

Como eu esperava, Sol e Lua não se incomodam tanto a princípio. Na verdade, me ocorre que a temperatura controlada de vinte e quatro graus Celsius na espaçonave devia ser desconfortável para uma espécie acostumada a viver na escuridão.

Envolvo Nova em mais toalhas e mantas. Meu bebê parece bem agasalhado agora, embora meus dentes estejam batendo. Posso estar projetando, mas também parece que Sol está começando a se incomodar. Mau sinal.

Em dado momento, fica tão frio que não consigo dormir direito. Mas cochilo e, quando acordo novamente, estou no meio do laboratório, aconchegada no corpanzil quente de Sol, com Nova abraçada contra meu peito. Não sei se vim até aqui enquanto dormia, se Sol se aproximou ao perceber que eu sentia muito frio, ou ambos. A única coisa que sei é que não quero estar em nenhum outro lugar.

Ora caio no cochilo, ora acordo. Não sei quanto tempo se passa até que desembrulho o rosto de Nova e vejo seus lábios ficando azulados. Sinto meu peito apertar e, por um momento, esqueço do meu próprio desconforto térmico. Preciso aquecer meu bebê, não importa a que custo.

Fogo seria uma ideia, caso houvesse material inflamável suficiente por aqui. Além disso, meu nada extenso conhecimento de biologia diz que Sol provavelmente reagiria muito mal ao elemento. É quando noto Lua dentro da bolsa de Sol. Superconfortável.

Sinceramente, não sei se vou

⇒

conto
... quero ver você brilhar
jAnA blaNcHi

conseguir salvar Nova. Meu próprio corpo está a ponto de desistir; o de uma criança dessa idade não durará muito. Mas quero que meu bebezinho morra o mais confortavelmente possível, então tomo a decisão mais difícil da minha vida: peço permissão à Sol com um sussurro, enrolo Nova firmemente em todos os cobertores, exceto um térmico que guardo para mim, e posiciono a trouxinha cuidadosamente ao lado de Lua. Sem muito pensar, começo a entoar uma cantiga de ninar. *Brilha, brilha estrelinha, quero ver você brilhar... Lá no alto, lá no céu. Num desenho de cordel...*

Paro quando meu bebê sorri. Li em um livro que os sorrisos são apenas reflexos quando os bebês são pequenos assim. Tanto faz. É dessa forma que minha cria nos deixa: sorrindo enquanto acaricio suas bochechas frias e lhe conto que o universo foi um

pouco mais brilhante enquanto Nova estava nele.

✱

Choro por uma eternidade, incapaz de remover o corpinho de Nova da bolsa aconchegante, os dedos entrelaçados nos pelos de Sol como se fosse a única coisa que ainda me sustenta nesta vida. Tento lamentar a simples morte do meu bebê, mas a desesperança tira isso de mim. E se eu estiver de luto, na verdade, pela interrupção da continuidade? E se eu estiver de luto pelo enfraquecimento da raça humana, por mais irrelevante que um único recém-nascido possa ser? E se eu estiver de luto por uma missão que deu errado, e não pela vida da qual meu bebê não vai usufruir?

E se não houver amor, só um apego animal a uma massa de células que cresce no útero?

Sol reclama — não sei se concordando comigo, me chamando de idiota ou enfim cedendo ao frio. Me aninho mais no corpo dela e finalmente consigo acariciar o pelo de Lua. É ainda mais macio do que eu imaginava.

Durmo de novo, pronta a me entregar, quando ouço batidas metálicas e um zumbido alto. Me preparo — se são alucinações, quer dizer que a hora chegou. Minhas pálpebras insistem em fechar, mas estou fascinada demais com o que meu cérebro mostra diante de mim para não assistir.

Um buraco surge na parede do laboratório. Uma bolha de plástico envolve a passagem, mas posso ver a imensidão rodopiante do espaço além. Alguém usando um exotraje amarelo entra e desconecta as botas magnéticas, já usufruindo da gravidade do anel rotativo. Vejo a insígnia

⇒



conto
... quero ver você brilhar
jAnA blaNcHi

da Matatlântica 3 em seu torso, assim como o emblema científico no ombro e uma identificação com o nome Dra. Estrela.

Um membro de uma expedição de reconhecimento.

Não tenho forças para reagir. Levanto a cabeça e digo a Sol que vieram nos buscar, mas vejo que já é tarde: embora ainda esteja quente, o enorme seisbionte não está mais se mexendo. Irreversivelmente morta, tal qual minha Nova.

Lua, porém, acorda dentro do mar-súpio, e eu me apego a esta tênue esperança.

A batedora grita algo para mim, e berra também no rádio comunicador. Só então eu vejo que ela está apontando a arma para Sol. Se eu pudesse, lhe diria para não atirar. Não consigo, então só afasto meu corpo para proteger o filhote. Meu filhote.

Dra. Estrela se aproxima, abaixando a arma, e cola habilmente sondas médicas na minha testa. Ela diz no rádio que está me perdendo, e engasgo quando ela injeta algo no meu pescoço. Uma queimação se espalha

pelas minhas extremidades, me fazendo estremecer.

Ela me segura nos braços e forço os lábios trêmulos a dizerem que ela deve levar Lua também. Há uma expressão confusa em seus olhos, mas ela agarra Lua pela nuca e coloca meu filhote sobre meu peito; ela se contorce e grita, muito viva, enviando uma onda de alívio pelo meu corpo. Vejo o rosto chocado da doutora quando ela vê Nova aninhada dentro da bolsa também. Balanço a cabeça numa negativa, e consigo ver a tristeza em seus olhos ao perceber que meu outro bebê se foi.

Anuindo, a mulher se vira para retornar à bolha aderida à parede do laboratório. Ainda estou com a mão entrelaçada à pelagem nodosa de Sol, mas nos separamos de vez com um puxão. Alguns fios ruivos ficam entre meus dedos.

Dr. Estrela repete no rádio que está me perdendo, mas não sinto que esteja realmente perdida. Pelo contrário: quando olho para Lua, meu coração se aquece ao pensar que estou condenada, mas em breve ela es-

tará aconchegada, alimentada e bem cuidada. Tudo faz sentido na minha cabeça.

Não é um apego animal a uma massa de células. Não se trata de continuidade ou de sucesso de uma missão difícil e grandiosa há muito colocada sobre os ombros de todos os seres humanos que por acaso têm um útero. É uma questão de vínculo e afeto. De amor. Amor puro, simples e despreziosos.

Eu amei Nova, e amei Sol, e Lua, e vovó, e Sagan, e Neb, e tantas outras pessoas. A Matatlântica 2 pode estar morta — mas, enquanto existir um único humano em qualquer lugar do universo, agora também sei que vai existir amor.

Creio que isso é esperança, apesar de tudo. Se conseguisse, eu até riria.

Dra. Estrela injeta mais uma dose de algo no meu pescoço, e dessa vez não sinto sequer a dor.

Enquanto a escuridão final me envolve, penso que a vida de fato nem sempre é bela — mas é preciosa como é.



Jana Bianchi é escritora, editora e tradutora de livros, HQs e jogos de tabuleiro. Em português, além de *Lobo de rua* (Dame Blanche, 2016), publicou diversos contos em revistas e coletâneas como *Trasgo*, *Dragão Brasil* e *Suprassuma*. Em inglês, tem histórias publicadas ou no prelo nas revistas *Uncanny*, *Fantasy & Science Fiction*, *Clarkesworld*, *Fireside* e *Strange Horizons*, entre outras. É aluna da turma de 2021 do workshop de escrita Clarion West e vencedora do prêmio BSFA de melhor conto traduzido de 2023. Junto com Diogo Ramos, é idealizadora e coordenadora do *Fantástico Guia*, projeto com propósitos educacionais focado nos mercados literários brasileiro e anglófono. Jana vive teleportando entre o interior de São Paulo e o Rio de Janeiro, onde vive com humanos, cachorros e suas várias tatuagens animadas. Mais em: janabianchi.com.br e fantasticoguia.com.br



—g,l,a,N,p,A,o,L,o;C,e,l,L,i—



rEVENAnT

REVENANT

GIANPAOLO CELLI

AUTOR CONVIDADO

A primeira coisa que fez ao despertar foi respirar fundo, como um recém-nascido. Apesar da pontada de dor nos pulmões, Adriano sorriu para o beco sujo onde estava.

É claro, pensou. Estava feliz, apesar da autorrecriminação. Desde que se conhecia por gente havia estudado vampiros. Tudo que havia sobre o tema ele adquiria e mesmo antes de descobrir que eram reais já sabia, ou pelo menos acreditava, que uma parte do que existia sobre o assunto fosse real.

‘Até as velhas lendas são baseadas numa verdade original’, era seu lema. Sempre que lhe perguntavam, ou que caçoavam de seu passatempo ele recitava.

Agora não preciso mais, sorriu. Havia descoberto um imortal. Aproximara-se dele até que sua presença fosse notada e o que esperava acontecesse.

Afinal de contas, é natural que eu tenha sido escolhido. Mas chega disso, ele pensou. Levantou desajeitado, estranhando a rigidez dos braços e pernas. Nada daquilo havia sido citado no que lera. Considerou, contudo, que deveria ser uma resposta do corpo à sua morte recente, assim como a falta de sangue novo no organismo.

No momento que a palavra cruzou-lhe a mente, Adriano sentiu as pontadas de fome. Saiu do beco onde encontrara o vampiro e em que fora atacado. Ao contrário dos filmes, no entanto, a prostituta parada na esquina não lhe pareceu apetitosa.

Tampouco os raros transeuntes que o evitavam, murmurando com horror que ele devia estar bêbado ou ter alguma doença.

Olhou para as ruas semidesertas com certa preocupação. O relógio digital da rua marcava quatro e quinze da manhã e, além da fome, ele percebeu um ódio profundo nascendo em sua mente. Um sentimento ardente contra aquele que o havia criado parecia alimentar-se dos lampejos de sua morte.

Tentou considerar sobre aquela insanidade, mas a dor da sensação reverberava em todo seu corpo, fazendo que ele não conseguisse se concentrar em coisa alguma. Foi então que um cheiro delicioso então inundou suas narinas. Olhou em volta, notando que havia perambulado pelas ruas da cidade até o Cemitério da Consolação. Chegou a questionar-se sobre o que seria aquela sensação, mas um frenesi incontrolável nublou sua mente dando vazão aos instintos mais primitivos e ele só voltou a si quando já passavam das cinco da madrugada.

Sorriu ao perceber que, com o desaparecimento da fome, a tontura e a dor de cabeça haviam sumido e seus movimentos não estavam mais duros e robóticos, mas normais. Estranhou, contudo, que além do cheiro pútrido que exalava de si, um odor incomum nos vampiros (ao menos pelo que ele havia lido), de alguma maneira ele estava dentro, não fora do cemitério.

— Não é possível. — falou para a noite, pela primeira vez desde sua

morte. Tentou pensar no que teria acontecido, mas por um momento o ato pareceu-lhe doloroso.

Urrou, liberando aquele rancor num murro que rachou a lápide do túmulo ao seu lado. Sorriu de novo ao perceber a intensidade de sua força. Não estava gostando, entretanto das surpresas que o pós-morte lhe trazia.

Não sabia por que nutria tais sentimentos assassinos por aquele que o criara, nem por que havia entrado naquele cemitério quando não atacara as pessoas que lhe cruzaram o caminho. Olhou então para trás e resolveu descobrir de uma vez por todas.

Seguiu seus rastros em busca da causa daquele cheiro, de achar quem fora sua primeira vítima para então seguir em frente.

— N-não pode ser verdade... — gaguejou ao descobrir o túmulo recém fechado violado e o caixão escancarado no fundo. — Vampiros não chupam sangue dos mortos!

Mesmo assim checou no fundo e viu um cadáver recém falecido com o crânio aberto... vazio. Suas pernas perderem a força quando, ao passar a mão no rosto, Adriano achou não sangue, mas restos do cérebro do defunto nas laterais de sua boca.

O nascente, no entanto, fez com que ele parasse de pensar no assunto e começasse a buscar, entre os túmulos, um lugar para se esconder. Ergueu a enorme tampa de concreto de um deles e esgueirou-se lá dentro.

Para seu desespero, não entrou em torpor, desmaiou ou dormiu com a chegada do sol, e como achava que

⇒

deveria. O dia passou e tudo o que fez foi ficar consciente, remoendo incontáveis vezes os acontecimentos da última noite enquanto ouvia o burburinho a respeito de suas ações ali no cemitério.

Com o poente, ele lavou-se e seguiu para uma LAN-house. Descobriria a resposta para o enigma do que havia acontecido... De no que ele se tornara.

O resultado, contudo, foi pior do que pôde imaginar.

Uma vez mais a raiva que queimava em seu ser era tanta que beirava a insanidade. Ele não tinha ideia do que mais podia fazer. A cada momento os flashes faziam-no lembrar do que acontecera:

O vampiro que ele mesmo atraía sugando sua vida e deixando-o para apodrecer num beco escuro; ele se levantando, não por ter sido transformado num vampiro, um imortal, mas porque havia se transformado num morto-vivo. Um maldito zumbi que, segundo o site, o único objetivo era se vingar, destruindo aquele que acabara com sua vida.

Mas não naquele momento. Nada mais tinha importância. Seus membros já começavam a enrijecer e a fome a tomar conta de sua mente. Mastigou a palavra por entre os dentes porque só conseguiu se focar em uma coisa — Cérebro... — ele pensou, ou falou. Aquilo, na verdade não importava mais.

✱

Na verdade, importava sim, pois logo após se alimentar Adriano conseguiu pensar racionalmente.

Um cérebro por noite, ele considerou após haver colocado a tampa do túmulo de volta no lugar, escondendo o que havia feito, novamente, mas desta vez não completamente tomado pelo frenesi da fome.

Eu tenho que me lembrar de me alimentar mais cedo, ele fez uma nota mental, *para não despertar suspeitas*.

Também teria de procurar uma biblioteca, pois os sites que visitara falaram pouco a respeito do *Revenant* que ele tornara, além de procurar outros cemitérios. O "roubo" da noite anterior, afinal de contas, não só não

havia passado em branco pela mídia e pela polícia, como, em versões mais insanas, estapafúrdias e por que não dizer reais, tendo em vista que era efetivamente um morto-vivo, evidentemente tinha sido descoberto e estava na primeira página de alguns jornais e sites de notícia sensacionalistas.

Com um suspiro doloroso, considerando que precisaria treinar seus músculos peitorais senão para respirar, algo não mais necessário, para se comunicar, ele voltou para seu pequeno apartamento no centro, dando graças pelo porteiro eletrônico e que, por ser madrugada, poderia subir pelo elevador sem chamar atenção.

E também precisarei fazer algo em relação ao cheiro, Adriano considerou ao sentir a emanção pútrida que parecia lhe envolver, preparando um banho, *afinal contas, vampiro ou não precisarei me passar por vivo se quiser resolver os enigmas desta nova vida*.

— Sem contar matar... — o ódio fez com que ele falasse alto — ou destruir — ele usou o jargão que sabia correto para mortos-vivos — o maldito que me criou. — e para não começar o inevitável processo de decomposição, teria de considerar se alimentar com melhor regularidade.

A ideia lhe causou um início de repulsa, assim como alimentou a raiva que pulsava dentro de seu peito, afinal, não era aquilo que buscava na vida após a morte.

E voltar a trabalhar, Adriano pensou ao notar o computador, desligado desde o começo daquela maldita 'desventura'.

Assim, com o amanhecer, ao invés de tentar dormir, como da outra vez, ele fechou as cortinas e começou a checar seus e-mails. Já havia perdido um dia e, apesar de ter a sorte de trabalhar em casa — era técnico de informática e programador especializado na criação e manutenção de web sites — teria de continuar sua rotina antiga junto com a de morto-vivo se quisesse resolver a questão com seu criador e continuar com sua nova existência.

Assim, naquele dia e no seguinte nada fez além de trabalhar. Isso, uma

nova ida ao cemitério para comer, uma ligação para agendar uma visita à ala reservada da biblioteca da Universidade Católica e, após um tímido teste, descobriu que podia andar à luz do dia. Uma nova ida, na verdade, tendo em vista que sua curiosidade sobre vampiros já o havia levado lá uma vez.

Isso é indigno de um imortal como eu, ele pensou durante uma conversa via Skype com um cliente em que também consertava remotamente um computador com problemas no final do segundo dia, *afinal, em nenhum dos clássicos da literatura e do cinema, como Drácula ou Lestat, vampiros tinham de trabalhar*.

Mas eles eram ficção enquanto o que acontecia com ele era real. Tão real quanto o bipe do Messenger indicando um novo contato.

'Oi, sumido', Denise, uma amiga "colorida" de Adriano teclou, 'Tá ocupado ou tem tempo para um papo?'

'Oi, fala Dê, tudo bom?', ele respondeu com um muxoxo. Não era aquilo que pensava que seria sua nova vida, mas também não poderia ser como nas histórias... Ao menos não no mundo real. 'Novidades?'

'Ih, nada de novo', a amiga respondeu, 'mas amanhã eu estava pensando em quem sabe pegar um cinema e se você quiser até algo mais...' ela terminou de escrever e colocou três pontos, deixando a questão pendente.

'Amanhã não vai dar' Adriano teclou olhando para baixo com um sorriso amarelo e pouco de ressentimento. Não havia considerado aquele aspecto de sua nova existência, que cada vez mais parecia nem tão interessante. 'Eu marquei uma visita à biblioteca e não posso faltar'

'Na biblioteca reservada da PUC?' Denise questionou. Conhecia e até curtia um pouco a paixão de Adriano por vampiros. 'Que horas? Eu adoraria ir junto.'

Sério?, ele considerou amargo, após um longo e doloroso suspiro, *é ridículo um imortal passando por uma situação como essa*.

E como se a amiga houvesse escurado seus pensamentos, o bipe in-

⇒

dicou uma resposta ácida: ‘Você não quer que eu vá, não é? Seu chato!’

‘Não...’, ele replicou acuado, ‘É claro que você pode ir.’

‘Legal!’ A resposta piscou na tela, ‘Onde e quando nos encontramos?’

‘Na catraca do metrô Consolação, no início da tarde. De lá tomamos um ônibus.’

‘Tá bom. Vamos almoçar juntos?’ ela questionou.

‘Não vai dar. Tenho um trabalho antes e só vou chegar em cima da hora’ ele mentiu, já começando a se arrepende de aquela coisa toda de imortal ‘Comemos outro dia.’

E após ela responder que tudo bem, não sem antes um sinal de resmungo, Adriano teclou dizendo que teria de sair para comer algo e que depois eles conversavam mais. Enviou então beijos, desligou o Messenger, terminou o serviço e, já sentindo os sintomas da fome, foi até a geladeira para pegar uma vasilha com um cérebro extra que havia roubado na noite anterior, se alimentou e passou o resto da noite relendo seus livros sobre vampirismo e curtindo a onipresente raiva contra seu criador.

✱

Antes de encontrar a amiga, Adriano já havia tomado conhecimento de suas novas “habilidades”, assim como de algumas características que o acompanhariam em sua morte em vida.

Já ao fechar, ou quase destruir a porta de seu apartamento, que voltou a abrir-se, batendo na parede com um estrondo que ecoou pela escadaria do prédio por pelo menos dois andares, ele percebeu que sua força já não era a mesma.

E isso foi só o começo, pois assim que a porta se abriu, o pavor que sua presença causava foi tanto que a moradora que já estava no elevador quase saiu correndo escada abaixo quando o encarou.

— Boa tarde, dona Judite. — ele cumprimentou ao entrar. Mas sem obter resposta da mulher que só fazia tremer, gastou alguns momentos no espelho após gentilmente apertar o botão do térreo, confirmando o que já havia percebido: sua pele empa-

lidadecerá anormalmente e se tornará algo acinzentada.

A situação na rua, assim como no metrô, não foi diferente, pois senão apavoradas as incomodadas pessoas evitavam se aproximar dele.

Mesmo Denise, quando o viu, não conseguiu segurar-se e já perguntava se estava tudo bem mesmo, se ele não estava doente ou algo assim. Isso antes de o aroma almiscarado, frio e rescendendo a putrefação que exalava dele chegou-lhe as narinas e, sentindo seus pelos se arrepiarem e um gelado na barriga, ela teve de segurar-se para não dar um passo para trás.

— O que diabos aconteceu com você? — a amiga mediu-o de cima abaixo. Passou então a mão aberta na frente do nariz, como se para espantar o fedor — E por deus! Que cheiro é esse?

— Estou com um problema de pele. — ele gaguejou uma resposta inventada, mas gostando de para onde a coisa ia, com um sorriso complementou a mentira — E o cheiro é do creme que meu médico me receitou. É horrível eu sei, mas tenho que usar. — terminando um com um dar de ombros — Fazer o que?

— Caramba! — ela fez uma careta, ficando na frente dele enquanto eles seguiam para o ponto de ônibus, para evitar o cheiro — Mas é a vida. Vamos embora?

A ida de ônibus, assim como a subida até a universidade, no entanto, mostrou que aquele seria um dia complicado. Apesar de até haver se acostumado, cada vez que Denise voltava os olhos em Adriano, ou o odor pútrido e gelado lhe chegava às narinas ela tinha vontade de se afastar dele. E se aquilo era verdade ao ar livre, na biblioteca da PUC, nos recônditos do chamado prédio velho do Campus da Monte Alegre seria um problemão.

— No que eu posso ajudá-los? — o noviço que cuidava daquela ala questionou, não sem antes engolir em seco e usar toda sua força de vontade para não congelar de pavor — Vocês querem acesso a nosso sistema ou já sabem os livros que vieram pesquisar?

— Nós já temos ideia de algumas das obras que precisamos. — Adriano acenou positivamente com a cabeça — Queremos uma versão traduzida do “Liber Mortuis”, de Robert Le Bougre; o “Actum Immortui Profana” do Diogo da Silva e Dom Pedro de Castilho; “Lâmia in Interitum” do Cardeal Ximenes e a versão completa do Livro de São Cipriano Feiticeiro, por favor.

— Mas é claro. — o jovem atendente gaguejou. E se levantando, complementou — Um momento que eu vou chamar a padre...

Antes que pudesse fazê-lo, sentiu uma mão forte em seu ombro — Relaxa, jovem irmão — o cura que havia chegado sorriu para Adriano e Denise — O que ele estava tentando dizer é que essas obras só podem ser pesquisadas na presença de um responsável, como eu. — Voltou-se então para o noviço e ordenou — Faça uma pausa para o lanche, sim? Eu tomo conta por aqui. — e uma vez mais voltando para dupla, e apresentou — Padre Pedro Vicente a seu dispor, no que posso ajudá-los, meus filhos?

— O Livro de São Cipriano? — Denise questionou, voltando-se para o amigo, embora evitando olhar diretamente para ele — Mas você não tem um exemplar em sua biblioteca?

— Não a versão completa, minha cara. — foi o padre que respondeu, indo com o olhar dela para Adriano — Seu amigo está correto. Poucos sabem, mas quando o livro entrou no “Index Librorum Prohibitorum” ele foi recolhido e as versões existentes são só fragmentos do original.

— É por isso que existem lendas que falam das diferenças do livro de capa preta, branca e de aço e de que elas se completariam. — o morto-vivo complementou a explicação, estranhando que, diferente de todos os demais, o padre não estava com medo dele.

— Isso é tudo besteira! — Pedro Vicente sorriu por um momento, mas ficando sério, encarou Adriano com um olhar duro e perguntou secamente — Estes são livros perigosos, o que está procurando, meu jovem?

— Bem... É um trabalho a respeito de vampiros e outros tipos mortos-vi-

⇒

vos. — o jovem revenant gaguejou. Apesar de um alívio, o fato de Pedro Vicente não sentir medo dele o deixou temeroso, como um predador enfrentando outro sem a certeza de sua superioridade. Assim, imaginando que precisava de um argumento mais forte, tentou abrir seu melhor sorriso e mentiu — Para minha tese.

O padre encarou-o calado por tanto tempo que Adriano imaginou se eles seriam expulsos dali sem poder sequer olhar as capas daqueles preciosos tomos, mas finalmente ele deu de ombros e pediu para que ambos o seguissem que pegaria os livros.

Mas quando o revenant suspirou aliviado, mas um trejeito de sua vida anterior do que algo que ele precisava, Pedro Vicente continuou — Se este é o caso, eu não só pegarei os livros, como também ajudarei na pesquisa — e logo depois de Adriano engolir em seco, ele concluiu — É raro ver jovens interessados neste aspecto tão interessante de nossa história.

✱

— Aqui está o Lâmia in Interitum e o Actum Immortui. Eu já pego o Liber Mortuis e o São Cipriano Feiticeiro. — o Padre encarou a dupla — O que estão procurando especificamente?

Por um momento Denise manteve contato visual com Pedro Vicente, mas sem saber o que responder, afinal, até de gostar da lenda por trás dos vampiros, mas preferir a literatura, estava ali só pelo amigo, por quem sentia atração. Virou-se apontando para Adriano.

— Informações sobre mortos-vivos. — foi a resposta dele, que desde a época de Arquivos-X sabia que, para não dar na vista, deveria permeiar verdades à sua mentira — Sabe, também vampiros, mas principalmente mortos-vivos menos populares, como zumbis e carniçais.

— Entendo. Mas que aspectos? Quer dizer, sabendo isso eu poderei ajudar mais.

— Bom, morfologia, poderes, rituais de criação... — o revenant deu de ombros, tentando esconder seu receio — Sabe? Essas coisas!

— Hum. — o padre acenou positivamente com a cabeça. E com um sorriso matreiro, questionou — Eu

adoraria dar uma olhada no seu trabalho quando terminado, pode ser? — e após ficar em silêncio, complementou ironicamente — Afinal de contas, não queremos nenhum morto vivo andando por aí, não é verdade? — e riu.

Adriano tentou rir, mas só conseguiu abrir um sorriso amarelo. Foi Denise que, não entendendo o que acontecia, questionou:

— Como assim? Eles não são reais! Quer dizer, isso é só folclore, não é?

— Eu acho interessante que seja tão fácil acreditar que o espírito possa sobreviver à morte do corpo físico, — Pedro Vicente explanou quase como se estivesse dando uma aula — ou mesmo se manter em nosso plano como acontece com aparições, espectros, fantasmas e poltergeists, mas tão difícil crer que o espírito seja forte o bastante para reanimar seu antigo corpo, não é verdade? Como no caso dos já citados zumbis, carniçais ou mesmo vampiros...

— É tudo verdade, então? — ela encarou o padre, boquiaberta e com olhos arregalados.

— Bom deus. Não! — ele acenou enfaticamente com a cabeça — A maioria é crendice proveniente da interpretação errada de textos sagrados e da ignorância de épocas como a Idade das Trevas. Mesmo assim, sempre existe um fundo de verdade por trás desses mitos.

— Lembra o que eu sempre digo? — foi a vez de Adriano sorrir para amiga, quase esquecido que ele mesmo agora era parte daquilo.

— Que “até as velhas lendas são baseadas numa verdade original” — ela citou-o, então com uma careta complementou — E você lembra o que eu digo? Que você é *muito* toto!

— São, na verdade, bem mais reais do que o que se escreve atualmente de vampiros. Como se mortos-vivos fossem brilhar no Sol! Hunf. — o cura pontuou sua opinião com um cara de nojo que fez os dois jovens sorrirem.

O resto da tarde passou tensa, ao menos para Adriano, com Pedro Vicente sempre de olho no que ele ou Denise anotavam dos tomos escolhi-

dos. Mesmo assim o jovem revenant descobriu que muito a respeito de sua situação, havendo anotado que:

“De origem latina, mas também relacionada ao verbo francês ‘revenir’ cujo significado é ‘voltar’, ‘reventant’ significa ‘retornando’, termo que começou a ser utilizado na Europa Ocidental durante a Alta Idade Média em lendas e folclore que retratavam revenants como mortos-vivos semelhantes ao tardio zumbi do vodu haitiano, ao carniçal indiano ou o aptrgandr da mitologia nórdica, mas tendo retornando para um propósito específico, normalmente a vingança contra seu assassino.

Como eles tinham mais força, uma pele mais resistente e um estranho poder chamado de ‘odor da morte’, que segundo as lendas causava medo em qualquer um que se aproximasse. E, como os vampiros folclóricos, só serão destruídos se forem decapitados, queimados ou tiverem seu coração removido”.

Nada daquilo, contudo, explicava a enxaqueca que ele agora sentia, causada aparentemente devido ao reflexo da luz no crucifixo do padre. Era algo que ele imaginou que como morto-vivo fosse algo que já houvesse se livrado. Isso sem contar que ao saírem pôde ouvi-lo questionar murmurando ao noviço se eles haviam feito uma ficha de entrada completa, o que o deixou com uma sensação estranha a respeito do que aquele nada fortuito encontro poderia trazer.

Mesmo assim havia conseguido e agora se sentia aliviado, apesar de continuar com algumas questões não resolvidas a respeito de Pedro Vicente.

— No que está pensando? — Denise o fez voltar à realidade.

— O que você achou do Padre Vicente?

— Como assim?

— Sei lá. Gostaria de saber mais sobre ele. Você não acha que ele ficou curioso demais sobre minha pesquisa?

— Achei ele fofo! — a amiga tentou deixar Adriano com ciúmes.

— Mulheres! Não foi isso que eu quis dizer. Quería saber qual a ordem

dele, por exemplo.

— Dominicano. — ela respondeu de supetão, completando ao ver a carteira que o amigo fazia — Que foi? Estávamos conversando enquanto você copiava os livros e ele me disse.

— Nada, não. — Adriano gaguejou, preocupado, mesmo sem saber porque, com aquela informação. Sorriu então e complementou com um — Legal. — não muito convincente.

— Mas sabe o que podíamos fazer agora? — Denise o encarou com um olhar pidão — Dar uma esticada no Pie in the Sky para uma torta. — ela citou um restaurante de culinária britânica que há muito eles não iam — Pelo que me lembro, *alguém* prometeu que ia comigo lá. É aqui pertinho! O que acha?

— Desculpe. Dessa vez não vai dar. — ele apontou o celular, mentindo — Eu adoraria, mas acabei de receber uma mensagem de um cliente que deixei esperando. Por que você não vai lá sozinha? — uma vez mais ouvindo que era um tonto, ele seguiu para um ponto de ônibus que o levaria a um cemitério próximo enquanto ela seguia pisando duro para outro na via oposta, que rapidamente a levaria quase até o restaurante.

✱

Foram horas pensando no que acontecera naquela tarde, andando em meio aos túmulos do cemitério do Araçá, considerando de sua posição em relação a diversas coisas, de Denise até o encontro com o padre dominicano Pedro Vicente e o que havia acontecido para que ele houvesse ficado com aquela estranha enxaqueca.

Com o pôr do sol os portões se fecharam, deixando Adriano ainda com metade da noite para conjecturar, pois não agiria até a madrugada.

Sou uma “criança da noite” afinal de contas, refletiu, e ainda que não um vampiro, um verdadeiro “filho de Lilith”. Olhou então para cima, além do topo das árvores, em busca do céu noturno e sua musa. O tempo fechado, contudo, apesar de ideal para seu intento, impedia a visão da Lua.

Não, ele pensou ao fechar o casaco para evitar o vento frio, mesmo que isso nada mudasse em sua situa-

perfil do freepik.com



⇒

ção. Não fale, nem pense nisso! Mas mesmo assim, com a chegada da meia-noite uma chuva grossa começou a cair, logo o deixando encharcado.

— Sério? — o jovem morto-vivo falou alto, para os túmulos ao redor — Sério mesmo?

Não foram eles ou os restos mortais que neles habitavam que responderam, mas um intruso, como ele mesmo, que chegou por trás e colou uma lâmina garganta de Adriano — Essa é minha área, Mané! Cai fora ou eu te mato!

— Como é que é? — o revenant tentou virar-se. Por um átimo chegou a rezear por sua vida, mas logo lembrou que estava lá exatamente por não estar mais entre os vivos... Ao menos metaforicamente.

— Esse cemitério é meu! — o ladrão de túmulos forçou a faca enfiada contra o pescoço de Adriano — Às jóia dos defunto é tudo minha. 'Cê entendeu?

— Faça seu pior! — ele respondeu dramaticamente — e mesmo sem saber se a chuva lavara seu 'odor da morte', levou a mão à faca e puxou-a contra a própria garganta — Você não pode fazer algo que outra pessoa já fez!

— Fica longe de mim! — o bandido gritou. Agora paralisado de medo, só conseguindo deixar a faca, apesar de tremula em suas mãos, em riste para defendê-lo de quem antes era sua vítima — Vade retro satanás!

Sentindo-se como um super-herói dos quadrinhos, Adriano chegou a pensar em algum chiste, piada ou tirada sarcástica, mas preferiu usar sua força superior para desarmar o homem, não sem quebrar seu braço no processo. E foi tão eficaz que o osso rompeu a carne, fazendo o sangue espirrar por todo lado. A excitação fez com que sua fome, já grande devido aos acontecimentos daquela tarde, aumentasse quase até um estado de frenesi, de modo que num só movimento, ignorando os gritos e a chuva, ele avançou e, num só movimento, quebrou o pescoço do ladrão.

Antes que pudesse soltá-lo, contudo, ouviu cliques metálicos de armas engatilhando e uma ordem gritada —

Parado meliante! De joelhos e mãos na cabeça! — e olhando em volta viu os policiais com suas lanternas e armas em punho o cercando.

Amaldiçoando sua burrice, ele abriu a boca, mas não havia o que falar. De madrugada, num cemitério fechado e segurando um bandido morto, o que iria dizer? Que estava do lado deles, como faziam inutilmente os super-heróis dos quadrinhos? Fora que a dor e a tontura, assim como um sentimento de raiva que já há dias havia conseguido controlar voltaram todas de uma vez.

Então, no tempo que o corpo do meliante levou para depois de solto ir ao chão, Adriano voltou-se nos calcanhares e correu o mais rápido que pôde.

Chegar a seu apartamento no centro foi mais complicado do que o jovem revenant imaginou, e não só um, mas dois dos cérebros preservados em sua geladeira foram necessários para que ele voltasse a conseguir pensar direito.

Eu não posso me dar ao luxo de ser tão burro, considerou olhando para a rua molhada através da janela da cozinha, imaginando se alguém não poderia tê-lo seguido. Ele gelou quando ouviu a sirene de uma rádio patrulha passar ao longe. Mas não era a polícia que o preocupava. A imagem do padre questionando o noviço a respeito de seus dados ia e voltava em sua memória, lhe causaram um frio na espinha.

Mas dois podem jogar esse jogo, Adriano pensou, ligando o computador e começando a fazer alguma pesquisa online.

E antes do nascer do dia ele havia descoberto que além de membro da Ordem dos Dominicanos, como a amiga lhe havia dito, o padre Pedro Vicente era da Congregação de Doutrina da Fé, ou como era mais conhecida: a Inquisição!

— O maldito é um caçador de bruxas! — ele falou para as paredes de seu apartamento, já iluminadas pela luz do Sol. Suspirou então, sabendo que dia não trazia mais a segurança de antes. Pelo contrário, o fazia se sentir vulnerável como nunca antes.

Assim, receoso devido a sua indis-

crição, na noite seguinte ele decidiu buscar um esconderijo. Subiu até o último andar, até a mal afamada sala das máquinas do elevador, abandonada a não ser quando o velho Otis precisava de manutenção.

E lá, no anexo da sala do maquinário, achou um antigo depósito a muito esquecido devido à sua porta emperrada, um refúgio que, depois de alguma limpeza e reparos, passou a contar com eletricidade e wi-fi para que ele trabalhasse sem se preocupar com nada, a não ser o eventual barulho das máquinas quando o elevador se movimentava.

E aproveitando a solidão, afinal Denise estava emburrada e, como sempre, só voltaria a procurá-lo após algumas semanas, ele só saiu de dia um par de vezes para comprar algumas câmeras na Santa Ifigênia e criar um sistema de segurança que o capacitava a vigiar remotamente sua casa e a entrada do prédio.

Durante algumas madrugadas vasculhou as diversas necrópoles de São Paulo de modo a conseguir o estoque de cérebros que necessitava para sobreviver, afinal não cometeria o mesmo erro duas vezes, e finalmente começou a buscar ativamente seu algoz, planejando sua derradeira vingança.

✱

Escondido em meio às sombras, Adriano olhou em volta para a magnificência da arquitetura inglesa da Estação da Luz e da Pinacoteca contrastando com a escuridão do parque e a sujeira e fedor do entorno, devido à proximidade à Cracolândia. Desgostoso, ignorou o incômodo e, como fazia antes de morrer, suspirou profundamente ao ver um patrimônio histórico da cidade às moscas. Checou o relógio da torre só para confirmar que faltavam alguns minutos para a meia-noite, que era o horário em que, segundo o que descobrira, normalmente os ataques aconteciam.

O trabalho de detetive, além do que normalmente fazia para como técnico de informática e programador especializado na criação e manutenção de web sites, havia tomado praticamente todo o mês. Usando como base suas anotações originais e fato-

⇒



rando os padrões de caça do vampiro através das mortes apresentadas nos jornais sensacionalistas e sites de reputação duvidosa, o revenant conseguiu descobrir o novo local de ataque de seu algoz e ali estava, aguardando o sugador de sangue aparecer para o ataque daquela noite.

Os hábitos de caçador do maldito não são, na verdade, tão diferentes dos meus próprios como carniceiro, pensou, lembrando que ele mesmo evitava necrópoles de alta classe como o Cemitério do Morumbi, o Getsêmani ou o Cemitério da Paz, nos quais os roubos chamariam a atenção da polícia e da imprensa, para não dizer com a sociedade. Isso sem contar ter de efetivamente desenterrar os corpos, o que não era uma boa ideia.

— Foco! — ele murmurou para a sombra que o envolvia enquanto o orgulho da comparação era totalmente eclipsado não só pela irritação de não ter se tornado um caçador, mas também pela raiva que, mesmo já havendo se alimentado naquela noite, cada vez mais lhe queimava dentro do peito — Talvez o maldito tenha chegado — continuou sussurrando ao sentir os pelos da nuca se eriçarem como se estivesse sendo observado — e eu finalmente consiga minha vingança!

Buscou avidamente àquele que o havia assassinado em meio às pessoas que, apesar da hora, ainda saíam da estação, mas não conseguiu identificar sua presença. Foi quando ouviu:

— Oi amor, — uma prostituta de mais de sessenta anos se aproximou e piscou para ele — que tal um programa? É só vinte reais, incluindo o quarto.

— Cai fora, puta velha! — ele continuou escondido.

— Que foi bichona? — ela se apurou, batendo a mão nos peitos — Aposto que você não aguenta um mulherão que nem eu!

Por um segundo, Adriano pensou em responder. Mandar a mulher à merda, mas, se lembrando do motivo por que estava lá, simplesmente concentrou seu poder e, assim que viu que ela mexer o nariz, sentindo seu Odor da morte, ele saiu parcialmen-

te das sombras e mostrou seu rosto, que apesar de conseguir passar por normal durante a noite, fez com que a mulher corresse de pavor.

O jovem revenant chegou a considerar sair dali e buscar outro local para esconder-se, mas o som da composição voltando a se mover, que ele perdera momentos atrás devido a discussão, assim como das pessoas que agora saíam da estação fez com que se recostasse mais onde estava e continuasse aguardando. E não foi por muito tempo, pois minutos depois, assim que o punhado de pessoas que descera ali se afastou, o vampiro parou na entrada da estação, estudando as possibilidades da noite.

E como um caçador avaliando sua presa, o próprio Adriano ficou imóvel. *Como um carcaju se preparando para atacar um predador maior*, ele ficou feliz com o pensamento, quando percebeu outra mulher da vida se aproximar de seu algoz, em busca de um cliente.

Chamar isso de mulher da vida é maldade, ele questionou-se mentalmente, sentindo desprezo ao notar que a menina, apesar do olhar lascivo, mal devia ter passado dos treze anos. Mesmo assim o vampiro se aproximou dela.

— Uma prostituta? — ele saltou de sua sombra — Que clichê!

E antes que o outro morto-vivo sequer pensasse em se mover, ele mostrou a estaca e o martelo que tinha numa das mãos, e um taser na outra.

A estranha contenda afugentou indigentes, traficantes e prostitutas, que correram para longe, deixando os dois sós a não ser pela menina, em choque entre eles.

— Nem pense em se mexer! — ele levantou o taser, apontando-a para o peito do vampiro — Eu pesquisei a respeito desde que você me transformou *nisso!* Apesar de morto sei que seu sistema muscular ainda é baseado em eletricidade, de modo que essa belezinha o paralisará enquanto introduzo essa estaca... — e após um momento de ironia concluiu — Em seu coração!

Se a intenção do jovem morto-vivo foi amedrontar seu criador, ou mesmo deixá-lo espantado com sua pre-

sença, não conseguiu, pois o outro só sorriu desdenhosamente — Você renasceu um revenant e acha que a culpa é minha? Que inusitado. Eu só matei você, foi sua raiva que o trouxe de volta.

— Será essa raiva que o matará! — atormentado pelo humor do vampiro, Adriano respondeu mais secamente do que esperava.

— Você sabe que tecnicamente eu já estou morto, não? — o desdém com que a colocação foi feita atingiu Adriano como gasolina numa fogueira, inflamando sua ira além do que ele pôde controlar. Mesmo assim ele continuou parado enquanto o vampiro continuou — Você não pode nem vai me atacar. E sabe por quê? Porque nós vampiros controlamos mortos-vivos... — e após imitar a pausa, concluiu — inferiores!

Adriano rilhou os dentes e retesou os músculos, mas nada conseguiu fazer, além disso.

Achando graça do que estava acontecendo o outro levantou o indicador e, como se pedindo um tempo, voltou-se para a jovem prostituta. Esta, como um pássaro hipnotizado por uma serpente continuava ali em choque, deixou-o pegar seu antebraço e, usando seu canino longo e pontiagudo abrir sua artéria braquial e sugar-lhe a vida.

E sem que Adriano nada pudesse fazer, o vampiro ainda deixou-a, como uma velha boneca de pano, em meio à sombra onde ele continuava escondido, para que fosse achada na manhã seguinte.

Apontou então para um edifício próximo, na Avenida Tiradentes, na verdade uma imensa favela vertical há muito esquecida pela sociedade comentou — É triste que uma jovem de tenra idade tenha de viver em meio a tanta privação e morra... de anemia. Pelo menos é isso que os jornais dirão. — e chegando a poucos centímetros do jovem revenant, que além de paralisado pela ordem do vampiro, se via incapaz de mover-se devido a tamanho horror, ordenou — Agora volte a sua existência fúnebre, a seus cérebros putrefatos e a sua querida imortalidade, laçao. Não era isso que você queria? E saiba que

⇒

não será um morto-vivo *inferior* como você que porá fim a minha existência!

O desprezo foi tanto que o ódio tornou a consciência de Adriano, que só voltou a si em seu apartamento pouco antes do amanhecer, após haver consumido toda a sua reserva de cérebros...

✱

Agora que sabe que eu existo, Adriano considerou preocupado a respeito do vampiro, sem saber se o poder de controle sobre mortos-vivos incluía leitura de pensamentos, o que indicaria que o vampiro também saberia onde ele morava, o que será que ele vai fazer?

Ao olhar pela janela, contudo, ele suspirou aliviado ao ver a aurora tingindo o céu noturno de amarelo. Teria pelo menos doze horas antes que aquele se tornasse um problema efetivo. Mesmo assim não pensou duas vezes e, antes que o velho edifício acordasse para o novo dia, seguiu para seu esconderijo junto à sala de máquinas do elevador — Ele não é minha única preocupação, afinal de contas. — comentou para a escuridão ao subir as escadas que levavam ao último andar do prédio.

Como nada acontecia e ele tinha tempo de sobra para terminar seus trabalhos pendentes, decidiu gastar a manhã pesquisando sobre os acontecimentos da noite anterior.

A primeira parte foi bastante rápida e logo ele descobriu que não só jornais sensacionalistas e sites de reputação duvidosa falavam a respeito, mas também os sérios e as redes de TV, que em sua maioria noticiavam a estranha morte da jovem nos arredores da Estação da Luz como um problema social de grandes proporções.

Bem como o maldito falou que aconteceria, o jovem revenant pensou. E quase gritou inconformado com a tela, chamado todos de hipócritas ao ver os repórteres falando que a jovem morreria devido a sua má alimentação e ao consumo de drogas. Alguns entrevistados chegaram a comentar a respeito da briga, provavelmente entre clientes ou entre um e o cafetão dela, que diziam morar com ela ali perto, apontando para um albergue próximo.

Eles então mostraram a enorme favela vertical que era o edifício na Avenida Prestes Maia, dizendo ser uma vergonha existir lugares como aqueles, assim como pessoas que nasciam e morriam às margens da sociedade. Nada fizeram além daquilo, como se aquela fosse algum tipo de Caixa de Pandora, que se aberta fosse trazer nada além de mal ao mundo.

Adriano pensou em escrever para eles, postar o artigo nas redes sociais para com isso fazer algum barulho e chamar a atenção da opinião pública, mas preferiu ignorar, até porque aquele não era mais “seu mundo”. Como a jovem prostituta morta da noite anterior, naquele momento ele também era um invasor, vivendo, mesmo que no caso metafóricamente, à parte da sociedade. Foi quando, como da outra vez, a mensagem de Denise surgiu na sua tela ‘Oie!’

E uma vez mais o revenant suspirou, numa mescla de enfado e irritação. *Desculpe querida, mas hoje não, amanhã quem sabe, ele pensou ao fechar primeiro a mensagem e logo depois a rede social.*

O restante do dia foi gasto trabalhando e vigiando suas câmeras e pesquisando as necrópoles da cidade, pois teria de sair para se alimentar e reabastecer seu estoque somente tarde da noite, quando os transportes coletivos já estavam mais vazios. Vigiando e considerando modos que completar sua vingança.

Pode ser que eu não seja capaz de atacá-lo, Adriano pensou com um sorriso crispado no rosto, mas é para isso que servem as armadilhas, não é verdade? Eu só preciso atraí-lo.

Gastou o início de sua noite pesquisando a respeito do cemitério escolhido e sobre a armadilha até sair para se alimentar — Seria algo como as armadilhas do Rambo! — comentou empolgado para as escadarias vazias do prédio — Com um sistema de molas ativado por pressão que empalará o cretino, aí já era! — ele saiu rua afora.

O relógio de rua próximo à estação Marechal Deodoro marcava dez da noite e as ruas estavam mais vazias, apesar das prostitutas e travestis sempre presentes quando Adriano

chegou, após andar por algumas quadras, no metrô. Prático, forçou-se a esquecer de o que havia acontecido no dia anterior, se focando só no que tinha de fazer aquela noite e aproveitou então que como dizia o ditado, ‘a noite todo gato é pardo’ para tomar a linha vermelha até o Belém, seguindo depois, uma vez mais a pé, para o Cemitério da Quarta Parada.

O ar fresco noturno, o exercício que lhe desenferrujava os finados músculos e o alimento fresco deixaram-no tão relaxado que o revenant não percebeu que, como na noite anterior, novamente estava sendo observado até que, logo após haver “atacado” seu segundo túmulo, quando estava colocando o pote plástico da Tupperware na mochila, novamente ouviu uma voz falando consigo:

— Então eu tinha razão! Parece que temos um carneiro na cidade! — e quando se virou para ver quem havia falado aquilo, viu Pedro Vicente, o padre que o havia ajudado na biblioteca da PUC no mês anterior — Ou esses cérebros são para seu trabalho sobre mortos-vivos também? — e ao dizer aquilo, o cura empunhou uma espada templária que até então segurava como uma bengala ou cajado.

— Padre Pedro Vicente... — Adriano tentou não soar amedrontado — Ou eu deveria dizer inquisidor?

— Muito bom! Parece que você fez sua lição de casa, — o caçador de bruxas se aproximou com a espada em riste — maldito! Pena que não vai viver para se aproveitar o que aprendeu.

— Sério mesmo? Uma espada? — ele tentou ser irônico, evitando com isso que seu adversário percebesse que se movera de modo a se aproximar de um túmulo com uma porta de metal trabalhado e se aproximou dele — Você sabe que a Idade Média acabou cinco séculos atrás, não é?

— Armas de fogo não funcionam bem com mortos-vivos. — o inquisidor moveu a espada de um lado para outro — Mas essa gracinha, abençoada pelo papa Bento XVI, acabará com a sua raça!

— E pensar que a igreja prega paz

⇒



e amor... — com um movimento rápido o morto-vivo arrancou a porta do túmulo, passando a segurá-la como um escudo. Enquanto isso, em sua cabeça passavam imagens das ridículas lutas do homem-Aranha, assim como dos Cavaleiros do Zodíaco, todas permeadas de falas e chistes, mas ele logo chacoalhou a cabeça, tentando se concentrar, a situação seria caricata, se não fosse mortal, afinal de contas.

— Isso é entre os povos, não entre seres vivos e mortos-vivos! — Pedro Vicente começou a golpear com força, tirando lascas e faíscas do escudo improvisado. Levantou então a espada acima da cabeça e atingiu o portão de túmulo com tanta força que o revenant perdeu o pé e caiu — Vocês são escória! Sanguessugas que se alimentam da vida alheia.

— Eu me alimento de cérebros de defuntos! Diferente de vampiros... — desesperado, Adriano começou respondendo rápido enquanto tentava se arrastar para longe de seu algoz. Mas tomado por uma epifania ele parou, e mesmo o restante das palavras saiu sem a mesma convicção — como... o... maldito... que me criou. E percebendo que o padre prestava atenção em suas palavras ele levantou a mão livre pedindo que o padre não ainda desse eu golpe de misericórdia — Um momento!

Após recuperar um pouco da postura e se sentar, ele continuou, contando que havia sido 'criado' por um vampiro e que apesar de só estar vivo ainda — Maneira de dizer... — só com o objetivo de se vingar, não havia conseguido destruí-lo — Na verdade eu nem consegui atacar o maldito!

— As lendas dizem que vampiros conseguem controlar outros mortos-vivos... — o cura comentou controlado, embora a espada ainda estivesse em riste, pronta para atacar.

— Mas você pode destruí-lo com essa espada! — o revenant apontou para a lâmina sagrada que o outro tinha em mãos. E abrindo um sorriso citou o provérbio árabe — "O inimigo de meu inimigo é meu amigo".

✱

Um dia havia se passado e as palavras do cura 'e nem pense em nos

trair, criatura, ou eu vou fazer você desejar ter morrido após o ataque do vampiro' ainda dançavam na mente de Adriano. Um dia na frente de um computador desligado, em sua casa vazia, sem mover um músculo, sequer para fingir respirar. Como se estivesse morto realmente e não fosse um morto-vivo, ou um imortal como gostava de se chamar. E era assim que se sentia pela primeira vez nesta segunda vida: morto.

Sua mente, contudo, fervilhava com os acontecimentos do último mês. Porque se imaginar um predador sobrenatural é fácil, mas como a maioria das pessoas ele era uma pessoa normal, que trabalhava, pagava as contas e saía aos finais de semana para relaxar. E mesmo que não fosse vegetariano, nunca matara nada em sua vida, a não ser pernilongos, moscas e baratas, e agora sua existência havia se tornado um enorme enigma impossível de sair. Por um momento desejou falar com Denise, mas eles ainda estavam "brigados" e ele não sabia o que fazer.

Suspirou profundamente então finalmente ligou a máquina. Como havia prometido, enviou o que já descobrira sobre o vampiro para o e-mail indicado pelo inquisidor, então abriu a rede social, digitou uma longa mensagem para a "amiga" contando tudo o que havia acontecido naquele mês, desde antes mesmo deles se encontrarem da última vez, contou o que ele havia se tornado, como tentara se livrar de seu criador, terminando com o acontecimento da noite anterior e como ele pensava, por mais irônico que aquilo fosse, do trato com o demônio que havia feito com o Padre Pedro Vicente. Programou o envio do que chamou de 'apólice de seguro / testamento', dependendo do que o futuro lhe reservasse, para dali a um mês. Afinal, sempre poderia mudar a data ou apagar a mensagem caso ainda estivesse "vivo" até a data, então começou a longa tarefa que era fazer os cálculos e análises, de modo a uma vez mais prever o próximo local de ataque do vampiro.

Mais vinte dias foram necessários para que, além de seu trabalho cotidiano e da eterna busca por cérebros, ele descobrisse a data e local apro-

ximado do próximo ataque. Segundo seus cálculos aconteceria nas noites seguintes e, por uma ironia do destino nos arredores da Praça Coronel Custódio Fernandes Pinheiros, também conhecida como Praça do Pôr do Sol, no mesmo local que ele havia descoberto o vampiro e sido atacado.

Os dois passaram a primeira noite em branco e, apesar do Sol a pouco haver se posto, o caçador de bruxas não parecia nada feliz em ter de passar mais uma noite de tocaia.

— É melhor você ter certeza disso. Eu não estou aqui para ser feito de otário! — o Pedro Vicente sussurrou ao passar pelo arbusto em que Adriano estava escondido com seu taser — Não se esqueça de que sua existência até o momento depende do sucesso dessa caçada.

— Paciência, meu caro inquisidor. Eu não errei em meus cálculos nenhuma vez. Não será hoje que isso ocorrerá.

— Eu espero mesmo que não. Para o seu bem! — o padre continuou caminhando como se fosse só um transeunte cruzando a praça.

Os primeiros a ir embora foram as famílias com filhos. E depois de algum tempo aproveitando o escurinho para um amassos, foram os namorados, indo comer algo antes da seguirem para alguma balada. Finalmente, por volta das nove horas, os esportistas desapareceram, deixando só um ou outro trabalhador voltando para casa depois de um longo dia.

O padre já estava na sua décima primeira ou décima segunda volta na praça, já não se lembrava mais, quando os eventuais consumidores de droga apareceram. Pequenos grupos de moças e rapazes que, além do fumo, surgiam suas latinhas de cerveja e pacotes de supermercado com pão e frios para o caso de uma eventual larica de fim de noite. Eles, algumas prostitutas e os clientes ávidos por sexo que passavam devagar, de carro, avaliando se a "mercadoria" valia seu dinheiro suado.

Não foi muito depois disso que Adriano deu o sinal e, sem que seu alvo percebesse, saiu de seu esconderijo. Procurou Pedro Vicente com o olhar e, descobrindo-o caminhando

⇒

no meio do parque, buscou ficar do lado oposto dele em relação ao vampiro, que se aproximava de um casal que fumava maconha.

Sacando seu taser, não hesitou e, antes que o outro morto-vivo pudesse fazer alguma coisa, puxou o gatilho lançando as agulhas contra as costas de seu alvo, que apesar de enrijecer a musculatura, não caiu como esperado.

— É melhor vocês dois saírem daqui agora! — ele chamou a atenção dos garotos movimentando o queixo — A coisa vai ficar feia por aqui!

— Realmente vai! — o vampiro se virou e, apesar de incomodado pela eletricidade, começou a andar em direção a seu atacante — E parece que alguém vai se dar mal essa noite. Muito mau!

E antes que Adriano pudesse sequer pensar em algo, pois seu plano não havia funcionado, o vampiro saltou, caindo sobre ele, que uma vez mais se viu incapaz de reagir. Mesmo assim, seu algoz teve de rolar quando foi atacado pelo Padre.

— O que é isso? — Adriano ouviu o outro morto-vivo questionar. Caído e imobilizado como estava, não conseguia ver nada.

— Isso é o sinal de sua destruição. — o inquisidor apontou sua espada sagrada para o vampiro que rapidamente se levantou — Criatura maldita!

Por um momento os dois se mediram, até que Pedro Vicente se colocou uma posição de guarda em que a lâmina, apontando para baixo a sua frente, não só o protegia e ficava pronta para uma estocada, como quando ele movia lateralmente, refletia a luz da lua diretamente na face do vampiro, fazendo rosnar de raiva e dor.

— Que foi predador? — ele provocou — Está com medo de atacar sua presa?

— Você vai pagar por isso, humano! — Adriano ouviu o vampiro estrilar. Sentiu-o saltar, assim como ouviu a espada cantar, e mesmo sem poder ver o que havia acontecido, sabia que o inquisidor vencera aquele duelo, e que ele havia sido destruído.

Sabia, pois a pressão que sentia, a ira que cada dia mais nublava sua consciência havia desaparecido completamente. Isso e porque ele finalmente podia se mover, mostrando que o controle do outro imortal havia terminado.

Feliz por saber que estava livre, ele levantou-se. Mas olhando Pedro Vicente, sentiu também uma pontada de tristeza. Com sua vingança completa sua existência havia perdido o sentido.

— Obrigado pela ajuda — Adriano se aproximou do padre e das cinzas que antes eram o vampiro, Sem responder nada, este acenou positivamente com a cabeça. Lembrou-se então que revenants, depois de cumprido seu objetivo se desfaziam após um tempo. Mas como não se recordava de ter lido quanto tempo, olhou para o cura e, sem pensar, questionou — Você sabe quanto tempo resta agora?

— Depende do morto-vivo. — o inquisidor levantou a espada e começou a embainhá-la. No meio do movimento, contudo, puxou-a num corte lateral seco que cortou metade do pescoço de Adriano, que nada conseguiu fazer tamanho assombro — No seu caso nenhum! — e quando a espada terminou seu arco, a outra mão, que antes segurava a bainha, agarrou o que restava da empunhadura e, com um movimento contrário, cortou o restante do pescoço, terminando de separar a cabeça do atônito morto-vivo do restante de seu corpo, que segundos depois foi ao chão como um saco de batatas e começou a se desfazer, ao que o inquisidor concluiu — Pronto! Agora o trabalho está completo!

Epílogo

Como fazia toda manhã antes de sair para o trabalho, Denise ligou seu notebook enquanto tomava café da manhã. Abriu sua caixa de e-mail e, após ler uma ou duas mensagens importantes, entrou na rede social para checar as novidades. Foi quando o aviso da comunicação de Adriano com um documento anexado surgiu na tela.

Como ainda estava brava com ele,

ela ignorou enquanto levava uma torrada com geleia à boca, mas o título 'apólice de seguro/testamento' atiçou sua curiosidade e ela deixou a birra de lado, abriu e começou a ler o documento.

Antes mesmo da metade ela não podia acreditar que aquilo tudo fosse verdade e que o amigo, havia se tornado um morto-vivo, assim como que agora podia estar morto.

Na verdade 'destruído', ela pensou com uma careta, *pois a condição sine qua non de um morto-vivo era já estar morto.*

— Mesmo assim, — ela parou de comer o pão pela metade e, sacando o celular, falou para a cozinha vazia — isso explica aquele cheiro horrível! — e sem acreditar que aquilo pudesse estar acontecendo mesmo, ironizou — Isso sem contar que aquele glutão nunca deixar passar a chance de comer uma torta.

E lembrando-se daquele dia na PUC e da reação do padre e depois do amigo em relação ao religioso, ela tentou ligar para ele. Na primeira, segunda ou terceira vez a resposta foi sempre a mesma, que 'o celular está desligado ou fora da área de recepção'.

— Não é possível! Não é possível! — ela repetiu incrédula. Mesmo assim, quando tentou levantar, suas pernas não obedeceram e ela caiu — Isso não está acontecendo! — e do chão mesmo ligou para o trabalho dizendo que estava com um problema de saúde e que teria de faltar.

Checou mentalmente se tinha algum dinheiro livre na conta, chamou táxi pelo aplicativo do celular e, após terminar seu pão com geleia e engolir num gole o leite com café e chocolate que quase parou no meio de sua garganta, tamanho seu nervosismo, foi se arrumar para ir ao apartamento de Adriano.

Quando o táxi chamou pelo interfone, entretanto, além das chaves do prédio e do apartamento que tinha de quando os dois namoravam, ela ainda não tinha decidido o que levar.

Checou a faca butterfly, um presente do próprio Adriano, na bolsa e, chamando o elevador, imaginou num surto de otimismo que iria armar o

maior barraco com o amigo se aquilo não passasse de uma piada. Mesmo assim engoliu em seco, pois apesar de brava, ficaria muito aliviada se aquilo fosse mesmo uma brincadeira.

Assim que saiu do táxi, na frente do prédio de Adriano, no centro de São Paulo, Denise parou por um momento e olhando para cima, respirou profundamente não sabendo o que a esperava. Fechou os olhos e, suspirando uma vez mais, sacou o molho de chaves, abriu o portão e entrou no lobby vazio do prédio.

Há tempos não visitava o amigo e estar ali era estranho. Tudo parecia tão normal que ela olhou para os lados em busca de alguém que a impedisse de subir. Mesmo assim, quando o velho elevador chegou e uma moradora simplesmente cumprimentou-a ao abrir a porta, Denise teve vontade de correr dali, apagar a estranha mensagem e esquecer tudo.

Não, ela pensou ao ouvir o ranger da porta de metal fechando e o tranco do elevador subindo, *eu tenho que seguir em frente. Até o fim, seja ele qual for.*

Antes de colocar a chave na fechadura, quando se viu frente a frente com a porta do apartamento de Adriano, Denise se preparou para xingá-lo pela brincadeira de mal gosto. Testou então a maçaneta, engolindo em seco ao notar que a porta não estava trancada.

Entrou brava, imaginando, ou ainda torcendo para que fosse uma

pegadinha, mas estancou de susto ao ver que ao invés do amigo, quem estava ali era Pedro Vicente, o padre que os acompanhara na pesquisa da biblioteca da PUC.

— Padre? — ela estranhou — O que você está fazendo aqui? — e como não obteve resposta alguma, questionou — Cadê o Adriano?

— Entre, minha filha. — o inquisidor aproximou-se e, antes que ela se lembrasse de sua faca na bolsa, secamente colocou a mão nas costas dela e puxou-a para longe da porta — Nós precisamos conversar...

— Era tudo verdade? — ela questionou amedrontada antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. O tom de voz mais alto do que esperava — Tudo verdade! Não é?

— Que Adriano está morto... — ele respondeu. O tom estéril não era de uma pergunta, mas de uma afirmação — Ou que ele era uma abominação?

— Abominação?

— Um morto-vivo. — o inquisidor soou irritado, imaginando como havia sido bom eles terem invadido o PC dela — Algo que não deveria existir!

— Ele foi atacado por um vampiro! — ela replicou de supetão. As palavras saindo de sua boca aos botões então o chão sumia de seus pés — Era ele que você deveria estar atrás.

— Eu sei. — Pedro Vicente puxou uma cadeira e ajudou-a a sentar-se

— Eu destruí o maldito já faz uns dez dias.

— E matou Adriano! — ela soluçou, nervosa como uma criança inconformada por estar de castigo — Eu li tudo do trato que vocês fizeram. Você traiu ele!

— Teve de ser assim. — o cura gaguejou ao tentar explicar-se. O brilho em seus olhos passava uma mensagem totalmente diferente — Ele era algo que não deveria existir. Você tem que entender... Imagine se o mundo descobrisse que os mitos e lendas são reais e que seres sobrenaturais andam livres entre nós?

— Ah! Mas o mundo vai saber! — Denise levantou-se brava, abrindo a butterfly com as mãos trêmulas e apontando-a para o padre — Eu vou aos jornais. Mostrar a mensagem dele, as fotos...

Ao invés de responder algo e dar tempo para Denise pensar em como sairia dali, Pedro Vicente se jogou contra ela e, com uma torção de pulso, tirou a faca de suas mãos. Agilmente então, passou-a pelo pescoço dela, que só pôde sentir o sangue encharcando sua blusa manchando-a de vermelho enquanto ia ao chão.

Eu estou morta, ela pensou. Era seu último pensamento viva, mas você não é um vampiro, seu maldito!

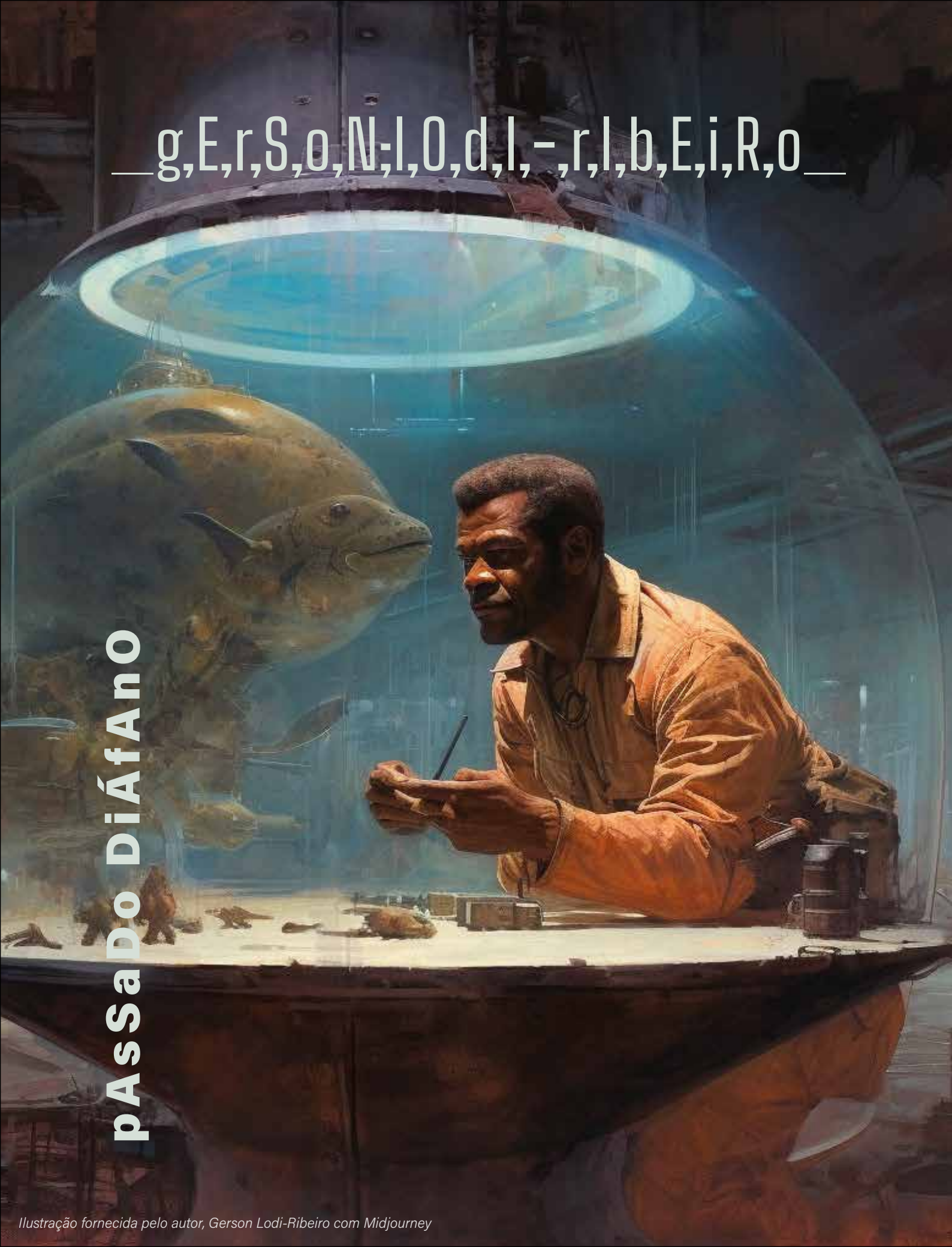
FIM?! Ao menos até o momento.



Gianpaolo Celli é escritor e editor e redator, leitor crítico e tradutor. Co-criador da coleção Necrópole, da Tarja Editorial. Organizador e coautor de diversos livros, entre eles Steampunk – Contos do mundo do vapor (Contos, 2017), Retrofuturismo (contos, 2013), Cyberpunk – Histórias de Um Futuro Extraordinário (contos, 2010), Steampunk – Histórias de Um Passado Extraordinário (contos, 2009), entre outros. Autor dos Livros Steampunk – Histórias Extraordinárias (contos, 2022), Predadores – Contos de Terror (contos, 2022) e O Cavaleiro e o Senhor do Inverno The Knight and the Winter Lord – Edição Bilíngue (2022). Além de estudioso de mitologia comparada, esoterismo e psicologia, paixões que busca sempre trazer para suas histórias.

g,E,r,S,o,N;l,O,d,l,-,r,l,b,E,i,R,o

pASSADO DiÁfANO



PASSADO DIÁFANO

GERSON LODI-RIBEIRO

AUTOR CONVIDADO

A noveleta de história alternativa “A Ética da Traição” é meu trabalho mais republicado. Por isso, suspeito que também seja o mais conhecido. Foi lançada quase ao mesmo tempo no início da década de 1990 numa antologia da Editorial Caminho em Portugal e no número final da saudosa revista *Isaac Asimov Magazine de Ficção Científica* aqui no Brasil. A trama fala essencialmente da fuga de um cientista brasileiro negro para a Gran República del Paraguay e se desenrola ao longo de umas poucas horas a bordo de uma velha “barcaza” fluvial de propulsão nuclear. Concebi esse protagonista inspirado em Jorge de Albuquerque Vieira, um grande professor que conheci no curso de Astronomia da UFRJ, ministrado no Observatório do Valongo.

Ao longo das décadas que se sucederam às primeiras publicações daquela noveleta, vários leitores me questionaram sobre o que teria acontecido ao protagonista fugitivo após o fim da narrativa. Embora eu intuisse mais ou menos a resposta, até bem pouco tempo atrás nunca me animara em contá-la. No entanto, durante todo este tempo, uma coceirinha me fustigou o espírito: o que aconteceria se aquele cientista genial conseguisse recriar seu invento revolucionário fora do Brasil e como esse êxito hipotético abalaria o curso da história?

Na tentativa de responder essa pergunta dupla, escrevi “Passado Diáfano” em fins de 2023. Esta nova narrativa que começa alguns anos depois fim da anterior e mostra o que se sucedeu ao Professor Júlio Cesar de Albuquerque Vieira e à sua equipe e as aplicações (e implicações) iniciais mais óbvias da invenção do cronovisor.

Por isso tudo, é uma honra e um prazer que minha estreia na *Táquion* se dê justamente através da publicação da sequência direta da narrativa pela qual sou mais conhecido.

Sem mais delongas, portanto, bem-vindos (ou, quem sabe, bem-vindos de volta) à linha histórica da Pax Paraguaya.

Prólogo Daquilo que Eu Sei

*“Daquilo que eu sei
“Nem tudo foi proibido
“Nem tudo me foi possível
“Nem tudo foi concebido...”
[Ivan Lins, Daquilo que Eu Sei]*

Viagens retrotemporais constituem uma impossibilidade física.

Eu sei. Porque, após estudar o assunto por décadas, quando ainda vivia no Brasil sete anos atrás, descobri uma falha minúscula na tessi-

tura dimensional do multiverso. Uma fissura que – em tese – possibilitaria uma viagem desse tipo. Por questão de segurança existencial, tratei de reparar essa falha.

Agora, sim. Leis da natureza devidamente corrigidas, posso afirmar com confiança:

— É impossível viajar ao passado.

No entanto, isso não significa, em absoluto, que é impossível construir uma máquina do tempo. Falando com conhecimento de causa, é possível sim. Não para regressar ao passado, é lógico. Máquinas do tempo servirão para visualizar o passado humano. Sei disso, porque já construí uma.

Aliás, construí e depois a destruí.

Como assim?

Ora, para impossibilitar a viagem ao passado e, com ela, a perspectiva pavorosa de obliterar o fluxo da história. Foi preciso vedar a tal fissura, por assim dizer.

*

Quando trabalhávamos nas instalações secretas do Projeto Cronos, escavadas no subsolo do campus principal da USP, tentei batizar nossa máquina do tempo de “holovisor temporal”. Entretanto, fui voto vencido. Porque, por mais que insistisse, o termo não pegou, pois o grosso da equipe que eu coordenava preferiu “cronovisor”.

⇒

Cinco anos após o fim do Cronos, coordeno outro projeto para construir e operar máquinas do tempo. Ou melhor, cronovisores. Aqui na República del Paraguay, sob os protocolos de transparência absoluta impostos pelo Despacho de las Ciéncias, ainda que sob protesto tácito do Despacho de la Información, não cabe qualquer espécie de sigilo. Tampouco o projeto atual é financiado pelas Forças Armadas. Ao contrário, o financiamento robusto vem sendo bancado por um consórcio de universidades públicas guarany.

Nosso protótipo foi acionado pela primeira vez há quase um ano. De lá para cá, dedicamos estes últimos onze meses à calibragem e à sintonização correta do cronovisor. Agora, finalmente, seremos capazes de visualizar qualquer evento histórico ou pessoal, público ou íntimo, ocorrido nos últimos trezentos e noventa anos. Esse limite nos é imposto pela intensidade do campo gravitacional terrestre.

Teoricamente, um cronovisor instalado em uma sonda blindada que orbitasse o Sol no interior da sua fotosfera poderia visualizar saurópodes gigantes vagando livres pelos sertões da Gondwana, no início do Cretáceo. Se conseguíssemos instalar um cro-

novisor no horizonte de eventos de um buraco negro de umas cem ou cento e dez massas solares, em tese, seríamos capazes de documentar a Gran Explosión Primigenia.

Em termos práticos, os governos de Asunción e Berlim já traçam planos para lançar uma sonda rumo ao Sol com um cronovisor a bordo. Porém, tudo dependerá do êxito desse primeiro aparelho construído na Gran República del Paraguay.

Amanhã cedo concluiremos os últimos testes e promoveremos a inauguração oficial do nosso cronovisor experimental na presença de várias autoridades guarany e confederadas, inclusive, o Presidente da República, a Secretária Geral da Academia de las Ciéncias e o chanceler alemão. O cenário escolhido para a primeira visualização não poderia ser outro que não o Combate Naval do Riachuelo, batalha emblemática crucial que constituiu a primeira grande vitória paraguaya na Guerra da Tríplice Aliança.

Ao longo destes últimos anos logrei trazer para cá não só meus filhos, como boa parte dos cientistas e técnicos do antigo Projeto Cronos. Tais êxitos demandaram esforços de negociação consideráveis por parte da diplomacia guarany. Felizmente,

o governo brasileiro atual se revelou menos militarista, mais progressista e, portanto, mais amistoso ao Paraguay do que aquele da época em que precisei imigrar para cá. Além disso, a promessa de compartilhar todas as descobertas do Projeto Pasado Desvelado com as demais nações ajudou a pavimentar certo entendimento tácito com os conservadores do meu país natal, estabelecendo um nível mínimo de confiança na sinceridade dos propósitos de seus antigos antagonistas.

1

Inauguração Triunfal

A coisa de que mais gosto neste complexo de salas e laboratórios que abriga o Pasado Desvelado é o ambiente arejado, com uma cúpula transparente por teto fornecendo luz natural generosa durante a maior parte do dia. No centro do salão principal jaz o cronovisor – maior e mais avançado do que o antigo protótipo do Projeto Cronos. Ao seu redor, nas paredes circulares, vastas telas côncavas se distribuem, um tanto antiquadas, em vez dos holotankes esperados. Resolvemos instalá-las em prol da miríade de zangones das agências

⇒



"Combate Naval de Riachuelo", pintura do Vitor Meirellés. Acervo do Museu Histórico Nacional

noticiosas guarany e estrangeiras que cobrem a inauguração. Embora o Despacho de Informação tenha vetado a presença de repórteres e holografistas neste evento, a imprensa o cobrirá através das imagens coligidas pelos zangones e transmitirá a focalização ao vivo para todo o planeta e o ambiente circunlunar.

O espaço amplo e aberto deste salão é em tudo distinto da câmara de testes subterrânea que mantínhamos sob o campus da USP. Período do qual eu e meus assistentes não guardamos recordações agradáveis.

Além da equipe do Pasado Desvelado, encontram-se presentes o Presidente Matías Segovia; a Secretária da Academia de las Ciencias Amélia Izidro; o embaixador da Confederação Germânica Werner Schultz; e o diretor do departamento de historiografia da Academia, Luís Augusto Blanco. Os quatro se acomodam em poltronas confortáveis instaladas à primeira fila deste auditório improvisado para a cerimônia de inauguração.

Felizmente, consegui persuadir a Secretária da Academia a fazer esta cerimônia de inauguração da maneira mais singela e intimista possível.

Assim, mal recebo a confirmação silenciosa de meu braço direito, informando da prontidão dos sistemas de apoio computacional, o enxame de zangones minúsculos se eleva, zumbindo sobre nossas cabeças. Esforçando-me para ignorá-los, dou início aos trabalhos:

— Buenos días, meus amigos. Señor Presidente; Señora Secretária da Academia de las Ciencias; Señor Embaixador da Confederação Germânica; demais autoridades e integrantes da nossa equipe aqui presentes. — Início minha fala com as formalidades e filigranas de praxe. — Em nome do Projeto Pasado Desvelado, é com prazer que lhes dou boas-vindas. — Após uma pausa ligeira, dirijo o olhar ao nosso chefe de Estado. — Señor Presidente?

— Muchas gracias, Professor. — Segovia se ergue da poltrona e avança alguns passos, até ocupar o púlpito de honra, instalado ao lado do meu. — Ciudadanos del Paraguay, é com grande satisfação que compareço à

sede do Pasado Desvelado na manhã de sua inauguração oficial para testemunhar e chancelar o início de uma nova era da história humana. Uma era em que poderemos contemplar os acontecimentos do passado da maneira exata como esses realmente decorreram. Em minha formação acadêmica como historiador que ingressou na política por acidente, — ele esboça um sorriso que almeja parecer inocente, — confesso-me sobremodo emocionado ante as perspectivas dos avanços que decerto se abrirão para a historiografia paraguaya e mundial. Sem mais palavras de momento, com grande expectativa e curiosidade desmedida, rogo ao Professor Albuquerque Vieira que dê prosseguimento à cerimônia.

— Obrigado, Excelência. — Aceno ao presidente quando ele retorna à sua poltrona. — Senhora Secretária?

— Pois não, Júlio. — Amélia se levanta para ocupar o púlpito de honra. — Prometo ser bastante breve, como você me recomendou com forte insistência. — Findas as risadas protocolares, ela prossegue: — Sérgio, agora. Em nome da Academia e da comunidade científica paraguaya, agradeço seu empenho pessoal e o de sua equipe em concretizar o sonho humano de conhecer nosso passado histórico. Obrigado, meu amigo.

Assim que a Secretária volta à sua poltrona, lanço um olhar inquisitivo ao embaixador alemão:

— Herr Schultz?

— Com certeza, Professor. — Ele ocupa seu lugar no pódio. — Senhoras e senhores. Povo da Gran República del Paraguay. É com alegria e contentamento que me declaro pronto e entusiasmado para presenciar com meus próprios olhos um dos eventos mais cruciais da história. Segundo ouvi dizer, um evento formativo da nacionalidade pátria dos grandes aliados da Confederação no Novo Mundo. Como o Presidente Segovia bem expressou, hoje é o primeiro dia de uma nova era. A ocasião em que nos tornaremos capazes de elucidar os grandes enigmas do passado. Outros cronovisores serão construídos após a inauguração desse primeiro protótipo. De acordo com o convênio

estabelecido entre a República Guarany e a Confederação, ativaremos nosso próprio aparato dentro em um mês. No entanto, cumpre reconhecer a justiça da primazia paraguaya, uma vez que vossa nação não só investiu seus melhores recursos técnicos e humanos com o propósito de facultar à humanidade o ingresso nessa nova idade do conhecimento, como não se furtou em compartilhar suas descobertas com as nações amigas. — Após uma pausa de efeito dramático, o embaixador continua em seu castellano perfeito. — Professor Vieira, o senhor e sua equipe merecem nossas congratulações veementes por esse feito científico extraordinário.

— Obrigado, Herr Embaixador. — Assinto quando ele regressa ao seu assento na primeira fila. — Bem, amigos, sem me estender demasiado, gostaria de conceder a palavra ao Professor Luís Augusto Blanco, diretor do Departamento de Historiografia da Academia, pelo apoio incondicional e irrestrito que nos tem concedido desde o início deste projeto. Apoio sem o qual não teríamos logrado tamanho êxito em tão pouco tempo. No que se pese que seu interesse entusiástico nesse êxito jamais teve um caráter altruísta. —guardo o término da sessão de risadas. — Afinal, como bem podem imaginar, a História será o segmento acadêmico que auferirá benefícios mais avultados desse avanço da Física. Professor Blanco?

— Muchas gracias, meu caro Júlio. — Ao contrário das autoridades que o precederam, ele pronuncia "Rúlio". — Sem mais delongas, pois que todos estão ávidos em visualizar essa cena prestes a ser resgatada de mais de cento e trinta anos no passado, gostaria de agradecer a meu amigo Júlio e sua equipe pela oportunidade de estar aqui hoje, mas também e sobretudo, por essa autêntica janela temporal que vocês estão prestes a descerrar em prol de conhecimentos mais acurados em termos de veracidade histórica. Mais uma vez, muchas gracias.

Atribuo a efusividade inusitada da salva de palmas que se segue menos ao teor da fala do decano da historiografia paraguaya e mais à percepção

⇒

de nosso público seletivo de que ela foi de fato a última. De qualquer forma, assim que os aplausos terminam, retomo a palavra:

— Bem, amigos, encerradas as manifestações introdutórias, passemos à ativação oficial do nosso cronovisor experimental. — Exprimo-me em castellano fluente quase sem sotaque. Troco um olhar breve com meu braço direito. — Gustavo, tenha a bondade.

— Pois não, Professor. — Gustavo Mello assente com um sorriso. A bem da teatralidade desse espetáculo bem ensaiado, dirige-se ao púlpito vago, dando prosseguimento ao nosso roteiro: — Clio, você está pronta?

“PERFEITAMENTE, PROFESSOR MELLO.”
— A inteligência artificial que gerencia os procedimentos do Pasado Desvelado se pronuncia num soprano melodioso, audível em todo o salão.

— Então, ative o cronovisor nas coordenadas geográficas programadas no início da manhã de domingo, onze de junho de 1865. Ajustar a focalização para a altitude de cem metros em relação às águas do rio.

“ATIVAÇÃO NAS COORDENADAS ESPAÇO-TEMPORAIS PROGRAMADAS EM EXECUÇÃO.”

Três telas côncavas se acendem, exibindo as mesmas imagens em alta resolução.

O dia acaba de amanhecer a leste do Paraná, rio caudaloso que, no trecho e à época visualizados, alguns quilômetros ao sul da cidade de Corrientes, aparece salpicado de ilhas e bancos de areia. Seu leito se estende, grosso modo, de norte a sul. Observo umas poucas franjas de neblina fina sobre o curso d'água.

— Hora sideral do local focalizado.

“SETE HORAS, TRINTA E DOIS MINUTOS.”
— Clio informa, solícita.

— Professor Blanco, a que horas o combate se iniciou? — Gustavo fita o historiador.

— Segundo nossas crônicas militares, um pouco após as nove da manhã.

— Certo. — Meu assistente assente. — Clio, avance até as nove horas e dez minutos.

O dia se torna perceptivelmente mais claro sobre o Paraná, confirman-

do o registro histórico que descreve o combate naval eclodindo num dia de céus azuis, quase sem nuvens. Entre a margem oriental do rio e uma ilha comprida que aprendi se chamar “Palomera”, vislumbro a esquadra da Armada Imperial Brasileira demandando rio acima.

— Eu diria que a primeira carga, ou seja, o primeiro confronto entre as duas forças navais se deu algumas centenas de braças a montante. — Luís Augusto opina do seu assento. — Mais perto desses barrancos altos da margem leste.

— Onde está a nossa esquadra? — Segovia dirige a indagação ao historiador profissional, atividade que ele próprio já exerceu três décadas atrás.

— Algures junto aos barrancos, rio acima, eu imagino.

— Percebo. — Gustavo esboça um sorriso acanhado, como se topasse com esse combate fluvial pela primeira vez. — Clio, por favor, avance mais quinze minutos.

Agora a esquadra brasileira demanda contra a correnteza a leste de uma ilhota, a “Cabral”. Ou muito me engano, ou já estamos no quandonde correto.

Por um instante, sinto um arrepio de pavor percorrer minha medula da nuca ao cóccix. E se nosso protótipo estiver focalizando aquela outra linha histórica, onde o Império venceu essa batalha? Não. Impossível. Pois, ao corrigir a anomalia, logrei eliminar a interferência que imbricava aquela linha com a nossa.

Eis que vislumbro o brilho metálico dos tubos dos canhões semiocultos nos topos florestados de alguns barrancos.

— Clio, identificar os navios da esquadra brasileira. — Gustavo determina num castellano melhor e mais calmo do que o meu.

As nove belonaves imperiais agora evidenciam suas respectivas designações, destacadas em letras amarelas. Observo que a fragata *Amazonas* – capitânia da esquadra – é a segunda da fila, avançando logo atrás da corveta *Belmonte*.

Meus temores irracionais se dissolvem num átimo quando avisto os

clarões das primeiras salvas disparadas naquela manhã de céu claro pelas baterias de canhões e foguetes da artilharia do Coronel Bruguez. Um segundo mais tarde, ouvimos o fragor dos disparos. Os artilheiros miram nos navios da vanguarda inimiga. A maioria dos disparos erra o alvo ou, quando o atinge, não causa danos de monta.

No entanto, um dos projéteis da segunda salva atinge mortalmente a roda de boreste da *Amazonas*, arruinando-a. A explosão resultante derriba Barroso da Silva, comandante em chefe da esquadra brasileira, no momento exato em que esse executava uma inspeção de última hora nas duas rodas de propulsão.

Vários dos presentes soltam brados de alegria. Pois todos os paraguayos conhecem desde a infância o resultado desse alvejamento fortuito. Barroso sofreu morte instantânea. Acéfala de comando e com propulsão reduzida à roda de bombordo, a capitânia não tarde a encalhar num banco de areia junto ao barranco altaneiro da margem oriental em que se encontra instalado o grosso da artilharia do Exército Guarany. A fragata é massacrada pelos tiros à queima-roupa das baterias paraguayas.

— Sempre julguei que houvéssemos alvejado a *Amazonas* no primeiro disparo. — Segovia fita o diretor de historiografia da Academia com o ar desalentado de quem acaba de perder uma aposta.

— Pelas minhas contas, deve ter sido o terceiro disparo da segunda salva. — Blanco sorri ao chefe de Estado com cara de eu-não-te-disse. — Júlio, vocês acaso estão filmando essa cena?

— Em verdade, já holografamos todo o Combate Naval de Riachuelo de diversos ângulos, distâncias, posições e altitudes. — Dou de ombros, numa emulação convincente de indiferença olímpica. — Só programamos essa exibição ao vivo nos telões ao invés de exibir a holografagem editada para que os zangones da imprensa possam fazer o seu trabalho direito a fim de não frustrar os profissionais das agências noticiosas que os comandam da sala ao lado.

— Nosso querido Professor Júlio Albuquerque Vieira não é de dar ponto sem nó. — Amélia solta uma risadinha. Ante o olhar inquisitivo do embaixador alemão, vê-se forçada a elaborar. — Ele jamais exibiria um evento histórico durante a inauguração oficial do protótipo sem antes checar se esse evento realmente se desenrolou do jeito mais edificante possível.

— Entendo. — Schultz sorri. — Como vocês sul-americanos costumam dizer, “paranoia pouca é bobagem”.

— Exato. — Abano a cabeça com indignação fingida.

Ainda assistimos o combate fluvial exibido pelo cronovisor por mais uma hora. O presidente faz questão absoluta de assistir à abordagem que o Sexto Batalhão de Marinha promoveu aos escombros da *Amazonas*.

Se deixássemos por conta desses patriotas empedernidos, assistiríamos ao combate até o meio da tarde. A questão é que essas autoridades entusiásticas e nós próprios temos outras atribuições a cumprir e, de qualquer modo, os holorregistros coligidos dias atrás estarão em breve à disposição de todos os interessados.

2

Mártir Redimido

Uma semana após nossa inauguração oficial, Luís Augusto adentra em meu gabinete na sede do projeto sem se fazer anunciar, como é do seu feitio. Antes que eu consiga admoestá-lo, ele se debruça com as mãos gorduchas apoiadas sobre a mesa e lança a bomba sobre o meu colo:

— Acabamos de receber uma proposta indecorosa *sui generis* lá no Departamento de Historiografia e ela tem a ver com o Pasado Desvelado.

— Quem propôs o quê? — Riposto enquanto luto em recobrar o fôlego.

— O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

— *Sui generis* mesmo. Acaso o IHGB deseja contratar uma visualização?

— Exato.

— Para o quê?

— Almejam comprovar aquela tese equivocada da historiografia brasileira, segundo a qual Álvaro Augusto de Carvalho não teria assassinado Solano López em 1873.

— Ah, não. Essa lenga-lenga de novo?

— Pois é.

— É bom que eles saibam que nossa fila de espera anda um bocado comprida.

— Aí é que reside o problema. — Ele libera um suspiro de aflição teatral. — A Cancillería solicita que o Pasado Desvelado atenda esse pedido do Instituto Histórico com prioridade. À medida do possível, é claro.

— Confesso que não estou entendendo.

— É simples, Júlio. A República quer mostrar aos seus antigos compatriotas o que realmente aconteceu a fim de enterrar essa teoria da conspiração de uma vez por todas.

— Certo. Mas, por que a prioridade?

— O governo julga melhor atender logo ao pedido e mostrar aos seus ex-conterrâneos o que aconteceu no atentado da Quinta da Boa Vista, antes que o cronovisor que eles estão construindo às pressas na Unicamp fique pronto e os teóricos da conspiração empreendam essa visualização por lá.

— Acaso a Cancillería receia que o Brasil tente forjar uma visualização para inocentar o tal mártir brasileiro?

— Digamos que o canceller e o presidente não descartem essa hipótese.

— Entendi. — Analiso seu semblante ansioso. Luís Augusto ainda não me contou tudo. — E o que mais?

— O presidente do Instituto exigirá que a visualização seja testemunhada e registrada por historiadores brasileiros indicados por ele.

— Faz sentido. Eu exigiria a mesma coisa no lugar dele. — Pelejo em conjurar novas doses de paciência. — E, além disso?

— Os brasileiros desejam que a visualização do evento seja inédita, ou seja, que não façamos sondagens ou registros prévios.

— Considero essa última cláusula despropositada, além de um tanto arriscada.

— Concordo em número, gênero e grau. Mas, pense bem: não precisaríamos cumpri-la à risca. — Pisca o olho com ar matreiro.

— Mais ou menos. Se de fato nos comprometermos com essa cláusula de ineditismo, aconselho a cumpri-la.

— Você e seus escrúpulos morais.

— Não é questão de escrúpulos, Luís. — Fito o olho no olho. — É que eles sempre poderão checar a posteriori se cumprimos ou não essa exigência.

— Ah, percebi. Você quer dizer, quando eles finalmente prontificarem o cronovisor da Unicamp, não é?

— O da Unicamp, o da Universidade do Brasil e o da Federal de Minas Gerais. — Devolvo-lhe a piscadela. — Porque, para bem e para mal, a cronovisão representará o fim da Era das Mentiras.

— Está certo. Pelo menos, das grandes mentiras. — Ele se endireita. Mantém-se calado com uma expressão pensativa afixada ao rosto por quase meio minuto, até concluir o óbvio: — Então, se acaso concordarmos com essa cláusula contratual absurda, precisaremos cumpri-la.

— É melhor que o façamos. — Esboço meu sorriso cândido padrão. — Se é que queremos eliminar essa teoria da conspiração em particular.

— Tem razão.

— Ante tais circunstâncias, como é que ficamos?

— Aguarde um dia ou dois. — Ele acena sua despedida, já a caminho da porta do gabinete. — Preciso consultar a assessoria jurídica da Historiografia.

— É bom mesmo. — Aceno de volta. — Melhor ainda seria consultar o departamento jurídico da Academia.

— É possível que façamos isso mesmo. — Ele assente de testa franzida, antes de fechar a porta.

✱

Quando percebi que o convênio com o IHGB seria firmado de qualquer maneira, com exigência de ineditismo e tudo, convoquei uma reu-

⇒

não de emergência com meus três assistentes principais, a fim de atualizá-los sobre o assunto e externar minhas preocupações.

Como toda reunião sigilosa informal que se preza, essa não se dará em meu gabinete e tampouco em outro aposento qualquer da sede do Pasado Desvelado, pois não pretendo que nossa conversa seja registrada por terceiros. Não que eu seja paranoico a ponto de imaginar que o Despacho de Información fosse plantar escutas na sede do projeto. Mas é melhor não arriscar.

Neste sentido, reservei uma mesa discreta de quatro lugares no fundo do salão principal da Porteña, churrasceria especializada em cortes especiais argentinos, inaugurada no ano passado perto da nossa sede. Marquei o encontro com eles para o meio da tarde, apostando que o restaurante estaria quase vazio. Ao adentrar no estabelecimento, constatei que havia ganhado a aposta.

Mal o mesero me conduz ao nosso posto favorito e se afasta para buscar minha garrafa de água com gás de fé, o trio surge à porta do salão e se dirige à mesa.

— Boa tarde, Júlio. — Renato me cumprimenta. É o único dos Três Mosqueteiros que eu ainda não havia encontrado hoje.

Gustavo e Patrícia se limitam a acenos breves, antes de se sentarem em seus assentos habituais.

— É sobre o convênio com o Instituto Histórico e Geográfico? — Patrícia gesticula ao mesero mais próximo.

— É sobre o trabalho para o IHGB, sim. — Assinto em agradecimento ao mesero que acaba de pôr o tablete de pedidos sobre a mesa. — O contrato foi assinado hoje cedo por nosso embaixador na sede do Instituto lá no Rio de Janeiro.

— Com ineditismo de visualização y otras cositas mas? — Gustavo me encara de testa franzida.

— Conforme previmos. — Suspiro numa tentativa vã de lhes injetar uns poucos quarks de resignação.

— Aposto que os recursos para financiar esse convênio serão desembolsados por uma ou várias organiza-

ções radicais do nosso querido Brasil varonil. — Renato esboça um sorriso trocista. — Essa gente não aprende.

— *“Muitos não entendem essas coisas, mesmo as encontrando em seu caminho, e não as entendem quando ensinados, mas pensam saber.”* — Patrícia recita com um fulgor maroto no olhar.

— Heráclito de Éfeso. — Gustavo assente, emburrado.

— Aprendi com Júlio. — Ela me dirige um sorriso nostálgico. — Pelo visto, vocês também.

— Não sei se o financiamento vem daí. — Franzo o cenho, irritado. Se há uma coisa que não tolero é citação de citação. Os três já estão fartos de saber disso, uma vez que foram meus orientandos, na época em que eu trabalhava no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, lá no Rio de Janeiro. Consulto o tablete em dúvida entre o churrasco misto e o filete à la Concepción. — O governo brasileiro atual me parece mais progressista do que aquele da época em que trabalhávamos no Cronos.

— Grande vantagem, Júlio. — Patrícia vocifera entre os dentes ao se recordar daqueles tempos de sombras e receios. — Porque seria difícil conceber um governo tão ruim quanto o daquela época.

Sorriso à antiga orientanda. Nossos tempos de agruras e incertezas no Cronos. De qualquer modo, o governo anterior não teria permitido que os três emigrassem para cá com suas famílias.

— Voltando à questão do ineditismo. — Gustavo propõe, circunspecto. — Como procederemos?

— Vamos cumprir a exigência à risca. — Declaro em tom mais peremptório do que em nossa conversa anterior sobre esse assunto espinhoso.

— E se der merda? — Patrícia varre nossos semblantes com olhar irritado.

— A que tipo de merda você se refere? — Renato enfrenta o fulgor nos olhos castanhos da amiga.

— Se os patriotas conservadores tiverem razão? — Gustavo exala devagar.

— Isso. — Patrícia assente, enfática. — E se descobirmos que Álvaro

de Carvalho não matou o López?

— É claro que foi ele. — Replico menos convicto do que pretendo aparentar. — Lembrem-se daquele monte de testemunhas oculares.

— Os teóricos da conspiração asseveram que todo aquele circo, das investigações sumárias até o julgamento e a execução, fez parte de um complô para se livrar do tirano e pôr a culpa na resistência brasileira. — Patrícia insiste num surto de convicção inusitado. — Com o propósito precípua de nos manter sob o jugo da ocupação militar por mais de três décadas.

— Eta, Paty! — Gustavo aplica uma palmadinha amistosa no antebraço da amiga. — Tá soando muito conservadora pro meu gosto.

— Perdoem se me excedi na veemência. — Ela fita o ex-namorado com ternura inabitual. — Só pretendi bancar a advogada do diabo. Porque é assim que esses teóricos pensam.

— Tudo bem. — Renato assente, sério. — De todo modo, a questão da Patrícia é pertinente: e se comprovarmos que o grande mártir da resistência não foi o assassino do *Padre de la Patria*?

— Se isso acontecer, — percorro os semblantes dos três com fleugma estudada, — nós, a República Guarany e o resto da humanidade teremos que aprender a conviver com essa nova realidade.

Os três me encaram com expressões atônitas. Gustavo abre a boca, mas torna a fechá-la sem falar nada. Renato abana a cabeça, como se não acreditasse no que acabei de enunciar.

— Não, gente. Júlio está certo. — Patrícia sorri sem um pinga de alegria. — Afinal, qual é o propósito, a missão de um projeto estabelecido para visualizar fatos passados? Para o que construímos um cronovisor pela segunda vez? O que sempre almejamos?

— Visualizar o passado, ora. — Gustavo replica em ato reflexo.

— Também. — Patrícia assente, sorrindo de verdade agora. — Mas não é só isso. Nós almejamos desvendar os enigmas do passado. Des-

cobrir como os fatos e eventos históricos realmente se desenrolaram. Não importa que essa questão de quem matou o López seja um vespeiro do cacete. Temos que seguir em frente.

— Põe cacete nisso. — Gustavo murmura baixinho. — E a minha suspeita é que eles acabarão todos enterrados em nossos rabos.

— Pode até ser um vespeiro filho da puta. — Ela finge ignorar o comentário vulgar do ex-amante. — Mas é o tipo de dúvida histórica que sempre sonhamos elucidar.

— Patrícia tem razão. — Bato o

martelo. — Ademais, não temos lá grandes opções.

— Se é assim, assunto encerrado. — Renato entrelaça os dedos e puxa as mãos para si, estalando-os. — Proponho selecionarmos logo nossos pratos, pois estou morrendo de fome.

✱

O próprio Zenon Montezuma, presidente do IHGB, dignou-se a embarcar num estratojato no Rio de Janeiro direto para Asunción, a fim de supervisionar pessoalmente a visualização inédita ou, como a apelidamos no Pasado Desvelado, “visualização às

cegas”.

Não que Montezuma seja um desconhecido para mim e meus Três Mosqueteiros. Já presidia o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na época do Projeto Cronos e chegou a atuar como consultor técnico sobre a historiografia do Segundo Reinado. Decerto soube que sabotei o projeto, não obstante o desmentido oficial que o governo de então fez circular à imprensa do nosso país natal. No entanto, presumo que ignore as motivações que me levaram à atitude radical. Até porque desconhece o teor da anomalia física nas focalizações

⇒



Ilustração fornecida pelo autor, Gerson Lodi-Ribeiro com Midjourney

efetuadas com o cronovisor brasileiro que estimularam aquele esquema nefando, lucubrado pelo Alto Comando do Exército, de transmitir informações estratégicas ao passado a fim de fazer o Império vencer a Guerra da Tríplice Aliança.

Mais grisalho agora, mas ainda com seu corte de cabelo reco – como se não estivesse na reserva do Corpo de Ensino do Exército Brasileiro há duas décadas – e seu bigode escuro (decerto tingido), Montezuma está diante de nós no salão que abriga o nosso cronovisor. Embora não ouse se referir a mim como traidor na cara dura, também não faz questão alguma de ocultar o que pensa a meu respeito.

— No que me concerne, podem ativar sua máquina assim que estiverem prontos. — Empertigado de pé à esquerda da minha poltrona em seu terno antiquado impecável, Montezuma me brinda com seu olhar gélido, desprezo reservado aos grandes traidores da brasilidade, tais como Silvério dos Reis; Domingos Calabar; e este que vos apresenta a narrativa.

— Muito bem. — Troco olhares com Gustavo, Patrícia e Renato. Os três assentem ao mesmo tempo, mantendo-se atentos às posturas hostis dos quatro assistentes trazidos pelo potentado da historiografia brasileira. — Clio?

“POIS NÃO, PROFESSOR ALBUQUERQUE VIEIRA?”

— Preparar para iniciar focalização no quandonde programado. — Desvio o olhar do holotanque principal do protótipo à fisionomia pétrea e ascética do presidente do IHGB. — Professor Montezuma, em prol dos nossos registros, por obséquio, confirme a data-hora da visualização.

— Perfeitamente, Professor Vieira. — Ele franze o nariz ao pronunciar meu nome. — Nove de janeiro de 1873. Hora aproximada: quinze horas, fuso horário do Rio de Janeiro.

— Peço que confirme a localização espacial.

— Cidade do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista. Proximidades do antigo palácio imperial.

— Clio, ativar focalização.

Libero um suspiro de alívio ao me ver diante do palácio da família imperial numa tarde ensolarada de verão carioca. Constatto a presença de várias carruagens paradas junto à entrada principal da edificação. Um punhado de cocheiros e lacaios se mantém espremido à sombra exígua de uma parede lateral do prédio, sob os olhares vigilantes dos soldados do pelotão de honra do Exército Guarany, a guarda pessoal de Solano López, por assim dizer.

— Gustavo, assumo o controle da operação. — Determino ao braço direito.

— Pois não, Professor. — Ele assente da sua poltrona. — Clio, elevar altitude da focalização a cem metro do solo.

Agora observamos carruagens, cocheiros e soldados minúsculos, perto do palácio de brinquedo visto do alto.

— Rastrear e assinalar presenças humanas afastadas do palácio num raio de duzentos metros.

“EM EXECUÇÃO.” — Mal escuto a voz melodiosa de Clio e constato o fulgor vermelho de oito, não, nove formas humanas em diversas posições da circunferência com epicentro no palácio.

— Suponho que a maioria desses vultos delineados em infravermelho constitua sentinelas paraguayas. — Renato gira a poltrona para encarar o hierarca do IHGB.

— É provável que sim, Professor Alencar. — Montezuma se digna a responder.

Recordo que, desde os tempos do Cronos, o *potentado* sempre simpatizou com Renato. Reparem, não é que eu o esteja acusando de racismo velado ou coisa do gênero. É só que esse mosqueteiro em particular é o único de nós quatro que um conservador radical brasileiro designaria como “caucasiano”.

— Até mesmo os dois vultos que fulgem em infravermelho sob a folhagem dessas árvores? — Patrícia aponta à posição citada. — Eu diria que um deles parece agachado atrás do tronco da árvore à esquerda.

— Agachado ou caído. — Gusta-

vo assente. — Clio, foque esses dois vultos e amplifique. Otimizar tomada.

“EM EXECUÇÃO.”

Observo um sujeito com barba espessa e bigode escuros, trajando um casacão azul desbotado apesar do calor da tarde de verão carioca. Em seus ombros, exibe o que suponho serem platinas de Oficial de Marinha. Mantém-se agachado atrás do tronco de uma árvore frondosa que Clio assinala no holotanque como sendo uma sapucaia. Empunha uma carabina de cano curto com as duas mãos.

Então, vislumbro um segundo indivíduo uns cinco ou dez anos mais velho do que o primeiro, trajado no que me parece um uniforme do Exército Guarany, exceto pelo paletó cinzento, algo incongruente. Estrelas nas ombreiras indicam gozar da patente de general. Em vez de uma barba cerrada, cultiva tão só um cavanhaque ruivo algo grisalho. Esse militar mais velho se mantém de pé à sombra doutra sapucaia, cerca de vinte metros atrás do sujeito barbudo agachado junto à árvore que, aparentemente, ignora a presença do outro.

— Clio, ampliar e detalhar as fisionomias desses indivíduos. — Gustavo determina num português tenso. — Comparar e identificar através dos bancos de dados.

“EM EXECUÇÃO.” — Três segundos mais tarde, as faces dos indivíduos detalhados abrem num tanque secundário, lateral à visualização exibida no holotanque principal. — “IDENTIFICAÇÃO CONFIRMADA DO INDIVÍDUO DE JOELHOS ATRÁS DA SAPUCAIA MAIS PRÓXIMA AO PALÁCIO. ÁLVARO AUGUSTO DE CARVALHO, CAPITÃO-TENENTE, MARINHA IMPERIAL.”

— E quanto ao velhote de paletó cinzento? — Gustavo troca um olhar brevíssimo comigo.

“EM PROCESSAMENTO.” — Clio declara em tom de desculpa. — “AGUARDE.”

— Não é aquele general confederado? — Patrícia encara o presidente do IHGB com ar petulante. — Aquele que comandou um exército de mercenários estadunidenses e negros brasileiros libertos sob as ordens do Alto Comando Guarany?

— Esse mesmo. — Montezuma resfolega com o olhar vidrado na fi-

sionomia do militar grisalho. — George E. Pickett. O famigerado General Estaca!

JORNAL DO BRASIL 02.06.1999 INTERNACIONAL

Luciana Lins e Rodrigo Nogueira
RIO E ASUNCIÓN.

INVENTO DE ALBUQUERQUE VIEIRA COMPROVA INOCÊN- CIA DE MÁRTIR DA RESISTEN- CIA.

**SOB OS AUSPÍCIOS DO IHGB, CRO-
NOVISOR É EMPREGADO PARA RE-
VELAR ASSASSINO DE SOLANO LÓ-
PEZ.**

No cumprimento de um convênio estabelecido com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a equipe binacional coordenada pelo nobelista paraguayo nascido no Brasil, Júlio César de Albuquerque Vieira, divulgou ter desvendado ontem à tarde (terça-feira) o enigma histórico associado ao assassinio do presidente paraguayo Francisco Solano López em janeiro de 1873. Desde sua ocorrência, o atentado da Quinta da Boa Vista foi atribuído pelas autoridades policiais e pela justiça guarany ao mártir da Resistência Brasileira, Álvaro Augusto de Carvalho. Esse veterano e herói da Guerra da Tríplice Aliança serviu como Primeiro-Tenente na Marinha Imperial, no comando da canhoneira *Ipiranga*, tendo sido posteriormente promovido ao posto de Capitão-Tenente, enquanto prisioneiro de guerra na Fortaleza de Humaitá. Carvalho foi condenado à morte no julgamento relâmpago que as forças de ocupação promoveram poucas semanas após o atentado. Sua execução seu deu em praça pública no Campo de Santana, Rio de Janeiro, exatos 126 anos atrás, em dois de junho de 1873.

A visualização do atentado, obtida através do cronovisor da cooperativa universitária paraguaya, revelou que o verdadeiro executor de Solano López foi o general mercenário George E. Pickett, mais conhecido pelas histórias

militares brasileira e guarany pelo epíteto “General Estaca”.

A visualização completa do atentado da Quinta da Boa Vista foi supervisionada por Zenon Montezuma, professor emérito de História Militar da Universidade do Brasil e presidente do IHGB. Segundo Montezuma, “*embora nutríssemos sérias dúvidas quanto à autoria do disparo fatídico que matou López e acreditássemos na inocência de Álvaro de Carvalho, nunca desconfiamos de George Pickett. Até porque, ao que nos constava, ele e López se haviam tornado grandes amigos.*”

Consultada por nossa redação, a cientista política Emília Doratioto, especialista em relações diplomáticas Brasil-Paraguay, considera que “*essa revelação nos forçará a reescrever toda a história das relações guarany-brasileiras do pós-Guerra. Porque, os vitoriosos usaram persistentemente o assassinio de Solano López como justificativa para prorrogar a ocupação do Brasil durante três décadas. Ao atribuir a culpa à Resistência em geral e a Álvaro de Carvalho em particular, a elite político-militar paraguaya falseou o registro histórico em prol de uma narrativa que inocentava a si própria e responsabilizava o Brasil pela morte do autointitulado “Pai da Pátria Guarany.”*”

“*A questão agora e descobrir se Estaca agiu de moto próprio, ou se matou López para atender as aspirações da elite paraguaya, forjada nas vitórias militares da Guerra da Tríplice Aliança, de livrar a pátria das garras de um tirano que seu próprio povo considerava o grande defensor da nacionalidade*”, Montezuma instiga o questionamento histórico, mas não se furta em opinar: “*Não me parece crível que aquele antigo general confederado convertido em mercenário tenha traído sua relação de amizade com López sem um motivo excelente. Esse motivo talvez tenha sido a convicção sincera de que agia pelo bem maior de sua nação adotiva*”. Após o fim da guerra, o

General Pickett-Estaca se instalou em Montevideú, cidade paraguaya em que residiu até a morte, por causas naturais, em 1879.

Fontes do Itamaraty que preferem manter-se anônimas ventilam a possibilidade de um abalo severo nas relações com a República del Paraguay. A Presidente Fontana convocou o embaixador guarany Diogo Montoya ao Catete para prestar esclarecimentos.

Correspondentes políticos brasileiros residentes em Asunción consultaram o gabinete do Presidente Segovia em busca de uma posição oficial do governo paraguayo. Porém, não houve resposta até o fechamento desta edição. O porta-voz da Cancillería informou que o presidente deverá conceder uma coletiva sobre o assunto amanhã à tarde.

Montezuma revelou que “*à época do atentado, o grande anseio da Resistência Brasileira consistia na eliminação sumária do Imperador Dom Pedro II. Diversos líderes sobreviventes desse movimento relataram – de forma consistente e até insistente – em entrevistas colhidas no início do século, pouco após o fim da ocupação militar, que o Capitão-Tenente Carvalho teria sido incumbido da missão de eliminar o Imperador Dom Pedro II e não Solano López.*”

Segundo o informe oficial da Academia de las Ciências, o holorregistro da visualização obtida pela equipe do Professor Albuquerque Vieira (ainda não divulgado) mostra claramente que, embora estivesse presente e armado na cena do atentado, o mártir da Resistência não efetuou o disparo que eliminou López. O anjo exterminador da tirania foi outro. O tiro mortal saiu de uma carabina Sharp com mira telescópica empunhada pelo General Pickett, vulgo Estaca.

Esperamos que os holorregistros estabelecidos pelo cronovisor universitário de Asunción tenham logrado captar as falas eventuais de George E. Pickett e Álvaro Augusto de Carvalho naquela tarde fatídica. Tais falas, se re-

⇒

gistradas, constituirão subsídios históricos valiosos, tanto para elucidar o atentado contra López quanto para nos ajudar a compreender a dinâmica sociopolítica daqueles primeiros anos do Pós-Guerra.

3

Verdades, Causas e Consequências

Horas antes da entrevista coletiva que Segovia deverá conceder à imprensa local e aos correspondentes internacionais, o gabinete da presidência nos convoca a uma reunião a portas fechadas, com a presença da Secretaria da Academia, o canceller, o titular da Historiografia e três ministros de Estado.

Mal nos acomodamos ao redor de uma mesa comprida de peroba-rosa, o presidente é anunciado por uma ajudante de ordens com uniforme de mayor do Exército, que abre a porta à autoridade e a cerra às costas dela.

— Buenos dias, damas y caballeros. — Segovia se desloca até a cabeceira e senta na poltrona vaga. — Muchas gracias pelo atendimento célere e unânime ao pleito de urgência do gabinete.

Como se tivéssemos escolha.

— Imagino que já saibam por que os chamei. — O chefe de Estado prossegue num fôlego só. — Então, no intuito de confirmar o óbvio: o motivo da convocação é a crise diplomática causada pela divulgação da identidade do assassino do Pai da Pátria. Rogo que entendam bem, não se trata aqui de atribuir culpa ou responsabilidade a nenhum dos presentes. Afinal de contas, eu próprio chamei a visualização do atentado por considerá-la um método excelente para liquidar em caráter definitivo aquilo que todos aqui julgávamos constituir uma mera teoria da conspiração disseminada por conservadores brasileiros hostis ao Paraguay. Daí, longe de pretender responsabilizá-los, vocês estão aqui para me aconselhar quanto a melhor maneira de lidar com esse imbróglio que, a meu ver, divide-se em três tópicos principais. A citar: a ausência de conhecimentos prévios sobre a atuação danosa daquele ge-

neral mercenário; a resposta que devemos fornecer aos nossos cidadãos e à comunidade internacional, com ênfase aos nossos vizinhos brasileiros; e, finalmente, a adoção de uma política oficial que vete a divulgação inoportuna de visualizações inéditas, por motivos que se tornaram perfeitamente óbvios desde ontem.

Concluído esse preâmbulo ensaiado, ele percorre nossas fisionomias tensas com um olhar inquisitivo de político experiente. Ao constatar a falta de disposição geral em apresentar réplicas ou tecer considerações pertinentes, penetra no cerne do problema:

— Em primeiro lugar, Professor Blanco, por que nunca levamos à sério a hipótese de um complô para ocultar o verdadeiro autor do atentado contra a vida de Solano López?

— Bueno, Señor Presidente, o fato é que a eliminação de seu antecessor remoto foi bastante conveniente à consolidação democrática da Gran República del Paraguay como potência regional no pós-Guerra. — Ante o cenho fechado do presidente, Luís Augusto se apressa em elaborar: — Seria impossível concretizar os resultados exitosos do pós-Guerra se fôssemos governados por um grande herói militar de índole autocrática. Daí, faz sentido a noção de que a elite guarany forjada na Guerra da Tríplice Aliança sentisse necessidade de afastar o Pai da Pátria e a única solução factível para assumir as rédeas da situação política àquela época era eliminá-lo.

— Está bem, Professor. — Segovia assente, contrafeito. — Só me causa espécie que não exista registro sigiloso algum desse complô.

— Ora, Señor Presidente. Se alguém houvesse lavrado um registro escrito qualquer, — o historiador esboça um sorriso tenso, — haveria sempre o risco de que o complô fosse desmascarado cedo ou tarde.

— Entendo. — O presidente suspira fundo antes de encarar seu Ministro da Defesa. — Almirante Uzeda, os arquivos da Marinha e do Exército acaso abrigam documentos que guardem relação direta ou indireta com o complô referido?

— Não que seja do meu conhecimento, Presidente. — Uzeda engole em seco.

— Pois determino que supervisione uma varredura exaustiva nesses arquivos históricos à procura de uma evidência qualquer, por mais sutil e insignificante que possa parecer.

— Será feito, Excelência.

— Isso também vale para a Historiografia, Professor Blanco.

— Pois não, Señor Presidente. Se bem que é sempre possível empregar as artes da cronovisão a fim de levantar todos os detalhes do complô referido.

— A princípio, prefiro deixar o Passado Desvelado de fora dessa apuração.

— Perfectamente, Señor Presidente. — Luís Augusto assente com um sorriso inocente em seu rosto moreno.

— Muito bem. Isso posto, passemos ao tópico seguinte. — Segovia percorre nossos semblantes com outro olhar, mais ameno do que o anterior. — Que resposta ou respostas devo apresentar na coletiva de hoje à tarde. Alguma sugestão da Cancelleria?

— Señor Presidente. — Ruiz Almagro ergue o olhar da tela plana de seu tablete para fitar o governante. — Considerando que não é possível negar a autoria do atentado e esse indica fortemente a ocorrência de um complô cuja existência poderá ser confirmada fácil e cabalmente através de visualizações futuras em cronovisões que estão sendo prontificados no Brasil, na Confederação Germânica, nos Estados Unidos da América e no Império Nipônico, inclino-me em favor da elaboração de um pedido formal de desculpas ao povo e ao governo brasileiros.

É lógico que não poderemos negar a autoria desse homicídio. Até porque nós no Pasado Desvelado, Luís Augusto inclusive, já assistimos às falas esclarecedoras do tal Estaca se justificando ao bode expiatório brasileiro.

— Temi que sugerisse algo assim. — Segovia encara o canceller com cara de poucos amigos. — Porém,

concordo que não há outra saída.

— A Cancillería preparará o texto desse pedido. — Almagro assente, resignado. — De todo modo, minha equipe se empenhará ao máximo em enfatizar que cidadão paraguayo algum de hoje em dia tinha qualquer conhecimento da existência dessa trama nefanda.

— Sinta-se à vontade para empregar todas as sutilezas e filigranas diplomáticas que a Cancillería esgrime melhor do que ninguém.

— Efectivamente, Señor Presidente, ante a gravidade da crise atual, tomamos a liberdade de adiantar algumas versões preliminares do texto desse pedido. Nós as submeteremos à apreciação da Presidência.

— Certo. Voltaremos a esse assunto dentro em breve. — Neste instante, Segovia me dirige um olhar ansioso. — Professora Izidro e Professor Albuquerque, espero que os senhores elaborem com a maior brevidade possível a minuta de um protocolo de utilização de cronovisores em solo paraguayo, normatizando todas as visualizações futuras. Por medida de segurança, com o intuito de minimizar outras comoveções sociais, vamos proibir a divulgação de eventos históricos coligidos através dessa nova tecnologia antes da análise criteriosa das repercussões prováveis da divulgação referida.

— Vamos trabalhar nesse sentido, Señor Presidente. — Amélia declara com a segurança de quem já esperava uma determinação desse gênero. — O que acha, Júlio?

— Sem dúvida. — Assinto ao presidente, como se sua determinação não redundasse em trabalho adicional algum. — Salvo melhor juízo, essa análise deverá ser empreendida por uma comissão a ser criada no âmbito do Pasado Desvelado, com o apoio e a participação de representantes da Academia e, quem sabe, da Cancillería.

— Excelente, Professor Albuquerque. — Segovia sorri. — Minha sugestão é que o señor coordene essa iniciativa e presida a comissão quando ela for estabelecida.

— Perfectamente, señor. — Amélia e eu replicamos em unísono.

✱

— Buenas tardes, Professor Albuquerque Vieira. — O Alto Comissário da Polícia Federal Carlos Quevedo estende a mão para me cumprimentar sobre o tampo da mesa de angelim em meu gabinete de trabalho. — É um prazer conhecê-lo pessoalmente.

— Asseguro-lhe que o prazer é mútuo, Comissário. — Estendo a mão direita, aceitando a que me foi oferecida. Assim que nos sentamos, indago num castelano neutro: — Em que posso ajudá-lo?

— Solicitei essa audiência para lhe pedir que propicie a reconsideração da posição do Pasado Desvelado quanto ao apoio do projeto às investigações da Polícia Federal.

— Ao que me consta, o Professor Renato Alencar já lhes prestou os esclarecimentos necessários via holochamada, explicando à sua locotenente por que não podemos atendê-los.

— Eu sei, Professor. O projeto tem suas próprias prioridades e precisa conciliar os protocolos nacionais de transparência com as normas de segurança quanto ao impacto social das descobertas históricas. No entanto, tem que haver exceções. Afinal de contas, em última análise, o cronovisor já foi usado para solucionar um crime.

— A Secretária Geral da Academia de las Ciências determinou que o projeto só abrirá exceções em casos excepcionais e, mesmo assim, apenas mediante autorização explícita da Presidência. Quanto à autoria do atentado contra López, não empregamos nosso cronovisor experimental a fim de solucionar um crime, mas sim para desvendar um enigma do passado, esclarecendo um grande equívoco histórico.

— Não estamos propondo empregar o cronovisor para resolver crimes comuns, Professor. Longe disso. — Quevedo abana a cabeça hirsuta e grisalha num gesto enfático. — Só almejamos acesso ao cenário de uns poucos casos de relevância extrema. Relevância nacional.

— Meu caro comissário, enquanto uma hora de atuação do dispositivo experimental consumir o equivalen-

te à energia necessária para iluminar Asunción durante um mês, precisamos ser extremamente parcimoniosos no que se refere à prestação de serviços a outros órgãos governamentais. Pois, imagino que nem mesmo nossa briososa Polícia Federal disponha de tantos recursos assim.

— Longe disso, Professor. — Ele libera um suspiro resignado, antes de voltar à carga. — Quer dizer que, no caso do assassinio de Solano López foi o Brasil que pagou a conta?

— Foi. — Suspirei aliviado ao intuir que a questão financeira talvez constitua um argumento capaz de convencê-lo. — Mais especificamente, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro financiou aquela visualização.

— Não supus que esse instituto dispusesse de tamanho montante de verba.

— Cá entre nós, parece que a ala radical do Partido Conservador do Brasil bancou o financiamento do convênio que o IHGB firmou conosco.

— Esses bastardos do PCdoB. — Quevedo resfolega, desalentado. — Eu devia ter adivinhado que esses radicais haviam enterrado suas garras sujas nesse complô.

— Pois é, Comissário. — Esboço um sorriso de cumplicidade amistosa. A bem da prudência e da paz de espírito, evito mencionar que o complô referido foi tramado pela elite paraguaya do século passado. — Para o senhor ver só.

✱

Assim que o alto comissário se retira, se não satisfeito, ao menos amaciado pelo aroma e o sabor incomparáveis do café expresso brasileiro preparado na nova máquina alemana que desfrutamos juntos, outra vez sozinho em meu gabinete, dou vazão a um surto ligeiríssimo de indignação.

Quem diabos Quevedo pensa que é ao se julgar no direito de consumir recursos tremendos para atender demandas de investigações criminais comezinhas? Se não pusermos um freio nesse tipo de expectativa sobre o emprego da cronovisão, em muito breve nos veremos envolvidos com o atendimento de necessidades pessoais como, por exemplo, a exigên-

⇒

cia do cônjuge de posses, quiçá um político influente, que se julga traído para que usemos um cronovisor a fim de verificar se as suspeitas quanto à suposta infidelidade de sua cara-metade são ou não procedentes.

Então, suspiro fundo ao me recordar de que eu e Maria nos havíamos separado cinco anos antes do início do Projeto Cronos por um motivo bastante similar ao do exemplo recém-conjurado num ato falho do meu subconsciente traiçoeiro. O fato é que, embora se confessasse apaixonada por nosso vizinho Dornelles, afirmou à época que os dois não haviam consumado o relacionamento. Não colocaria minha mão no fogo pela fidelidade de minha ex-esposa; nem sequer com uma luva de amianto. Até porque não fui um bom marido para ela. Porém, o importante para a questão em pauta é que eu nunca me rebaixaria a usar a cronovisão a fim de verificar a fidelidade da Maria, mesmo se as visualizações fossem tão baratas quanto uma ligação holográfica internacional. A única questão que me incomoda um pouco até hoje é o fato de Dornelles – com quem Maria acabou casando – ser branco. Porque, ao que me consta, até então, ela nunca havia manifestado atração por homens ou mulheres de etnia eurobrasileira.

Essa preocupação extemporânea me reconduz à questão crucial: o que faremos quando a cronovisão se tornar um serviço relativamente barato, plenamente acessível ao grosso da coletividade humana? Será que desperdiçaremos nosso tempo livre espionando os deslizes e pecadilhos alheios? Em meu íntimo, nutro o receio de que a cronovisão represente o fim da privacidade e, por consequência, o fim da civilização, tal como a conhecemos.

Felizmente, o acesso a cronovisão ainda deverá permanecer proibitivamente dispendioso por um bom tempo. Porque, mesmo com o advento recente dos reatores de fusão compactos e a perspectiva da introdução dos conversores de antimatéria fora da Terra para alimentar os cronovisores orbitais, a ativação de um foco de visualização temporal estável ainda

consome uma quantidade prodigiosa de energia. Pensando bem, é melhor que seja assim. Ao menos, durante as próximas décadas ou séculos. Até que amadureçamos mais um pouco como cultura global, civilização e espécie.

✱

Após a decepção com Maria, não me casei novamente.

Desde o divórcio, minha vida romântica se restringe a encontros esporádicos mais ou menos fortuitos com namoradas. Ou “amantes”, pela definição pragmática bem pouco romântica de Lorena, a esposa da Patrícia. No que me tange, como sujeito antiquado que sou, prefiro o termo “namorada”. Porém, namoradas, amantes ou esposas, minha política amorosa vigente se ampara na máxima “cada um na sua casa”. Afinal, para que complicar um procedimento que está funcionando a contento? Ou, como se diz lá no Brasil: “não se mexe em time que está ganhando”.

Aliás, por falar em se amparar, a namorada atual, Amparo, é paraguaya e patriota convicta. Aliás, ela me deu uma bronca tremenda por eu ter “*incriminado injustamente o grande amigo de la Patria, el General Estaca*”.

Dos Três Mosqueteiros, Gustavo é o único que encara meu relacionamento com Amparo com naturalidade. Porque a maioria dos integrantes da pequena comunidade de brasileiros radicados que orbita ao redor do Pasado Desvelado mantém laços românticos com conterrâneos, em vez de se integrar de corpo e alma à sociedade guarany, que a acolheu. Não vejo sentido nessa postura segregacionista, visto que, cada vez mais, sinto-me e me enxergo como um cidadão paraguayo nascido no Brasil.

É por isso que, quando meus amigos antigos e novos me pedem que eu esclareça meus sentimentos em relação ao país em que nasci, costumo explicá-los citando o texto que Cipião, o Africano mandou lavar na própria lápide:

“*Pátria ingrata, nem meu ossos terás.*”

4

Entrevista ao *Cosmovisiones*

O holotanque acende em modo automático no início do noticiário.

“— Buenos días, queridos holovidentes.” — A apresentadora de ascendência nipônica agita os cabelos escuros à altura dos ombros ao girar a cabeça e fitar a holocâmera com olhar lânguido. — “Sou Carla Hashimoto e você está assistindo ao *Cosmovisiones*, seu holonoticiário favorito, transmitido pela Holo Orbe direto de Buenos Aires, Paraguai, para toda a Terra e o espaço circunlunar. Hoje abrimos com uma entrevista ao Professor Júlio César de Albuquerque Vieira, pioneiro da cronovisão e coordenador do Pasado Desvelado, projeto sob os auspícios do consórcio universitário. Bem-vindo aos nossos estúdios, Professor.”

“— Muchas gracias, Carla. Agradeço a oportunidade de falar aos holoespectadores do *Cosmovisiones*.” — Albuquerque se ajeita melhor na poltrona anatômica. Não encara diretamente a repórter sansei, mas sim a câmara, tal como a equipe de produção o orientou a fazer.

“— É um prazer tê-lo aqui conosco.” — Carla esboça um sorriso estudado à câmara principal. — “Nossos holovidentes estão curiosos sobre as mudanças dramáticas que já estão ocorrendo e aquelas que ainda estão por vir na República e no mundo por causa do cronovisor experimental em funcionamento na sede do Pasado Desvelado e dos outros dispositivos prestes a serem ativados no Paraguai e no estrangeiro. Neste sentido, nossa primeira questão é se o senhor considera que a cronovisão implicará a médio prazo o fim da privacidade.”

“— Boa pergunta, Carla.” — O cientista exala devagar. — “A bem da verdade, pelo fato de vivermos numa sociedade globalizada repleta de câmeras de segurança e redes sociais imersivas, já não desfrutamos hoje do mesmo grau de privacidade gozado por nossos antepassados.”

“— Sem dúvida, Professor. De certa maneira, o cidadão global deste fim de século e milênio abriu mão de

boa parte da sua privacidade em prol da segurança. Por outro lado, há até quem afirme que a invasão de privacidade já não constitui uma questão tão preocupante quanto a da evasão de privacidade. No entanto, a cronovisão eleva a questão da privacidade a outro patamar. Afinal, pelo que se fala, poderíamos ser observados por cronovisores em nossos momentos mais íntimos; dentro de nossos próprios lares."

"— Não é bem assim, Carla."

"— Ah, não é?" — Ela fuzila o convidado com o olhar. — "Nossos consultores afirmam que qualquer pessoa mal-intencionada no controle de um cronovisor poderia registrar os momentos mais íntimos e pessoais da vida de outra pessoa. Na verdade, esse malfeitor hipotético poderia registrar a vida inteira de seus desafetos."

"— Seria insuportavelmente caro fazê-lo." — Albuquerque desvia o olhar da holocâmera por um instante a fim de encarar a repórter atônita. — "Dispendioso a ponto de tornar a operação impraticável. Acaso tem ideia dos custos envolvidos numa visualização?"

"— Peço que esclareça nossos holovidentes a esse respeito, Professor."

"— Pois não." — O cosmólogo esboça um sorriso de alívio. — "Uma focalização bem-sucedida e sua consequente visualização consome em uma hora de registro a energia e recursos computacionais cujos custos estimados não sairiam por menos de quatro milhões de guaranys."

"— Tudo isso?" — Carla arregala os olhos. — "É muito dinheiro."

"— Pois é. Mesmo para uma sociedade próspera como a nossa, é uma quantia extraordinária. Costumamos dizer, em termos de comparação, que daria para iluminar Asunción durante um mês com a energia que consumimos em pouco mais de uma hora."

"— Não fazia ideia de que o procedimento era tão caro."

"— Pois então. Se alguém quiser alugar uma hora num cronovisor clandestino qualquer a fim de descobrir os segredos inconfessáveis de outra pessoa, terá que desembolsar essa

grande fortuna. Porque, em média, gastamos um pouco mais do que isso a cada ativação."

"— Bem, nesse caso, creio que nossa privacidade está mais ou menos a salvo." — Carla sorri para a câmera. — "Ao menos, até que esses custos despenquem. Alguma chance de caírem nos próximos anos?"

"— Eventualmente, conseguiremos gerar energia de forma mais barata e desenvolveremos computadores quânticos mais poderosos e eficientes."

"— Certo. Mas, quando o senhor imagina que possamos dispor de cronovisores domésticos ou, pelo menos, acessíveis ao público em geral?"

"— Dentro em um ou dois séculos, numa perspectiva bem otimista."

"— Creio que a maioria dos nossos holovidentes deve estar se sentindo aliviada com essa perspectiva a longo prazo." — Carla solta uma risadinha. — "Essa estimativa otimista acaso se alterará quando o cronovisor que foi enviado rumo ao Sol entrar em linha?"

"— Mais ou menos. O dispositivo lançado à fotosfera solar no mês passado pelo consórcio da Liga das Nações com financiamento paraguayo e alemão extrairá energia direto do Sol através de um complexo de câmpulas eletromagnéticas e espelhos convergentes. Devido à sua envergadura, a operação não sairá muito mais barata do que a do dispositivo experimental de Asunción. O Projeto Cronovisão Solar custou dezenas de bilhões de guaranys."

"— No que esse novo cronovisor diferirá do protótipo em funcionamento no Pasado Desvelado?"

"— O cronovisor que residirá na fotosfera permanecerá multidimensionalmente vinculado, ou seja, 'ancorado', por assim dizer, ao poço gravitacional do Sol e não no da Terra. O alcance temporal do cronovisor depende da massa residente no fundo do poço gravitacional em que ele se encontra ancorado."

"— Humm." — Carla ativa seu ponto eletrônico implantado com um toque discreto da língua no céu da boca. — "Nossa produção está sus-

surrando ao meu ouvido que nosso Sol possui mais de trezentas e trinta mil vezes a massa da Terra." — Ela fita o cosmólogo convidado com um olhar inquisitivo. — "Isso significa que não estaremos mais limitados a visualizações com profundidade máxima de trezentos e noventa anos no passado, não é?"

"— Isso mesmo. É exatamente por isso que precisamos instalar um dispositivo numa órbita cerrada ao redor do Sol. Esse primeiro cronovisor solar será capaz de focalizar eventos decorridos quase cento e trinta milhões de anos no passado."

"— Incrível." — Carla fita a holocâmera com os olhos brilhantes. — "Poderemos estudar o comportamento de dinossauros vivos, então?"

"— Em tese, sim."

"— Mas, espere um pouco, Professor." — A repórter ergue a mão espalmada. — "O cronovisor estará mergulhado na fotosfera solar, como o senhor mesmo disse, e os dinossauros estiveram no passado da Terra, a vários minutos-luz de distância."

"— Oito minutos-luz." — Albuquerque assente à câmera. — "Mesmo assim, após um período de calibragem e sincronização, o cronovisor solar conseguirá focalizar eventos pretéritos ocorridos na Terra do Cretáceo. Assim como será capaz de visualizar a superfície de Marte e o fundo do oceano interno de Europa, tal como esses sítios eram noventa ou cento e vinte milhões de anos atrás."

"— Fantástico, Professor." — Carla volta a exibir sua dentição perfeita à holocâmera. — Mas, e quanto ao processamento? Continuará a ser feito na Terra, não é isso?"

"— Exatamente. Com um retardo de vários minutos, devido às distâncias envolvidas. Lógico que teremos uma inteligência artificial sênior gerenciando as focalizações da melhor maneira possível por lá."

"— Esse novo cronovisor revolucionará diversos campos da ciência. Como a paleontologia, por exemplo. Desvendaremos centenas de enigmas científicos." — A repórter balança a cabeça com ar satisfeito. — "Nesse sentido, Professor, qual será a primeira visualização que o senhor

⇒



gostaria de presenciar com o emprego do cronovisor solar?”

— Eu adoraria poder testemunhar o assassinio de meu xará, Gaius Iulius Caesar, o general e estadista romano. No entanto, infelizmente, fui voto vencido. A Academia de las Ciências e a Academia Imperial Germânica decidiram de comum acordo que a primeira visualização que tentaremos efetivar será o registro do impacto do asteroide que provocou a extinção dos dinossauros sessenta e seis milhões de anos atrás.”

✱

— Uma pena que não possamos revelar a ninguém fora desta mesa que, em suas primeiras sessões de visualização do passado, o protótipo que construímos lá na USP quando focalizava aquela Terra de Pesadelo consumia menos de um milésimo da energia que o dispositivo atual gasta em qualquer visualização. — Patrícia murmura baixinho enquanto esperamos as sobremesas em mais um almoço memorável na Porteña.

É verdade. A intensidade estúpida daquela linha em que o Império do Brasil venceu a Guerra do Paraguai ofuscava inteiramente os cronossinais do nosso próprio passado.

— Como sabemos, — Gustavo suspira, resignado, — isso se dava porque aquela linha histórica alternativa possuía uma probabilidade de ocorrência bem maior do que nossa linha nativa.

— Júlio, você acaso julga que um dia conseguiremos visualizar novamente a linha da anomalia ou outras linhas alternativas? — Renato me lança um olhar inquisitivo.

— Segundo meus cálculos, essa possibilidade foi eliminada quando transmitimos aqueles quilogramas de água ao passado. — Respondo. — Agora só conseguimos focalizar nosso próprio passado e não os de outras linhas.

— Talvez seja melhor assim. — Gustavo argumenta com expressão pensativa.

— A propósito, se bem me lembro, — percorro os semblantes dos Três Mosqueteiros, tentando conjurar um olhar severo, sem grande conicção, — havíamos combinado não

tocar mais nesse assunto sem um motivo excelente.

— Tudo bem, meu mestre e senhor. — Patrícia me presta uma vênica trocista. Não perde essa mania de exercitar sua veia humorística exacerbada em questões sérias. — Só acho que você não deveria ter assumido a culpa de tudo sozinho. Imagine só se não houvesse conseguido fugir para cá?

— Agora sou eu que falo. — Esboço um sorriso. — Talvez tenha sido melhor assim.

— O mais incrível de tudo, — Gustavo libera um suspiro resignado, — é que você salvou as existências de todos os seres humanos do Sistema Solar e pouquíssimas pessoas sabem disso.

— Se fosse por mim, preferiria que ninguém além dos presentes nesta mesa houvesse tomado conhecimento desses fatos. — Esboço um sorriso. — Só que, no fundo, foi um trabalho em equipe. Eu transmiti aqueles noventa e poucos quilogramas de água ao passado, eliminando a anomalia e vocês apagaram todos os dados e arquivos do computador principal do projeto e todas as cópias de segurança armazenadas alhures.

— Era o mínimo que podíamos fazer. — Renato sorri.

— Porque concluímos que, sem aquelas provas, seria mais difícil incriminá-lo. — Patrícia me lança uma piscadela travessa.

LA NACIÓN 19.07-2000

CIÊNCIA

Magna Acevedo

ASUNCIÓN.

CRONOVISOR ORBITAL REGISTRA IMPACTO DO CHICXULUB.

Concluído seu período de calibragem e sintonização, o cronovisor estacionado em uma órbita cerrada em torno do Sol – em verdade, o dispositivo orbita o primário do Sistema no interior da fotosfera solar, protegido por campos eletromagnéticos de intensidade extrema – foi ativado há cerca de doze horas e efetuou a visualização bem-sucedida do impacto do

asteroide Chicxulub contra a Terra, ocorrido sessenta e cinco milhões, novecentos e setenta e oito mil anos atrás.

Chicxulub atingiu nosso planeta próximo ao que hoje é a Península de Yucatán, no México. A hecatombe e o inverno nuclear dela resultante – fenômeno climático catastrófico que escureceu os céus da Terra do Cretáceo por alguns meses – também tiveram suas ocorrências confirmadas nessa visualização. O impacto descomunal foi responsável pela eclosão de um processo de Extinção em Massa que provocou o desaparecimento de 75% das espécies terrígenas, dentre elas, os dinossauros não aviformes; os pterossauros; e os répteis marinhos gigantes.

O informe preliminar divulgado pela equipe do Pasado Desvelado afirma que o Chicxulub possui massa quase um terço superior e um diâmetro 10% maior do que o previsto nas estimativas anteriores mais confiáveis. Por outro lado, sua velocidade de ingresso na atmosfera terrestre foi mais de um quilômetro por segundo inferior à indicada nos estudos anteriores.

A Academia de las Ciências prometeu divulgar em breve um documentário com os trechos mais importantes dessa visualização. Esse documentário trará análises de astrônomos e paleontologistas da Academia. Além disso, o registro completo será disponibilizado aos cientistas e estudiosos de instituições interessadas nos sítios de divulgação mantidos sob os auspícios da Liga das Nações. Tendo assistido à versão preliminar do documentário referido, sou obrigada a admitir que as cenas cruciais do cataclismo planetário são as mais impressionantes que já testemunhei até hoje.

O Presidente Segovia veio a público pouco antes do fechamento desta edição para declarar que “a confirmação do agente causador da quinta onda de Extinção em Massa que se abateu sobre a biosfera terrestre é um triunfo científico magnífico da ciência

⇒

moderna e um atestado das potencialidades da tecnologia da cronovisão.”

5

Misticismo & Historicidade

“— Professor Albuquerque.” — Meu secretário sussurra pelo interfone num português aflito com sotaque paraguaio. — “A Presidência da República solicita uma reunião urgente por holochamada com o senhor. Também insiste na presença de seus assistentes seniores.” — O jovem libera um pigarro discreto da antessala, antes de prosseguir: — “Devo convocá-los ao seu gabinete agora?”

— Tenha a bondade, Perez. — Respondo em ato reflexo. Afinal, uma solicitação da Presidência é uma ordem. Ademais, conhecendo Segovia, sei que não ressaltaria tal urgência se o assunto não fosse grave. O que terá acontecido?

Os Três Mosqueteiros aparecem em menos de cinco minutos com semblantes contrariados de quem não admite ser interrompido em seus afazeres para atender a demandas políticas. Pelo visto, Perez colocou pilha nos garotos a fim de que se apressassem. Sinalizo para que acomodem ao redor da minha mesa de trabalho. Adianto-lhes minha ignorância quanto ao motivo da convocação:

— Urgência padrão da Presidência. Ignoro o que estão tramando desta vez. — Encolho os ombros num pedido tácito de desculpas, antes de ativar o interfone e determinar noutro tom de voz: — Perez, por obséquio, avise que estamos prontos.

“— Perfeitamente, Professor.”

O tanque se acende sobre minha mesa de trabalho, brindando-nos com o holograma rodopiante representativo do brasão e das armas da Gran República. Os símbolos da pátria se imobilizam e, no instante seguinte, são substituídos pela fisionomia ascética de uma ajudante de ordens.

“— Buenos días, Profesores.” — A oficial de Marinha loura sorri em seu uniforme branco de mangas curtas, com platinas douradas sob o fundo azul escuro sobre os ombros e

o tronco guarnecido por alamares. — “Major Valentina Morgenstern ao seu dispor. Sua Excelência e uma convidada extra-agenda trocarão algumas palavras consigo dentro em instantes.”

Nós quatro trocamos olhares rápidos, mas significativos. Se Segovia deseja que conversemos com uma visitante recebida na presidência fora da sua agenda pública, é bem possível que aí venha mais uma missão especial, igualmente “extra-agenda” para o novo cronovisor solar.

Enquanto aguardamos, varro o ambiente espaçoso do meu novo gabinete com olhar satisfeito. As coisas mudaram um bocado no Pasado Desvelado com a ativação do cronovisor solar. Agora gozamos de mais prestígio científico, não resta dúvida. Porém, essa dose adicional de prestígio veio acompanhada de mais atribuições, muito mais trabalho e maiores responsabilidades.

Morgenstern assente ao receber um comando qualquer que só ela pode ouvir. Daí, exhibe seu sorriso perfeito uma última vez ao avisar:

“— O Señor Presidente falará com os professores agora.”

“— É sempre um prazer falar consigo, Professor Albuquerque.” — Matías Segovia se materializa sorridente ao fundo do holotanque. — “Bem como aos integrantes de sua equipe egrégia.”

Observo a fisionomia cinzelada da estadunidense sentada num assento estofado ao lado da poltrona do governante. A “convidada” traça um par de pantalonas verde-água e um terinho cinza-claro. Nós quatro nunca estivemos com ela, embora reconheçamos sua fisionomia dos holonoticiários de política internacional.

“— Permitam-me apresentá-los à Secretária de Estado dos Estados Unidos da América, Ms. Helen Gomez.” — Segovia lança um olhar breve à morena bonita de meia-idade que mantém seus olhos azuis fixos nos meus. — “Professor Júlio César de Albuquerque Vieira e seus assistentes seniores, Professora Patrícia Jobim; professores Gustavo Mello e Renato Alencar.”

“— Buenos días, lady and gentle-

men.” — Helen assente com um sorriso franco nos lábios carnudos. — “Em nosso caso, apresentações são meras formalidades. Pois me sinto como se eu já os conhecesse pessoalmente.” — Ela articula num castellano impecável.

— A recíproca é verdadeira, Señora Secretária. — Admito perante essa gringa de olhar fulgurante.

“— Bueno, señores. Concluídas as apresentações, proponho que avancemos ao cerne da questão sem maiores delongas.” — Segovia exhibe uma expressão de político matreiro. — “A Secretária Gomez nos trouxe um pedido confidencial do Presidente Price.”

“— A bem da verdade, um pedido secreto do nosso governo, Mr. President.” — Começo a me sentir embaraçado ao notar que ela permanece com os olhos pregados nos meus. — “Ultrassecreto, eu diria.”

“— Perfecto, Helen.” — Segovia troca um olhar divertido comigo ao assentir à Secretária. Pelo visto, ele sabe uma ou duas coisas que ignoro. — “Tão confidencial ou ultrassecreto quanto nossos aliados fiéis desejarem.”

“— Excellent, Mr. Pres... ahn, Matías.” — Helen varre nossas fisionomias tensas lá do seu lado do holotanque. — “Antes de iniciarmos essa conversa produtiva, caros professores e professora, preciso confirmar um tópico em suas biografias que já me foi mais ou menos adiantado por nossas agências de informação.”

— Pues no, Señora Secretária. — Replico quando ela nos brinda com uma piscadela de cumplicidade.

“— Algum dos señores acaso professa fé religiosa arraigada?” — Ela indaga em tom *blasé*.

— Sou agnóstico. — Declaro, intrigado.

— Ateia de segunda ou terceira geração. — Patrícia esboça um sorriso.

— Idem aqui. — Renato dispara, mal a amiga cerra os lábios.

— Agnóstico, também. — Gustavo responde. — Porém, que importância tem nossa crença ou, no caso, a falta dela, no atendimento desse pedido

⇒

ultrassecreto?

— Uma importância tremenda quando se trata dos pesquisadores que coordenarão o conjunto de visualizações que nosso governo pretende contratar com o Pasado Desvelado sob cláusulas de sigilo absoluto.”

— Por acaso as visualizações almeçadas teriam algo a ver com a possibilidade de uma certa senadora da Direita Ultraevangélica disputar as eleições presidenciais estadunidenses daqui a dois anos? — Não resisto a alfinetar.

— Imagine, Professor Albuquerque Vieira.” — Helen abana a cabeleira negra com o sorriso mais cândido deste lado da linha do Equador. — “O governo do Presidente Price tão só almeja o melhor para o nosso povo. Esse anseio passa pela necessidade de assegurar o bem-estar, os valores, a segurança e a liberdade a longo prazo para os nossos cidadãos.”

— Percebo. — Renato suspira em seu tom sutil e cínico de costume.

✱

Três meses mais tarde, na sede ampliada do Pasado Desvelado:

— Clio, alguma notícia da sua irmã mais nova? — Questiono nossa gerente sobre o desempenho de sua símile, instalada a bordo da estação automática que abriga o cronovisor solar.

“AINDA NÃO, PROFESSOR ALBUQUERQUE.” — Nossa IA original libera um suspiro que um leigo incauto diria exalado por uma pessoa orgânica. Com o advento do Projeto Cronovisão Solar, resolvemos turbinar suas especificações a fim de capacitá-la a estabelecer interface em condições de igualdade, até certo ponto, com Clio II. — “MINHA IRMÃ MAIS INTELIGENTE CONFIRMOU O RECEBIMENTO DO PROGRAMA DE INSTRUÇÕES. JÁ INICIOU A EXECUÇÃO DAS ROTINAS PRELIMINARES.”

O lado bom em se ter um cronovisor ancorado à massa do Sol é que, como todos sabem, agora somos capazes de registrar qualquer evento pretérito da história, por mais antigo ou obscuro que tenha sido.

O lado ruim – que o grande público insiste em esquecer, por mais que martelemos o conceito em nossos

informes, – é a distância de mais de oito minutos-luz entre a Terra e Clio II. Fator que nos impede de dialogar com essa segunda inteligência artificial sênior.

Por causa desse atraso nas comunicações, com o intuito de agilizar um pouco os procedimentos, enviamos à gerente do cronovisor solar um algoritmo com as instruções de busca. Assim, ela saberá o que fazer, em quais quandondes procurar e otimizará a estratégia de busca adequada de modo a obter e registrar os fatos e eventos que desejamos documentar.

— Clio, — Gustavo se dirige à IA. Como de hábito, ele assume o papel de interlocutor preferencial da gerente. — Forneça a estimativa atual do intervalo provável até a obtenção de resultados concretos.

“É IMPOSSÍVEL PRECISAR COM UM GRAU DE CERTEZA ACEITÁVEL, PROFESSOR MELLO.” — Ela informa com voz feminina que, salvo engano, tornou-se mais rouca e sensual depois dessas últimas atualizações em sua programação básica. — “TUDO DEPENDE DO QUE ELA IRÁ ENCONTRAR EM SUAS SONDAgens INICIAIS.”

Lógico. Porque se Clio II não encontrar o que procuramos nos quandondes primários – isto é, nas épocas e localizações geográficas que nossos historiadores elegeram como as mais prováveis – irá estender seus leques de varredura. Primeiro em algumas horas e dias. Tanto em direção ao passado quanto ao futuro de um epicentro cronogeográfico em particular. Se essas buscas secundárias não resultarem, ela abrirá ainda mais seus leques de busca semanas e meses ao passado e ao futuro. Se tal não resultar, varrerá anos no passado e no futuro dos quandondes iniciais por amostragem, seguindo quaisquer pistas ou indícios relevantes porventura encontrados.

— Certo. — Gustavo acena para nós. — Forneça seu melhor palpite, então.

“NÃO CREIO QUE MINHA CONTRAPARTE SOLAR CONSIGA PRODUIZIR RESULTADOS PALPÁVEIS EM MENOS DE DOZE HORAS.”

— Isso tudo? — Patrícia me fita com ar decepcionado. — Mesmo com aquela capacidade de processamento estupenda?

“MESMO CONSIDERANDO SUA VELOCIDADE DE PROCESSAMENTO QUÂNTICO INIGUALÁVEL E SUAS ROTINAS HEURÍSTICAS AVANÇADAS.” — Clio replica num tom amuado, que reverbera ciúmes temperados com pitadas generosas de ressentimento. — “AFINAL, ELA FOI TREINADA PARA BUSCAR CONFIRMAÇÃO ROBUSTA PARA QUAISQUER HIPÓTESES QUE CORRELACIONAR.”

— Isto significa que, uma vez estabelecida uma hipótese, — encaro minha mosqueteira com cara de quem pede desculpas, — Clio II tentará refutá-la e ponderá-la contra as hipóteses concorrentes.

— Ou seja, não adianta ter pressa. — Em gestos lentos e deliberados, Renato enche o cachimbo com sua partida de fumo aromático favorita. — Ao menos, não quando se almeja um grau de certeza elevado.

— Caramba. — Patrícia encara o amigo fleumático com pesar fingido. — Não deve ser tão difícil assim identificar o sujeito e hologravar os melhores momentos de sua vida, por assim dizer.

— Isso imaginando que ele tenha de fato existido. — Gustavo replica com ar pensativo.

— De qualquer forma, presumo que saberemos mais a respeito de Jesus de Nazaré dentro em muito breve. — Replico, esforçando-me para emular uma confiança e uma paciência que estou longe de sentir, a fim de apaziguar os ânimos.

“EM QUESTÃO DE DIAS.” — Clio opina, vestindo a camisa. — “AO MAIS TARDAR.”

✱

Eu estava enganado.

Clio II não encontrou o Jesus de Nazaré histórico. Muito menos, registrou qualquer milagre atribuído a ele ou a outrem.

Após incríveis cento e noventa e seis horas de espera ansiosa, a primeira resposta que captamos da órbita cerrada que ela mantém ao redor do Sol foi perturbadoramente lacônica:

“ALVO NÃO LOCALIZADO.”

— Como assim, não localizado? — Gustavo troca um olhar fugaz comigo.

“ESTOU PRESENTEMENTE PROCESSANDO

⇒

UM PACOTE DE DADOS TRANSMITIDO POR CLIO II." — Nossa Clio informa num português excitado. — "DECODIFICAÇÃO EM ANDAMENTO."

Três horas mais tarde, obtivemos uma explicação para além de qualquer hipótese de dúvida razoável àquela reação lacônica inicial.

✱

Percorro as fisionomias carrancudas dos ministros e consultores científicos reunidos no auditório do Palacio López, sede da presidência da república. Sentado no centro da primeira fila de assentos, Segovia me fuzila com um olhar francamente hostil. Do púlpito improvisado que ocupo sobre o palco, contemplo os semblantes implacáveis desses dirigentes prontos a exigir a cabeça deste reles arauto das más notícias.

Ao meu lado direito, em seus próprios púlpitos, Patrícia e Renato se mantêm cabisbaixos, com os olhos fixos nos apontamentos que decerto fulgem em seus tabletes eletrônicos. Tais como Gustavo e Luís Augusto à minha esquerda.

Enfim, tomo fôlego e replico à provocação pouco sutil do nosso chefe de Estado:

— Em absoluto, Señor Presidente. Não é que Clio II não tenha encontrado nada. Visualizamos dezenas de profetas hebreus de fala aramaica na Judeia e na Galileia ao longo do período que se estende do ano dez ao ano quarenta da Era Comum. A questão é que nenhum desses profetas coincidiu com o perfil histórico atribuído a Jesus de Nazaré e tampouco exerceu o papel a ele imputado.

— Acaso está insinuando que Jesus Cristo não existiu? — O presidente bufa sem ocultar a irritação. Não que se considere mais do que um cristão da boca para fora. É só que já está calculando o tamanho da crise em que nos metemos.

— Não estou insinuando nada. — Concentro-me em respirar pausadamente enquanto faço uma contagem regressiva de dez até zero. Só então retomo a explicação: — O que estou afirmando é que, após uma varredura exaustiva do período citado, Clio II não encontrou qualquer evidência da existência de qualquer figura históri-

ca que conseguíssemos associar ao Jesus das Escrituras.

— E quanto à crucificação no Gólgota? — Sentada ao lado esquerdo do presidente, Amélia me encara com olhar cético. — Conseguiram documentá-la?

— Focalizamos sete crucificações naquela colina, em datas distintas. Todas devidamente holorregistradas. Só que nenhuma delas supliciou um profeta hebreu.

— Quer dizer que vocês não encontraram profeta algum chamado "Jesus" lá na Judeia do século I? — Amélia volta à carga.

— Muito ao contrário, Señora Secretária. — Exalo devagar enquanto conjuro as últimas moléculas de paciência. — Paramos de contar quando localizamos o décimo sétimo profeta que se autodesignava "Yeshua" no aramaico original. Pelo visto, era um nome relativamente comum naquele quandonde em particular.

— Segundo meus especialistas, numa tradução literal do hebraico, "yeshua" significa "salvar". — Luís Augusto reage do seu púlpito. — Só que essa palavra é muito parecida com "yeshuah", que quer dizer "salvação" e também com "Yehoshua", que significa, literalmente, "Deus salva". — Solta uma risada curta. — "Eu diria que é um nome excelente para um profeta hebreu daquela época.

— Só um instante, Professor Blanco. — Ruiz Almagro ergue a mão. — Os senhores acaso lograram registrar o que esses profetas falaram quase dois milênios atrás?

— Evidentemente, Señor Canciller. — Luiz Augusto nos agracia com seu sorriso mais cândido. — Todas as falas colhidas nas tomadas a curta distância se encontram devidamente registradas.

— Registradas e traduzidas. — Assinto à plateia. — Embora tenha se recusado peremptoriamente a fornecer as dublagens esperadas, Clio II fez questão de legendar as falas dos cronoautóctones, por assim dizer, vertendo-as ao castellano. Até onde nossos consultores linguísticos e programas especialistas puderam avaliar, a qualidade dessas versões é excelente.

— E quanto ao famoso batismo no rio Jordão? — Pelo visto, a Secretária Geral da Academia não pretende largar esse osso tão fácil.

— Ah, sim. Encontramos um líder religioso que comandava uma pequena comunidade de hebreus es-sênios que costumava frequentar as margens do Jordão. Não era bem o João Batista histórico, porém, é possível que tenha inspirado a criação desse personagem nos Evangelhos.

— Esse líder religioso batizou um profeta que poderia ter sido Jesus Cristo? — Segovia insiste.

— Ele batizou centenas de pessoas nas águas do Jordão. A nova Clio investigou os poucos hebreus batizados que poderiam ter sido Jesus de Nazaré. Nenhum desses reuniu apóstolos ao seu redor, pregou no Monte das Oliveiras ou foi crucificado.

— Esse líder religioso que teria inspirado a criação de João Batista, — Luís Augusto acrescenta do seu púlpito, — foi de fato decapitado por ordem de Herodes Antipas, embora não nas circunstâncias descritas nos Evangelhos ou por Josefo.

— Professor Blanco. — Segovia desvia a mira de sua metralhadora giratória em direção ao titular da Historiografia na Academia. — Na qualidade de consultor chefe do Pasado Desvelado nesse convênio com o governo estadunidense, como o señor explica essa aparente ausência de Jesus nas visualizações proporcionadas pelo cronovisor solar?

— Bueno, Señor Presidente. — Luís Augusto dirige um olhar paciente à plateia de autoridades. — Ante o conjunto de evidências coligido por esse novo cronovisor, meus assistentes especializados no Mundo Romano do início da Era Comum estão convictos de que a figura histórica de Jesus Cristo foi formulada através de um amálgama das biografias de vários profetas distintos que vagavam pela Judeia e pela Galileia do século I. Os hebreus daquela época vinham profetizando a chegada de um Messias há coisa de um século. Quando seu Messias falhou em aparecer para libertá-los do jugo de Roma, eles inventaram um.

— Absurdo. — O Ministro da De-

⇒

fesa fita o historiador com olhos esgazeados.

— Nem tanto, Almirante Uzeda. — Luís Augusto esboça um sorriso cínico. — O cronovisor solar tão só corroborou a tese historiográfica minoritária do Mito de Jesus Cristo, advogada há várias décadas. Pessoalmente, ao contrário de meus colegas anglo-saxões, prefiro empregar uma terminologia um tanto mais neutra, do tipo “teoria da não-historicidade de Jesus” ou “hipótese da inexistência de Jesus”.

— Espere um pouco, Professor. — Segovia ergue as mãos espalmadas. — Sabemos que Bob Price almeja comprovar que Jesus Cristo foi apenas um grande líder religioso e o fundador da maior religião monoteísta, mas não a entidade sobrenatural arquiopoderosa advogada pela Direita Ultraevangélica estadunidense. Concordamos em ajudá-lo a comprovar essa hipótese. Agora, descobrir que Jesus não existiu... — Ele abana a cabeça. — Isso foi um pouco longe demais. Não era para terem feito isso.

— Relembro a Vossa Excelência e aos demais presentes de que nós do Pasado Desvelado não causamos a inexistência do Jesus histórico. — Sustento o olhar furibundo do presidente com a cara mais lavada do Sistema Solar. — Tão só a desvendamos.

— Está certo, Professor. — Segovia mantém o ar enfezado.

— E se nós ocultássemos essa descoberta? — Uzeda mantém os cotovelos fincados nas coxas e a testa apoiada entre as mãos.

— Impossível. — Segovia abana a cabeça. — Nossos aliados exigirão receber os holoregistros completos e não editados de todas as visualizações efetuadas por conta do convênio que firmamos com eles.

— Tal como rezam as cláusulas estabelecidas nesse convênio. — Amélia assente ao presidente com expressão desanimada.

— Além disso, nossos parceiros alemanos no Cronovisão Solar já estão cientes do que Clio II descobriu. — Patrícia informa com a candura de uma caloura.

— Ainda mais essa. — Segovia

bufa outra vez. — Albuquerque, acaso existe alguma probabilidade, por mais ínfima que seja, de que essa inteligência artificial espertalhona se tenha equivocado em sua interpretação das visualizações em pauta?

— Infelizmente não, Señor Presidente. Repassamos toda a análise heurística em seus detalhes e checamos a acurácia histórica com o auxílio da equipe do Professor Blanco.

— Nesse caso, não há o que fazer. — O presidente suspira, desalentado. — Teremos que informar essa descoberta chocante aos estadunidenses. — Após meio minuto de mutismo consternado, ele se volta ao canceler. — Ruiz, quero um estudo expedito das repercussões prováveis da divulgação do que descobrimos nos Estados Unidos e no resto do mundo. E, por favor, poupe-me daquelas simulações holográficas repletas de gráficos multicoloridos que seus pupilos da Cancillería parecem adorar.

— Será feito, Señor Presidente. — Ruiz Almagro assente ao chefe de Estado. — Posso adiantar o risco de ocorrência de uma grave comoção popular no seio da sociedade estadunidense. Não descarto a hipótese de insurreições fomentadas por simpatizantes da Direita Ultraevangélica.

— Aqueles radicais de merda. — Segovia aspira num hausto. — Bem, paciência. Transmitiremos os holoregistros e nossas conclusões aos estadunidenses. A maneira como lidarão com essa batata quente é um problema da alçada deles e não da nossa.

— Señor Presidente. — Luís Augusto ergue o braço de seu púlpito. — Posso fazer uma sugestão descompromissada?

— Pois não, Professor Blanco. — Segovia esboça um sorriso triste. — Afinal de contas, o que temos a perder?

— E se, antes de divulgarmos nossa descoberta ao governo estadunidense de turno, nós pesquisássemos as biografias e atuações reais de outros líderes religiosos?

— Não sei, Professor. — Segovia franze o cenho. — Minha impressão inicial de historiador afastado das lições acadêmicas há décadas, leigo em questões de historiografia religiosa e

metido a especialista em política internacional é que novas descobertas chocantes só iriam aumentar as convulsões sociais que decerto se seguiriam às divulgações.

— Pode até ser. — Deixo escapar quase sem querer e me arrependo ao constatar que todas as atenções se voltaram para mim. Sem saída, concluo o pensamento inconsequente. — Porém, é possível que novas revelações bombásticas sobre os fundadores de outras fés eclipsassem um pouco a relevância da inexistência de Jesus de Nazaré.

— Humm. — Segovia arreganha um sorriso matreiro. — Quem sabe?

Após alguns minutos de debate entusiástico, o presidente autoriza que vasculhemos as biografias de sete outros líderes religiosos.

Como meu xará disse uma vez: *Alea jacta est.*

Epílogo

O Fim do Mundo Como o Conhecíamos

“Júlio de Albuquerque é o maior iconoclasta da história.”

(Amparo Gonzalez em entrevista ao La Nación)

Passados cinco anos desde a descoberta da inconsistência histórica do fundador do Cristianismo, quando a humanidade da virada do século tomou conhecimento de que não existiu um único Jesus de Nazaré, mas sim vários profetas hebreus distintos que acabaram inspirando sua formulação, em meados desta primeira década do terceiro milênio, analisando a situação que enfrentamos nestes últimos anos sob o benefício da visão a posteriori, concluo que as coisas não decorreram da maneira que havíamos planejado naquela reunião no auditório do Palacio López.

Em primeiro lugar, a divulgação da descoberta, efetuada com confete e fanfarras pelo governo Price, teve consequências bem mais graves e nefastas do que as delineadas nas simulações mais pessimistas geradas por nossa Cancillería. Conforme nossos

diplomatas previram, uma comoção social tremenda eclodiu nos Estados Unidos em questão de horas. Nos dias subsequentes, pessoas se digladiavam nas vias públicas, igrejas foram depredadas e a guarda nacional acabou convocada para manter a ordem. Sete governadores de estados do sul, simpatizantes à causa da Direita Ultraevangélica, colocaram suas próprias milícias nas ruas e a crise evoluiu até uma guerra civil de curta duração, porém brutal e sangrenta, cujo resultado traumático – em perdas de centenas de milhares de vidas e prejuízos materiais incalculáveis – nossos fiéis aliados da América do Norte ainda não superaram até hoje.

No que tange a estratégia de descobrir inconsistências noutras grandes religiões, concretizamos pesquisas cronovisuais sobre os líderes e primórdios das maioria delas, divulgamos os resultados dessas visualizações e disponibilizamos seus holoregistros completos às mídias noticiosas e aos institutos historiográficos interessados poucos dias após a eclosão das primeiras insurreições nos EUA.

As consequências dessas divulgações adicionais falharam em aplacar a crise estadunidense, embora alguns analistas políticos alemanos advoguem que ela teria escalado ainda mais, não fossem as “distrações” proporcionadas pelas divulgações referidas. Teólogos associados a diversas denominações cristãs mais esclarecidas defenderam (e defendem até hoje) o argumento de que o conjunto de fundamentos da doutrina cristã é mais importante do que a existência de um líder fundador carismático do Cristianismo. Ademais, advogam que é melhor não ter havido um Jesus Histórico singular do que ter que conviver com a noção de que seu líder fundador de fato existiu, mas praticou atos e manifestou ideias visceralmente contrários à doutrina de sua própria fé, conforme se comprovou nos casos de outras religiões majoritárias, cujas crises também deixaram sequelas profundas tanto em Israel quanto em várias nações islâmicas, na Índia e no Sudeste Asiático.

Em suas respectivas fases de negação, assim que a maré de caos e

tumultos baixou, as sociedades que dela se reestruturaram tentaram minimizar a importância dessas revelações históricas de caráter religioso. Contudo, essas tentativas não prosperaram. Pois, à medida que novos cronovisores foram entrando em linha em diversos países e também ao redor do Sol, nossas visualizações foram replicadas e corroboradas.

Com o propósito explícito de tentar distrair a comunidade global das agruras causadas pelas crises das revelações religiosas, o governo da Gran República nos encomendou um megadocumentário sobre a vitória alemão-paraguaya na Guerra Mundial. Os resultados desse esforço hercúleo foi ambíguo. Se por um lado, as tomadas hiper-realistas de couraçados pneumáticos paraguayos monstruosos pairando sobre as águas rasas das praias do Atlântico Norte, repletos de lançadores de mísseis e canhões de alto calibre, durante o desembarque no norte da França, na fase final daquele conflito dantesco, maravilhou e horrorizou holoplateias Sistema Solar afora, por outro, as crises ainda persistiram por mais alguns meses.

Na frente pessoal, Amparo terminou comigo por causa da implosão das grandes religiões monoteístas. Afirmou que, embora ainda nutrisse carinho por mim, não suportava a ideia de conviver com o maior iconoclasta da história. Iconoclasta, eu? Só se for um iconoclasta sem vocação. E, mais do que isso: um iconoclasta involuntário.

Do ponto de vista do cidadão comum, as revelações proporcionadas pela cronovisão são enxergadas hoje de duas maneiras diametralmente opostas. Há aqueles que abraçam a postura secular e menos dependente das orientações das religiões institucionalizadas e, portanto, defendem o emprego quase irrestrito da nova tecnologia e louvam seus pioneiros. Mas também há outros que creem que a cronovisão minou os alicerces da civilização e que constitui a ameaça existencial mais grave à sobrevivência da humanidade. Esse último segmento tentou estabelecer moratórias ao uso da cronovisão. No entanto, após dois anos de debates candentes no

Conselho Científico da Liga das Nações, os partidários da causa anticronovisão foram derrotados e, ao fim da peleja, tiveram que se contentar com os Protocolos Internacionais para o Emprego Ético das Tecnologias de Cronovisão.

Nós do Pasado Desvelado atuamos como consultores do CC da Liga das Nações ao longo dessas discussões. Gustavo é o presidente atual do Comitê de Ética Cronovisual, estabelecido sob os auspícios da Liga. Considero o estabelecimento desses protocolos éticos uma iniciativa promissora deveras oportuna, uma vez que cronoteóricos alemães vêm trabalhando com afinco no intuito de desenvolver princípios de visualização mais eficientes e, portanto, bem menos custosos em termos energéticos do que aqueles que empregamos hoje em dia. Ao que parece, para bem e para mal, o sonho do cronovisor doméstico não reside mais num futuro tão remoto quanto supúnhamos até o ano passado. Daí, é bom que os protocolos já estejam em vigor desde já para prevenir maiores descabros.

✱

Creio que o pior desse maremoto de revelações históricas traumáticas já passou. Porque nós humanos do começo deste terceiro milênio estamos calejados com os choques causados pelas revelações iniciais, de forma que as últimas visualizações bombásticas já não causaram comoções tão graves. No entanto, ainda hoje, meu nome está indelevelmente associado às mudanças trazidas pela cronovisão. Segundo Patrícia, sou ao mesmo tempo a pessoa mais idolatrada e a mais odiada do Sistema Solar.

No que me concerne, revelações traumatizantes como a identidade do autor do atentado que vitimou López ou a inexistência da figura histórica de Jesus, não são o que realmente importa. Muito mais gratificante e satisfatório foi saber que os dinossauros foram muito mais parecidos com as aves do que nossa vã paleontologia jamais supôs até poucos anos atrás; descobrir a natureza real da morte precoce de Alexandre o Grande; as circunstâncias exatas e as falas trocadas entre Hernán Cortés e Motecuh-

⇒

zoma Xocoyotzin durante o primeiro contato entre os conquistadores espanhóis e a elite asteca; os registros perfeitos das primeiras execuções das peças de Shakespeare; a sequência detalhada dos eventos que se desenrolaram durante a erupção do Vesúvio que culminou no fim de Pompeia e Herculano; as palavras que Leônidas proferiu aos emissários de Xerxes pouco antes do primeiro dia da Batalha das Termópilas; o registro fidedigno de todos os livros perdidos da *Ab Urb Condita Libri* de Tito Lívio; isso para não falar de todos os documentos, papiros e códices que se perderam na destruição da Biblioteca de Alexandria e que agora poderemos resgatar do esquecimento. Isso tudo e muito, muito mais.

É por isso que, mesmo que muitos me considerem a pior pessoa que já vagou sobre a face da Terra, o sujeito que teria plantado a semente que germinará como a obliteração final da civilização humana, não me arrependo nem um pouco de haver proposto a construção de um novo cronovisor experimental na primeira audiência que tive com as autoridades científicas guarany, assim que cheguei à Gran República del Paraguay.

Aliás, por falar em arrependimentos, nunca senti remorso pelo destino que determinei ao Projeto Cronos lá no Brasil. Mesmo que muitos conterrâneos ainda me considerem um traidor da pátria.

Pois, no fundo, tenho plena consciência de que poderíamos estar em situações muito piores. Ou, quem sabe, teríamos sido simplesmente varridos da existência? Apagados do multiverso como se jamais houvessemos existido?

Mais do que esperança, nutro convicção inabalável de que se é ruim para nós vivermos numa sociedade armada com a cronovisão, pior seria viver noutra que dela não dispusesse. Porque, em minha opinião, o conhecimento é sempre preferível à ignorância.

CRONOLOGIA ALTERNATIVA

1825 – Levante da Banda Oriental contra as leis do Império do Brasil.

1825-1828: Guerra entre as Províncias Unidas do Rio da Prata e o Império do Brasil pela posse da Banda Oriental. Independência da Banda Oriental, como República Oriental do Uruguai, após mediação britânica.

1835-1851: “Guerra Grande” no Uruguai, entre *blancos* e *colorados*.

1835-1845: Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul. República do Piratininga.

1851 – Paz entre *blancos* e *colorados* no Uruguai. Tríplice Aliança entre a província de Entre Ríos, então sob o governo do general Justo José de Urquiza; a República do Uruguai e o Império do Brasil contra a Província de Buenos Aires, então sob o comando do general Juan Manuel de Rosas.

1852 (fevereiro) – Derrota de Rosas na Batalha de Monte Caseros.

1853-1854: Constituição da República Federal da Argentina, ratificada por todas as províncias, exceto Buenos Aires. Urquiza é eleito presidente da Confederação Argentina. Buenos Aires independente.

1859 (outubro) – Vitória da Confederação Argentina sobre Buenos Aires, na Batalha de Cepeda. Buenos Aires perde a independência.

1860 – Bernardo Berro (*blanco*) eleito presidente do Uruguai. Berro adota posição mais dura em relação à penetração brasileira através do Rio Grande do Sul.

1861 (setembro) – Rebelião e vitória de Buenos Aires na Batalha de Pavón.

1862 (outubro) – Morte de Carlos Antonio López, Francisco Solano López sucede ao pai na presidência do Paraguai e inicia o aparelhamento do Exército e da Marinha Fluvial da República. Fontes contemporâneas estimaram o efetivo do Exército Paraguai ao início da Guerra da Tríplice Aliança como algo entre oitenta e cem mil soldados.

1862 (outubro) – General Bartolomeu Mitre, governador (liberal) de Buenos Aires, torna-se o primeiro presidente constitucional da Argentina Unida.

1863 (abril) – General Venancio Flores (*colorado*) invade o Uruguai através da Argentina, apoiado por

Mitre e pelos liberais brasileiros do Rio Grande do Sul.

1863 (abril) – Missão uruguaia (*blanca*) em Asunción busca uma aliança com o Paraguai contra a Argentina e o Brasil. Hesitação de López.

1863 (setembro-novembro) – Advertência paraguaia: independência uruguaia é condição *sine qua non* para o equilíbrio de forças no Rio da Prata. [População do Paraguai ~ 400.000 habitantes]

1864 (fevereiro) – Mobilização geral no Paraguai.

1864 (março) – Berro renuncia, transferindo o Poder Executivo no Uruguai para Atanásio Aguirre, presidente do Senado.

1864 (maio-julho) – Missão Saraiva. José Antônio Saraiva chega a Montevidéu como chefe da missão diplomática brasileira, seguido pela Esquadra Imperial, sob o comando do Vice-Almirante Tamandaré. Fracasso da missão Saraiva. Fracasso da mediação do chanceler argentino Rufino Elizalde e Edward Thornton, ministro britânico em Buenos Aires.

1864 (17 de junho) – López oferece a mediação paraguaia para a questão de fronteiras entre o Império do Brasil e a República Oriental. Oferecimento recusado.

1864 (4 de agosto) – *Ultimatum* brasileiro ao Uruguai: cumprimento das exigências do Império ou retaliação.

1864 (30 de agosto) – *Ultimatum* paraguaio ao Império, advertindo contra a intervenção no Uruguai.

1864 (16 de outubro) – Tropas brasileiras invadem o Uruguai, em apoio a Venancio Flores. A Marinha Imperial bloqueia Montevidéu.

1864 (12 de novembro) – Vapor de guerra *Tacuary* apresado o paquete brasileiro *Marquês de Olinda*, que zarpara de Asunción rumo a Corumbá. Entre os detidos está o presidente nomeado da província de Mato Grosso. Rompidas as relações diplomáticas entre o Brasil e o Paraguai.

1864 (13 de dezembro) – *República del Paraguay* declara formalmente guerra ao Império do Brasil e dá início à invasão do Mato Grosso.

⇒

1864 (29 de dezembro) – Invasão da província de Mato Grosso. Após dois dias de luta, a guarnição brasileira do Forte de Coimbra é obrigada a evacuá-lo diante da Esquadra Paraguai.

1865 (janeiro) – Argentina nega o pedido de permissão paraguaio para cruzar o território disputado da região das Missões, de maneira a atacar o Rio Grande do Sul e dar apoio aos *blancos* no Uruguai.

1865 (fevereiro) – Queda de Montevideú. Paz em Villa de Unión. Vitória colorada na guerra civil uruguaia. Flores é nomeado presidente provisório do Uruguai.

1865 (18 de março) – Paraguai declara guerra à Argentina e dá início à invasão, pela província de Corrientes. O governador correntino Manuel Lagraña coordena a resistência.

1865 (13 de abril) – Invasão da província de Corrientes. Após o bombardeio empreendido pela Esquadra Paraguai ao porto fluvial de Corrientes, tropas do exército de López, comandadas pelo general Wenceslao Robles, com um efetivo de dezoito mil homens, tomam a cidade.

1865 (1º de maio) – Firmado o Tratado da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) contra o Paraguai.

1865 (maio/junho) – Sob o comando do coronel Antonio de la Cruz Estigarribia, o exército paraguaio cruza Missões e invade São Borja, no Rio Grande do Sul.

1865 (11 de junho) – Ponto de divergência entre nossa história e a linha alternativa proposta em *Pax Paraguaya*: Batalha Naval do Riachuelo. Esquadra de Barroso destruída. Vitória paraguaia assegura via de acesso fluvial ao Atlântico, garantindo assim o recebimento de armamento já adquirido no exterior. Domínio paraguaio nas águas do Rio Paraná.

1865 (julho) – Defecção do general Urquiza, presidente da província de Entre Ríos, para a causa paraguaia. Aproximadamente dez mil cavalaria-

nos entrerrianos são incorporados às forças de Robles.

1865 (agosto) – Milicianos da província argentina de Corrientes e os *blancos* de Montevideú abjuram a Tríplice Aliança, convertendo-se à causa de López. Tropas brasileiras e argentinas cercadas em Concórdia. [População do Paraguai + Corrientes + Entre Ríos ~ 800.000 habitantes]

1865 (5 de agosto) – Tropas paraguaias de Estigarribia tomam Uruguiana.

1865 (setembro) – Forças paraguaias do general Barrios sítiam e conquistam Corumbá.

1865 (outubro/novembro) – Chegam à região do Prata os encouraçados paraguaios *Meduza*, *Trion*, *Minerva*, *Belona*, *Nemesis* e o transporte *Orellana*. Esses navios foram construídos ou adquiridos em estaleiros europeus.

1865 (16 de novembro) - Tropas de Robles desembarcam em Montevideú, capturando a capital oriental sem resistência dos colorados, que fugiram para o Rio Grande do Sul.

1865 (dezembro) – Chegam à *Asunción* cem mil fuzis de fabricação europeia e cerca de quinhentos canhões de grande calibre encomendados por Solano López à Krupp.

1866 (janeiro) – Comandados por Estigarribia, tropas conjuntas paraguaio-orientais avançam pelo Rio Grande do Sul adentro, conquistando vitórias importantes e repelindo as mal arregimentadas forças brasileiras que vieram ao seu encontro.

1866 (fevereiro) – Forças brasileiras e argentinas desbaratadas em Concórdia. General Osório é capturado e o general-presidente Bartolomeu Mitre tomba em combate. Fim da resistência brasileira aos avanços paraguaios em solo estrangeiro.

1866 (março) – Ocupação de Porto Alegre. Soldados negros aprisionados em campo de batalha juram fidelidade à República e a López, passando a integrar o exército paraguaio.

1866 – Emissários de López na França e nos EUA conseguem estabelecer acordos comerciais com os governos de Paris e Washington, liberando aos paraguaios linhas de crédito que lhes permitiriam a aquisição de trinta mil rifles de repetição estadunidenses¹ e a construção às pressas de couraçados de baixo calado (próprios para a guerra fluvial) em estaleiros franceses.

1866 (julho-setembro) – Tropas paraguaias avançam pelo interior do Rio Grande do Sul. As forças de guerrilha brasileiras são combatidas com êxito por pelotões de soldados negros e ex-escravos libertos lutando pela causa paraguaia. Sob o comando de Estigarribia, o Paraguai invade a província de Santa Catarina.

1866 (27 de agosto) – Buenos Aires se rende às forças de Robles. Fim do predomínio da província de Buenos Aires na Confederação Argentina.

1866 (12 de setembro) – Províncias da Confederação Argentina assinam os termos de armistício com a *República del Paraguay*. [População da Grande República (Paraguai + Uruguai + Corrientes + Entre Ríos) + refugiados ~ 1.000.000 habitantes]

1866 (dezembro) – Reforçado pela cavalaria de Entre Ríos, pelas forças voluntárias de Corrientes e da República Oriental e, sobretudo, pelos pelotões de negros libertos em território brasileiro, o efetivo do Exército Paraguaio se eleva acima de duzentos mil soldados.

1867 (janeiro) – Batalha Naval da Foz do Prata. Esquadra Paraguai derrota a Armada Imperial. Morte de Tamandaré.

1867 (15 de julho) – Desembarque em Buenos Aires do General George E. Pickett no comando de cinco mil mercenários confederados, oriundos do antigo Exército do Norte da Virgínia.

1867-1868: Avanço paraguaio no interior de Santa Catarina e do Paraná. Efeito da guerrilha brasileira contrabalançado pela ação dos pelotões negros. López promete cidadania

¹ **Carabina militar Spencer** - Exército dos Estados Unidos da América, modelo 1865, calibre .56-50. Sistema de carregamento rápido através de cilindro de carregamento com capacidade para sete cartuchos.

plena aos escravos que fugissem das fazendas brasileiras e passassem a lutar pela República. Fugas maciças de escravos no norte do Paraná. A maior parte da província de Mato Grosso sob o controle paraguaio. [População da Grande República + refugiados + ex-escravos ~ 1.200.000 habitantes]

1867 (9 de dezembro) – Batalha Naval de Angra dos Reis. Destruição dos remanescentes da Armada Imperial.

1868 (7 de março) – Fuzilamento no Paço Imperial dos abolicionistas brasileiros que expressaram publicamente a sua simpatia pelas atitudes de López em favor dos ex-escravos.

1869 – Movimentos republicanos eclodem em vários pontos do país. Tropas imperiais debelam revoltas em São Paulo e em Minas Gerais. Forças paraguaias invadem o interior paulista. Fugas de escravos desarticulam a economia no interior da província de São Paulo. Estabelecida uma neutralidade tácita entre os focos de rebelião republicanos e as forças paraguaias. Contrariando as ordens de López, o Alto-Comando do Exército Paraguai determina que a população civil das províncias invadidas não seja molestada. Paraguaio invadem o oeste da província de Minas Gerais. Tomada de Vila Rica. [População da Grande República + ex-escravos ~ 1.600.000 habitantes]

1869 (15 de novembro) – Presionado pelo povo, Senado, republicanos e abolicionistas, S.M.I. Dom Pedro de Alcântara solicita armistício a Solano López. Estabelecidos os termos e condições de ocupação. Após conferenciarem entre si, os comandantes paraguaios passam por cima da autoridade de López e concordam em nomear brasileiros simpáticos à causa republicana para o governo provisório das províncias ocupadas.

1870-1903: Ocupação das principais regiões metropolitanas do Império do Brasil.

1871 – Chegada das primeiras levas de imigrantes italianos e alemães ao Paraguai.

1873 (9 de janeiro) – Assinatura do Tratado do Rio de Janeiro, estabelecendo os novos limites do Império do Brasil e da Confederação Argentina. Assassinio de Solano López no atentado da Quinta da Boa Vista². [Primeiro Censo do Pós-Guerra - População da Grande República (inclusive territórios anexados e exclusive os territórios ocupados = 2.272.279 habitantes)]

"CRIMES PATRIÓTICOS"

1873 (31 de janeiro) – Exílio de Dom Pedro II.

1873 (25 de fevereiro) – Proclamação da República no Brasil.

1874 – Revolta armada nos estados do nordeste. Estabelecimento da República de Pernambuco.

1875 – Exércitos da *República del Peru* ocupam sem resistência uma boa parte da Amazônia Brasileira.

1875-1895: La Gran República del Paraguay recebe levas sucessivas de imigrantes, onde predominam os italianos, os alemães e os poloneses. [População da Grande República (1880) ~ 2.700.000 habitantes]

1876 – Abolição oficial da escravatura no Brasil. Grande parte dos ex-escravos emigram para os estados do sul do Brasil, anexados pelo Paraguai.

1877-1880: Bolívia, Venezuela e as Guayanas Francesa e Britânica ocupam sem resistências vastos segmentos da antiga Amazônia Brasileira.

1878 – Tratado de Não-Beligerância entre a República Guarany e os Estados Unidos divide na prática o continente entre as áreas de influência paraguaia e estadunidense, tendo como fronteira a Guatemala. Recrudesce a política isolacionista nos EUA.

1885-1887: O Paraguai dá os primeiros passos para se tornar uma economia socialista. [População da Grande República (censo de 1885) = 2.988.041 habitantes]

1895 – Paraguai invade Cuba em defesa dos interesses de empresas

estadunidenses, inaugurando a política prevista no Tratado de 1878, pela qual as forças militares paraguaias defenderiam os interesses econômicos dos EUA no continente.

1898 – República Guarani estabelece o Protetorado del Mato Guieso. Tratados de limites estabelecidos com a República del Peru, com a Bolívia, a Venezuela e as Guayanas.

1899 – Paraguai vence a Guerra das Três Semanas contra a República de Pernambuco. Tratado de limites estabelecido entre o Protetorado del Mato Guieso e a República de Pernambuco.

1900 – [População da Grande República = 4.070.000 habitantes]

1903-1905: Chegada das primeiras levas de imigrantes japoneses ao Paraguai.

1910-1912: Retificação do leito do rio Paranapanema, ampliando substancialmente o trecho navegável.

1914-1927: Grande Guerra Mundial. Os Estados Unidos apoiam brevemente a França e a Grã-Bretanha fornecendo víveres e matérias-primas (1914-1916), mas se abstêm de intervir no conflito em respeito ao texto do Tratado de 1878 e para evitar os prejuízos que certamente adviriam do engajamento direto contra a eficiente força de submarinos da Marinha Paraguaya. O apoio da República Guarany ao Reich Alemão e ao Império Austro-Húngaro é mais constante, sendo mantido até o final da guerra (1915-1927). Os EUA retornam à política isolacionista. Ao final do conflito, o continente se encontra completamente arruinado.

1920 – Censo: População da Grande República = 6.753.211 habitantes.

1923 – Construção do primeiro reator de fissão de urânio na cidade paraguaia de Corumbá.

1928 – Estabelecimento da Confederação Germânica, englobando Alemanha, França, Itália, Suíça, Dinamarca, Holanda, Bélgica e as nações que anteriormente pertenciam ao Império Austro-Húngaro.

1928-1930: Plano Menendez. Au-

⇒

² Armamento empregado: Carabina militar *Spencer* (ex-oficial da Marinha Imperial) e carabina *Sharp* modelo 1869, carregamento pela culatra; tiro único, calibre .60 e mira telescópica (agente virginiano).

xílio econômico paraguaio às nações europeias do pós-guerra. Início da influência cultural paraguaia na Europa.

1935 – Hortega produz o primeiro transistor no laboratório de eletrônica da Universidad de Asunción. [Censo: População da Grande República = 10.521.283 habitantes].

1940-1947: Guerra do Pacífico, entre a Grã-Bretanha e o Império Nipônico.

1942 – Estadunidenses fabricam o primeiro computador digital.

1948 – Lançado o Riachuelo, o primeiro satélite de telecomunicações.

1955-1959: Desenvolvidos em Ciudad de López os circuitos integrados em larga escala em micropastillas. Primeiros passos nas áreas da microcomputação doméstica e da telemática.

1960-1962: Neurobioquímicos paraguaios desenvolvem as técnicas que permitirão a aprendizagem hipnopedagógica. [Censo de 1960: População da Grande República =

22.029.230 habitantes].

1963 – Isabella Gutierrez, comandante da Guarany IV é o primeiro ser humano a pisar em solo selenita.

1967 – Inauguração da base lunar conjunta germano-paraguaia. Início da colonização selenita.

1970-1972: Despacho de la Ciencia libera a comercialização para o mercado externo da primeira geração de máquinas agrícolas robotizadas.

1981 – Franz Reiter, oficial da Bismarck, torna-se o primeiro ser humano a deixar suas pegadas em Marte.

1983 – Primeira base científica permanente estabelecida em Marte sob os auspícios da Liga das Nações e financiamento paraguaio e alemão.

1985 – Júlio César de Albuquerque Vieira recebe o Prêmio Nobel de Física por seu trabalho na teoria das dobras espaço-temporais.

1988 – Albuquerque Vieira dá início ao Projeto Cronos na USP.

1993 – Final do Projeto Cronos.
"A ÉTICA DA TRAIÇÃO".

1995 – Censo: População da Grande República = 55.987.223 habitantes.

1999 – Equipe liderada por Albuquerque Vieira inicializa o primeiro holovisor temporal, logo batizado como "cronovisor", facultando à humanidade visualizar cenas dos passados recente e remoto.

"PASSADO DIÁFANO".

2000-2010: Grande convulsão social e econômica, à medida que as grandes religiões humanas são desmistificadas com o emprego do cronovisor. Vastos trechos da historiografia são revistos com conhecimentos precisos advindos do cronovisor.

2022 – Daniel Alvarez publica seu primeiro romance de história alternativa, *Traidor Ético*. Albuquerque Vieira concede entrevista ao holonoticiário *Lábaro Estrelado*.

"E Se o Brasil Houvesse Vencido a Guerra do Paraguai?".



Gerson Lodi-Ribeiro é graduado em Engenharia Eletrônica e Astro-nomia; e pós-graduado em Vinho e Cultura. Publicou dois contos na Asimov's brasileira: a FC hard "Alienígenas Mitológicos" e a história alternativa "A Ética da Traição", narrativa que introduziu esse subgênero da FC no fantástico lusófono. Criador do universo ficcional Taikodom. Introdutor do conceito de "solarpunk" na literatura fantástica. Organizador de oito antologias de FC&F; autor de várias coletâneas, assim como livros de não ficção e dos romances de ficção científica *Xochiquetzal: uma Princesa Asteca entre os Incas*; *A Guardiã da Memória* (Prêmio Argos 2012); *Aventuras do Vampiro de Palmares*; *Estranhos no Paraíso*; *Octopusgarden* (Prêmio Argos 2018); *Pecados Terrestres*, dentre outros.



